

A portrait of Maura Pires Ramos, a woman with short, wavy brown hair, wearing glasses and a dark green top with a chunky necklace. She is smiling and looking towards the camera. In the background, there are purple orchids. She is holding a pen over a notebook.

MAURA PIRES RAMOS

**Vida, Arte e
Educação
Libertadora**



Universidade Estadual da Paraíba
Prof^a. Célia Regina Diniz | *Reitora*
Prof^a. Ivonildes da Silva Fonseca | *Vice-Reitora*



Latus é um selo da Universidade Estadual da Paraíba

Cidoval Moraes de Sousa | *Diretor*
Antonio de Brito Freire | *Editor Técnico*

Conselho Editorial

Alessandra Ximenes da Silva (UEPB)
Alberto Soares de Melo (UEPB)
Antonio Roberto Faustino da Costa (UEPB)
José Etham de Lucena Barbosa (UEPB)
José Luciano Albino Barbosa (UEPB)
Melânia Nóbrega Pereira de Farias (UEPB)
Patrícia Cristina de Aragão (UEPB)



Editora indexada no SciELO desde 2012



Editora filiada a ABEU

EDITORA DA UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA

Rua Baraúnas, 351 - Bairro Universitário - Campina Grande-PB - CEP 58429-500
Fone: (83) 3315-3381 - <http://eduepb.uepb.edu.br> - email: eduepb@uepb.edu.br

MAURA PIRES RAMOS

Vida, Arte e Educação Libertadora



Campina Grande/PB
2024

Depósito legal na Câmara Brasileira do Livro - CDL

R175v Ramos, Maura Pires.
Vida, arte e educação libertadora [recurso eletrônico] / Maura Pires Ramos;
prefácio de Rangel Junior. – Campina Grande : EDUEPB, 2024.

189 p. : il. color. ; 16 x 23 cm.

ISBN: 978-65-83083-05-0 (Impresso)

ISBN: 978-65-83083-06-7 (9.634 KB - PDF)

1. Educação em Campina Grande/PB. 2. História da Educação. 3. Educação Libertadora. 4. Trajetória Educacional - Memórias. 5. Escola Pequeno Príncipe. I. Título.

21. ed. CDD 370.9

Ficha catalográfica elaborada por Fernanda Mirelle de Almeida Silva – CRB-15/483

Dedicatória

DEDICO ESTE REGISTRO histórico de minha vida e de minha lida aos meus saudosos e queridos pais, hoje entre as estrelas para nos iluminar: Severino Ildefonso Ramos, guardião de nossa família e Genuina Pessoa Ramos, conhecida como D. Gina, minha inesquecível mestra, amiga e inspiradora dos meus fazeres educacionais.

Aos meus diletos irmãos, Maria de Lourdes Ramos Lira, símbolo de competência e dedicação à educação das crianças de nossa escola, onde atuou por muitos anos, especialmente, como Coordenadora Pedagógica da Educação Infantil; Marluce Ramos Grandez, que também desempenhou com muito desvelo o cargo de professora nas classes da Educação Infantil, Geraldo Pessoa Ramos, Gilberto Pessoa Ramos e Maria do Socorro Ramos Cantalice, irmãos amigos que sempre me apoiaram nos meus propósitos educacionais.

A todos os meus inesquecíveis ex-alunos, dentre eles os sobrinhos queridos que foram protagonistas de minha ação educativa e que hoje a exaltam com muito entusiasmo.

In memóriam

A JUCA PONTES, poeta, jornalista, escritor, e ex-aluno da “Escola Pequeno Príncipe”, nosso “Castelo Encantado” por todo o incentivo que recebi, tanto pessoalmente, como através dos seus escritos, sobre a necessidade e importância de expressar em um livro meus viveres e meus saberes educacionais inspirados em nosso slogan “liberdade para pensar e crescer”.

Agradecimentos

AGRADECIMENTOS CALOROSOS aos Educadores, especialmente, Professores, Coordenadoras Pedagógicas, e demais componentes da equipe, ou seja, Secretárias, Auxiliares Administrativos que aplicaram e vivenciaram comigo nossa Proposta Educacional...

Meu especial agradecimento ao professor doutor Antônio Rangel Junior, ex-reitor da Universidade Estadual da Paraíba, e atual presidente da Fundação de Apoio à Pesquisa da Paraíba, FAPESQ-PB, por todo incentivo que recebi para concretizar o sonhado projeto de publicar este livro.

À jornalista Tatiana Brandão Rocha minha gratidão, por ter, com todo profissionalismo, realizado entrevistas comigo e as digitalizado para que pudesse incluir esse conteúdo no meu livro. Foi uma especial colaboração.

Às doutoras Fátima Coutinho, professora emérita da UFCG - Universidade Federal de Campina Grande e professora Valdecy Margarida da Silva,

recebam meus sinceros agradecimentos pela leitura analítica que fizeram dos primeiros capítulos desse livro.

Gratidão à doutora Luciana Ramos Cantalice, minha sobrinha diletta, ex-aluna e ex-secretária-auxiliar da “Escola Pequeno Príncipe”. Realizou a seleção das fotos ilustrativas do nosso livro e ainda fez a devida classificação das mesmas.

Agradeço à EDUEPB – Editora da Universidade Estadual da Paraíba - na pessoa do professor doutor e diretor da editora, Cidoval Moraes, pelo acolhimento do projeto.

Agradecimentos extensivos ao professor doutor Antônio de Brito Freire, pelo trabalho realizado na editoração do livro e aos demais membros da comissão editorial que se integraram a esse projeto.

A todos, o meu grande abraço de gratidão e apreço.

SUMÁRIO

Prefácio, 17

CAPÍTULO I

Duas vidas que se entrelaçam, 21

CAPÍTULO II

Um sonho se realizando, 55

CAPÍTULO III

A ditadura militar no Brasil: Interferência nos meus projetos pessoais e profissionais, 77

CAPÍTULO IV

A teoria posta em prática: Uma Dinâmica da Educação Libertadora, 103

Vida e Poesia de Augusto dos Anjos para crianças, do escritor e poeta Juca Pontes , 144

Projeto horta na escola - crianças de vários anos, 153

Os índios Fulni-ô visitam a escola, 155

Aulas de campo, 156

Conhecendo a História de Campina Grande - Prof. Josemir Camilo de Melo, pai da Aluna Iúlia, 156

Crianças em visita a feira central de Campina Grande-PB, Patrimônio Cultural do Brasil, 157

Crianças visitam o Museu Assis Chateaubriand – MAC, 158

Conhecimento e apreciação de obras de alguns dos artistas estudados pelos alunos da escola, 160

CAPÍTULO V

A arte em nossa história, 179

A Arte é criatividade, é beleza, é meio de comunicação, 182

Registro das atividades desenvolvidas em artes , 191

I Bienal de Artes, 209

II Bienal de Artes, 212

III Bienal de Artes, 214

IV Bienal de Artes, 217

V Bienal de Artes, 219

VI Bienal de Artes, 222

CAPÍTULO VI

Homenagens Recebidas, 227

Depoimentos e Relatos, 237

I - O “Pequeno Príncipe” por seus ex-alunos, 239

1 - Meu passado sempre presente, 239

- 2 - Lembranças do “Pequeno Príncipe”, 243
 - 3 - Primeiros passos, 245
 - 4 – O capítulo mais bonito da minha história, 249
 - 5 - A “Escola Pequeno Príncipe” e sua grande importância na minha caminhada, 251
 - 6 - Eternas recordações da minha 1ª Escola, 255
 - 7- Poema do crescer simples, 257
 - 8 - Celebração dos ensinamentos nunca findos, 261
 - 9 - Por um compromisso com a minha infância, 265
 - 10 - O Pequeno (Grande) Príncipe, 267
 - 11 - Uma semente para mentes criativas, 271
 - 12 - O Belo Canto de Maura , 273
 - 13 - Memória feliz, 275
 - 14 - Encontros, Afetos e Liberdade, 277
 - 15 - Carinhos que não prescrevem, 281
 - 16 - Aprendendo e Crescendo no “Pequeno Príncipe”, 285
 - 17 - O encanto de ter sido uma aluna “Pequeno Príncipe”, 287
 - 18 - Depoimento de um ex-aluno, 289
 - 19 - A influência que recebi da “Escola Pequeno Príncipe” para a minha formação profissional, 291
- II- O “Pequeno Príncipe” por pais de ex-alunos, 295
- 1 - Mestres, a vocês o nosso carinho!, 295
 - 2 - À “Escola Pequeno Príncipe” e à Maura, com carinho, 299

- 3 - Pensei, 301
- 4 – “Pequeno Príncipe”, parte importante da nossa história, 305
- 5 - A Escola e a Castanhola: memórias de um pai e seus filhos, 307

III - Depoimentos de ex-professores, ex-coordenadores e demais funcionários 311

- 1- Nossas melhores memórias da “Escola Pequeno Príncipe”, 311
- 2 - O “Pequeno Príncipe” e minha formação como pessoa e professora, 319
- 3 - A importância da escola na formação continuada do professor, 323
- 4 - Vivências fascinantes que tive como educadora de crianças, 327
- 5 - Memórias de um “Pequeno Príncipe”, 331
- 6 - A escola da vida, 335
- 7 - Uma escola inovadora e criativa, 337
- 8 - O encanto das artes no mundo da educação, 339
- 9 - Uma carta para a “Escola Pequeno Príncipe”, 343
- 10 - Memória afetiva e reminiscências da “Escola Pequeno Príncipe”, 347
- 11- “Escola Pequeno Príncipe” uma trajetória de aprendizado e amor, 349
- 12 - O fazer artístico na “Escola Pequeno Príncipe”: a arte e suas múltiplas linguagens, 353

IV - Depoimentos de pessoas que comungavam com a proposta de uma educação libertadora expressa na prática exercida pela “Escola Pequeno Príncipe”, 361

1 - Carta á professora Maura Pires Ramos, 361

2 - Rainha Maura, mãe do “Pequeno Príncipe”, 363

3 - Cativos da arte, 365

4 - Maura e seu depoimento, 367

Por que decidi encerrar as atividades da “Escola Pequeno Príncipe” – Campina Grande/PB, 367

Mensagem poética para finalizar meus dizeres nesse livro, 374

Prefácio

AO QUE ME PARECE, a professora Maura é uma daquelas pessoas que, como diria Geraldo Vandré, acreditam nas flores vencendo o canhão. Porém, mesmo assim, os ordinários que, entre 1964 e 1985, marcharam com suas botas sujas de lama e sangue sobre a democracia brasileira, viram nela uma revolucionária. Perseguiram-na, prenderam-na, torturaram-na. Atiraram no que viram e acertaram no que não viram. Estavam perseguindo realmente uma revolucionária.

Revolucionária aqui entendida em sua acepção primeira. Alguém que provoca revoluções, favorável a transformações radicais no âmbito político ou social, progressista. Por outro lado e num sentido mais humano, pode-se definir também uma pessoa revolucionária pela criatividade, originalidade, ousadia e capacidade de ocasionar mudanças em normas preestabelecidas, ser capaz de inovar nos mais variados aspectos e âmbitos do conhecimento. Avaliando o resultado de sua obra educacional, como convencer alguém que aquela professora, tão jovem e ainda estudante universitária, não era, de fato, uma revolucionária?

Ao longo dos cinco primeiros capítulos deste livro, dividido em duas partes, a Professora Maura Pires Ramos narra a sua trajetória de educadora e empreendedora. Revela sem atalhos e com riqueza de detalhes, uma infinidade de agruras e peripécias que precisou enfrentar para ver erguida a

sua experiência de educação transformadora de pessoas e vidas na cidade de Campina Grande-PB.

A “Escola Pequeno Príncipe” foi a síntese, na prática de uma obra educacional, foi precursora de mudanças importantes em aspectos, que só viriam a se tornar rotina muito tempo depois, como o tema de enfrentamento ao preconceito. Nos dizeres da própria Maura, “a preocupação maior era com a formação de cidadãos e cidadãs críticos e conscientes de seu papel na sociedade”. Herdeira de uma experiência educacional e educativa marcante, por parte da professora-mãe, Dona Gina, não poderia ser diferente.

Para ela, “educar é desenvolver valores humanos e de cidadania”. Ao mesmo tempo, “tem a ver com instigar descobertas e vai até o mais alto nível de comprometimento em transformar o universo em um lugar melhor.” Isto foi traduzido na prática por meio das diversas formas de expressão das artes, desde o teatro, à literatura, à música e às artes visuais em geral. A “Escola Pequeno Príncipe”, sendo instalada em local adaptado, não projetado originalmente para ser um espaço de educação infantil e ensino fundamental, foi transformada por dentro e por fora em referência de educação transformadora.

A segunda parte do livro é dedicada ao registro de depoimento de cidadãos e cidadãs que passaram por lá, que foram impactados por aquelas experiências, com repercussões positivas pelo futuro de suas vidas. São emocionantes registros, que formam um mosaico belíssimo, a partir das diversas manifestações, deixando claro ao leitor que o melhor testemunho para a posteridade é saber o que aquelas experiências provocaram em termos de transformações positivas nas vidas das pessoas. E sobram exemplos de memórias e afetos, que revelam o quanto é importante na vida das crianças a experiência de uma educação construída com base na “liberdade para pensar e crescer”.

Quem viveu em Campina Grande ou apenas passou pelo bairro da Prata, naquela esquina da rua Antenor Navarro com Rodrigues Alves e não teve a sua atenção desviada e presa por pinturas e frases ou poemas escritos em seus muros, por certo é alguém acentuadamente desavisado ou distraído. E digo apenas isto para não transformar este breve prefácio em crítica a pessoas descuidadas, que não atentam aos detalhes da paisagem urbana de sua cidade. A você que está lendo este texto e se prepara para um mer-

gulho na obra, sem dúvidas, terá aqui uma verdadeira aula de metodologia da educação e mesmo algumas pinceladas de epistemologia da pedagogia.

A experiência aqui narrada, traduzida e ao mesmo tempo realizada como exercício de reflexão sobre o fazer, é algo que serve como memória da história da educação, na cidade e no país, ao mesmo tempo que pode contribuir bastante para a reflexão também das professoras e professores do presente e do futuro. Para aquelas e aqueles que pretendem realizar seus projetos de vida na condição de educadoras e educadores, sem dúvida alguma, trata-se de uma excelente contribuição. Como afirma a própria professora Maura, a “Escola Pequeno Príncipe”, a sua experiência educacional de mais de meio século, foi resultado de um sonho e um projeto de vida.

Muito me honra ter sido um dos primeiros leitores. E você, leitora ou leitor, que agora se debruça sobre esta obra, certamente haverá de se encantar com tão bela jornada e a verdadeira aventura humana aqui contida e que deverá tocar também seu coração, assim como ao meu.

Rangel Junior

CAPÍTULO I

Duas vidas que se entrelaçam



Figura 1 - Abraço de Maura em sua mãe, no aeroporto local, voltando de uma viagem de suas férias.

DIZ A CANÇÃO QUE “toda caminhada começa no primeiro passo”, mas ninguém dá esse passo sozinho. Quando somos bebê e estamos descobrindo todas as novidades desse incrível mundo, contamos sempre com alguém que nos estimula, vibra com cada passo que damos à frente, geralmente desequilibrado e sem confiança. Acalma-nos do susto pela queda que tantas vezes sofremos e nos levanta pelas mãos para que continuemos tentando até que a passada esteja firme e pronta para seguir. Essa pessoa para mim foi minha querida mãe, Genuína Pessoa Ramos – D. Gina, como era conhecida. Educadora de referência, admirada por todos que a conhecia. Genuinamente mãe, amor, cuidado, força, incentivo. Meu maior exemplo de ser humano e sobre quem quero começar falando, para que os leitores possam compreender de onde veio minha inspiração de vida e como me iniciei na

aquisição de conhecimentos através de uma mulher que, apesar das limitações do seu tempo e do lugar onde morava, foi grande, sábia e incansável. Uma verdadeira guerreira. Educadora amorosa, habilidosa e competente. Referência maior para a minha trajetória de vida.

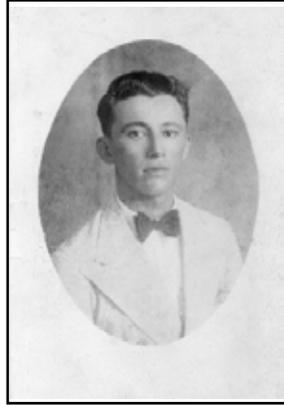
Nasceu no ano de 1901, em um sítio chamado Estreito, no município de São João do Cariri, Estado da Paraíba, no Nordeste brasileiro. Ainda muito jovem, aos 17 anos, perdeu sua mãe, minha avó, Joana Pessoa Cavalcante, conhecida por Joaninha.

A família ficou então composta por ela, seus dois irmãos, Elvira e João, a quem todos chamavam de Joca e seu pai, José Maria Pires Cavalcante, meu avô, que chamávamos de Padrinho, por ter sido o padrinho de batismo de minha irmã mais velha, Maria de Lourdes. Após a morte de minha avó, todos permaneceram morando no mesmo local. A família vivia da agricultura e da criação de gado e aves. O que era comum aos moradores da zona rural.

Cheia de juventude e ávida por conhecimentos, minha mãe, que guardara na memória e no coração estímulos para que fosse estudar música, resolveu com a anuência de seu pai seguir os conselhos de sua saudosa mãe. Assim, o plano foi concretizado e ela matriculou-se nas aulas de música da professora Esther Guimarães Maracajá, em São João do Cariri. Aprendeu a ler partituras, a tocar violão e também flauta doce. O saber sempre fez parte de seus interesses durante toda a sua vida e, ainda muito jovem, alfabetizando algumas crianças do sítio onde morava, descobriu que tinha vocação para o magistério. E a partir daí empenhou-se para atingir o seu objetivo. Nessa época, década de 30, no Cariri Paraibano, a única possibilidade de se adquirir habilitação para o magistério primário era o Concurso Público realizado através da Secretaria de Educação do Estado. O candidato inscrevia-se em João Pessoa-PB, recebia o calendário dos exames a serem realizados e a programação dos estudos preparatórios. As provas eram escritas e orais, aplicadas por uma banca examinadora nomeada pela Secretaria de Educação que viajava ao local onde residiam os inscritos para o concurso. No caso, Gurjão, na época Timbaúba do Gurjão, distrito de São João do Cariri-PB.



**Figura 2- Genuína
Pessoa Ramos.**



**Figura 3 - Severino
Idelfonso Ramos.**

Mamãe e mais duas amigas, Tereza Cantalice - Teca e Áurea Queiroz - Zaré, residentes, a primeira em São João do Cariri e a segunda em Gurjão, inscreveram-se, prepararam-se e foram aprovadas. Minha mãe, com distinção. Estavam então habilitadas para exercerem o cargo de professora. Com a contratação, oficializou-se a jornada das três amigas no magistério paraibano. Anos depois, quando viemos residir em Campina Grande, em tempos distintos Dona Teca e Dona Zaré, já casadas e com filhos, vieram para a mesma cidade onde estávamos. Coincidentemente, na mesma rua onde morávamos – Rua José de Alencar, no bairro da Prata, onde permanecemos por muitos anos. Dona Teca era casada com Francisco de Medeiros - “Seu” Chiquinho e tiveram sete filhos dos quais, Francisco das Chagas e Maria Betânia casaram-se, respectivamente, com minha irmã Maria do Socorro e meu irmão Geraldo. Dona Zaré, casada com Inácio Caluete - “Seu” Incininho, teve apenas um filho: Boanerges.

Falando assim, de forma simples, parece que foi fácil para mamãe conquistar essa aprovação, não foi, pois estava no momento, convivendo com a dor de uma grande perda: a do noivo, José de Farias Brito, conhecido como Zeca, que morreu de tuberculose. Morava em São João do Cariri e nessa época não havia medicamentos capazes de curar uma doença infecciosa como a que o acometeu.

A tristeza dela foi imensa, levando-a a planejar ir para um convento de freiras. Não pensava mais em se casar. Desistiu de constituir uma família como era antes o seu desejo, mas com o resultado do concurso para o magistério ganhou ânimo e uma razão para seguir buscando outros caminhos. Com isso, novas perspectivas desenharam-se em seu viver, encontrando, assim, motivos para sorrir de novo, para sonhar. Referindo-me aqui ao noivado de mamãe com Zeca Brito quero registrar que o mesmo fazia parte da família do dileto casal Inácio Brito e Laura Brito amigos de mamãe e posteriormente de papai também. Ele chegou a ser prefeito de São João do Cariri e ela a primeira dama da cidade. Quando eu nasci, foram convidados por meus pais para serem meus padrinhos de batismo e consolidaram ainda mais a amizade que construíram e que preservaram durante todo o tempo de suas vidas, da qual participei também nutrindo, por todos, e principalmente, pela filha Marisa, um grande carinho.

A carreira como professora da professora Gina começou em Timbaúba do Gurjão para onde foi nomeada depois de ser aprovada no Concurso Público. Lecionando, fez uma verdadeira revolução naquela localidade. Conseguiu, aos poucos, ir mudando costumes inadequados das pessoas através da educação. Reeducou, de certa forma, os moradores do povoado, propondo novas atitudes, novos comportamentos. Conseguiu, assim, mudanças significativas.

Não existiam ainda os ensinamentos de Paulo Freire, entretanto o seu pensamento proclamado nos nossos dias ratifica o que minha mãe, intuitivamente, concebeu no seu tempo: “A Educação não muda o mundo. A educação muda as pessoas e estas mudam o mundo”. E assim foi conquistando o respeito junto às famílias dos alunos, tanto é que, quando os filhos estavam desobedientes em casa, os pais os alertavam: “Vou contar a Dona Gina”. Esse alerta era suficiente para conseguirem controlar comportamentos inadequados. E tudo se normalizava, pois não queriam decepcionar a querida professora a quem tanto estimavam.

Com muita emoção registro aqui o prazer que tenho em ter conhecido um ex-aluno da professora Gina. Chama-se Antão Ouriques de Farias, escritor, pesquisador, historiador, formado em Advocacia e com especialização em muitas outras Áreas do Conhecimento. Tem 95 anos e é ainda muito dinâmico. Mora atualmente em Guarulhos – São Paulo e vem, periodicamen-

te, quase sempre sozinho, visitar os parentes e conterrâneos em Campina Grande, inclusive eu e os do Cariri Paraibano. Quando residiu aqui em nossa cidade, no início da década de 1960, seus filhos Samuel Antão de Farias e João Antão de Farias, estudaram comigo e com minha mãe no então Instituto São Bento, época em que estava iniciando minha jornada no magistério.



Figura 4 - Antão Ouriques de Farias – Jornalista, escritor e historiador, ex-aluno da prof^a Gina em visita à residência atual de Maura.

Antigamente os professores, de um modo geral, eram rigorosos, todavia D. Gina exercia sua autoridade de professora, usando de uma amabilidade especial e ao mesmo tempo de grande firmeza para resolver os impasses que por ventura surgissem. E, assim, ia a cada dia conquistando os alunos e conseguindo desenvolver as atividades escolares, de um modo geral, num clima de respeito, harmonia e tranquilidade, deixando todos felizes e ávidos pelos seus ensinamentos. Os resultados educacionais alcançados por minha mãe foram se espalhando e chegando ao conhecimento de todos, que passaram a admirá-la e a respeitá-la cada vez mais, favorecendo assim a abrangência de sua ação educativa que chegou a beneficiar toda a comunidade.

Talvez tenham sido essas características dela que chamaram a atenção de papai, Severino Ildefonso Ramos. Nasceu no Sítio Paraíso, bem próximo ao distrito de Timbaúba do Gurjão, filho de Ildefonso Alexandre Ramos que faleceu quando tinha apenas catorze anos e de Maria Chaves Ramos, que todos chamavam de Mariinha. Viviam da agricultura e da criação de gado. O casal tinha oito filhos: Severino, meu pai, era o mais velho. E seguiam Inácio, Iremar, Sebastião, Ciro, Ceci, Francisco e Celi, a caçula, a única viva, atualmente com noventa e oito anos e morando em Recife/PE há muitas décadas.

Conheci minha avó paterna e todos os irmãos de papai. Eram muito atenciosos comigo, com meus irmãos e também com minha mãe, a quem admiravam muito. Em Patos, foi onde tivemos uma maior convivência com eles, pois estávamos todos morando na mesma cidade.

Meus pais se conheceram em Timbaúba do Gurjão. Gina, exercendo o magistério e Severino, que já era viúvo, apesar de muito novo ainda, era funcionário público e trabalhava em um Cartório de Registro Civil, no qual exercia o cargo de Escrivão de Ofício, na mesma localidade. Começaram a trocar olhares, surgiu um interesse recíproco e o resultado foi a união dos dois. Casaram-se na Igreja matriz de São Sebastião, numa cerimônia simples e discreta. O vigário celebrou uma missa, às 10 horas, tendo como participantes da cerimônia, além dos noivos, apenas os padrinhos de casamento. Após a celebração, todos, inclusive o padre, foram participar de um almoço especial na residência dos nubentes. Celebração perfeita! A decisão tomada pelo casal foi comunicada aos amigos e familiares através de um cartão impresso, que lhes foi endereçado com os dizeres: “Gina Pessoa e Severino Ramos - Casados – Timbaúba, 12/12/1934”. A casa onde foram residir era a mesma onde fun-

cionava a Escola Pública que era alugada ou cedida por algum morador mais abastado que queria colaborar com a implantação de um Estabelecimento Escolar no seu povoado, segundo minha mãe me relatou. A Escola funcionava na primeira sala do prédio, um único ambiente para todos os alunos das diferentes idades e níveis de escolaridade. Eram as chamadas, atualmente, classes multi-seriadas, mas com uma única professora. Situação rara, mas que ainda existe, principalmente no Nordeste brasileiro. Ela contou por certo tempo com uma auxiliar, a jovem cunhada Celi Chaves Ramos que, convidada e remunerada por ela, assumia algumas atividades escolares.



Figura 5 - A jovem Celi Chaves Ramos, cunhada da Prof^a Gina e sua auxiliar em sala de aula.

Posso imaginar como deveria ser difícil exercer o magistério em uma classe com alunos de diversas faixas etárias e em condições tão precárias. Mesmo assim, tenho certeza que suas atividades docentes eram desenvolvidas com muito entusiasmo, empenho e dedicação, dando atenção a todos: crianças, adolescentes ou também a alguns adultos, ensinando com calma, corrigindo com amor e criando laços com todos, como se cada um fosse filho seu. Era dessa maneira que as pessoas se referiam ao trabalho exercido por ela.

E assim, a professorinha, vinda do Sítio Estreito, foi revelando seus dotes para o Magistério, para a Educação e, consciente de sua responsabilidade, sentiu a necessidade de enriquecer seus saberes com novas orientações, conhecer novas metodologias que favorecessem um melhor aprendizado para seus alunos. Tinha curiosidade de saber, de se aprimorar, e, então, providências foram tomadas. Mesmo vivendo tão distante do progresso, praticamente sem acesso aos meios de comunicação, conseguia descobrir formas de adquirir novos saberes. Não sei como conheceu e depois conseguiu fazer a assinatura da Revista do Ensino, editada em Porto Alegre/RS, Estado conhecido como referência em educação no Brasil.

Alguns exemplares dessa preciosa revista foram guardados por ela com zelo e por muito tempo. Cheguei a conhecê-los e a manuseá-los. Já velhinhos, o papel amarelado, mas ainda cheios de ensinamentos e sugestões para tornarem as aulas mais atrativas e mais ricas de propostas motivadoras.

Além disso, apresentavam modelos e diagramas de materiais didáticos possíveis de serem confeccionados pela própria professora. Por muito tempo fiz, também, assinatura dessa fabulosa revista, sempre atualizada às novas pesquisas científicas realizadas na área da Educação e que muito me serviu quando iniciei minhas atividades docentes, como também às demais professoras que comigo trabalhavam. Seguindo o seu exemplo, guardo também, até hoje, alguns exemplares da Revista do Ensino.

Exercendo o magistério e aprimorando-se para tornar-se uma educadora competente e atualizada, D. Gina paralelamente desempenhava o seu papel de esposa, de mãe e ainda administrava sua casa com a ajuda da jovem cunhada, Celi, que residiu por uns tempos com o casal.

Um ano após o casamento, a família foi aumentando com a chegada de Maria de Lourdes, a primogênita do casal e conseqüentemente os trabalhos também. Todavia a alegria e a felicidade com a presença da nova herdeira compensavam qualquer encargo a mais. Um ano e um mês após a chegada de Lourdes, foi a minha vez de vir habitar esse planeta. Pode-se imaginar a correria para cuidar, não mais de uma criança, mas de duas. Dois anos depois do meu nascimento mamãe sofreu um aborto. E com mais um ano deu à luz ao seu terceiro filho, um menino que recebeu o nome de Geraldo.

Todos esses fatos foram-me relatados por ela e os guardei integralmente na memória. Ela não falava em problemas, em dificuldades para conciliar o trabalho da família com o seu desempenho no magistério. Eu também não questionava. Ouvia tudo como se fora um conto de fadas, uma sublime magia, um encantamento.

Ainda em Timbaúba, papai, influenciado por um amigo, mudou de profissão. Afastou-se do Cartório, desistiu do emprego público, pois era funcionário do Estado e comprou um caminhão. Eufórico, como contava minha mãe, tornou-se caminhoneiro e saiu por aí afora, conhecendo novas paragens.

Por interesses dos políticos da região, a querida professora foi transferida muitas vezes para prestar serviço noutras localidades. De Gurjão, foi para o então vilarejo Juazeirinho, próximo a Campina Grande. De lá, guardo algumas lembranças, pois apesar de muito pequena ainda, já participava de suas aulas, quando foi iniciada aí a minha alfabetização. Passamos pouco tempo nessa localidade, pois houve, mais uma vez outra remoção. Agora, para Soledade também no cariri paraibano onde nasceu minha irmã Marluce.



Figura 6 - Gina com seus filhos (da direita para esquerda, Lourdes, Marluce, Geraldo e Maura) Soledade-PB - 1941.

Dois anos depois, é indicada para assumir sua função de professora, numa Escola Rural, recém-criada, no sítio Campo Comprido, bem próximo a Timbaúba do Gurjão, onde havia iniciado seu ofício. Nesse sítio, nasce o segundo filho do sexo masculino, Gilberto. Morávamos na mesma casa onde funcionava a Escola. Tratava-se de uma casa relativamente grande, porém muito simples. Externamente não era rebocada. Os tijolos eram aparentes. As aulas eram ministradas na primeira sala que era ampla e bem iluminada por várias janelas. O restante do imóvel destinava-se ao alojamento da família. E no seu exterior, havia um amplo terreiro. Nas proximidades, havia um curral com uma vaca leiteira e um bezerro. Todo o conjunto situava-se em plena caatinga. Viam-se caminhos estreitos abertos no meio da vegetação por onde transitavam alguns moradores das proximidades.



Figura 7- Severino na juventude.

De manhã cedinho, D. Gina nos acordava para irmos tomar leite quente tirado da vaca por ela. Era uma festa para todos nós, apesar de estarmos ainda sonolentos. Mamãe iniciava seus afazeres domésticos muito cedo, pois teria que cumprir com pontualidade o horário previsto para as aulas.

Quase sempre contava com uma auxiliar para os serviços caseiros e também para cuidar dos cinco filhos todos ainda muito pequenos. Papai, viajando sempre. Quando voltava era uma alegria para todos nós e principalmente

para minha mãe. Estacionava seu caminhão no oitão da casa que dispunha de uma ampla sombra. Era aí que, quando necessário, fazia pequenos reparos e ajustes no veículo. Esse foi o último local onde mamãe exerceu o magistério na rede pública do distrito de Timbaúba do Gurjão. E também a última turma que ela preparou para a 1ª Eucaristia. Eu e minha irmã M^a de Lourdes participamos também da cerimônia que foi realizada na Igreja Matriz de São Sebastião, em Timbaúba do Gurjão no dia 4 de novembro de 1942. Morávamos no sítio Campo Comprido. Fomos vestidas, eu e minha irmã Lourdes, com vestidos brancos, compridos, véu e grinalda, tudo muito simples, mas adequado ao ritual do qual íamos participar. Ficamos prontinhas aguardando mamãe se preparar também. Enquanto esperávamos, muito eufóricas, começamos a pular e a cantar a marchinha carnavalesca: “Viva Zé Pereira! Viva Juvenal! Viva Zé Pereira no dia do Carnaval!” E a alegria era contagiante, mas chega mamãe e nos diz: Ouçam! Essa música não é apropriada para festejar-se uma cerimônia religiosa. É música para outro tipo de festa. Uma festa profana, carnavalesca. Não sei se entendemos. Sei que paramos de cantar e dançar, mas continuamos alegres e felizes, a correr e a pular.



Figura 8 - Último ano em que a prof^a Gina lecionou em Gurjão e também a última realização da 1ª Eucaristia que fez com seus alunos, no dia 04 /11/1942.

Entre os participantes dessa primeira Eucaristia havia um jovem adolescente chamado Juarez Maracajá, filho do senhor Lucas Maracajá, proprietário do sítio Campo Comprido, onde morávamos. O citado jovem, era aluno de mamãe e muitos anos depois, quando adulto, sendo vereador da então cidade de Gurjão, apresentou um projeto de lei na Câmara Municipal, que foi aprovado, dando o nome da Professora Genuína Pessoa Ramos a uma das ruas da cidade. Não fomos comunicados e mamãe ainda estava por aqui. Todos nós soubemos depois de anos, através de um registro do Evento numa revistinha que nos foi enviada por madrinha Laura Brito, que nessa época já estava residindo no Recife-PE.



Figura 9 - Primeira comunhão (da direita para a esquerda, Maura e Lourdes) – Gurjão-PB - 1942.

Passamos dois anos nesse sítio e, persuadida por papai, mamãe concordou em ir morar com a família em outro povoado chamado Passagem, tendo para isso pleiteado e conseguido uma licença do seu cargo de professora do Estado. Em Passagem, nasceu mais uma filha que deu o nome de Maria do Socorro cujo padrinho de batismo foi o sr. Manoel Diogo e sua esposa, fazendeiros residentes no referido distrito, sendo este senhor o responsável de convencer papai a mudar de residência com a família. Desse lugarejo lembro-me apenas que não era tão árido como Campo Comprido.

Algum tempo depois papai comunicou à minha mãe que desejava fixar residência em Patos, onde já residiam sua mãe e seus irmãos. O pai havia falecido quando ele era ainda pré-adolescente. Difícil para mamãe tomar essa decisão, pois não queria contrariar a solicitação de papai nem perder o seu contrato, pois estava em Passagem por ter conseguido um afastamento temporário oficial. E se saísse por decisão própria não teria como reaver seu cargo de professora. Sem concessão de transferência, seria considerado abandono de emprego. Foram tantas as perseguições políticas, tantas as remoções que era para ela ter perdido todo o entusiasmo e a coragem. Entretanto, perseverante e otimista como era, estava sempre pronta para recomeçar, mesmo sem as condições necessárias de realizar um trabalho educacional continuado, permanente. Considerando todos esses percalços, resolveu atender ao pedido de papai e fomos todos morar no sertão paraibano. Tendo mamãe, perdido, assim, o seu cargo de professora.

Em Patos, como em quase todas as demais localidades onde moramos, nasce mais um rebento, Maristela, a caçulinha da família que infelizmente veio ao mundo com graves problemas de saúde e nos deixou com apenas seis meses de vida. Foi um momento de grande tristeza para meus pais e para nós, também, apesar de sermos pequenos ainda. Todos, sofremos diante da irreparável perda.

Com papai viajando muito e estando em casa por apenas alguns dias, entre uma viagem e outra, D. Gina continuou a assumir, praticamente sozinha, os cuidados e a educação dos seis filhos. Ainda em Patos foi acometida de polinevrite, uma inflamação generalizada que ataca vários nervos do corpo ao mesmo tempo. Ela chegou a ficar parcialmente paralisada, tinha dificuldade de se locomover, abrir a boca e deglutir os alimentos, o que conseguia fazer quase sempre com paciência, esforço e muita perseverança. Mas mesmo no estado em que se encontrava não se deixava subjugar pela doença. Com dificuldade, iniciava antecipadamente e com a ajuda de uma pessoa para ampará-la, a caminhada do quarto até a mesa para alimentar-se com todos nós, evitando que ficássemos tristonhos com sua ausência nas horas das principais refeições. Era uma pessoa forte e acima de tudo de uma generosidade imensurável. Não se acomodava e também não se lastimava das dores que sentia e das dificuldades que enfrentava para viver com

dignidade, apesar dos cuidados médicos. Procurava sempre demonstrar serenidade e bom humor.

Por mais de um ano, enfrentando essa terrível enfermidade, inesperadamente voltou a andar, o que nos causou grande euforia. Quando o fato foi percebido por nós, corremos em sua direção e a aplaudimos. Em alta voz dissemos: “Que bom, a senhora está andando! Viva! Viva!”. Foi um momento emocionante e de grande alegria para todos nós. Ainda doente, na medida do possível, acompanhava os estudos dos filhos que estavam em idade escolar em uma escola pública no Bairro do Prado, onde morávamos.

Mesmo sem lecionar em Patos, D. Gina não ficou parada. Antes de ter sido acometida pela polinevrite, pintava em tecidos: almofadas, toalhas e outras peças. Costurava nossas roupas com capricho e com bom gosto. Não me esqueço dos vestidos lindos em organdi, com babados, nervuras e bicos, que ela confeccionava para mim e para minhas irmãs. As roupas de meus irmãos também eram feitas por ela, com muita perfeição. Nunca deixou de fazer algo porque não sabia fazer. Ela ia e tentava, aprendia por conta própria. Para ela, os desafios ajudam a pessoa a crescer e foi assim que viveu sua vida, foi assim que aprendi, observando suas vivências.

Quando penso em minha mãe, penso em uma fonte inspiradora. Quando ensinava, ela estimulava seus alunos a superar seus limites, a enfrentar os desafios e voar alto. Sua forma de lecionar motivava-os a pensar, a descobrir. Quando eu estava fazendo as tarefas que ela passava, pois fui sua aluna, se surgia uma dúvida em relação à ortografia de alguma palavra ela dizia: “olhe no dicionário, veja como ela é escrita”. Mesmo não conhecendo os estudos de Piaget, nem a psicogênese da língua escrita de Emília Ferreiro, não dava a resposta pronta, tinha a intuição de criar os meios para o próprio aluno fazer suas descobertas e aprender. Isso era estimulante para se buscar conhecer sempre mais.

Lembro-me que em casa, ela em sua máquina de costura e eu ao lado, em outra mesa, fazendo as atividades escolares, aproximava-me dela e mostrava o que estava fazendo. Ela parava, olhava e dizia: “Veja isso daqui, vamos substituir essa palavra e ver como fica”. E assim, ia sugerindo alterações pertinentes. E me lembro de que quando já estava fazendo análise léxica ou gramatical de palavras que compunham belas e sugestivas frases escolhidas por ela, uma dessas frases muito me chamou a atenção e jamais

a esqueci: “O pássaro que fugiu da gaiola tornou a voltar”. Posteriormente, encontrei, nela, reflexões filosóficas que me levavam a refletir na vida e nas decisões das pessoas. O objetivo principal da análise era identificar nessa frase a função do “que”. O pássaro “o qual” fugiu da gaiola. Inclusive usei essa frase com os meus alunos quando ainda se fazia análise gramatical nas escolas. A partir dela fiz recentemente um poema como uma maneira de homenageá-la e do qual gosto muito:

O pássaro que fugiu da gaiola tornou a voltar

“Numa aula de português, quando ainda era criança, com minha mãe aprendi na frase a função do que, sendo aí um relativo, e um relativo de fato. Da gramática me afastei, para observar a sentença. Fiquei a refletir: como pode o pássaro altivo, ter fugido da gaiola em busca da liberdade, regressar ao cativo? Fico assim, a indagar, o que fez voltar?”

Dos tempos em que morávamos em Patos, tenho boas lembranças. Recordo-me de muitas brincadeiras, tempos de diversão e alegria, as idas ao circo e o encantamento com tudo o que meus olhos viam naquele lugar. À noite sempre íamos para as calçadas brincar com outras crianças. Pular corda, amarelinha, brincar de toca, esconde-esconde, eram várias as brincadeiras que nos envolviam e encantavam de forma espontânea e criativa. Sempre que chegavam os circos na cidade, meus pais programavam nossa ida aos espetáculos. Os malabares nos deixavam fascinados. As danças e as encenações do teatro circense nos levavam a uma atmosfera lúdica e de encantamento.

Nessa época, o circo-teatro fazia muito sucesso. Companhias circenses diversas viajavam por todo o país, apresentando peças teatrais de todos os gêneros: revistas, farsas, musicais, comédias, dramas ou melodramas. Levavam, também, música, dança e tantas outras artes para os quatro cantos do Brasil e, quando tínhamos a oportunidade de ver tudo aquilo de perto, nos deleitávamos com todas aquelas belas e encantadoras apresentações.

No período das festas da Padroeira, era montado um parque de diversões com carrossel, canoa, roda gigante e tantos outros brinquedos que garantiam nossa alegria. Íamos, muitas vezes, ao parque com nosso tio Chiquinho, ir-

mão de papai, que por nós nutria grande carinho e atenção e nos proporcionava momentos de muita diversão.

Outra forma de nos divertirmos em Patos eram os piqueniques que nossa mãe organizava, às margens do Rio Espinharas, que banhava a cidade. Tudo era preparado com muito esmero. Ela caprichava em levar lanches gostosos, para nosso deleite. Os piqueniques com mamãe e meus irmãos eram também uma forma de amenizar a saudade de papai que, devido às suas constantes viagens, passava muito tempo longe da família.

No nosso dia a dia, entre os estudos e a convivência em família, eu e meus irmãos criávamos muitos meios de nos divertir. Eram brincadeiras de bola no quintal, competições com bolas de gude, pula corda, dentre outras. As brincadeiras de “casinha de boneca” eram verdadeiras representações da nossa vida familiar. Uns de nós nos tornávamos pai e mãe, os outros eram os filhos e a nossa criatividade nos levava longe, encenando aquela brincadeira. Aos domingos, o dia começava com nossa ida à missa na Igreja Matriz de “Nossa Senhora da Guia”. Quando papai estava em casa, íamos todos juntos. Quando não, nossa companhia era apenas D. Gina.

Depois de residirmos alguns anos em Patos, fomos todos para Campina Grande, onde fixamos, definitivamente, nossa morada. Todas essas mudanças, exigiam mais responsabilidades para mamãe, além da presença esporádica de papai por causa das viagens. Ela era muito forte, resignada com a realidade e a assumia com determinação e firmeza. Creio que essa boa vontade de sempre estar pronta para recomeçar, ajudou-a a vencer os obstáculos enfrentados. Se mamãe já era para mim uma inspiração, quando chegamos para morar em Campina Grande, essa inspiração foi transformada em ações concretas para atingir meus objetivos.

Na Rainha da Borborema fui estudar no “Grupo Paroquial de Nossa Senhora do Rosário”, na época “Escolas Reunidas Nossa Senhora do Rosário”, onde fiz o 4º ano primário, cuja professora chamava-se D. Atagilda, da qual nunca esqueci. Nessa escola participei de algumas atividades teatrais, balé e declamação de poemas. Tudo era muito prazeroso. Num Evento promovido pela Escola para homenagear o então vigário da paróquia, padre Crísvão Ribeiro da Fonseca, que havia passado uma temporada na Itália, participei de uma dramatização interpretando Satanás, para a qual me dediquei e me empenhei em fazer da melhor forma possível. Também declamei um

poema muito bonito “Ser Padre” que retratava de forma poética a vida de sacerdote e sua missão em relação aos fiéis. Minhas interpretações artísticas também fizeram parte das homenagens prestadas ao primeiro bispo da Diocese de Campina Grande, Dom Anselmo Pietrulla, que foi recepcionado nos antigos salões do Campinense Clube. Dessa vez participei de um balé clássico e de uma peça teatral na qual interpretei uma senhora viúva que costurava para prover sua casa e manter seus sete filhos.



Figura 10 - Maura na sua juventude.

Esse fascínio pela Arte me fazia criar apresentações envolvendo música e dança. Em uma rádio local, aos sábados, havia divulgação de um programa com músicas sírio-libanesas das quais eu gostava muito. Então, ouvindo o programa, reunia, para assistirem minhas coreografias, meus irmãos e o primo Paulo Pires, de saudosa memória, que para estudar veio morar conosco. Nessas ocasiões, também cantava óperas com letras criadas de improviso por mim. Todos se divertiam muito, principalmente eu.

Talvez essa inspiração artística também tenha vindo de minha mãe que, em muitos episódios que me recordo, fazia algumas interpretações hilariantes. Certa vez, enquanto papai consertava o pneu do seu carro, foi surpreendido por uma mulher, aparentemente desconhecida, pois ela estava caracterizada, pedindo vaga para viajar para o Crato na boleia do caminhão. Qual não foi a surpresa de papai quando o sorriso dessa mulher “denunciou” a farsa da qual estava participando. Ambos riram muito. Em outro momento, usando a fantasia de Satanás que utilizei na encenação em homenagem ao Vigário, assustou meu irmão Gilberto que vinha chegando em casa e de outra vez, com a mesma fantasia, fez papai, que estava lendo uma revista na sala, ficar desconfiado com a presença do “capeta” que sentou ao seu lado no sofá e ficou “puxando” conversa com ele. Era assim, a minha mãe!

Quando terminei o Curso Primário, surgiu um impasse para a continuidade dos meus estudos. Minha irmã Lourdes já fazia, no “Colégio Imaculada Conceição–Damas”, o Curso Ginásial, com ensino pago. Natural seria eu ir dar continuidade aos meus estudos no mesmo Educandário, mas papai não tinha condições de assumir mais esse novo encargo. Então fomos eu e mamãe pleitear uma “bolsa de estudo” na Prefeitura Municipal.

Na época esses assuntos eram resolvidos diretamente no gabinete do Prefeito. A fila era grande. Fomos várias vezes, até que mamãe que não estava muito bem de saúde não mais dispondo de condições consultou-me se eu tinha coragem de ir sozinha. Disse-lhe que ficasse tranquila que iria, sim. E fui. Fiquei na fila por várias horas, mas nesse dia deu para eu ser atendida. Entrei no gabinete do então prefeito dr. Elpídio de Almeida, que contava com a atenciosa e competente colaboração do seu chefe de gabinete, o jovem Felix Araújo, querido e admirado por todos os campinenses e que me orientou a sentar-me numa cadeira próxima a do Prefeito. Estabeleceu-se um diálogo do Prefeito comigo, sondando-me se meus pais não poderiam pagar pelo menos a metade do valor da mensalidade escolar. Isso, com a mão levemente apoiada em meu ombro e com muita delicadeza. Fiquei séria e expressando preocupação, respondi-lhe timidamente, que não. Então Félix que atenciosamente acompanhava a conversa, curvou-se sobre o birô, para ficar mais próximo e em voz suave, porém firme, disse: “Não, dr. Elpídio, eles não podem pagar.” Demonstrou ter a sensibilidade de perceber a

realidade do problema, pois não tínhamos efetiva aproximação com ele. E sim, muita admiração e respeito.

A bolsa foi concedida para meus estudos serem realizados no “Colégio Pio XI”. Fiquei feliz e matriculei-me no referido Estabelecimento cujo Diretor era o Pe. Emídio Viana Correia. Aí, estudei o 1º e os 2º anos do Curso Ginásial, que corresponde aos dois primeiros anos do atualmente Fundamental, mas não fui aprovada nesse último, pois empolgada com o primeiro namorado, esqueci-me dos estudos. Perdi então, a pleiteada bolsa e fiquei um ano em casa, sem frequentar colégio. No ano seguinte foi inaugurado o “Colégio Estadual Argemiro de Figueiredo”, o famoso “Gigantão da Prata”. Qual não foi a minha alegria ao retornar à minha vida estudantil!



Figura 11 - Maura e M^a do Socorro Cantalice (in memoriam) alunas do Colégio Estadual Elpídio de Almeida – Campina Grande-PB - 1953.

Fazendo referência a Félix Araújo, lembrei-me que em 2014, nos 150 anos de Campina Grande, vi nas Redes Sociais, da página do “Museu de Arte Contemporânea da Paraíba” propostas de homenagens a Félix Araújo. Eu prontamente deixei lá, o meu registro que ora transcrevo aqui.

“FELIX ARAÚJO - Tive o privilégio de conhecê-lo. Eu era uma adolescente, mas em mim ficou gravado para sempre o perfil do jovem inteligente, generoso, culto, combativo, solidário, trabalhador, amigo incondicional. E eu era ainda muito jovem, mas até hoje me lembro com carinho, com admiração e muito respeito, dessa personalidade ímpar que caiu de um Asteroide e veio habitar nosso Planeta. Era um Príncipe. Um Príncipe da Paz, da Fraternidade e do Amor!”

Lembrar é Preciso. Esquecer, Jamais!”

Em Campina Grande, a Professora Gina voltou a lecionar. Abriu uma pequena escola que funcionava em um salão construído num terreno existente no quintal da casa onde residíamos à Rua José de Alencar, 215, no bairro da Prata, com entrada livre para a rua. Organizou, assim, de forma simples, mas funcional, para a época, sua própria escola com o nome de “Escola Nossa Senhora de Fátima”, da qual era devota.

Logo de início, matriculou um número razoável de alunos, de ambos os sexos e de idades que variavam entre seis e doze anos, de um modo geral, mas também foi aceito um adulto. Tratava-se de uma moça chamada Maria Brito, que era nossa conterrânea e morava próximo à Escola, solicitou matrícula, argumentando que apesar da idade díspar dos alunos existentes, tinha muita vontade de dar prosseguimento aos seus estudos, concluindo o primário para submeter-se ao Exame de Admissão ao Curso Ginásial, atual Ensino Fundamental e prosseguir então com sua escolaridade para fazer um curso profissionalizante. Esse era o seu objetivo. Com a aquiescência da Diretora, D. Gina, conseguiu vencer as etapas necessárias para cursar o Pedagógico e habilitar-se para o magistério primário. E conseguiu. Que maravilha! Louvores à mestra admirável e à aluna decidida e perseverante!

A fama da competência de D. Gina, como era conhecida, e sua habilidade para lecionar foram se espalhando e em decorrência, o número de alunos foi

aumentando e chegando ao limite do espaço físico disponível da Escola. Foi aí que comecei a auxiliá-la nos trabalhos escolares. Aos poucos fui adquirindo experiência e habilidade para pequenos encargos docentes: ouvir a leitura dos alunos, realizar as correções dos exercícios das diversas disciplinas que mamãe passava no quadro e que eram copiados e respondidos por eles e tirar as dúvidas que porventura existissem.

Essas ações diárias junto ao trabalho de minha mãe me fizeram perceber que, assim como ela, eu também tinha a mesma vocação. Então, após concluir o Curso Ginásial no “Colégio Estadual da Prata”, fiz o Curso Pedagógico no “Colégio Alfredo Dantas”, que me habilitou para exercer o magistério primário, nomenclatura da época.



Figura 12 - Recordação escolar.

No “Colégio Estadual da Prata”, ainda, minha veia artística me fez participar de um coral misto, composto por alunos e alunas do referido Colégio, tendo como regente a professora de Canto Orfeônico Teônís Sabino. Tínhamos as apresentações locais e também viajávamos de ônibus para apresentações em outras cidades próximas. Era uma festa, uma alegria de todos os seus componentes.

Além da professora Teônís Sabino, foram meus professores durante o Curso Ginásial, aos quais devotei, sempre, grande admiração e carinho, Raimundo Gadelha Fontes - Música, Josué Rodrigues – Língua Inglesa, Josefa

Dorziat Quirino – Língua Portuguesa, Antônio Oliveira – Matemática, João Pereira de Assis – Ciências Naturais, Normando A. Feitosa – História do Brasil e História Geral, Sevi Nunes – Latim, Anésio Leão – Língua Portuguesa. Eram excelentes profissionais. A eles e aos que não estou lembrando os nomes, toda a minha gratidão e carinho.

O ensino começou para mim como catequista de crianças da “Paróquia Nossa Senhora do Rosário”, onde também fui dirigente da Cruzada Eucarística e participante do grupo das Filhas de Maria. Quando estudava no “Colégio Alfredo Dantas” fui “Miss Primavera” no concurso organizado pela Diretora, Prof^a Alcide Cartaxo Loureiro, contando com a brilhante participação da então “Miss Paraíba” Zélia Cardoso, que também desfilou no Evento. Ainda participei do “Coral Uirapuru”, fundado, organizado e regido pelo professor Antônio Guimarães, hoje já falecido. Os ensaios do coral eram, na época, realizados na então Associação de Moços Católicos. Tratava-se de um grupo independente.

Antes de ser professora regente de classe no ensino regular, ensinei datilografia, graças a uma intervenção de minha mãe, junto ao vigário da Igreja do Rosário padre Cristóvão Ribeiro da Fonseca para uma parceria: instalar uma escola de datilografia em nossa residência na qual eu assumiria o cargo de professora. A renda seria dividida entre mim e a Paróquia. O objetivo era que com essa renda eu pudesse ir colaborando com algumas despesas de casa. Como havia feito o curso há pouco tempo, sentia-me apta para repassar meus conhecimentos a outras pessoas, apesar de ser ainda muito jovem. Então, comprei o manual, vi como deveria ministrar as aulas e assumi o novo desafio. A escola funcionava em uma das salas de nossa residência e as máquinas, usadas, foram adquiridas pela Paróquia. Procurei com uma amiga experiente no comércio, informações de como preparar um Caixa de Conta-Corrente. E assim, todo final de mês ia ao vigário apresentar os registros feitos durante o período. Em quatro colunas apresentava Histórico, Receita, Despesas e Saldo, do qual 50% eram meus e o restante, os outros 50% eram entregues ao vigário. Paralelamente às aulas de datilografia, eu também dava aulas em domicílio, preparando alunos para o Exame de Admissão ao então Curso Ginásial. Estava, assim, ingressando informalmente na docência para não mais sair. O exemplo de educadora dado pela minha mãe me inspirou e me fez ter a certeza do caminho que gostaria de seguir.

Para Freire (1996) “Quem ensina é, também, um aprendiz e apesar de prazerosa, a atividade docente requer seriedade, preparo científico, preparo físico, emocional e afetivo”.

Meu início no magistério - As aulas de datilografia e as aulas particulares que ministrava a domicílio foram minhas primeiras experiências na docência sem a presença da Prof^a Gina. Era uma alegria lecionar e também ganhar um dinheirinho para ajudar nas minhas despesas pessoais e, se desse, colaborar com pequenas despesas de casa. Entretanto, eu queria ir além. Queria ser professora em uma sala de aula num estabelecimento de ensino, em uma escola regularizada. Seguir os passos de minha mãe. Lourdinha, minha irmã, já iniciara nesse sentido. Ainda cursando o último ano do Curso Pedagógico, foi convidada pela direção do “Colégio Alfredo Dantas”, onde estudava, a assumir a regência de uma sala de aula. Para mim, isso era um desafio e eu queria viver essa mesma experiência.

Quando conclui o Pedagógico, dirigi-me ao diretor do meu colégio, Prof. Severino Lopes Loureiro para sondar a possibilidade de lecionar no “Alfredo Dantas”. O Prof. Loureiro, com toda a sua amabilidade, comunicou-me que no momento não seria possível, pois não havia vaga disponível, mas se surtisse me chamaria com toda a certeza. Entretanto, minha oportunidade não demorou a chegar. A professora Maria José Melo – D. Zezita, como era conhecida, comunicou-me que havia uma vaga para professora no “Instituto São Bento”, que funcionava à Rua D. Pedro I, no Bairro de São José, aqui em Campina Grande, fundado e dirigido pelo padre Francisco Guimarães, um padre beneditino, que veio do sul do País estabelecer-se aqui em Campina Grande. Previu-me, no entanto, a gentil professora, que se tratava de uma turma trabalhosa, de alunos do sexo masculino, na faixa etária entre 12 e 17 anos, que já haviam provocado a saída de três professoras experientes, em apenas dois meses de aula. Recebi a informação que veio para mim como um verdadeiro desafio. Imagine a situação: uma jovem professora, recém-formada, com pouca experiência de sala de aula, enfrentar uma turma com esse perfil!

O que eu fiz? Não pensei duas vezes. A lógica diria para passar longe daquela turma, mas o alerta da prezada professora não me amedrontou, desafiou-me a iniciar minha jornada no magistério que era meu grande projeto. Dirigi-me ao padre Francisco Guimarães, diretor da Escola, apresentei-me como candidata à vaga existente, o qual me recebeu com muita atenção e

amabilidade. Após uma conversa informal sobre minha experiência e minha formação para o magistério, aplicou-me um teste oral sobre a profissão que assumiria. Havia preparado, em fichas especiais, um plano de aula, caso fosse necessário. Apenas li para ele, fiz os devidos comentários e lhe entreguei, assim como minha documentação pessoal e os comprovantes de minha escolaridade.

Fui convidada a assumir o cargo no dia seguinte. Vim para casa feliz e vibrando de entusiasmo. Comuniquei à minha mãe os novos fatos. Ela me abraçou e me transmitiu, com um sorriso, palavras de incentivo. Assumi o cargo em abril de 1959. Não foi nada fácil conquistar o respeito daqueles alunos. Em pouco tempo entendi o motivo de minhas antecessoras entregarem a turma. Alguns alunos chegavam a brigar na sala de aula, de canivete em punho. Era difícil, para mim, conseguir apaziguá-los. Usava a persuasão, a advertência, a afetividade e chamava a atenção para o que estava ensinando, agia de várias formas até conseguir acalmar os ânimos. Assim, depois de uma conversa, com firmeza e ao mesmo tempo ponderada, sobre a inconveniência de atitudes como essas que nada resolviam e que perdíamos tempo para trabalhar conteúdos importantes e necessários para eles, conseguia a tranquilidade de todos. E concluía dizendo que estaria disposta a ajudá-los desde que colaborassem com o bom andamento de nossas aulas. Foi assim por várias semanas e meses. Só no segundo semestre consegui trabalhar com certa normalidade com esses alunos.

No início, cheguei a pensar em desistir e comuniquei à minha mãe, a decisão. Ela então me disse: “Você sabe se essas crianças não apareceram em seu caminho para que você faça alguma coisa por elas?” Ouvi e fiquei refletindo em silêncio sobre suas palavras. No outro dia, bem cedo, disse-lhe: A senhora tem razão. Vou prosseguir e assumir minha missão! E assim, com essa decisão firmada em minha mente, segui até o final do ano.

Ainda hoje me recordo dessa turma e das dificuldades que encontrei para fazer os alunos compreenderem que as atitudes que tomavam eram incompatíveis com as ações educativas que pretendia desenvolver com eles. Consegui e pude, assim, iniciar o sonhado projeto. Durante o meu percurso na Educação, conclui que educar é desenvolver valores humanos e de cidadania. Tem a ver com instigar descobertas e vai até o mais alto nível de comprometimento em transformar o universo em um lugar melhor.



**Figura 13 - Registro de sua formatura do
Curso Pedagógico – 1958.**



Figura 14 - D. Gina bordando a tela do Pequeno Príncipe - década de 70.



Figura 15 - Tela concluída tendo sido afixada em uma das paredes da diretoria da escola, na sala de Maura. Belo trabalho da prof.^a Gina!.



Figura 16- Dona Gina e Sr. Severino com seus filhos, genros e noras – Campina Grande-PB - 1978.



Figura 17 - D. Gina com sr. Severino e os seis filhos – Campina Grande-PB - 1980.



Figura 18 - Missa em comemoração ao aniversário de 90 anos de D. Gina, celebrada pelo então Rev.mo Pe. Genival Saraiva – Campina Grande – PB – jan. de 1991. em outubro do mesmo ano ela foi fazer companhia às estrelas.



Figura 19 - Missa em comemoração ao aniversário de 90 anos de D. Gina, homenagem da neta Poliana.



Figura 20 - D. Gina visitando sua neta Poliana e demais familiares, véspera de ano novo. Campina Grande-PB - 1990.



Figura 21 - D. Gina e o santuário da família que veio do seu bisavô e tem mais de trezentos anos. Campina Grande-PB - 1990.



Figura 22 - Comemoração dos 90 anos de Sr. Severino com seus filhos, da direita para esquerda: Socorro, Geraldo e Maura, Lourdes e Gilberto, do outro lado – 1999.



Figura 23 - Aniversário de 90 anos de Sr. Severino, com seus filhos – Campina Grande-PB - 1999.



Figura 24- Foto da placa original da Rua Professora Genuína Pessoa – Gurjão-PB.



Figura 25 - Maura e familiares apresentando a placa da Rua Professora Genuína Pessoa - Gurjão-PB.

Capítulo II

Um sonho se realizando



Figura 26 - Maura em pose clássica em sua mesa de trabalho.

O “INSTITUTO SÃO BENTO” marcou o início da minha profissionalização e foi o primeiro passo para a realização de um sonho maior: ter a minha própria escola, pois esse era o meu propósito.

Ao final daquele ano letivo, padre Francisco resolveu seguir novos rumos. Sabendo que minha mãe era dona de uma escola e já conhecedor da minha vocação para o magistério, nos questionou sobre a possibilidade de assumirmos a instituição fundada e iniciada por ele aqui em Campina Grande.

A proposta alegrou-me e encheu-me de esperança. Afinal, meu grande sonho de ter minha própria escola começava a se realizar. Era o primeiro grande passo. Porém, logo de início veio um desafio: conseguir alunos. Das turmas que o “São Bento” mantinha, apenas dois alunos permaneceram: Sérgio e Bernardo. Eram esses os seus nomes e tinham entre sete e oito anos. Os demais, já pré-adolescentes e adolescentes não ficaram. Os pais solicitaram transferência para outras instituições. Creio que acharam que aquela professorinha, tão jovem, iniciante, sem a experiência necessária para lidar

com alunos naquela faixa etária não teria pulso firme suficiente para conduzi-los, para educá-los. Da “Escola Nossa Senhora de Fátima”, fundada e administrada por minha mãe, por vários anos, vieram quase todos os alunos. Nesse desafio eu tinha total apoio e estímulo dela que assumiu comigo essa missão, dando-me o suporte que precisava para iniciar a nova proposta, a Escola como eu queria, com crianças de ambos os sexos, a partir dos cinco anos, implantando assim, dois seguimentos de Ensino da época, o Pré-Primário e o Primário.

D. Gina foi de uma generosidade inigualável. Sem pensar duas vezes, abriu mão da sua Escola e a desmontou para que eu pudesse dar início a estruturação da minha. E se o problema era conseguir alunos, tendo ela como minha grande apoiadora, essa dificuldade foi superada rapidamente. Com ela, visitava as residências do bairro onde se situava a nova Escola, falávamos sobre a nossa proposta de ensino e dávamos as informações sobre seu funcionamento. E de livro de matrículas em punho, geralmente conseguíamos efetivar, de imediato, novas matrículas.

Como disse quase todos os alunos da “Escola Nossa Senhora de Fátima” vieram para o “São Bento”. Os pais conheciam e gostavam muito do trabalho de Dona Gina e seguiram com ela. Assim, minha escola formou suas turmas para o ano letivo, já com algumas novidades. Quando era dirigido por padre Francisco, o “São Bento” só tinha meninos como alunos, muitos já na adolescência. Mas quando assumi a direção, a escola passou a receber alunos de ambos os sexos. Além disso, formamos turmas para as crianças menores, pois sempre quis dedicar atenção à Educação Infantil.



Figura 27 - Alunos fazendo homenagem às mães com a jovem professora Marluce Ramos Grandez.



Figura 28 - No pátio da escola - recreação das crianças do preliminar com a professora Maria da Ascensão – 1963.

Os móveis da escola de D. Gina foram todos reaproveitados. Um parente, que morava em Gurjão, José Romão que era marceneiro, foi convocado para reformar cadeiras, mesas e tudo o mais que pudesse, para garantir uma mobília adequada e um pouco mais moderna para a nova escola. Muita coisa do que já havia da época do padre Francisco também foi aproveitada. E assim, ao começar o ano letivo, tínhamos 10 turmas, sendo cinco em cada turno.

Apesar da experiência que tinha, mamãe decidiu que a direção do Estabelecimento ficasse comigo e assumiu simplesmente uma das salas de aula. Diante daquele universo novo que surgia para mim, um misto de sentimentos tomou conta dos meus pensamentos. O entusiasmo era evidente. Mesmo com todas as dificuldades já enfrentadas, em pouco tempo eu via meu sonho começando a se tornar real e a certeza maior que ficava era de que, por ter minha mãe comigo, ao meu lado, me apoiando e me incentivando, foi possível chegar àquele momento. O entusiasmo era grande. A vontade de realizar maior ainda. Tão grande, quanto as dificuldades para colocar em prática o meu sonhado Projeto.

Em janeiro de 1960, após todas as providências tomadas o sonho transformou-se em realidade. Assumi a tão almejada Escola. Dei início ao planejamento de sua reestruturação e as providências cabíveis para pôr em prática meus objetivos e atingir os propósitos idealizados. Mamãe permaneceu no trabalho escolar apenas no primeiro ano, dando-me total liberdade para voar. A alegria de ter a minha própria escola trouxe uma série de responsabilidades e burocracias as quais nem todas eu sabia que existiam.

O primeiro percalço só veio ocorrer no início do terceiro ano de funcionamento do educandário quando surgiu uma questão jurídica que quase impediu a Escola continuar. Quando padre Francisco me entregou a direção do colégio, me informou o valor do aluguel e que o Sr. Vilfrido Barreto era o proprietário do imóvel. Então, mês a mês fui pagando normalmente a locação prevista. Entretanto, quando o contrato, que era no nome do padre, encerrou, fui informada que a situação estava irregular, havia sido feita uma sublocação, pois não havia contrato de locação em meu nome. A minha falta de vivência e de conhecimento no assunto levou-me a isso. Tentei solucionar o problema propondo a regularização do contrato. Achei que seria algo simples, pois não havia nenhuma inadimplência. Seria, no

meu entendimento, apenas a formalização de uma nova locação. Mas nem tudo é simples como parece.

Dias depois desse contato com o proprietário do prédio, soube que existia uma disputa entre herdeiros do imóvel, uma questão envolvendo familiares que queriam a desocupação do prédio. Isso gerou muita polêmica que provocou a concretização de fato da questão jurídica. Constituí um advogado para defender minha causa. Contratei o dr. William Arruda, conhecido do meu pai e de renome na área jurídica da cidade que encaminhou o processo ao jovem Noilton Dantas, seu pupilo, recém-formado. Passados alguns meses, recebi uma ordem judicial de despejo que determinava a desocupação do prédio em 30 dias. Estava em pleno ano letivo, no mês de maio, com 100 alunos matriculados.

De repente, não tinha onde acolhê-los. Um verdadeiro caos para o qual eu precisava de uma solução urgente ou teria que abrir mão da sonhada escola. Então, corri atrás dos meus direitos, mas o advogado constituído para acompanhar a ação perdeu o prazo para contestar uma alegação do dono do imóvel. Assim, o processo foi encerrado com ganho de causa para ele e não havia mais alternativa para mim a não ser encontrar outro local para a Escola. Pensei então procurar o advogado opositor que era o dr. Antônio Lucena, de saudosa memória. Fui muito bem atendida por ele que se prontificou a falar com o dono do imóvel para conseguir uma dilatação do prazo que me foi oficialmente dado para desocupar o prédio. O que foi concedido e que aliviou um pouco a minha tensão.

Em nenhum momento pensei em desistir. Não ia abrir mão do meu sonho dessa forma. Junto com minha mãe, segui em busca de um lugar onde pudesse reinstalar o colégio e prosseguir com o ano letivo. Armazéns, casas residenciais, galpões, qualquer espaço que, de alguma maneira, pudesse transformar em salas de aula e dar prosseguimento às atividades escolares. Era difícil alugar, pois os donos dos imóveis apresentavam grandes restrições. Achavam que uma escola deterioraria o prédio e principalmente, quando precisassem do imóvel seria difícil reavê-lo, por tratar-se de um estabelecimento de ensino. Tudo isso tornava ainda mais árdua a minha procura.

Todavia sempre há uma luz no fim do túnel. Havia bem próximo do “São Bento”, no bairro do São José, um Parque Infantil da Prefeitura Municipal de Campina Grande, o “Parque Infantil Coelho Neto”, que estava muito es-

tragado, mas mesmo assim em funcionamento. Lá, havia além do parque externo com brinquedos, uma área grande coberta, mas aberta lateralmente e ainda duas salas de aula de tamanho médio. Tive, então, a ideia de falar com a diretora da instituição e expus para ela meu problema. A diretora disse que não podia ajudar, pois as salas existentes estavam interditadas por questões de segurança devido à falta de manutenção do prédio.

Vi as salas. As paredes tinham grandes rachões. Precisaria de uns concertos para poder funcionar. Apesar da primeira negativa da diretora, não desisti e com a anuência dela, tomei a iniciativa de convidar um engenheiro amigo da família, o dr. Edmilson Lucena, já falecido, para fazer uma vistoria e emitir um laudo. Ele avaliou toda a estrutura e me disse: “Maura, você morre e esse prédio não cai. É preciso fazer algumas amarrações nas paredes, mas isso é coisa simples que um pedreiro faz e não tem perigo. Faça isso, depois pinte as salas e está encerrado o problema”. E realmente, como disse o dr. Edmilson, o prédio não caiu. Existe ainda hoje.

Aquele laudo era minha grande esperança. A diretora do Parque aceitou minha proposta, mas disse que eu precisava de uma autorização da Secretaria de Educação para poder utilizar o local, uma vez que lá estava funcionando uma unidade escolar infantil da rede pública. Fui então falar com a autoridade competente. O prazo que me foi dado estava chegando ao fim e eu precisava colocar minha escola em funcionamento. Sozinha, fui ao Gabinete do Prefeito, dr. Newton Rique. Seu chefe de Gabinete, dr. Noaldo Dantas, me atendeu, mas disse que eu não podia falar com o prefeito porque ele estava em uma importante reunião com deputados federais vindos de Brasília e havia recomendação para que a mesma não fosse interrompida em hipótese alguma. “Ninguém pode entrar, Maura”, disse-me enfático. Categoricamente, argumentei que precisava a todo custo falar com o Sr. Prefeito, que eu não podia sair de lá sem resolver meu problema. Insisti tanto que ele acabou cedendo.

Apontou-me uma porta lateral e disse: “Não diga nem que me viu aqui”. Ele sabia da seriedade da reunião que estava acontecendo e que uma interrupção dessa forma poderia lhe causar alguns problemas.

E lá fui eu em direção àquela porta. Autoridades na sala, sentadas em poltronas posicionadas em semicírculo, o prefeito em pé, ao centro, expondo suas apreensões e, do nada, uma desconhecida abre a porta e depara-se

com aquelas pessoas todas, tensas, discutindo sérios problemas da época. O prefeito olha em minha direção e, incrédulo, diz em bom tom: “O que você está fazendo aqui?”. Não titubeei e respondi: “Preciso falar urgente com o senhor”. O diálogo seguinte foi mais ou menos assim: “Eu disse que ninguém poderia entrar aqui”, - “Eu fui avisada, mas meu caso é urgente e creio que só o senhor poderá resolver.” Argumentos e contra argumentos até que o prefeito me perguntou o que, afinal, eu queria e que era tão urgente que não podia esperar. Sem perder tempo, fiz a retrospectiva dos fatos ali mesmo e pedi que ele me autorizasse instalar provisoriamente a escola no “Parque Coelho Neto”. Ele, em voz baixa, afirmou: “Não gosto de passar por cima dos meus subalternos.” Entregou-me um cartão no qual havia escrito: “Amigo Stênio Lopes, atenda essa jovem. Agradece. Newton Rique”. Datou e me mandou falar com o então Secretário de Educação. Minha audácia surtiu efeito e saí daquele gabinete, cheia de esperanças.

No mesmo dia, à noite, fui acompanhada por minha mãe, à residência do gentil e atencioso Prof. Stênio Lopes, já falecido, que era também jornalista e, na época, diretor do SENAI. Fui à noite, porque era o horário mais fácil de encontrá-lo em casa. E também porque a ansiedade para resolver meu problema era intensa. Voltei a explicar a situação tendo sido ele, relutante em atender meu pedido, mesmo com a recomendação enviada pelo prefeito. Foi categórico em dizer que aquelas salas não tinham condições de serem utilizadas para tal fim. Que havia risco de um acidente. Poderia cair parte das paredes podendo assim ferir alguém ou coisa pior. Antes de terminar de falar, eu me pronunciei: “Secretário, me desculpe contradizê-lo, mas eu já vi os problemas de lá e procurei um engenheiro civil para avaliar as condições do local. Ele me deu um laudo indicando o que deveria fazer e preciso de sua autorização para realizar os serviços e deixar as salas em condições de receber meus alunos”. Já fui com a solução para qualquer negativa que viesse a receber. Diante das minhas colocações, doutor Stênio Lopes condicionou a autorização a que eu assinasse um Termo de Responsabilidade pelas vidas das pessoas que passassem por aquele local. Aceitei. E assim consegui o espaço.

As aulas já haviam começado, pois como já disse, a ordem de despejo ocorreu no mês de maio. E o prazo para a entrega do imóvel já estava se esgotando e tinha o serviço de amarração das paredes a ser realizado. E ainda, para completar o espaço necessário para as aulas, a construção de

mais duas salas erguidas em madeira, na área coberta que lá existia. Entretanto, comecei as aulas antes das obras terminarem. As árvores do Parque serviram de salas de aula por uns dias, enquanto a reforma seria concluída. Encerradas as obras os alunos foram acomodados e as aulas ministradas dentro da normalidade. Finalizado o ano letivo, voltei ao Gabinete do então Prefeito Dr. Williams Arruda, pois dr. Newton Rique havia sido cassado e comuniquei-lhe que ainda não havia conseguido outro espaço para reinstalar minha Escola. Este me informou que a Prefeitura não iria precisar do local e eu poderia permanecer com a Escola no Parque. Quando fosse possível desocupar o local cedido, comunicasse. Tranquila, com a afirmativa do Prefeito coloquei um cartaz na frente do prédio, informando o período de matrículas e fui planejar as atividades do ano seguinte, cheia de entusiasmo e ideias para colocar em prática.



Figura 29 - Maura. Campina Grande, década de 60.

Chegaram as férias. Tudo parecia caminhar bem. A Escola continuaria no mesmo local, as atividades estavam sendo planejadas, matrículas sendo realizadas. Tudo ia relativamente bem, mas quando menos esperava o vigia do Parque Infantil chega à minha casa para me dar uma notícia que muito me contrariou e foi falando: “Dona Maura, vim lhe avisar que funcionários

da Prefeitura vieram e desmontaram sua Escola. Móveis, livros, mapas e demais materiais didáticos estão espalhados e expostos no meio do pátio, ao ar livre”.

Um horror para mim. O pessoal da Prefeitura foi lá e simplesmente desmontou a improvisada Escola. Teria que tomar providências imediatamente. Pedi ao vigia que me fizesse o favor de ir para lá, cuidar para que nada se perdesse enquanto eu chegava. Quando ele saiu, caí no choro, desesperadamente. Não entendia porque aquilo estava acontecendo se o próprio prefeito havia me garantido que a Prefeitura não utilizaria o espaço e que eu poderia continuar lá, mas eu não podia perder tempo lamentando. Enxuguei as lágrimas e, mesmo contrariada, fui agir. Como já sabia que os móveis e demais pertences da Escola estavam todos jogados no pátio e as salas de aula haviam sido desmontadas, providenciei logo um caminhão para recolher todo o material e um local para armazená-los.

Fiquei confusa e sem entender a brusca ação. Senti-me traída com o que houve. Porém, a professora Maria do Socorro Farias, de saudosa memória, diretora na época da “Escola Regina Coeli”, aqui em Campina Grande, afirmou que o dr. Williams seria incapaz de tal ação. Ela acreditava que tinha sido algum secretário que não sabia o que estava funcionando ali e resolveu realizar as reformas de que o local estava a algum tempo necessitando. Não sei se me convenci disso, mas a verdade é que achei que tinha chegado ao meu limite e não quis pedir satisfação do ocorrido.

Tinha que, novamente, encontrar soluções para o problema. Precisava guardar todos os materiais e móveis da Escola enquanto não encontrava outro local para reinstalá-la. Falei com meu cunhado José Carlos Lira (de saudosa memória), que tinha uma indústria no bairro de Santa Rosa e levei os móveis para lá. O restante do material didático, como mapas, livros e outros, levei para minha casa. Foi tudo muito surpreendente e ainda tinha que comunicar aos pais dos alunos que a Escola não tinha mais como continuar funcionando. Alguns ainda insistiram em aguardar para ver se encontrava uma solução. Eu não havia desistido, mas sabia que seria muito difícil solucionar o problema. Então, orientei os pais a procurarem outra escola para seus filhos. A resposta de muitos deles para o que eu os dizia era: “Quando você reabrir a Escola iremos trazer nossos filhos de volta”. Se eles acreditavam que eu conseguiria, não podia desanimar.

Sem prédio, mas obstinada, saía todos os dias à procura de uma casa para alugar. Era início do mês de março, o ano letivo já havia começado em todas as escolas, quando meu irmão Gilberto disse que um menino que havia sido meu aluno tinha ido lá à nossa casa dias atrás com um recado de sua mãe informando sobre um imóvel que estava para alugar, mas Gilberto não sabia dizer quem era o menino, não perguntou seu nome. E lá fui eu atrás do álbum com fotos dos alunos e mostrando ao meu irmão, foto por foto, para tentar fazê-lo identificar quem era o menino que foi me avisar da casa para locação. Página por página, quando Gilberto viu um determinado garoto em uma das fotos, disse: “É esse”. Tinha os dados do aluno e dos pais. Fui até a casa deles e falei com a mãe do garoto.

Mas já havia passado algum tempo e ela duvidava que a casa ainda não tivesse sido alugada. Porém, me disse quem era o proprietário. Eu o conhecia. Era “seu” Severino, pai de um aluno da antiga Escola de D. Gina. Tinha uma mercearia na Rua Melo Leitão onde também morava e para lá segui. Realmente ele tinha uma casa para alugar na mesma rua onde morava e ainda não tinha conseguido um novo inquilino. Procurei me informar do valor do aluguel e das condições do contrato. O preço era alto, mas eu não questioneei. Só pensava que o mais difícil era encontrar a casa e, então, tinha que conseguir um jeito de pagar aquele aluguel. Conversei com mamãe e ela deu o aval encorajador. Assim, fui pegar as chaves e conhecer o imóvel. Quando fui ver a casa em detalhes, fui observando os cômodos e pensando: “essa parede vai ter que sair. Essa aqui, essa acolá...”. Informei ao proprietário o que pretendia realizar e me comprometi em devolver o imóvel do jeito que recebi e, assim, fechamos negócio.

No mês de março fiz a necessária reforma. Pedi aos pedreiros que não quebrassem os tijolos, porque iria guardá-los para usar na reposição das paredes. Eu não tinha dinheiro disponível para tudo e as despesas eram muitas, então era preciso economizar. Derrubamos três paredes, pintamos, ajeitamos tudo que era necessário. A Escola estava pronta para voltar a funcionar. Aos trancos e barrancos, mais um ano letivo iria ser iniciado. No entanto, eu havia dito para os pais dos meus alunos que os matriculassem em outro colégio, pois não havia certeza de que conseguiria colocar a Escola em funcionamento no ano em curso. Agora, com o educandário em novo local, precisava contar com meus alunos de volta.

Fui mantendo contato com todos e avisando que a Escola seria reaberta. Muitos pais estavam com seus filhos já matriculados em outros estabelecimentos, mas quando souberam da reabertura do “Instituto São Bento” deram-me a maior demonstração de apoio que eu poderia receber. Cancelaram a matrícula dos filhos e fizeram uma nova matrícula na minha Escola. Creio que confiavam na minha dedicação e vontade de fazer o melhor, sempre. Viam também que os filhos gostavam muito do ambiente escolar.

E assim seguimos, fazendo o “Instituto São Bento” funcionar novamente. Em abril, as aulas do ano letivo foram iniciadas com cerca de 60 alunos. Nesse ano, 1964, mesmo com todas essas adversidades, participamos do desfile em homenagem ao primeiro centenário de Campina Grande, e tivemos como tema alegórico o Pastoril. Foi uma festa muito bonita e as crianças demonstraram entusiasmo em participar do notório Evento.



Figura 30 - Desfile dos alunos do Instituto São Bento em homenagem ao Primeiro Centenário de Campina Grande – Pelotão Especial, Alegoria: Pastoril – 1964.



Figura 31- Professores e alunos marcando o êxito do desfile dos alunos do Inst. São Bento em homenagem ao Primeiro Centenário de Campina Grande-PB.

No prédio da Rua Melo Leitão, mantive a Escola por três anos. Depois, sem maiores contratemplos nos mudamos para a casa onde minha irmã prof.^a Maria de Lourdes Lira morava na Rua Antenor Navarro. Ela havia mudado de endereço e achou que a residência onde morara seria um local bem melhor para a Escola do que o imóvel onde estava funcionando. Falei com os proprietários o médico João Caetano e D. Maria das Neves Caetano e fechamos contrato. As despesas com a adaptação, como retirada de paredes e também a pintura geral do prédio, incluindo portas e portões, correu por conta deles, motivo que me surpreendeu e pelo qual fiquei muito satisfeita e empolgada.

A casa ficou singela, mas primorosa. Comprei cortinas para as janelas, móveis novos e adequados para o Pré-Escolar e para as demais classes, carteiras envernizadas e decoração adequada. A Escola estava relativamente bem instalada. A casa dispunha de vários espaços bem iluminados e as adaptações feitas favoreceram o seu bom funcionamento. Na última dependência, que era uma cozinha, fiz uma Sala de Leitura, um espaço para

incentivar o contato com os livros e também a “Contaçon” de História para a criançada.

Toda essa renovação pode ser feita porque, inesperadamente, recebi uma pequena subvenção federal que havia sido pleiteada para o “Instituto São Bento”, pelo padre Francisco Guimarães, só tendo sido liberada anos depois, na minha gestão. Fiquei feliz com tudo que consegui e principalmente com a possibilidade da Escola funcionar. Roguei a Deus que me livrasse de outras mudanças. Estava já exausta e queria permanecer ali, naquele cantinho para sempre.



Figura 32 - Homenagens às mães – mesa formada por Maura, D. Gina e Professoras do São Bento.



Figura 33 - Alunos fazendo homenagens às mães.



Figura 34 - Palestra proferida pelo jornalista Ramalho Filho em homenagem às mães.



Figura 35 - D. Gina, alunos e professores comemorando a passagem do aniversário de Maura na escola.

Um novo endereço, um novo nome: “Escola Pequeno Príncipe”. Com uma tranquilidade como nunca vista nos anos anteriores, fizemos a mudança da Escola da Rua Melo Leitão para a Rua Antenor Navarro no Bairro da Prata. Avisamos aos pais sobre o novo endereço e matriculamos os alunos para mais um ano letivo, conseguindo uma matrícula de 100 alunos.

Ainda no período das matrículas, inesperadamente, recebo a visita de uma senhora que me cumprimenta e, espontaneamente, entra e percorre todos os cômodos do imóvel. Volta, dirige-se a mim e diz: “Vá providenciando a retirada dos seus pertences, pois vou comprar essa casa para montar aqui uma escola para uma filha minha.”

Fiquei surpresa com o que estava ouvindo, mas recuperei-me do impacto e disse-lhe: “Minha senhora, por favor, cuide de seus interesses que eu cuidarei dos meus.” Ela saiu, com a mesma naturalidade com que chegou e eu, muito assustada com o ocorrido, mesmo assim, encerrei o expediente e dirigi-me imediatamente para falar com o proprietário do imóvel, o dr. João Caetano. Chegando lá, narrei o ocorrido. Fui tranquilizada por ele que me informou não estar à venda o imóvel que me alugara e caso viesse a ocorrer eu teria a preferência na compra. Regressei feliz por mais uma vitória.

Lembrei-me nessa hora de um poema que recebi de José Carlos Lira, meu cunhado, quando iniciei os trabalhos no “São Bento” e a lia diariamente, com muito fervor como se fora uma oração.

Eis parte do poema de Bastos Tigre (1995):

A VITÓRIA DA VIDA

Pobre de ti se pensas ser vencido!

Tua derrota é caso decidido.

Queres vencer, mas como em ti não crês,

Tua descrença esmaga-te de vez.

Se imaginas perder, perdido estás.

Quem não confia em si, marcha pra trás.

A força que te impele para frente

É a decisão firmada em tua mente.

A placa do “Instituto São Bento” foi instalada na frente do imóvel. Entretanto sentia a necessidade de uma identidade própria para a nova Escola, algo que fosse mais sugestivo para o trabalho com crianças. Mas por algum tempo o nome “São Bento” permaneceu.

Quando li, em 1968, o livro “O Pequeno Príncipe”, de Antoine de Saint-Exupéry não tive dúvidas. Defini. O nome será esse. Então, regulamentei o novo nome nos órgãos competentes e a Escola passou a se chamar “Instituto O Pequeno Príncipe”. Posteriormente, passou a ser “Escola Pequeno Príncipe”. A princípio manteve a informação “São Bento”, mas por pouco tempo, pois todos se familiarizaram logo e aprovaram o novo nome.

Foram três anos nesse endereço. De 1967 a 1969. O local era relativamente bom, as turmas estavam bem instaladas, mas quando há uma oportunidade de melhorar, a gente não pode deixar passar. Esquece os sacrifícios anteriores e segue. No final de 1969, o Vigário da Paróquia de “Nossa Senhora do Rosário”, no bairro da Prata, Prof. Itan Pereira comunicou-me que a referida Paróquia iria construir uma casa menor para o vigário e a antiga

ficaria desocupada, podendo ser alugada para ser a nova sede da “Escola Pequeno Príncipe”.

Esqueci-me da minha prece a Deus pedindo que me preservasse de uma nova mudança e logo me interessei pela proposta do Vigário. Tratava-se de uma casa grande, de esquina, com muitos cômodos amplos e bem iluminados. Não estava com uma boa aparência, mas com alguns reparos e uma pintura completa ficaria em excelentes condições. Afinal tratava-se de um local espaçoso com possibilidades de algumas reformas, inclusive ampliações futuras. O piso não estava bom. Estava com desníveis em quase todos os cômodos, mas eu não tinha condições financeiras para fazer de imediato o melhoramento necessário. A expectativa era de que, em um espaço mais amplo, o número de alunos aumentaria precisando então de mais mobiliário e equipamentos para funcionar adequadamente.

Comprei de Maria da Ascensão Neves, uma ex-professora do “Instituto São Bento”, algumas carteiras. E como as que já possuía, ficavam também em desnível devido ao piso irregular. Como nem a Paróquia nem eu tínhamos condições de consertá-lo, solicitei de um marceneiro que reformasse os pés das carteiras de modo que pudessem se adequar à situação do piso, nivelando-as. O que foi realizado satisfatoriamente. Maria das Graças Souza Costa e Rosimar Porto, de saudosa memória, duas professoras amigas minhas e que estavam trabalhando no meu Projeto com muita dedicação, sugeriram a confecção de almofadas e as prepararam para as carteiras, dando assim maior conforto às crianças e beleza ao ambiente. Tudo feito com carinho e dedicação, características que estiveram sempre presentes em tudo que foi feito na “Escola Pequeno Príncipe”.

Assim, iniciamos o ano letivo de 1970, no endereço que seguiu sendo a sede da Escola até o encerramento de suas atividades em 18 de dezembro de 2015. Era um casarão de esquina, situada no cruzamento das ruas Antenor Navarro e Rodrigues Alves, no bairro da Prata, sob o número 349.

Conforme o tempo foi passando, aquele espaço foi sendo aprimorado com melhorias realizadas, ficando cada vez mais confortável e transformando-se em um ambiente aconchegante, agradável e acolhedor, difusor da educação libertadora e tendo as Artes como seu diferencial por mais de quarenta anos. Difusor também do amor, da solidariedade e do compromisso em formar cidadãos livres e conscientes do mundo que os rodeava.

Ainda no início da década de setenta, quando tudo parecia tranquilo, recebi, uma correspondência, registrada em cartório, excessivamente carimbada e assinada por um advogado do Recife-PE, que representava um senhor, que já havia morado aqui em Campina Grande e na época residia na capital pernambucana onde mantinha, há vários anos, uma escola intitulada “Instituto do Pequeno Príncipe”. Na correspondência me era solicitada a suspensão imediata do uso do nome “Pequeno Príncipe” apesar de possuir autorização do Conselho Estadual de Educação do Estado da Paraíba para funcionar legalmente com o nome que usava.

Fiquei apreensiva e relatei o caso à minha mãe que continuava como sempre sendo minha conselheira. Ela sugeriu-me que, para evitar aborrecimentos e preocupações, escolhesse outro nome e substituísse o que estava usando e procurou me confortar dizendo que existiam outros nomes tão bonitos quanto aquele. Pensei e disse: “Não, minha mãe, se eu não puder fazer uso dessa razão social, renunciarei. Mas para isso, primeiro irei me certificar dos meus direitos. Caso não tenha razão, saberei, com dignidade, desistir. Senão, seguirei em frente como sempre fiz.”

Fui, pessoalmente, ao CEE - Conselho Estadual de Educação da Paraíba - em João Pessoa. Procurei as autoridades competentes, expus o caso, munida da documentação pertinente e fui tranquilizada, pois a Escola já estava registrada no referido órgão e não existia, antes, nenhuma outra aqui em Campina Grande, com o mesmo nome. Voltei muito feliz, exultante de alegria. Não dei resposta à correspondência recebida e me envolvi com os trabalhos educacionais com minhas crianças. Soube depois que o requerente queria voltar a residir em Campina Grande e montar, aqui, uma escola para crianças, com o nome que eu estava usando.

Vencidas as barreiras iniciais, o projeto foi desabrochando, tomando consistência, delineando seu perfil, seus propósitos e chegando paulatinamente a ocupar um lugar de vanguarda na cidade, pelas suas propostas inovadoras. Debruçava-me nos livros, participava de Congressos e Encontros de Formação Educacional em vários Estados do Brasil, visando ampliar e atualizar meus conhecimentos com base nas teorias e métodos científicos que iam surgindo na área de educação. Assim, fui me estruturando intelectualmente e desenvolvendo-me com maior segurança para desempenhar

com competência minha profissão. Para chegar até aqui, minha mãe teve um papel muito relevante. A ela, toda a minha gratidão.

“Minha Mãe

Amiga incondicional.

Meu esteio, minha cúmplice nos projetos educacionais que desenvolvi.

Meu porto seguro, exemplo de coragem, determinação e perseverança,

mas tudo com muita simplicidade e discrição.

Era assim, minha mãe, a querida e admirada por todos, D. Gina!

Hoje, entre as estrelas, a iluminar nossos caminhos e a nos inspirar.

Saudades infinitas! Mas proclamo com todo vigor: Como é bom viver!

Como é bom ter tido o privilégio de uma mãe assim como foi a minha!”



Figura 36 - Última foto de D. Gina feita por Maura, na casa do seu irmão Joca Pires. 1990.

Capítulo III

A ditadura militar no Brasil: Interferência nos meus projetos pessoais e profissionais



Figura 37 - Maura Pires Ramos na época que participou do 30º Congresso da Une – União Nacional dos Estudantes, em Ibiúna-SP - 1968.

À MEDIDA QUE IA ALICERÇANDO meus conhecimentos fui entendendo que Educação e Política caminham juntas, uma vez que são elementos norteadores e estruturadores de nossas vidas. Foi pensando assim que, em plena Ditadura Militar, iniciei meus estudos universitários. Prestei Vestibular para o Curso de Letras na então Universidade Regional do Nordeste (URNE), hoje Universidade Estadual da Paraíba (UEPB). Já na faculdade, eleita presidente do Diretório Acadêmico, passei a participar do Movimento Estudantil que, dentre outras metas, lutava contra a Ditadura Militar em nosso País e pela sua redemocratização. Em 1968 fui indicada pelos meus pares para representar nossa faculdade no histórico “30º Congresso da União Nacional

dos Estudantes” – UNE - que seria realizado na cidade de Ibiúna em São Paulo, de forma clandestina.

Viajei para São Paulo, de ônibus, juntamente com outros colegas, com muito receio e temor, mas com firmeza e determinação com a possibilidade de representar minha comunidade acadêmica em um evento com objetivos tão importantes para o País, especialmente em um momento político em que a democracia necessitava ser reestabelecida. Lá, encontrei centenas de estudantes comungando com os mesmos propósitos, com os mesmos objetivos, porém o congresso não se realizou.

Estávamos todos no local onde seria realizado o evento: um sítio nas proximidades de Ibiúna.

Na manhã do sábado, 12 de outubro de 1968, soldados da Força Pública e policiais do Departamento de Ordem Política e Social (DOPS) chegaram sem serem pressentidos e não encontraram resistência de nossa parte. Várias rajadas de metralhadoras foram dadas para o alto.

Recebemos ordem de prisão. Um grande susto, um temor de que ali fôssemos todos mortos sem possibilidade de defesa. Alguns estudantes correram para as matas do sítio onde estávamos alojados. Os policiais nos abordaram, colocaram-nos em coluna por um e começaram a nos revistar.

Nossos aposentos foram também revirados. Entre nós, medo e silêncio. Todos em fila, sem falar nenhuma palavra. Era possível ouvir-se até nossa respiração.



Figura 38 - O comandante da tropa ordena que os estudantes sigam em coluna de quatro. Os soldados vão pelas laterais. Uma volta de mais dez quilômetros de lama e terreno escorregadio.

Depois das revistas e buscas nos aposentos, na ocasião da prisão, fomos colocados em filas de oito a dez pessoas. Os soldados, armados com metralhadoras, ficavam nas laterais. E seguimos. Por cerca de 10 quilômetros, andamos por lama e terreno escorregadio, além de muito frio. Percorremos estradas de terra batida que iriam nos levar até os ônibus e outros transportes que nos aguardavam na rodovia e iriam nos conduzir ao nosso destino: o “Presídio Tiradentes”, em São Paulo, onde, como presos políticos, ficamos incomunicáveis.

Em um determinado momento desse percurso a pé, percebi umas coloridas flores campestres à beira da estrada. Não hesitei, estirei o meu braço sinalizando para o policial que estava ao meu lado que iria passar. E, andando em direção às pequenas flores, rompi a barreira de segurança, pelo que fui reprimida com rigor pelo militar, que empunhou com bravura sua potente metralhadora em minha direção. Então repliquei: “Vou apenas colher essas florezinhas que estão aí bem perto, na beira da estrada, não vou fugir!” Colhi rapidamente as flores e voltei para o meu lugar, satisfeita com a exitosa proeza. Ingenuidade, ternura, rebeldia, provocação ou altivez? O certo é que, ainda

hoje, passadas décadas do ocorrido, guardo-as com zelo e quando as observo sequinhas e frágeis, é sempre motivo de me emocionar, de me questionar e, também, de me alegrar pelo meu especial feito. Elas representam, para mim a resistência de quem nunca desiste dos seus ideais e de lutar até o fim para alcançá-los.

Era muita gente presa, cerca de mil estudantes representando todos os Estados do Brasil. Em um determinado ponto, o líder das tropas ordenou que as mulheres fossem colocadas em um ônibus. Depois, outros transportes chegaram e todos nós fomos levados para o Presídio Tiradentes, em São Paulo. Lá, ficamos em condições aflitivas: superlotação e falta de higiene das celas, alimentação precária, inexistência de leitos, pois dormíamos no assoalho frio e úmido, sem cobertor. Alguns ficaram lá por vários dias, como eu, sem poder ter contato com familiares, deixando-os preocupados.

Outros estudantes ficaram presos por meses ou anos, dependendo de como nossos algozes avaliavam a nossa periculosidade para os ideais do regime militar.

Ao passar por essa arriscada experiência, compreendi melhor a aflição dos meus pais quando souberam que eu viajaria a São Paulo para participar do “Congresso da UNE”. Uns dias antes, papai havia viajado para lá e sabia que o clima político no Brasil não estava bom, principalmente em São Paulo. Meus pais estavam muito contrariados por causa da minha viagem. Temiam que algo me acontecesse. Nessa época o estudante Edson Luiz tinha sido assassinado pelos militares, o que causou uma grande comoção e revolta no meio estudantil e na população de um modo geral. Havia uma grande tensão no País.

Como resultado da minha prisão, fui fichada pelo DOPS, veio a cassação dos meus direitos estudantis e políticos, pois eu era presidente do “Diretório Acadêmico” da minha faculdade. Perdi o cargo e, o pior, meus direitos de continuar na Faculdade. Fiquei proibida de estudar por dois anos. Mesmo que eu fosse para outro estado não conseguiria matrícula. A restrição era em todo o país. Foi um momento muito doloroso, pois estava cheia de planos, querendo aprimorar-me cada vez mais, aperfeiçoar-me, mas bruscamente tudo isso me foi negado.



Figura 39 - Maura Pires Ramos - Fotografada no DOPS de São Paulo, após prisão no Congresso da Une, em outubro de 1968 e conduzida para o famoso presídio Tiradentes em São Paulo.

Sem ter a quem recorrer, restou-me aceitar aquela condição. Os estudos ficaram parados enquanto durou a cassação e eu me dediquei totalmente à Escola. Foi um período de completa imersão nos meus trabalhos educacionais, nos quais pus em prática muitas ideias pedagógicas inovadoras para a nossa Região como a implantação do Método Montessori na Educação Infantil, apesar da severa vigilância da Ditadura Militar. Antes de terminar o período de cassação fui chamada pelo então reitor/interventor militar da

URNE, que substituiu o reitor e idealizador da Universidade, prof. Edvaldo de Sousa do Ó, para uma reunião na qual me comunicou a suspensão da cassação e, conseqüentemente, minha volta aos estudos universitários. Na ocasião recebi uma série de recomendações, alertando-me que era preciso que tivesse muito cuidado, uma vez que todos os meus passos estavam sendo monitorados e acompanhados, na própria Faculdade, preveniu-me o Senhor Reitor.

Ao ouvir suas orientações, fiquei calada e sem demonstrar surpresa nem temor. Talvez uma reação por ele ter dito o que eu previa que iria acontecer. Por outro lado, devo ter demonstrado indiferença às recomendações recebidas, pois o que mais me interessava era que o período de cassação tinha sido suspenso antes dos dois anos previstos e, com isso, eu podia, enfim, recomeçar meus estudos. Mesmo tendo sido reduzido o período de minha cassação, o tempo que fiquei “parada” foi demais para quem queria concluir o Curso de Letras o mais rápido possível para iniciar, logo em seguida, o Curso de Pedagogia. Eu queria me aprimorar e ter oficializados os meus saberes e ampliar meus conhecimentos, pois via na Educação o meio de transformar o mundo em um lugar mais justo e melhor para todos.

Apesar da felicidade em voltar a estudar, o retorno à sala de aula não foi fácil, uma vez que as pessoas estavam assustadas e temerosas de uma ação mais drástica por parte dos militares. Os colegas de sala me discriminavam e me excluíaam dos grupos de estudos. Vários militantes que foram punidos como eu, mudaram-se para outras cidades, não identificadas, para livrarem-se das ameaças e perseguições que estavam sofrendo.

Embora compreendesse as escolhas dos colegas, optei por não seguir esse caminho. Eu tinha uma Escola, meu projeto de vida, precisava cuidar dela e não abriria mão do meu sonho. Minha situação era bem particular, pois chamava a atenção dos órgãos da repressão, já que antes de ser estudante universitária eu já era, há alguns anos, uma professora. A Escola estava em pleno funcionamento e eu era sua dirigente. Com os problemas que vinha enfrentando, a “Escola Pequeno Príncipe” passou a ser o alvo das atenções dos repressores. Por telefone, ameaçavam explodi-la com bombas. A Escola era constantemente vigiada por pessoas não identificadas e suspeitas que fixavam residência em suas imediações, anotando as placas dos carros que estacionavam em sua porta.

Cada pessoa que entrava ou saía era observada. Os militares à paisana averiguavam o que estava ocorrendo quando havia atividades noturnas na Escola, como quando eram realizados os Encontros de Pais e Professores. Eles suspeitavam de tudo e faziam tudo o que podiam para me intimidar. Mas eu não era uma clandestina e tinha uma profissão e endereço fixo. Então, apesar de sempre temer algo pior, segui com meu trabalho e não me preocupava se eles me observavam.

Nesse período, certo dia chega à Escola um senhor que não se identificou, mas era conhecido na cidade, inclusive por mim pelo nome de Sargento Marinho. Foi entrando e dizendo que estava com ordem de me levar presa para o Quartel do Exército. Retruquei, mas disse-me que era policial e que iria de qualquer forma me levar. Para provar a veracidade do que dizia, retirou do bolso umas algemas e caminhou em minha direção. Vendo que não poderia me livrar daquela situação, disse-lhe que iria avisar a alguém que precisava me ausentar, e ele concordou. Procurei então, falar com as professoras M^a das Graças Costa (Gracinha) e Rosimar Porto, de saudosa memória, que além de professoras da Escola eram minhas diletas e queridas amigas, mas não participavam do Movimento Político no qual estava envolvida. Contei-lhes o que estava acontecendo e Gracinha imediatamente disse-me: “Você não vai só, Maura. Eu vou com você!” Relutei, mas ela disse que não e não abriu mão da decisão. E Rosimar completou dizendo que assumiria as duas turmas, que ela poderia ir tranquila.

Cheguei à sala com a Professora e comuniquei ao policial que ela iria acompanhar-me. Ele não fez objeção. Saímos numa Kombi em direção ao aludido quartel. Andamos apenas dois quarteirões e o carro parou. O policial desapontado reclamou usando uns palavrões, dizendo que o carro havia quebrado. De repente surge outro automóvel em sentido oposto e ele manda parar e nos conduz até lá. Creio que era um taxi. Repliquei dizendo que estávamos tomando um sentido oposto ao local que iríamos. Sou avisada que iremos agora para outro local – o Quartel da Polícia. Fiquei, por demais, apreensiva, pois nessa época falava-se muito nas ações criminosas do “Esquadrão da Morte” e fiquei com grande receio.

Fomos levadas de fato ao Quartel da Polícia onde aguardamos por muito tempo sem que ninguém viesse me interrogar. Então surge o Sargento Marinho comunicando que iríamos para o Quartel do Exército, e informou que

a professora que veio comigo não iria mais acompanhar-me. Assegurei-lhe que ela iria sim. Dizendo-lhe, com muita firmeza: “Ela veio comigo e volta comigo!” Depois de contestações de ambas as partes, ele cedeu e chegamos enfim ao Quartel do Exército. Não houve interrogatório nenhum. Fui apenas fotografada de frente e de perfil e em seguida o Sargento comunicou-me que iria me deixar até a Escola. Protestei, dizendo-lhe que não. Não iria chegar à Escola, num Jipe do Exército, na hora da saída dos alunos. Disse-lhe que chamaria um táxi e estaria tudo encerrado. Nesse registro quero ressaltar o gesto de solidariedade, grandeza e coragem de minha estimada amiga Maria das Graças Costa, minha querida Gracinha a quem sou eternamente grata. A Rosimar Porto, também, minha gratidão pela especial solidariedade e discrição.

Uma nova prisão - Com a promulgação, em 1971, da nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB), fiz o projeto de implantação da legislação na Escola, extinguindo o Curso Primário e criando o Ensino de 1º Grau, na época com oito anos de duração. Nesse aspecto, a reforma inspirada nos princípios da nova lei seria realizada com a implantação gradativa das quatro últimas séries (5ª a 8ª série), pois já mantínhamos as quatro séries iniciais (1ª a 4ª séries). Meu projeto foi aprovado pelo Conselho Estadual de Educação (CEE) e, dentre outras providências, implantei de imediato a 5ª série.

Meu entusiasmo era grande. Fazia um trabalho diferenciado, de vanguarda, com uma proposta pedagógica inovadora e progressista. Sonhava em ver a dimensão dos resultados desse trabalho no final de mais quatro anos, quando estaria desenvolvendo as propostas educacionais, não mais só com crianças, mas também com adolescentes. Para isso, eu teria que providenciar com certa brevidade o projeto das instalações físicas da Escola, que deveriam adaptar-se à nova realidade proposta, o que seria viabilizado através de um financiamento para a construção de um imóvel adequado. Infelizmente, o que viria a acontecer não permitiu que o projeto fosse desenvolvido.

Em abril de 1974, a programação da Rádio Borborema foi interrompida por um plantão de notícias que fez, de repente, o terror voltar a existir entre nós. O noticiário informava que uma professora chamada Josélia Ramos Wallen, minha amiga, que lecionava no Colégio Estadual da Palmeira, em

nossa cidade, havia sido sequestrada quando estava em um ponto de ônibus.

Embora muitos achassem que se tratasse de um sequestro comum, pela experiência que tinha e por estar sempre em estado de alerta com a constante vigilância de agentes militares, logo percebi que se tratava de um sequestro político. Quem me informou sobre o referido sequestro foi meu irmão Geraldo Pessoa Ramos que, ao ouvir o noticiário no rádio, ficou aflito e correu em direção à Escola para me avisar do que tinha acontecido. Afinal ele tinha a mesma percepção minha de que se tratava de uma situação muito mais grave. Conversamos sobre o fato e ele foi embora. Era manhã e continuei meus trabalhos. Por volta do meio-dia encerrei meu expediente e segui em direção à minha casa para almoçar.

No caminho, encontrei o cunhado da minha irmã M^a do Socorro, Roberto Cantalice, de saudosa memória, sentado na calçada, conversando com algumas jovens, suas amigas. Eu sabia que ele participava do movimento estudantil e, quando o vi, já sabendo do que havia ocorrido com a professora Josélia, fiz sinal para ele vir falar comigo e o alertei para que, caso tivesse algum material escrito, em casa, que o comprometesse, os eliminasse, pois os militares poderiam ir atrás dele. Depois dessa rápida conversa, quando cheguei à esquina da Rua Antenor Navarro com a Rua Marechal Deodoro, uma Kombi parou ao nosso lado, alguns homens desceram do veículo e me cercaram.

Disseram que eram da Polícia Federal e que tinham ordem para me prender. Fiquei assustada e muito preocupada com a situação.

Ainda tive a ideia de sugerir que antes de me levarem, passassem comigo na minha casa, que era perto, para que ao menos eu pudesse avisar aos meus pais para onde eu estava indo. Um dos homens concordou com a minha proposta e me mandou entrar no carro para que pudessem me levar em casa antes de me conduzirem presa. Mas, ao entrar no carro, poucos metros depois de o veículo se mover, eles me encapuzaram, pegaram minha bolsa de mão, na qual havia um panfleto que eu recebera de alguém, onde estava escrito: “Nossa companheira Helenira Resende foi morta por militares no Araguaia”. Na hora pensei: Minha situação é grave, pois estava com um registro escrito do assassinato de uma jovem, realizado pelos militares. Eu não a conhecia, mas estava com a informação em mãos. Tratava-se de

um grupo de pessoas que estavam foragidas e participavam da Guerrilha do Araguaia. Os militares não tinham certeza ainda da localização dos foragidos e buscavam a todo custo obter essa informação.

Quando já estava na Kombi, trouxeram Roberto, com quem minutos antes troquei palavras de alerta. Fui levada com olhos vendados e algemada para um local que, até hoje, não consegui identificar. O ambiente indicava ser uma granja, pois era possível ouvir-se o cacarejo das galinhas, o canto de galos e de outras aves. Recordei do relato de um amigo, Jorge Aguiar, (de saudosa memória) que também havia sido sequestrado por militares e me contara que, quando preso, foi levado para um lugar que suspeitou ser uma granja, justamente por ouvir o barulho dos animais. Depois de muitos anos, um escritor de São Paulo telefonou para mim, identificou-se e procurou saber detalhes do local onde fui torturada e se sabia quem era o seu proprietário. A granja era conhecida nacionalmente como a “Granja do Terror”. Meu interlocutor informou que estava escrevendo um livro que relatava os graves acontecimentos que ocorrera nesse infame local durante a Ditadura Militar. Daí a importância de sua pesquisa.

Nessa possível granja, serraram com serra elétrica as algemas que me prendiam os braços e os amarraram com cordões. Ainda de olhos vendados, fui obrigada a ficar de joelhos e deram início a uma sessão de tortura. Bateram-me, deram-me os “famosos telefones” que são pancadas fortes com as palmas das mãos abertas nos ouvidos, interrogaram-me com insultos e gritos. Queriam saber quem me entregou o panfleto e a localização dos foragidos. Um verdadeiro terror. Depois, obrigaram-me a me despir e aplicaram choques elétricos nos meus seios, orelhas e rins, sempre fazendo as mais infames ameaças. Até hoje não tenho ideia de quanto tempo durou esse tormento. O comandante do Exército local, na época, o Major Câmara, foi quem autorizou esses sequestros e as torturas aqui em nossa cidade.

Depois dessa sessão de tortura, fui conduzida ainda encapuzada e com outras algemas para o interior de um transporte sem bancos, junto com outras pessoas que lá se encontravam nas mesmas circunstâncias. Depois identifiquei tratar-se da professora Dilza Rodrigues de França, que na época lecionava na “Escola Pequeno Príncipe”, minha Escola; Roberto Carlos Cantalice, estudante secundarista que vinha ao meu lado na hora do sequestro e a professora Josélia Ramos Wallen, do “Colégio Estadual da Palmeira”. Fo-

mos colocados no assoalho do carro, uma Kombi, empilhados e cobertos como uma carga.

Viajamos por muitas horas sem saber aonde íamos. Supunha que iriam nos matar em algum trecho do percurso. Porém, chegamos ao destino que nos reservaram. Fiquei sabendo algum tempo depois, tratar-se do DOI-CODI do então 4º Exército, em Recife (PE), onde fiquei em uma cela sofrendo maus tratos físicos e torturas psicológicas, em interrogatórios constantes, durante 12 dias. Ao chegar ao local, o terror psicológico só aumentava. Logo no começo, chegaram próximo a mim e disseram: “Não tem lugar para essa”. Ora, se não tinha lugar para mim, a ideia que eu tive era de que iriam me matar. Faziam isso para me apavorar, mas eu permanecia calada, ao ponto de um dos homens se surpreender com minha aparente calma. E dizer: “Meu Deus, que moça mais calma!” Eu não falava nada, nem tão pouco chorava. Com sede, com fome, mas não reclamava.

A cada dia no DOI-CODI era imensa a dor de dormir no chão, ficar sem comida e água, ser privada de banho, permanecer com a mesma roupa durante vários dias, ver presos políticos passarem ensanguentados após um interrogatório, ser chamada a qualquer hora do dia ou da noite para ser interrogada, às vezes de joelhos, ser pressionada sob ameaça a assinar uma folha de papel em branco onde escreveriam uma suposta declaração minha, da forma que lhes conviesse, sem contar a preocupação constante com minha Escola, com meus alunos, com meus amigos, com minha família, principalmente com minha mãe, com meus compromissos, com minha vida, com meu futuro.

O regresso para casa - Após 12 dias trouxeram-nos de volta, numa viagem aterrorizante. O motorista conduzia uma arma de fogo no banco do carro, entre mim e ele. Ouvia atrás de mim a voz do algoz que me torturara. A cada tentativa minha para identificá-lo, ele cobria o rosto, mas não parava de falar. Era um suplício. Em determinado momento da viagem, recebi ordens para baixar a cabeça e permanecer com os olhos vendados. Pararam o transporte em que vínhamos e se afastaram. Comecei então a ouvir ruídos de instrumentos como pás, cavando a terra. Afora esse barulho, o silêncio era sepulcral. Estava certa de que preparavam nossa sepultura e que iriam nos eliminar ali mesmo. Era um terror, mas eu continuava em total silêncio.

Depois de um bom tempo eles voltaram, tomaram seus lugares e prosseguiram a viagem. Até hoje tenho dúvidas se o que ocorreu foi um incidente ou uma encenação para submeter-nos a mais uma tortura. De qualquer forma, sofri toda a sensação que se poderia sofrer ao imaginar que a morte estava se aproximando e naquelas circunstâncias. Foi, na realidade, um grande suplício. Mesmo em se tratando de uma encenação, foram momentos aterrorizantes que deixaram marcas profundas em mim.

Ao chegarmos a Campina Grande-PB, fui literalmente largada em um bairro distante da minha residência, em situação precária. Estava com roupa suja, despenteada e sem dinheiro para o transporte, apavorada, mas controlando-me com muito esforço para manter meu equilíbrio psicológico e minha dignidade. Cheguei à minha casa no Dia das Mães. No momento que entrei, minha mãe estava em reunião com um vizinho e amigo, o então vereador Genésio Soares. Ela estava profundamente abalada, havia reunido todas as suas forças e redigido cartas para as principais autoridades da cidade e do Estado, narrando o meu desaparecimento e solicitando providências. Quando me viram, foi uma grande comoção. Dirigi-me a mamãe e a abracei aos prantos. Todos na casa estavam emocionados, com lágrimas nos olhos, diante daquela cena. Com a minha chegada, as cartas não foram enviadas. Não era mais necessário.

No dia em que fui sequestrada, policiais estiveram em nossa residência, à noite, invadiram meus aposentos, abriram armários e gavetas de onde retiraram e levaram papéis, revistas e alguns livros alegando para minha família tratar-se de material subversivo. Entre os quais o livro “Liberdade Sem Medo”, de Summerhill, uma Escola da Inglaterra, fundada em 1921, pelo educador Alexander Sutherland Neill, que é uma das pioneiras dentro do movimento das chamadas “escolas democráticas”. Levaram então o precioso livro como sendo “um especial achado subversivo”. Tinha, há tempo, a coleção completa. Quando encerrei as atividades da Escola os demais volumes foram juntos com todo o acervo literário doado à UEPB - Universidade Estadual da Paraíba.

Ao retornar, soube das aflições de minha mãe no dia do meu sequestro. Ela estranhou minha demora em voltar do trabalho e questionou minha irmã Lourdes, que trabalhava comigo na Escola, sobre se ela sabia onde eu estava. Minha irmã achava que eu tinha ido resolver algo no centro da cida-

de. O tempo passou, dia após dia, e mamãe ficou apreensiva demais. Em um dos dias, à noite, chegou a ligar para um parente, Hélio de Farias, que residia em Recife e que era da Polícia Federal, procurando saber se ele sabia notícias minhas. Ele disse: “Gina, a essa altura ela já deve ter sido torturada”. Sua afirmação categórica deixou transparecer que tinha, de fato, alguma informação sobre as minhas condições.

Comigo, além de mamãe, moravam temporariamente conosco uma irmã e seus quatro filhos: dois adolescentes e duas crianças que participaram, junto com os adultos, de todo o sofrimento que me impingiram. Tudo foi muito traumático para eles que estavam enfrentando, no momento, a ausência temporária do pai e que contavam com o apoio e a segurança da nossa companhia. Embora não tenha contribuído em nada para que eles vivenciassem esse sofrimento, ainda hoje lamento o que passaram.

Depois de viver todo esse tormento, dias, meses e anos de muita angústia para todos nós, além do estado psicológico em que nos encontrávamos até aí, continuavam as pressões com ameaças por telefone a qualquer hora do dia ou da noite, intimações para comparecer aos quartéis, ora do Exército, ora da Polícia Militar e, semanalmente, comparecer à Delegacia da Polícia Federal. Cheguei a receber ordens por telefone para um encontro, em um ponto determinado da cidade, no dia e na hora estabelecidos, sem que ninguém soubesse, com o “dr. Nelson”, que conheci no DOI-CODI do 4º Exército, no Recife e que era também, conhecido pelos presos políticos como o “Doutor Bonzinho”.

Ainda sofri por castigos impostos, com terríveis ameaças, como ficar sozinha na minha Escola durante o mês de férias coletivas, diariamente, das 13h às 17h, sem comunicar aos meus familiares, e lá aguardar um suposto telefonema “de muita importância para mim”. Mesmo muito constrangida e revoltada, cumpri à risca o desafio imposto, tudo fazendo para evitar maiores sofrimentos para minha família e para mim também.

Por tudo o que passei, senti-me só, naufraga num mar revolto. Não foi fácil. Por alguns dias não sai de casa, não fui trabalhar. Ficava na minha cama, muito tensa. Sequer saía do quarto para fazer minhas refeições. Estava arrasada e tinha que me recuperar. As pessoas, de um modo geral, estavam assustadas, temerosas, com muito medo da repressão. Precisei, então, reunir todas as minhas forças para lutar, para não sucumbir, para espantar

o fantasma do MEDO. E consegui, pois “encontrei ancoradouro no coração das crianças”.

Nessa época, encontrei amparo também, além dos meus familiares e da Escola, no coração de outra amiga, Ana Farias, que participou do movimento estudantil aqui em Campina Grande, onde concluiu o Curso de Serviço Social. Foi residir no Recife e sempre vinha visitar seus familiares, não esquecendo jamais de convidar-me para sair, tomar um sorvete, ir a uma cafeteria... Enfim, fazer com que eu saísse de casa e me divertisse um pouco. Era uma época em que era muito vigiada, perseguida, seguida... Eram muitos os que temiam estar comigo. E tinham razão. Ela não. Ela me acolhia com generosidade, com destemor e com uma especial atenção. Ana Farias, M^a das Graças Costa (Gracinha) e Rosimar Porto, amigas queridas, não as esquecerei, jamais! Como também Maria de Lourdes Lira, minha irmã, carinhosamente chamada por todos de Lourdinha, que fazia parte do quadro de professores e depois assumiu a Coordenação Pedagógica do Curso de Educação Infantil e que na minha ausência em virtude do sequestro, assumiu a direção da Escola com todo empenho, determinação e zelo, apesar do transtorno pelo qual estava passando, assim como os demais componentes da Equipe. São pessoas que trarei para sempre no meu coração e jamais me esquecerei dos seus feitos.

Alguns dias depois de regressar do sequestro, já estava me recuperando do trauma sofrido e com muito esforço e grande empenho, dei início aos ensaios da quadrilha e de outras danças para a festa junina da Escola, que se mantinha pequenina, mas como sempre ousada, destemida, segura de meus propósitos e confiante nos meus ensinamentos. E assim, continuei desenvolvendo um belo trabalho educacional com crianças de dois a dez anos e com professores que tinham assegurada sua formação permanente.

Não fora a suspensão do projeto de expansão da Escola por razões circunstanciais tão adversas, a abrangência de sua atuação teria sido de grande expressividade, de grande relevância. Foram grandes e incalculáveis os danos morais e os prejuízos materiais que esses lamentáveis fatos me causaram, os quais repercutiram para sempre em minha vida pessoal e profissional.

De 1964 a 1985 o Brasil, ou melhor, os brasileiros passaram por grandes transtornos com a Ditadura Militar que foi instaurada em nosso país.

Particularmente, eu e a “Escola Pequeno Príncipe”, por mim mantida e dirigida até dezembro de 2015, parte desse período, enfrentando todo tipo de arrogância e atrocidade. Mas, apesar de todas as adversidades, vencemos o inimigo. “RENASCEMOS” e continuamos a construir a nossa bela e significativa história no Campo da Educação de crianças em nossa cidade. Foram muitas as conquistas e por tudo isso me senti feliz, sinto-me realizada! Finalizando, proclamo: DITADURA, NUNCA MAIS!!!

Mas, a Vida continuou. Quatro anos depois de todos esses transtornos, em agosto de 1978, em plena Ditadura Militar, fui convidada para participar da implantação, no então Campus II da UFPB, hoje UFCG – Universidade Federal de Campina Grande/PB, juntamente com outras professoras dessa Instituição, de uma Unidade de Educação Infantil, cujo Projeto Regimental encontrava-se em tramitação na Reitoria da Universidade Federal com o então Reitor Prof. Linaldo Cavalcanti de Albuquerque que estava no final do seu reitorado e em visita ao Campus II, entregou-me o referido documento de criação da Creche, com a tão esperada aprovação.

Com muita dificuldade conseguimos, no dia 12 de outubro do mesmo ano, iniciar o funcionamento da nova Instituição, que passou a chamar-se Creche Pré-Escola do Campus II da UFPB, sem nenhuma formalidade inaugural. Hoje, UA EI – Unidade Acadêmica de Educação Infantil-CH/UFCG. Não poderia deixar de registrar, a participação imprescindível, inicialmente, do professor Sebastião Vieira, Pró-Reitor do Campus II de Campina Grande/PB e, posteriormente, do seu substituto professor Itan Pereira, de saudosa memória. De ambos recebemos todo o apoio necessário e possível, na época, para a consolidação do auspicioso projeto.



Figura 40 - Maura na sua mesa de trabalho na Creche no início de sua fundação - 1978.

Ao mesmo tempo em que me sentia instigada para esse novo desafio, encontrava dificuldades para conciliar os trabalhos da Escola com a nova responsabilidade que assumira. Mas pensava: “A luta só aos fracos abate. Aos fortes só faz exaltar” (Autor desconhecido).

Implantei a Proposta Pedagógica da Creche com base nos princípios de uma Educação Libertadora. Assumi a Coordenação Pedagógica da Entidade e desenvolvi meu trabalho articulado com os demais componentes da Equipe, acompanhando e orientando os professores, visando a aplicação consciente dos princípios psicopedagógicos a que aspirávamos.

Fiquei na Entidade contribuindo com o seu desenvolvimento por 14 anos. Quando constatei que a Proposta Educacional estava consolidada afastei-me e voltei a trabalhar só na “Escola Pequeno Príncipe” que precisava de mim e eu dela. Em outubro de 2018, fui convidada, com muito prazer para participar das atividades de comemoração dos 40 anos da UAEI – Unidade Acadêmica de Educação Infantil da UFCG.



Figura 41 - Maura participando das comemorações dos 40 anos de fundação da Creche da UFCG-UAEI - rememorando para as os presentes o histórico da sua fundação.



Figura 42 - Maura na frente da Creche, orgulhosa de fazer parte dos 40 anos da instituição.

Fico muito feliz em constatar que a sementinha que ajudei a plantar, há tempos atrás, enfrentando tantas adversidades, transformou-se em uma vigorosa e frondosa árvore que vem produzindo os mais belos frutos, cultivados com os insumos da Educação Libertadora que propusemos e que vem sendo primorosamente desenvolvida e aprimorada pelos bravos educadores que já trabalharam lá e os que hoje, entusiasticamente, abraçam e enriquecem com dedicação e fervor esse sonho transformado em realidade. Parabéns! Louvores! Salve! Salve!

“Conclamo todos os educadores a nunca deixarem de acreditar
no que fazem e que tenham sempre
entusiasmo pelas suas realizações.

Que o sonho e o amor continuem a existir,
pois quem ama será sempre feliz.

E você professor, merece toda felicidade do mundo!”

Comissão Estadual da Verdade - Concluo esse Capítulo, registrando minha participação na audiência pública promovida pela Comissão da Verdade e da Preservação da Memória do Estado da Paraíba, em 06 de agosto de 2013, tendo funcionado em um dos auditórios da Universidade Federal de Campina Grande – UFCG, a qual investigava no Estado os crimes cometidos durante os anos de chumbo. Na ocasião, como depoente convidada, ratifiquei minhas posições e ações políticas contra a Ditadura Militar instaurada no Brasil de 1964 a 1985, período em que os brasileiros passaram por grandes transtornos. Particularmente eu e a “Escola Pequeno Príncipe”, como registrei anteriormente, vivenciamos parte desse período, enfrentando todo tipo de arrogância e atrocidade que deixaram sequelas, sim. Como não deixaria? Mas não posso apagar a minha história. É importantíssimo falar, para que as novas gerações conheçam este capítulo da história do país, triste, mas que precisa ser rememorado. Entretanto, apesar de todas as adversidades, vencemos o inimigo. “RENASCAMOS” e continuamos a construir a nossa bela e significativa história no campo da Educação de Crianças em nossa cidade. Foram muitas as conquistas, e por tudo isso, sinto-me feliz, sinto-me realizada! E proclamo: DITADURA, NUNCA MAIS!

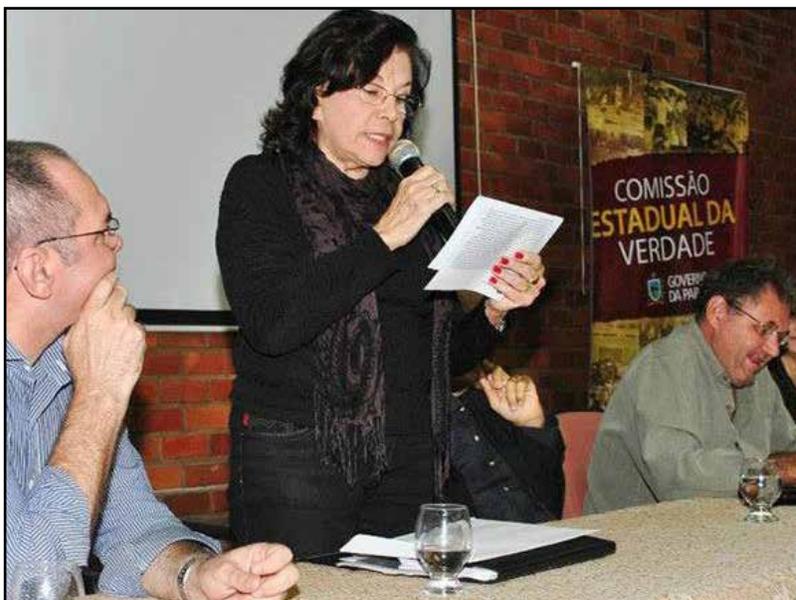


Figura 43 - Maura fazendo suas declarações ao público presente no auditório José Farias da Nóbrega – UFCG.



Figura 44 - Maura respondendo alguma arguição realizada pelo público no auditório presente.



Figura 45 - Maura ratificando suas posições e ações políticas contra a ditadura militar no Brasil, na audiência pública promovida pela Comissão da Verdade do Estado da Paraíba, em Agosto de 2013 – ladeada pelo Profº Fábio Freitas (In Memoriam) e Waldir Porfírio.

Afirmção do prof. Fábio Freitas - Coordenador do GT sobre o mapa da Tortura da Paraíba junto à Comissão Estadual da Verdade e da Preservação da Memória, na carta-convite para a audiência pública que nos enviou:

“Desnecessário reafirmar a valiosíssima contribuição
que os depoimentos de vocês,
com certeza irão trazer a esta tarefa
da reconstrução da verdade dos fatos
e da recuperação da memória sobre aquele período,
pensando muito na formação da consciência das novas gerações
e no limite, do estabelecimento da justiça - missão de grande
relevância pública.”



Figura 46 - Maura, Isabela Lira, sua Sobrinha e vários outros convidados, inclusive de outras cidades brasileiras, participando de um debate no 1º Café Jurídico da Facisa - Faculdade de Ciências Sociais Aplicadas – Título: “50 Anos do golpe militar no Brasil”.



Figura 47 - Maura e Isabela Lira, no momento especial participando do mesmo evento.



Figura 48 - Palestra proferida por Maura sobre a ditadura militar, a convite do Instituto Histórico de Campina Grande – IHCG.

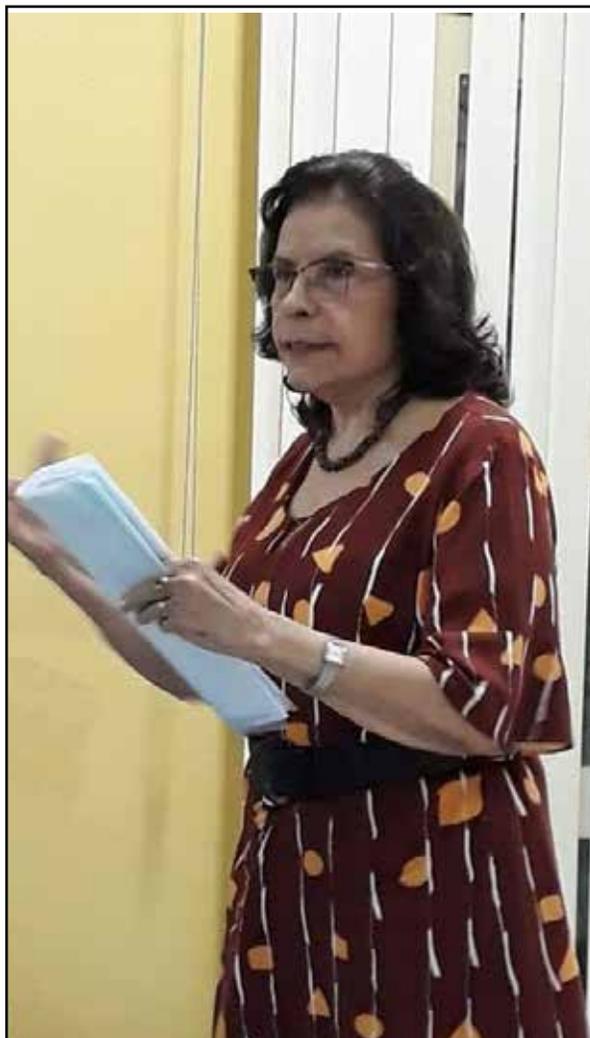


Figura 49 - Maura prosseguindo sua participação no evento do Instituto Histórico de Campina Grande – IHCG.



Figura 50 - Evento componente do 2º encontro para Nova Consciência.

Capítulo IV

A teoria posta em prática: Uma Dinâmica da Educação Libertadora



Figura 51- Na escola Pequeno Príncipe crianças brincam com liberdade para pensar e crescer.

UM SONHO E UM PROJETO DE VIDA - Quando o sonho de ensinar e de ter minha própria Escola ainda se constituía em um projeto não tinha ideia até onde chegaria e qual impacto meu trabalho, como educadora, iria ter na vida das pessoas. Assim como Paulo Freire, eu só tinha certeza de uma coisa: a educação liberta. E foi com esse pensamento que atuei na minha vida docente. Essa percepção já estava em mim de forma intuitiva e fui aprofundando-a a partir das leituras e estudos que realizei. Inicialmente as edições da Revista do Ensino, do Rio Grande do Sul, que passei a assinar, contribuíram para o aprimoramento da minha prática pedagógica, despertando cada vez mais meu interesse pela arte de ensinar e aprender. A cada edição que lia percebia que aquele era meu caminho: transformar vidas através da educação. Sempre busquei colocar em prática o que aprendia com as leituras realizadas não só em periódicos, mas em vários livros de especialistas na Área Educacional.

Tentei e consegui ao longo do meu trabalho colocar em prática uma proposta interdisciplinar de ensino, com metodologias abrangentes, com a utilização de música, teatro, poesia, artes visuais, literatura de um modo geral, recreação, jogos e tantas outras propostas instigantes para o aprendizado das crianças.

Era uma reciprocidade de aprendizagem e conseqüentemente um aprofundamento dos nossos conhecimentos e um aprimoramento de nossa prática educacional. De fato tínhamos, na Escola, uma formação permanente dos docentes. Sempre contei com profissionais, nos diversos setores, comprometidos com a nossa proposta que iam gradativamente se aprimorando, se enriquecendo e se atualizando com os resultados das pesquisas científicas voltadas à Educação que iam surgindo ao longo do tempo. E assim, a Escola desenvolveu com segurança, perseverança e muito estudo, uma Proposta Educacional diferenciada.



Figura 52 - Registro de uma das reuniões de formação permanente com as equipes pedagógicas do Pequeno Príncipe.

Conforme colocava em prática o que aprendia com as leituras e discussões sobre teorias e propostas inovadoras, mais envolvia professores, alunos e a comunidade escolar na ação pedagógica que desenvolvíamos. A nossa Proposta foi se consolidando com uma prática dinâmica e efetivamente fundamentada nos princípios de uma Educação Libertadora, tendo assim a aceitação e o reconhecimento da Comunidade pelo mérito do ensino diferenciado que praticávamos. Foi então que escolhi o lema: “Liberdade para Pensar e Crescer”. Busquei resumir no slogan a filosofia da Escola, a maneira como cuidávamos das crianças e como dava espaço para elas aprenderem, não repassando informações prontas, mas dando condições para que elas fizessem suas descobertas. Assim como Paulo Freire, passei a considerar o professor um mediador da aprendizagem dos alunos e não um transmissor de conhecimentos.

Com uma proposta pedagógica rica e dinâmica, o entusiasmo em aprender ia contagiando os professores, os alunos e seus familiares que transmitiam a outras pessoas o que era a Escola, como era o trabalho que desenvolvia. Com isso, foi adquirindo notoriedade e conquistando grande credibilidade, principalmente nos meios acadêmicos. Vendo que aquela metodologia estava sendo eficiente e consciente de que existia muito mais a aprender pedagogicamente e a consolidar os nossos saberes, comecei a participar de congressos e encontros sobre Educação em outras cidades brasileiras como Rio de Janeiro, Belo Horizonte, Porto Alegre e Recife.

Em uma dessas minhas participações em eventos educacionais, em 1972, fui a um Congresso Montessori, “Grupos de Tratamento Psicopedagógico Didático para Psicopedagogos” no Rio de Janeiro, embora não conhecesse bem o método que iria ser proclamado no Evento. Sabia que a italiana Maria Montessori, sua criadora, foi a primeira mulher a se formar em Medicina em seu país e de algumas ideias inovadoras por ela concebidas. Então, de antemão já simpatizei com a proposta dela, pois sabia que com esse pioneirismo, deveria ser uma mulher, à frente do seu tempo e, portanto, eu tinha muito que aprender estudando a metodologia proposta por ela que foi pensada, inicialmente, para crianças portadoras de necessidades especiais. Depois, foi aplicada para as demais crianças e também para adolescentes, com muito êxito. Os educadores de outros países inclusive do Brasil foram tomando conhecimento do método e se organizando para conhecer essa

inovadora proposta educacional, participando de estudos, de congressos e fazendo a aquisição da literatura especializada e do material didático específico. Foi o que fiz, também.

No local onde se realizou o Congresso, comprei o material didático Montessori, necessário à implantação do método em minha Escola, como também livros e apostilas. O trabalho era desenvolvido com material concreto, feito em madeira sendo alguns coloridos e outros envernizados, na cor natural da madeira. Todos esses atributos tinham o objetivo de facilitar o seu uso pelas crianças, principalmente as que tinham necessidades especiais, facilitando assim a inclusão das mesmas nas ações educacionais da época, caracterizando, portanto, o pioneirismo da criadora do método. Participaram, desse encontro, além de mim, três professoras da “Escola Pequeno Príncipe”.

Entusiasmei-me com essa metodologia e a apliquei, passando então a ser a pioneira, em Campina Grande, a desenvolver o seu Projeto Pedagógico para a Educação Infantil utilizando o “Método Montessori”. Na Escola, percebia-se que a aplicação dessa metodologia estava dando excelentes resultados. As crianças desenvolviam-se com práticas não só de aprendizagem dos conteúdos convencionais, mas com as vivências de socialização e integração entre elas. Estávamos iniciando assim, a formação de verdadeiros cidadãos. No dia a dia, víamos todas elas evoluindo de acordo com suas fases naturais de desenvolvimento. Respeitávamos sua individualidade e proporcionávamos condições de interagirem positivamente com o ambiente em torno de si. Não tive nenhum receio em colocar em prática essa metodologia tendo sido alcançado excelentes resultados.

Com o propósito de continuar aprimorando meus conhecimentos, exercendo uma formação permanente, inscrevi-me em 2002, em um Congresso no Recife e um dos Cursos oferecidos do qual participei foi ministrado pela filha de Paulo Freire, Madalena Freire, discípula dos ensinamentos do pai e guardiã do seu legado. Madalena Freire é professora, arte-educadora e pedagoga. Ela desenvolve sua proposta de educação voltada à Educação Infantil, aplicando os princípios freireanos e concebendo a Escola como espaço político-pedagógico, no qual a Educação é a possibilidade de humanização da sociedade e da construção de uma consciência crítica. Minha identificação com seu trabalho era evidente e as discussões naquele Congresso foram de grande importância para o meu crescimento profissional.



Figura 53 - Maura com Madalena Freire, no Recife, oportunidade em que participou de um Congresso Educacional.

Havia uma singularidade que os pais estranhavam quando visitavam a Escola pela primeira vez: Minha sala não ter porta. Eles perguntavam a razão disso e quando explicava que era para as crianças terem um acesso fácil sempre que precisassem resolver alguma coisa comigo ou simplesmente procurar-me para dar um abraço, logo percebiam que a Escola devotava uma atenção especial para o que a criança tinha a dizer ou a fazer e que seus filhos tinham vez e voz na “Escola Pequeno Príncipe”. Ou seja, as portas da Escola estavam sempre abertas para recebê-las e acolhê-las no que fosse preciso.

Às vezes as crianças estavam aborrecidas, insatisfeitas, chorando, sem participação. Eu era então chamada para “socorrê-las” ou “socorrer” a própria professora. Com as pequeninas, as acolhia no colo, conversava, brincava... Chamava a atenção para um passarinho ou uma borboleta que voava... Uma formiga carregando uma folha verdinha... Um galho na árvore balançando com o vento pra lá e pra cá e eu com a criança nos braços imitando o gostoso balançar. E tudo passava. Voltavam a alegria, o sorriso e o brilho nos olhinhos. Chegava então a vontade de ir para a sala, integrar-se com as demais crianças e realizar atividades propostas ou as de livre escolha. E eu, feliz, retornava ao “meu lugar”. Era assim, sempre, com as crianças!

As maiores, se assim estavam, iam à minha procura, entravam e apresentavam suas queixas. Às vezes vinham de casa, assim, tristonhas, insatisfeitas, até mesmo zangadas. Dependendo do caso, iniciávamos um diálogo, após um aconchegante abraço por mim sugerido. E, depois do desabafo inicial e da conversa sugerindo reflexão e se mesmo assim o “mal” não passasse, propunha que ficasse ali mais um pouco e oferecia-lhes um livro para ler ou simplesmente para folheá-lo. Propunha, também, nessas horas a observação da passagem do tempo. E aí, minha linda ampulheta com areia azul, entrava em cena. Era um deleite para elas e para mim também. E com outro amoroso abraço encerrávamos nosso prazeroso e proveitoso encontro.

Era comum, por exemplo, vez por outra uma criança chegar direto à minha sala e dizer que estava com dor de cabeça ou com dor de barriga. Então, eu a recebia com toda atenção e carinho, fazia uma massagem na região afetada e se mesmo assim demonstrasse indisposição, sonolência, convidava-a a deitar em um sofá que tinha na sala, onde colocava um colchonete, um pequeno travesseiro e oferecia um lençol para cobrir-se. Quase sempre dormia um sono gostoso ali mesmo, na sala da direção e se recuperava do mal estar que a afligia. Quando acordava, vinha animada e dizia: “Tia” Maura, já fiquei bom/boa. Quero ir para a minha sala”. No acolhimento que dávamos a elas, escutando e dando importância àquela sua necessidade, as crianças se sentiam confiantes, seguras, sabiam que não iriam ser ignoradas no que estavam sentindo e, com isso, gostavam cada vez mais de estarem na Escola, pois lá, sentiam-se respeitadas, felizes, seguras.



Figura 54 - A informalidade das crianças da educação infantil na sala da diretora.



Figura 55 - Criança aconchegada na sala da “Tia Maura”.

Muitas vezes, alguns pais chegavam e encontravam crianças na minha sala. Aquilo chamava a atenção deles e eu percebia que achavam a situação interessante. Percebiam que as crianças se sentiam tão à vontade que era como se o colégio fosse uma extensão de suas casas. Tanto era assim que, quando havia alguma discordância entre elas, as maiores, o conflito era resolvido de forma bem original: Dizia que estava terminando um trabalho escrito e quando o concluísse as atenderia. Sugeria então, que se quisessem poderiam ficar próximos à porta que tinha venezianas abertas, com vista para a rua e que gostaria de saber o número de carros vermelhos ou azuis que iam passando em frente da Escola.

Enquanto isso ficava no meu birô, trabalhando e observando suas reações. Quando menos esperava, ouvia-as, tranquilamente, comentando sobre algum carro diferente que tinha passado, já sem o menor rancor do que havia motivado a discordância entre elas, quando, enfim, as chamava para conversarmos sobre o conflito que houve. Cada uma dava sua versão e eu as ajudava a encontrar soluções para futuras situações nas quais fossem contrariadas. Ao final, faziam as pazes espontaneamente, sem minha interferência e passavam a entender um pouco mais sobre respeito mútuo e como evitar conflitos futuros.

Os princípios psicopedagógicos e filosóficos aplicados na Escola, ao longo dos anos, foram se estruturando e se aprimorando, paulatinamente, com estudos, leituras, participação em congressos, troca de experiências e muita reflexão. Mas posso afirmar que, além de minha mãe, Prof^a Gina Pessoa Ramos, foram Paulo Freire, Maria Montessori, Jean Piaget, Emília Ferreiro, Lev Vygotsky, dentre outros, que contribuíram significativamente para a consolidação das normas educacionais que me nortearam como educadora e à Escola como consequência.

A “Escola Pequeno Príncipe” tinha como propósito contribuir para o desenvolvimento pleno e harmonioso de crianças da Educação Infantil e as do Ensino Fundamental, anos iniciais, seguimentos com os quais atuávamos, promovendo o estímulo à participação ativa do aluno, o incentivo à liberdade de expressão, à criatividade e à ampliação do seu universo cultural, capacitando-o para o prosseguimento dos estudos, bem como contribuindo para a formação de um cidadão ecologicamente consciente e politicamente participativo.

Essa deliberação era posta em prática tendo como princípios a concepção de criança como um sujeito social, interativo, capaz de construir seu próprio conhecimento. O respeito à criança como pessoa, como indivíduo inteligente e capaz, era uma máxima aplicada em todas as circunstâncias, inclusive no que dizia respeito às suas diferenças individuais. A participação ativa da criança, já que a atividade é o ponto de partida do conhecimento, era estimulada, cotidianamente, incentivada a liberdade de expressão e a criatividade, a gestão democrática do ensino, o apreço à tolerância, ao respeito e à cooperação, assim como a aprendizagem interativa, com organização de trabalhos em grupo.

Para Emília Ferreira (2000) “Um dos maiores danos que se pode causar a uma criança é levá-la a perder a confiança na sua própria capacidade de pensar”.

As práticas que estimulávamos em nossas crianças, faziam com que elas tivessem confiança em si e as transmitissem para as outras e também para nós educadores. Nossa meta era permitir que elas se desenvolvessem de forma independente e livre. Isso não queria dizer que não existiam regras a serem seguidas. Porém, dávamos liberdade de escolha e a chance da criança aprender a partir de seus próprios erros e desenvolver-se de forma geral. Para alunos da Educação Infantil propúnhamos, intencionalmente, atividades simples como ir, inicialmente em dupla, à Secretaria da Escola ou à sala da Coordenação Pedagógica e muitas vezes à minha, para solicitação ou entrega de um determinado material a pedido da Professora. Ou mesmo um recado com o objetivo de desenvolverem a comunicação oral.

Quando sentíamos que já estavam desinibidas e seguras para realizarem essas incumbências, a solicitação poderia ser feita a uma única criança. E as maiores, do Ensino Fundamental, para educá-las a assumirem compromissos, por mais simples que fossem, com responsabilidade, promovíamos, dentre outras atividades, eleições para escolherem os representantes das suas turmas. Era muito interessante observar como se envolviam e interagiam trazendo para a direção da Escola suas reivindicações em uma verdadeira prática de senso democrático e de cidadania.

Certa vez ao estudarmos bons hábitos alimentares através de uma alimentação balanceada e nutritiva, sentimos a necessidade de rever os alimentos oferecidos às crianças, através da Cantina Escolar. Isso na década

de 80. Concluímos que os refrigerantes deveriam ser substituídos por sucos naturais de frutas e que os tradicionais salgadinhos seriam suprimidos e entrariam sanduiches naturais, bem mais saudáveis. Houve, então, protestos dos alunos maiores exigindo a volta dos alimentos retirados do cardápio, através de cartazes por eles confeccionados e fixados nas paredes da nossa Área de Recepção. Também fizeram greve, não comprando seus lanches como faziam anteriormente e ainda insuflando, na hora da merenda, as crianças menores, da Educação Infantil a não adquirirem seus lanches na Cantina e exigindo a volta, principalmente dos refrigerantes.

Analisei o contexto e promovi uma reunião com os grevistas e comuniquei que estava observando um clima de insatisfação deles em relação à Cantina. Depois que expressaram os seus motivos, mostrei que todos nós estávamos estudando a importância de uma alimentação saudável e que seria uma incoerência dizermos uma coisa e praticarmos outra oposta. Reconheci minha responsabilidade em prover a Cantina de lanche saudável para os alunos. Finalizando propus que se reunissem, estudassem o problema e definissem uma contra proposta para me apresentarem através de representantes das turmas.

No outro dia fui avisada que uma comissão representando os alunos queria falar comigo para apresentar a proposta deles que foi a seguinte: “Tia Maura”, como me chamavam. Chegamos à conclusão que os salgadinhos serão substituídos pelo sanduiches naturais e que em dois dias da semana, além dos sucos, teremos também os refrigerantes. E nos outros três serão servidos como bebida só os sucos.” De imediato, sem questionamentos, disse-lhes que aprovava a proposta apresentada o que causou alegria a todos. No ano seguinte, tive condições de afastar de vez os refrigerantes, com sucesso. E assim o processo democrático ia sendo, interiorizado por eles, que agindo dessa forma estavam construindo sua cidadania.

A práxis educativa da Escola sempre esteve alicerçada em uma concepção sócio construtivista, a qual prioriza e incentiva a construção do conhecimento pelo aluno por meio de uma dinâmica de interação com o meio em que vive. Todo o trabalho desenvolvido foi voltado aos objetivos de favorecer o desenvolvimento integral do aluno, respeitando as características de cada faixa etária, as diferenças individuais e o ritmo próprio de cada um. As capacidades físicas, afetivas, cognitivas e sociais de cada criança eram

estimuladas com dinamismo e integração, o que propiciava o desenvolvimento das inteligências múltiplas conceituadas por Howard Gardner, cientista norte-americano que causou forte impacto na área educacional com sua teoria das inteligências múltiplas.

As vivências de independência, responsabilidade, convivência e respeito, integravam a psicopedagogia da “Escola Pequeno Príncipe”. Meu propósito sempre foi oferecer às crianças condições para que seu aprendizado ocorresse através de atividades cotidianas, provocadas por situações pedagógicas intencionais, orientadas e mediadas pelo professor em constante interação com o grupo e, também, daquelas que surgiam espontaneamente ou eram propostas pelos próprios alunos. Conseguimos colocar em prática situações de aprendizagens significativas, articuladas, estimulantes, reflexivas e desafiadoras. Eu e a minha equipe de professores buscávamos meios para aguçar a curiosidade dos alunos, para que eles estivessem em constante interação com o objeto do conhecimento, sendo desafiados a pensar, formular e explicitar suas próprias ideias sobre aquele objeto em estudo.

Por falar em aprendizagem significativa, farei referência às atividades propostas pelas escolas de um modo geral, para serem feitas em casa. A tradicional “lição de casa”. Por muito tempo essas tarefas eram consideradas de grande importância para o aprendizado das crianças. Até mesmo para as pequenas de 4 a 5 anos eram propostas algumas atividades para realizarem em casa, como pintar alguns desenhos impressos, unir com um traço figuras semelhantes ou completar algo que faltava em determinada gravura, dentre outras. Para as do Fundamental, geralmente, a tarefa constava de exercícios escritos envolvendo mais de um componente curricular, numa forma de revisarem conteúdos trabalhados na sala de aula, naquele dia. Tudo bem, desde que não fossem longos, enfadonhos e difíceis.

Sempre me questioneei se não estávamos com essa proposta atropelando outras necessidades das crianças. E o tempo livre para brincar, para integrarem-se com os irmãos, com os familiares, com amigos? Tempo precioso para realizarem atividades por elas mesmas planejadas, criadas, improvisadas. E quando se esqueciam de realizá-las, era uma aflição para elas e também para os pais ou responsáveis que iam, muitas vezes, de última hora ajudá-las, quase sempre reclamando e advertindo o filho por não ter tido

responsabilidade com seus deveres, deixando a criança contrariada, constrangida e quase sempre chorando.

Mas, e chegar à Escola sem as ter realizado? Como justificar-se com o professor? E os colegas, como reagiriam? Valeria a pena todo esse transtorno? E pensando assim, reformulei essa proposta, na época tão valorizada. Para as crianças da Educação Infantil não propúnhamos “lição de casa”. As maiores, do Ensino Fundamental, tinham de 2ª a 5ª feira, com orientação para os professores passarem tarefas interessantes e agradáveis e que não ocupassem todo o tempo que a criança dispunha. As 6ªs feiras eram livres. Não havia “lição de casa” para nenhum aluno. Final de semana com tempo disponível para uma melhor integração com a família e também puderem brincar livremente, objetivando sempre que a criança fosse feliz. Recentemente li um artigo sobre esse tema no qual o Psicopedagogo italiano Francesco Tonucci afirma: “Não percamos esse tempo precioso com lição de casa”. Há décadas, a “Escola Pequeno Príncipe”, teve a iniciativa de reduzir a utilização do precioso tempo da criança, gasto com esse tipo de atividade.

Uma das principais orientações que repassava aos professores era no sentido de que eles procurassem sempre, vincularem-se aos alunos afetivamente, questionando, orientando, informando, auxiliando, apoiando, no sentido de não atropelar o seu processo, valorizando suas ideias e respostas, desenvolvendo sua autoconfiança, aceitando os erros como indícios do modo de pensar das crianças, trabalhando a partir dos erros, para que o aluno avançasse na trajetória da construção do seu próprio conhecimento.

Ao longo da minha jornada como professora, sempre me questioneei sobre os processos avaliativos aplicados nas escolas de um modo geral, realizados na sua grande maioria, através de provas escritas, principalmente, às quais eram aferidas notas de 0 a 10. Entendia que, mais do que estimular o aprendizado, essa metodologia fomentava uma competição entre os alunos para ver quem era mais inteligente, quem tinha mais capacidade ou quem conseguia uma nota mais alta. Relutava em acreditar que aquela fosse a melhor forma de atestar os resultados do processo ensino-aprendizagem. Então, lancei mão da proposta de Avaliação Mediadora, de forma contínua e processual, envolvendo todos que participavam da ação educativa na Escola.

De acordo com Montessori (1949) “As pessoas educam para a competição e esse é o princípio de qualquer guerra. Quando educamos para cooperarmos e sermos solidários uns com os outros, nesse dia estamos a educar para a paz”.

A Avaliação Mediadora tem um propósito mais amplo e abrangente, sendo um procedimento justo e norteado por três princípios fundamentais: o de investigação docente, que faz o professor assumir um espírito investigador sobre os processos utilizados por cada criança na construção do conhecimento; o de provisoriedade de juízos estabelecidos, no qual deixa os professores atentos para perceber a provisoriedade das observações feitas sobre a criança, por conta da aceleração no seu processo de desenvolvimento e da permanente evolução do seu pensamento; e o de complementariedade, que acompanha a trajetória da ação e do pensamento da criança, onde o professor deve propiciar sucessivos e gradativos desafios a fim de verificar as hipóteses sobre o seu desenvolvimento. Esses princípios foram definidos pelo Ministério da Educação e através do Conselho Estadual de Educação do Estado da Paraíba - CEE/PB, tomei conhecimento e os incorporei à nossa Proposta Pedagógica, após estudo e discussão sobre a temática, com o corpo docente da Escola.

Como metodologia para a avaliação mediadora, adotávamos registros frequentes e significativos sobre as manifestações das crianças, como embasamento para o atendimento individual e a continuidade da ação educativa. A mediação era uma forma de acompanhamento do seu processo de desenvolvimento e o contato frequente e sistemático entre os educadores que lidavam com as crianças e os pais ou responsáveis, que eram sempre muito estimulados a participarem dessa nova proposta cujas diretrizes metodológicas fundamentais estão explicitadas no texto que segue abaixo, como instrumento norteador dos registros que deverão ser realizados pelos professores em seus Diários de Campo, orientado pela coordenadora pedagógica da escola Suzana Queiroz.

DIÁRIO DE CAMPO

O Diário constituía-se num importante instrumento para a observação e registros diários, procedimentos fundamentais à prática de um professor reflexivo.

Tem como objetivos descrever os processos de aprendizagem vivenciados pelos alunos, suas facilidades, suas dificuldades e o que está sendo feito para saná-las, como também refletir sobre o fazer pedagógico. É a partir dos diagnósticos realizados nas atividades de leitura e escrita, no raciocínio lógico, nas atividades das diversas disciplinas estudadas que você professor, deverá registrar em páginas separadas por aluno, além dos diagnósticos, os resultados contínuos e sistematizados das avaliações realizadas. O professor pesquisador faz de sua práxis pedagógica uma constante renovação. Compromisso político e competência, como defende Paulo Freire, levam o professor a desenvolver ações que garantam ao aluno o direito de aprender.

No final de cada bimestre, eram enviados aos pais ou responsáveis, pelos alunos do Ensino Fundamental, os resultados da avaliação daquele período. Para as turmas do 1º e 2º anos adotávamos relatórios descritivos. E do 3º ao 5º ano, os registros eram apresentados em fichas específicas, onde constavam expressões valorativas, tais como: Ótimo (O), Bom (B) e Regular (R). Quando determinada aprendizagem não havia se processado significativamente, era registrada a expressão “Em processo”. Nessa ficha era feito, também, um registro descritivo relatando o progresso do aluno, suas dificuldades e providências para saná-las. A Escola utilizava instrumentos e técnicas diversificadas, objetivando uma aferição ampla de todos os pro-

gressos alcançados pelo aluno e a percepção de suas dificuldades, visando a uma melhoria contínua de seu aprendizado e do seu desenvolvimento.

A adoção da avaliação mediadora, com esse método de registro do processo avaliativo, surtiu efeitos muito positivos. De um lado, não havia pressão sobre os alunos e eles se sentiam livres para aprender. Do outro, conforme iam percebendo as dificuldades específicas de cada criança, os professores já agiam no sentido de auxiliá-la a superar aquele eventual problema e, assim, o aprendizado ia se consolidando.

Entendendo a avaliação como um processo contínuo de acompanhamento e compreensão dos avanços e das dificuldades do aluno, a necessidade de recuperação processava-se de forma paralela, ao longo de cada bimestre ou mesmo do ano letivo, não deixando acumular nem solidificar deficiências e defasagens. Abolimos aquele período específico de aulas só para os alunos que não obtinham resultados satisfatórios, o que tanto os angustiava. E assim, a tão temida expressão “Ficou em Recuperação”, extinguiu-se na “Escola Pequeno Príncipe”, há décadas, para o bem das crianças e para a tranquilidade dos seus pais que louvavam a Escola e felizes abraçavam os filhos.

Estimulávamos as crianças a serem livres para pensarem e crescerem. Naturalmente, isso as fazia independentes, questionadoras e criativas. Aliado a isso, elas desenvolviam sentimentos de solidariedade e fraternidade a partir das atitudes exercidas pelos adultos que conviviam com elas na Escola e também do acompanhamento que recebiam no dia a dia, era possível vermos esses comportamentos em pequenas ações como, se uma delas caísse, outras iam socorrer e não ficavam rindo da queda do colega.

Dava para perceber que, no que dependia do ambiente escolar, elas eram realmente felizes e solidárias umas com as outras. E para contribuir para que esse sentimento de solidariedade fosse exercido mais amplamente, criamos o “Projeto Escola Solidária” que constava de Campanhas para aquisição de brinquedos, gêneros alimentícios não perecíveis, roupas, agasalhos e produtos de higiene pessoal para uma determinada Instituição ou para colaborar com Entidades ou grupos que estivessem realizando esse tipo de campanha para pessoas necessitadas.

Os produtos arrecadados eram entregues pelas crianças aos representantes das instituições que iam à Escola para recebê-los ou, algumas vezes, íamos diretamente, com os alunos, entregar o resultado da Campanha realizada o que representava grande satisfação para a criança. Tudo isso se deu em virtude dos princípios que aplicamos e que sempre estimularam a solidariedade, o respeito e a convivência harmoniosa com as diferenças, o que foi se consolidando no dia-a-dia das nossas vivências.

As apresentações artísticas, por exemplo, que realizávamos, eram cheias de vida e geralmente com as crianças querendo participar. Não eram selecionadas. Uma criança somente não participava de uma dessas experiências se não quisesse e, mesmo assim, era estimulada a se integrar na atividade de alguma maneira.

Sempre conduzimos as crianças com muito respeito. E assim, elas foram aprendendo o respeito próprio e o respeito aos outros. Desde o início da Escola já tinha uma grande preocupação com a inclusão, mesmo sem se ter ainda normas legais, desenvolvíamos, de modo informal, mas com constância, firmeza e naturalidade, ações educativas com esse objetivo. E principalmente as atitudes que conscientemente tomávamos. Educando assim pelo exemplo nossos alunos conviviam sem dar importância às diferenças. Conviviam em harmonia, aprendendo a respeitar, numa integração prazerosa.

A pedagogia da libertação e o amor por ensinar faziam parte das ações de todos os que trabalhavam na Escola. Era algo tão intrínseco que ousou dizer que estava impregnada, também, em cada canto e recanto físico da Escola. Como por exemplo, a castanhola cultivada no pátio simbolizava bem esse meu pensamento. Contarei como surgiu essa árvore em nossa história.

Uma Castanhola pequenina, mas muito viçosa, foi encontrada no quintal de minha casa, por sobrinhos/ex-alunos meus, que logo sugeriram que a levasse para ser transplantada na Escola. De imediato aprovei a alvissareira proposta e escolhi um privilegiado local entre a Quadra de Esportes e as Salas e Aula, bem em frente da Área de Recepção, onde a acolhemos. Plantada e cuidada com muito desvelo, nossa Castanhola cresceu saudável, desenvolveu-se e aos poucos se transformou em uma bela, verdejante e frondosa árvore, dispensando assim sua grade protetora. Com isso expandiu seu aconchego e ampliou sua intimidade com as crianças. Visitar a Cas-

tanhola, regar, abraçar, cantar para louvá-la, escrever pequenas mensagens carinhosas para serem fixadas no seu tronco, eram atividades frequentes e fascinantes que foram estimuladas nas crianças por mim e pelos demais educadores. O convívio com essa dadivosa árvore era uma verdadeira festa, sempre! E não ficava por aí.

A pródiga castanhola cresceu, mas conservou seus primeiros galhos baixinhos, dando acesso às crianças menores que, entusiasmadas tentavam alcançá-los para neles ficarem, inicialmente, penduradas, balançando-se para lá e para cá, inseguras, mas numa grande euforia. Logo que superavam os primeiros temores, as maiores subiam nos seus galhos, sentavam-se e deleitavam-se com a conquista alcançada e ficavam a observar os que iam chegando, expressando uma imensa satisfação. A próxima façanha era subir por etapas os galhos mais altos onde se sentavam, ficavam em pé, equilibrando-se agora, com confiança, segurança e destreza, numa felicidade incontida.

E quando chovia, podiam subir na árvore? Era aí, que se processava um especial aprendizado significativo. Inicialmente, comigo e depois com os demais educadores, quando dizíamos: Como estão troncos e galhos da castanhola, hoje? Vamos ver? Pedíamos que tocassem com as mãozinhas e sentissem a textura. E juntos observávamos que os galhos estavam viscosos, grudentos, pegajosos. Concluíamos, então, que não seria naquele dia que iriam vivenciar novas aventuras e alcançar outras conquistas. E outras brincadeiras eram propostas.

Nunca imaginei que essa árvore iria ter um papel tão relevante na minha prática educacional. Ela transformou-se numa efetiva coadjuvante na aplicação dos princípios psicopedagógicos que nortearam nossa Proposta Educacional Libertadora, visando autoconfiança, responsabilidade, integração, ao respeito mútuo. Enfim, um aprendizado de vivência e convivência saudáveis, de descobertas e de integração. Quanto aprendizado não foi aí estimulado, desenvolvido! Valorização da Natureza, afetividade, habilidade de expressão, da comunicação através da escrita, da oralidade, a solidariedade, o respeito, a autoconfiança, a destreza, a independência e tantos outros. Tudo de forma lúdica e prazerosa. Um encanto essa vivência e convivência com essa árvore, a nossa “Árvore do Saber”!



Figuras 56 e 57 - Árvore, a nossa “árvore do saber”! sempre assim: vivência, convivência, descobertas e integração. A intimidade das crianças com a castanhola.



Figura 58 - Árvore, a nossa “árvore do saber”! sempre assim: vivência, convivência, descobertas e integração. A intimidade das crianças com a castanhola.

Essa prática foi exercida, continuamente, pelo espaço de uns trinta e cinco anos, até o último dia de funcionamento da Escola, tendo sido sempre exultada, incentivada e louvada. E assim as crianças eram felizes pelos desafios vitoriosos, felizes pela liberdade vivenciada com responsabilidade e autonomia, felizes com as conquistas alcançadas. Como valeu termos aplicado os princípios norteadores expressos no nosso slogan “Liberdade para Pensar e Crescer”. Como valeu!

Em toda a minha vida, tenho sido sempre questionadora. Entendo que se a pessoa não questiona, não cresce, não amplia seus conhecimentos, não os aprimora. Isso não quer dizer ser contestadora, ser radical, mas alguém que vê questões por vários ângulos e não se satisfaz com o “lugar comum”. Assim como na Dialética, sou de argumentar e discutir, pois sempre me senti comprometida em buscar a Verdade. Na “Escola Pequeno Príncipe”, enquanto muitos assuntos eram velados pela sociedade, busquei inserir discussões e adotar medidas que fizessem todos evoluírem em seus con-

ceitos, com o objetivo de fomentar um convívio social mais justo e igualitário. Todo esse trabalho tinha o respeito e o apoio dos pais e da comunidade como um todo. Assim a “Escola Pequeno Príncipe” foi precursora de mudanças em muitos aspectos, inclusive nos relacionados com preconceitos. Em nosso trabalho pedagógico, a preocupação maior era com a formação de bons cidadãos críticos e conscientes de seu papel na sociedade.

No dia a dia da Escola, lidávamos com as diferenças de um modo espontâneo natural, tomando, por exemplo, a não distinção de brinquedos de meninos e brinquedos de meninas, deixando natural a questão de gênero na Escola; questionamos e redimensionamos a discussão sobre religiosidade e educação; suprimimos o ensino religioso; redefinimos a proposta de como poderiam ser substituídas as tradicionais festas de “Formatura dos Doutores do ABC”, entre tantos outros quesitos que envolviam o trabalho educacional como a orientação sexual das crianças que foi introduzida no Currículo e incluída no Horário Escolar para os alunos de 09 a 11 anos. As aulas eram ministradas pela então Orientadora Educacional da Escola Prof^a Maria de Lourdes Ramos Lira, pedagoga que desenvolvia esse trabalho com fundamentação científica, muito empenho, dedicação e clareza. Isso tudo em uma época em que tratar de sexo com crianças, principalmente na escola, era inconcebível em virtude do apego aos padrões impostos sem questionamentos.

Quando a Escola ainda chamava-se “Instituto São Bento”, por exemplo, na cidade todos os educandários ministravam aula de religião. Fui criada na religião Católica, com minha mãe frequentando a igreja e levando os filhos a participarem dos cultos e demais eventos religiosos. Naquela época, as escolas colocavam as crianças para rezarem antes de começar a aula e ainda tinha a disciplina específica Religião. Havia um Catecismo de autoria do Padre Negro Monte que era adotado pelos colégios, de um modo geral e, como estava iniciando na vida docente, adotei-o como parâmetro.

Ministrava a aula de Catecismo para os alunos, mas comecei a sentir que não era daquela forma que deveria ser ensinado Religião às crianças. Era uma proposta de trabalho que priorizava a memorização, com perguntas e respostas prontas, sem espaço para um questionamento, para um pensamento crítico e reflexivo. Não me sentia, ainda, preparada, segura para

desenvolver um trabalho com conteúdos religiosos nessa perspectiva, pois era muito jovem, mas sentia que havia algo errado, inadequado.

Sempre fui a favor da réplica e da tréplica, de ir à busca de respostas para meus questionamentos. Era esse o meu empenho, mas não estava ainda segura dos meus propósitos na área de doutrina religiosa. Então, deixei de utilizar o livro. Achei mais fácil e prudente. Ainda dei aulas de acordo com o que aprendi com D. Gina, minha mãe. Mas, depois, com o pensamento mais formado, concluí que não fazia sentido a Escola ensinar religião da forma como era feita e também realizar a Primeira Eucaristia das crianças. Não era justo, a meu ver, ministrar um ensino religioso específico quando havia crianças com uma orientação religiosa diferente. Sentia como sendo algo arbitrário e uma imposição. E eliminei, assim, o Ensino Religioso do currículo e conseqüentemente deixei de promover a cerimônia da Primeira Eucaristia. Isso no meio da década de setenta. Algumas décadas depois, as Escolas públicas e particulares passaram, por Decreto Federal, a serem laicas, a não ser as fundadas e mantidas por instituições religiosas.

Quando os pais questionavam a respeito do assunto eu os orientava a matricular seus filhos, se assim desejassem, nas aulas de religião promovidas pela Paróquia do Rosário, cuja Matriz situava-se bem próxima da Escola, podendo assim preparem-se para a Primeira Eucaristia e explicava o motivo de não realizá-la. Tínhamos crianças com outras religiões e eu não me sentia bem em isolá-las de uma solenidade ou de uma atividade que seria feita na Escola ou promovida por ela, onde estudavam, mas não poderiam participar, por determinação da família. Enfrentei resistência por parte de alguns pais, porém continuei firme com meus propósitos. Fui criada praticando a religião católica, mas estava claro para mim que impor uma religião para todos não é correto. Hoje, vejo que aquela inquietude dentro de mim sobre essa questão, era minha cidadania e respeito ao próximo, falando alto.

Mesmo que, inicialmente, alguns pais não gostassem dessa minha decisão, estava convicta que era o mais certo a fazer, porque cada pessoa deve ter sua individualidade respeitada e uma religião não poderia se sobrepor às demais, ignorando a presença de pessoas com outras crenças. Desde então, pioneira em muitas questões como foi, a “Escola Pequeno Príncipe”, nesse tempo já atuava no combate à intolerância religiosa.

Outra questão que fez a Escola afastar-se das atividades tradicionais diz respeito às famosas festas dos “Doutores do ABC”. Os colégios, de um modo geral, faziam e muitos ainda fazem essa festividade com as crianças que concluem a Alfabetização. Hoje 1º Ano do Ensino Fundamental. Guardando-se as devidas proporções tratava-se de uma solenidade equivalente a uma formatura de conclusão de um Curso Superior. E cada vez mais com muita pompa. Acho tudo isso muito artificial e desnecessário. Uma solenidade inadequada, sem sentido e que poderia haver outra proposta se era de fato importante a comemoração dessa etapa da escolaridade infantil. Primeiro porque aquele aluno não estava se doutorando ainda, pois, apenas iniciara seu processo de aquisição da leitura e da escrita. Estava sendo alfabetizado. Então não havia sentido realizar uma festa desse porte, nessa fase da vida escolar da criança.

A ideia correta, para mim, seria fazer algo que marcasse a nova etapa de aprendizado, mas sem conotações de conclusão de algo, até mesmo porque aqueles eram os primeiros passos para um longo caminho que estava por vir. Por uns três anos, a pedido dos pais, realizei esse evento, mas a cada vez que acontecia, mais sentia que algo estava fora do propósito que deveria ter, apesar de realizá-lo com características infantis, com um modelo diferente. Para a composição da mesa de honra eram convidadas, não autoridades ou pessoas de destaque na comunidade e sim, crianças da Educação Infantil de outras Escolas, que vinham representando os Estabelecimentos onde estudavam e tendo o “Pequeno Príncipe”, uma criança devidamente caracterizada, presidindo a solenidade. Algo lúdico onde os personagens principais eram as crianças.

Mesmo assim, com todas essas adaptações, deixei de realizar essa atividade, pois não via nela sentido nem propósitos educativos adequados às crianças. Substitui a formatura por uma dramatização com o título “O Jardim Adormecido”. Texto e direção feitos por mim. As crianças eram as flores e a professora era a fada que ia acordando cada plantinha para brincar com o “Pequeno Príncipe” representado por uma das crianças. Todas devidamente caracterizadas. Assim, o “Doutor do ABC” foi substituído por uma peça teatral, bem simples, mas rica de inspiração na alegria do mundo encantado da criança. Todas se envolveram com satisfação e participaram com muito entusiasmo o que me deixou feliz e tranquila.

Apesar da resistência de alguns pais, a aceitação por parte da maioria foi excelente. Entenderam e aprovaram a nova proposta. Dois anos depois passei a realizar, no final do Ano Letivo, com a participação de todos os alunos, outro modelo de festa, envolvendo as diversas linguagens da Arte: Música, Dança, Dramatização, dentre outras. Tudo foi tão mais marcante para as crianças que a cada ano todas se envolviam entusiasmadamente com as atividades festivas de encerramento das aulas, rumo às férias escolares.

Era comum nas escolas a comemoração de datas especiais, como Páscoa, Dia das Crianças, Dia das Mães, Dia dos Pais, São João, Natal, dentre outras. Na “Escola Pequeno Príncipe”, vivíamos essas comemorações, mas busquei novos critérios, pois achava que algumas práticas, às vezes, chegavam a ser um tanto excludentes e tristes para algumas crianças. Um exemplo claro disso eram as festas do Dia das Mães e do Dia dos Pais. Por muitos anos, como professora, eu me chocava quando havia atividades de preparação das lembrancinhas para os pais ou mães e via uma criança que não tinha um deles tendo que participar daquela atividade, porque fazia parte das tarefas da turma e não queria deixar de fazê-las para não chamar a atenção e a curiosidade dos colegas.

Passei a refletir muito sobre isso. Algumas crianças viviam uma situação familiar específica. Ou um dos pais já era falecido, ou a criança era criada por uma avó, ou os pais eram separados e a relação familiar era especial. Enfim, muitas situações vivenciadas pelas crianças faziam com que aquela data fosse um momento de tristeza para elas. Claro que muitos não tinham problemas e desfrutavam desses momentos com entusiasmo e harmonia, mas eu sentia não ser justa com aqueles que não podiam viver essa mesma experiência positiva. E também levava em consideração, já desde muito tempo, que os modelos familiares iam muito além do papai, da mamãe e dos filhos.

Algumas crianças não viviam nem com seus pais e nem com suas mães. Tinham como referências paterna e materna apenas o avô ou a avó, ou então uma tia ou outro parente. Meu entendimento era de que outras pessoas também integravam a estrutura familiar de muitas crianças e elas não precisavam se sentir diferentes por isso. Assim, iniciei uma proposta mais abrangente. Substituí o Dia das Mães e o Dia dos Pais pelo Dia da Família. E aí a inclusão era perfeita: pai, mãe, avó, avô, tia, tio, padrasto, madrasta e qualquer outra pessoa que representasse o laço familiar para aquela criança.

Observei que essa iniciativa agregou muito mais, uniu mais as crianças e as fizeram perceber que o amor familiar existe não apenas na figura do pai e da mãe. Recordo de um ano em que conversei com um garotinho que vivia com o pai e a madrasta. Sua mãe era viva, mas ele não morava com ela. A relação do aluno com a madrasta era muito boa. Ele me disse: “Ela é boa até demais para mim.” E esclareceu que não participava das comemorações do Dia das Mães porque sua mãe era viva e a madrasta, no final das contas, não era sua mãe.

Com o Dia da Família, o cenário era outro e todos os que amavam aquela criança e pudessem e quisessem poderiam participar das comemorações planejadas para os familiares dos alunos. Sentia que aquela era uma comemoração verdadeira inclusiva, mas não é fácil modificar a tradição. O “Dia da Família” resistiu alguns anos, mas era constante a insistência das mães e dos pais em terem a comemoração de suas datas especiais. Então, voltei a fazê-las, porém, um pouco diferente. Não necessariamente a mãe e o pai eram os únicos convidados homenageados e presenteados nessas datas, mas também aquelas pessoas que tinham assumido, circunstancialmente, a posição de pai ou mãe das crianças. E assim fomos comemorando essas datas especiais ao longo dos anos, com inclusão e vendo a alegria expressa no rosto de todos.

Dentre as datas comemorativas o São João e o Carnaval eram uma das que mais alegrava e integrava alunos, seus familiares e toda a equipe escolar. E também a que propiciava o desenvolvimento de atividades com as crianças dos vários níveis, empregando as diferentes linguagens da Arte, que eram realizadas com grande empenho dos educadores e uma satisfação imensurável dos participantes. Uma riqueza que nos deixava muito entusiasmados!



Figuras 59 e 60- Arraial do Pequeno Príncipe - Casamento matuto.



Figura 61- Arraial do Pequeno Príncipe.



Figura 62 - Crianças preparando ornamentação do desfile carnavalesco.



Figura 63 - As crianças participando das dancinhas carnavalescas.



Figura 64 - Maura preparando as crianças da educação infantil para participarem do evento.



Figura 65 - Marchinhas, brincadeiras e danças fizeram a alegria da criançada na culminância dos estudos realizados sobre os festejos carnavalescos.

O “Período Natalino” também era muito alegre, descontraído e prazeroso para todos. Procurávamos atividades que estimulassem os sentimentos de amizade, fraternidade, solidariedade com as pessoas, pois era justamente esse o real sentido do momento vivido. Eram esses conceitos universais que procuramos, não só no período natalino, mas vivenciá-los sempre com as crianças e com as demais pessoas que conviviam com elas no ambiente escolar. Todos os anos, montávamos o Presépio na Área de Recepção da Escola, cujos personagens foram confeccionados, artesanalmente, em 2008, por alunos do 5º ano com a orientação da Arquiteta, Prof^ª Maria do Socorro Alencar, mãe de José Neto, na época aluno da Escola.

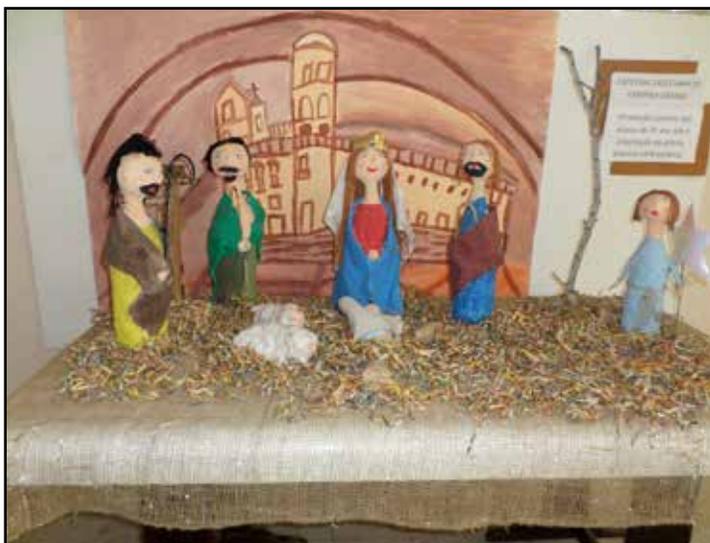


Figura 66 - Presépio confeccionado artesanalmente pelos alunos do 5º Ano do Ensino Fundamental, orientados pela Arquiteta M^a do Socorro Alencar, Mãe do aluno José Neto.

Aquele cenário era encantador para as crianças que ficavam por ali olhando tudo com muita atenção e comentando os mínimos detalhes. Envolviam-se também nessa comemoração, com atividades de produção escrita, elaborando cartões com mensagens para presentear as pessoas por elas escolhidas na Escola e também em casa. Isso fazia com que refletissem sobre bons sentimentos e fossem estimulados a expressá-los através da Escrita e da Arte, despertando assim nos alunos o valor social da escrita. Com essa e outras atividades similares estávamos desenvolvendo o letramento ou cultura letrada que é definida por Magda Soares (1998) como sendo “a condição de quem não apenas sabe ler e escrever, mas cultiva e exerce as práticas sociais que usam a escrita e a leitura.” No mês de janeiro, período de férias escolares o presépio era desmontado e seus personagens cuidadosamente embalados e guardados com o devido zelo e cuidados para sua boa conservação e se necessário fazíamos antes a devida restauração. Conseguimos montá-lo todos os anos, até 2015, último ano de funcionamento da Escola, para a alegria e admiração das crianças, principalmente das menores.

Psicomotricidade, Recreação e Esporte – Nosso propósito sempre foi oferecer para as crianças atividades prazerosas e ricas em seus propósitos educacionais. E era interessante ver como isso se manifestava de um modo geral e, especialmente, nessas atividades corporais, além das Artes, que integravam nossa Proposta Pedagógica. Para isso todos esses importantes componentes curriculares eram devidamente planejados e desenvolvidos de forma lúdica, tornando-os sempre muito atrativos para as crianças.

Para a Educação Infantil planejávamos atividades psicomotoras e re-creativas que eram realizadas na sala de aula, numa área aberta, anexa, ou na quadra de esportes. Bons exemplos de atividades físicas são aquelas de caráter recreativo, que favorecem a consolidação de hábitos, o desenvolvimento corporal e mental, a melhoria da aptidão física, a socialização, a criatividade, tudo isso visando a formação da personalidade de nossas crianças.

Citarei aqui, algumas das atividades psicomotoras que realizávamos com as crianças desse seguimento: engatinhar, rolar, balançar, dar cambalhotas, equilibrar-se em um só pé, andar para os lados, equilibrar-se e caminhar sobre uma linha no chão, subir/descer, entre outras. Sabemos que as crianças mesmo inconscientemente, com a realização dessas atividades lúdicas, estão aprendendo, estão se desenvolvendo, pois através de Jogos, Brinquedos e Brincadeiras aumenta sua capacidade de resolver problemas, autoconfiança, concentração, atenção, desenvolve sua linguagem verbal ou não verbal. A perspectiva criadora melhora o relacionamento, pois aprendem a ser solidárias e cooperativas. Vejamos o que registrava em seus planejamentos, sobre essas ricas atividades, a nossa Emérita Coordenadora da Educação Infantil, Prof^a Maria de Lourdes Ramos Lira que além de ter atuado como professora do Curso de Pedagogia da Universidade Estadual da Paraíba exerceu na “Escola Pequeno Príncipe” o cargo de Coordenadora Pedagógica da Educação Infantil por mais trinta anos.



**Figura 67 - Maria de Lourdes Ramos Lira -
Coordenadora Pedagógica.**

Para Lourdes, a rotina diária da Escola trabalhamos com a certeza de que a intervenção na “zona proximal das crianças deve ser constante e deliberada” que segundo a teoria vygotskiana (1984), é a sua capacidade de desempenhar tarefas com a ajuda de adultos ou colegas mais desenvolvidos. E, como representante dessa Instituição, estamos bem estruturados e comprometidos com a promoção do processo de aprendizado e desenvolvimento do grupo. Consideramos que os jogos especificamente o jogo simbólico (o jogo do “faz de conta”) uma brincadeira espontânea e muito comum a partir dessa fase, tem uma função muito significativa no processo do aprendizado e desenvolvimento global da criança. Brincando a criança imita e através dessa imitação internaliza regras de conduta, valores e modo de agir e de pensar do seu grupo social de onde retira orientação para direcionar seu próprio comportamento e desenvolvimento cognitivo. Considerando que a brincadeira se constitui um direito da criança, não podemos ignorar sua importância nessa fase da vida. Assim sendo procuramos estruturar o universo das brincadeiras como uma das atividades permanentes na rotina

do dia a dia escolar. Este é o perfil da prática pedagógica do nosso cotidiano na Escola.”

No intervalo das aulas, após a merenda, no horário do tradicional Recreio, para os alunos do Fundamental, além das brincadeiras livres havia sempre jogos na Quadra de Esporte, organizados pelos próprios alunos. As crianças da Educação Infantil após terem merendado e quando as maiores haviam regressado às respectivas salas de aula, realizavam recreações espontâneas e supervisionadas.

Para os alunos do Ensino Fundamental, além das recreações espontâneas havia aulas de Educação Física, incluindo os Esportes e Recreações Dirigidas, em dias e horários preestabelecidos, sendo essas atividades curriculares exercidas por professor ou professora especializado (a). Próximo ao final do ano, era realizada a tão esperada culminância dessas atividades com a “Semana dos Jogos Internos e Recreações Dirigidas.” A participação do Ensino Fundamental, constava dos Jogos de Quadra e Jogos de Mesa. As crianças da Educação Infantil compartilhavam do prazeroso Evento com Recreações Dirigidas.

Quando os maiores encerravam os jogos na quadra e se encaminhavam para as salas, para participarem dos Jogos de Mesa, as crianças da Educação Infantil dirigiam-se para realizarem as Atividades Psicomotoras e Recreativas com uma programação especial para essa semana dedicada a essas prazerosas atividades e que também eram vivenciadas com música e jogos na rotina do dia a dia escolar e eram coordenadas pelas professoras desse seguimento. Era um rico Aprendizado, pois mesmo sem intenção de aprender, quem brinca aprende.



Figura 68 - Abertura dos Jogos Internos do Pequeno Príncipe no Clube da AAB.

Na abertura da Semana dos Jogos Internos era realizada uma bela festa de vivência e convivência harmoniosa, interativa e rica de aprendizados. Toda a comunidade escolar fazia-se presente: alunos dos dois seguimentos que mantínhamos: Educação Infantil e Ensino Fundamental, Professores, Coordenadoras Pedagógicas, Agentes Administrativos e os Pais. Realizávamos na programação desse Evento, antes dos jogos, atividades selecionadas dentre as vivenciadas pelos alunos durante o ano letivo, as quais eram constituídas por algumas das linguagens da Arte como música, dança e expressão corporal, dentre outras. Seguiam-se as atividades psicomotoras e as recreações que eram dirigidas pelos professores e com a participação das crianças dos dois seguimentos, em momentos diferentes.



Figura 69 - Crianças da educação infantil fazendo atividade psicomotora e recreação – Semana dos Jogos.

Após a alegre e festiva abertura dos Jogos Internos tínhamos a segunda parte do Evento quando eram realizadas, com alunos do Ensino Fundamental, as partidas mistas de Futebol, Baleada e Handebol que se estendiam nos demais dias da semana. Registrávamos então, a euforia dos participantes e também do público presente: pais, professores, funcionários, amigos e demais familiares dos alunos. No final dessa festiva semana, após a realização dos últimos jogos, essa exitosa programação tinha o seu encerramento com a entrega da Medalha de Honra ao Mérito, significado antecipadamente explicado às crianças. Esse símbolo era entregue a todos os participantes inclusive os da Educação Infantil pelo mérito em suas apresentações e que o recebiem das mãos dos pais se estivessem presentes, ou de um de nós educadores. Momento descontraído e de muita alegria para todos e que foi promovido durante 43 anos, com louvores. A Escola reconhecia os Jogos como sendo além de uma atividade prazerosa, uma preparação de seus alunos para a cidadania.



Figura 70 - Jogos de quadra.



Figura 71- Jogos de mesa - Xadrez.



Figura 72 - Jogos de Dama.

O que narrei sobre a Psicomotricidade, Recreação e Esporte e, também, a realização da Semana dos Jogos Internos, representa o resultado da dinâmica que estávamos gradativamente aprimorando e entusiasticamente vivenciando na Escola há mais de quarenta anos como registrei acima. O que ocorreu também com o nosso trabalho educacional de um modo geral. Desenvolvíamos sempre a seguinte dinâmica para todos os componentes curriculares: Planejamento e realização das atividades, acompanhamento das atividades proposta e por último a avaliação do desempenho do aluno e do nosso também. Pois primando por um aperfeiçoamento e a tão necessária atualização permanente para os componentes da querida Equipe de Educadores sabia que estava conseguindo realizar o melhor para a Educação das crianças, cônica da importância do papel do professor como agente de transformação.



Figura 73 - Maura fazendo a abertura da solenidade da entrega de medalhas aos alunos.



Figura 74 - Entrega de medalhas - crianças recebendo e festejando suas medalhas acompanhadas de familiares, dos professores de educação física e demais educadores.

A Leitura no Dia-a-dia Escolar – Alfabetização e Letramento - Reconhecer a grande importância da leitura na prática educativa é o primeiro passo para introduzi-la como rotina diária na Escola com o objetivo de estimular as crianças para o exercício dessa atividade, contribuindo assim para aquisição do hábito de ler no momento em que muitos outros hábitos estão se formando. Essa prática se constitui em um caminho que favorece a criança no desenvolvimento da criatividade, das emoções e dos sentimentos de forma agradável, prazerosa. E como a Arte, a Leitura transforma. O cartunista Ziraldo ressalta que “O importante é motivar a criança para a leitura, para a aventura de ler”.



Figura 75 - Maura contando do livro o Pequeno Príncipe, e sua inspiração para o nome da Escola.

Desenvolver o interesse e o gosto das crianças pela Leitura foram objetivos que procurei alcançar desde o início do meu trabalho em Educação com uma prática diária em sala de aula, incentivando-as sempre, através de atividades que quando se tornam habituais tornam-se também indispensáveis. Foi isso que constatei. Com o passar dos anos essa prática gradativamente aprimorou-se e se difundiu entre todos os educadores comprometidos com essa essencial proposta que ia cada vez mais se enriquecendo e entusiasmando a todos. Como disse o Poeta inglês, Joseph Addison: “A leitura é para o intelecto o que o exercício é para o corpo”.

Iniciei utilizando aquele tempinho que conseguia levando os alunos a concentrarem-se nas atividades propostas na rotina do dia-a-dia para que tivéssemos possibilidades de dar continuidade à leitura que havia iniciado no dia anterior. E esse meu trabalho teve seu início com os livros de Monteiro Lobato. Era um momento de muita concentração e expectativa dos alunos que ansiavam saber o desenrolar dos acontecimentos que tomavam conhecimento a partir do que eu lia para eles. O entusiasmo era grande e notório. E conseguia realizar com êxito essa proposta.

Mas não fiquei só nisso, pois bem sabia ser importante que na sala de aula, a leitura não fosse apenas uma atividade que ocupasse o tempo que sobrou da aula, mas sim uma atividade cotidiana com diferentes suportes e tipos de textos. Sabe-se que a leitura na sua essência não é uma atividade individual, mas coletiva e cultural. Portanto, para ensinar as crianças a gostarem de ler é necessário transformar a leitura numa atividade livre, mediada pelo professor e que o mesmo sirva de leitor em diferentes situações na aula, principalmente nas atividades específicas para o desenvolvimento das habilidades de leitura.

De acordo com os PCN-PARÂMETRO CURRICULAR NACIONAL (2000, p. 56) “Para aprender a ler, portanto, é preciso interagir com a diversidade de textos escritos”. Cagliari (1994) nos alerta que “O objetivo fundamental da escola é desenvolver a leitura para que o aluno se saia bem em todas as disciplinas, pois se ele for um bom leitor, a escola cumpriu em grande parte a sua tarefa”.

Formar leitores é algo que requer, portanto condições favoráveis para a prática de leitura, tais como: dispor de uma biblioteca na escola; dispor nos ciclos iniciais de um acervo de classe com livros e outros materiais de leitura; organizar momento de leitura livre em que o professor também leia; possibilitar aos alunos a escolha de suas leituras; construir na escola uma política de formação de leitores da qual todos contribuam e que envolva o conjunto da unidade escolar (PCN, 2001, v. 2, p. 58).

A leitura deve ser a extensão da escola na vida das pessoas para que sejam capazes de entender a sociedade em que vivem e transformá-la em um mundo melhor.

Diante disso, a escola não pode pensar em educação sem dar a devida importância à leitura

(Giachini, et al., 2013).

Vida e Poesia de Augusto dos Anjos para crianças, do escritor e poeta Juca Pontes



Figura 76 - Maura recebendo o livro “Vida e Poesia de Augusto dos Anjos para crianças”, de Juca Pontes.



Figura 77- Maura apresentando o livro aos alunos do ensino fundamental anos iniciais.



Figura 78 - Maura apresentando o livro aos alunos do ensino fundamental anos iniciais.

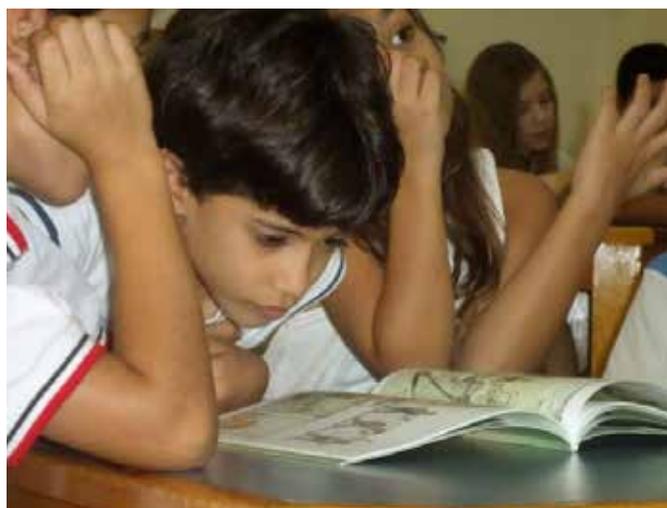


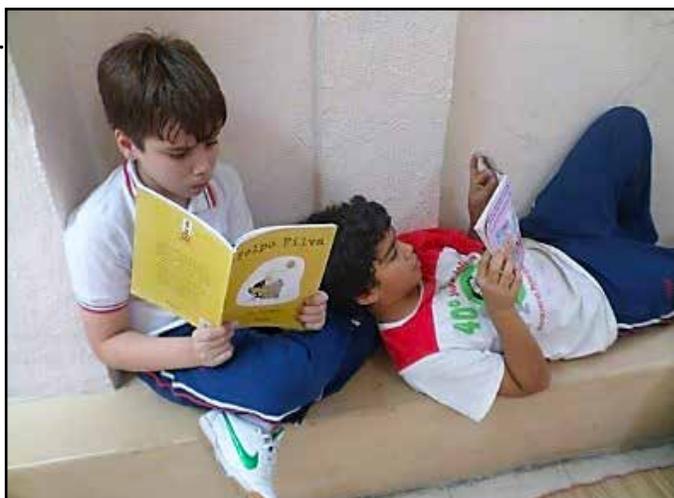
Figura 79 - Alunos interessados na leitura do livro “Vida e Poesia de Augusto dos Anjos para crianças”.

Sempre que o professor lê para a turma revela as múltiplas possibilidades que os textos oferecem, pois ouvir leituras propicia às crianças desenvolver o comportamento leitor, aumentar a familiaridade com a língua, despertar o senso crítico, dentre outras habilidades, além de propiciar momentos de entretenimento e de grande prazer. Se o que se deseja é formar leitores competentes será necessário oferecer textos variados, onde a criança tenha oportunidade de escolher o que mais lhe agrada proporcionando e desenvolvendo as suas práticas de leitura. Para isso procuramos colocar em prática “Os 10 Direitos do Leitor” conforme Daniel Pennac (1993) que, com certeza, contribui para que essa rica atividade, seja flexível para a criançada:

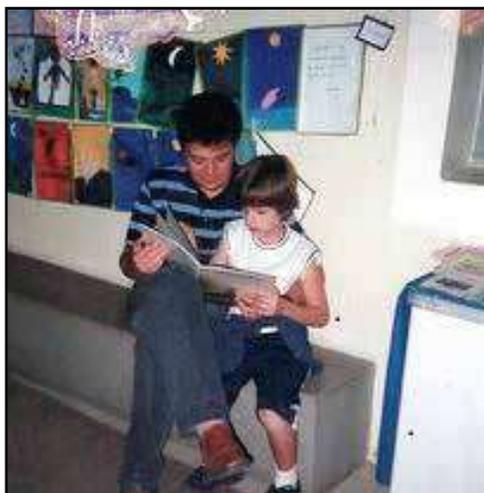
- O direito de não ler.
- O direito de saltar páginas.
- O direito de não acabar um livro.
- O direito de reler.
- O direito de ler não importa o quê.
- O direito de amar os “heróis” dos romances.
- O direito de ler não importa onde.
- O direito de saltar de livro em livro.
- O direito de ler em voz alta.
- O direito de não falar do que se leu

Parada para a Leitura – Evento realizado numa dinâmica alegre, descontraída e festiva, num dia especial para os dois seguimentos de escolaridade, em horários diferentes, para o conhecimento de livros novos de literatura infantil e seus autores, os quais iriam fazer parte do acervo da “Biblioteca Escolar Prof.^a Gina Pessoa Ramos.” Nossa dinâmica: Preparávamos a Área de Recepção com cartazes, cortinas em algumas janelas para dramatizações que porventura estivessem previstas na programação. Umas três mesas redondas, com toalhas de TNT, colocadas no centro da Área, nas quais eram dispostos os livros que iriam ser apresentados. Pequenas esteiras, informalmente espalhadas pelo assoalho, onde as crianças poderiam se acomodar individualmente ou em pequenos grupos. E as que preferiam sentavam-se na bancada de cimento existente em volta da Área ou em cadeiras ali dispostas, informalmente. Por último colocávamos uma suave música para enriquecer e dar um toque especial ao ambiente. As crianças, na hora de-

terminada, saiam de suas salas e se acomodavam livremente no ambiente carinhosamente preparado para recebê-las.



Figuras 80 e 81- Alunos da escola mostrando o interesse na escolha e na leitura dos livros de literatura infantil que irão compor o novo acervo da nossa biblioteca na companhia dos colegas, professores e pais.



Figuras 82 e 83 - Alunos da escola mostrando o interesse na escolha e na leitura dos livros de literatura infantil que irão compor o novo acervo da nossa biblioteca na companhia dos colegas, professores e pais.



Figuras 84 e 85 - Alunos da escola mostrando o interesse na escolha e na leitura dos livros de literatura infantil que irão compor o novo acervo da nossa biblioteca na companhia dos colegas, professores e pais.

Com as crianças e adultos acomodados era iniciada a programação do esperado Evento que constava de Leitura Dramatizada, Pantomima, Entre-

vista, Dramatização utilizando fantoches ou não. Declamação de poemas; Apresentação e indicação de um determinado livro por um dos alunos; Histórias narradas ou lidas por uma criança; Comentários de um grupo de crianças sobre uma atividade literária que realizaram em classe, citando nomes da obra e do autor. E finalmente chegava a hora mais esperada, o momento livre de escolha, apreciação e leitura dos novos livros. Todos ansiosos, mas muito felizes. Eram assim desenvolvidas as atividades desse magnífico Evento que contava com a participação das crianças, dos professores, secretárias, auxiliares administrativos e pais que estivessem disponíveis, entretanto todos eram convidados. A Escola parava sua rotina diária e todos nós íamos participar desse culto de louvores às Artes, à Leitura.

De acordo com a Doutrina de Paulo Freire, para uma educação verdadeiramente transformadora, a escola precisa de mais liberdade, diversidade e ética.

“Literatura para o Povo” - Projeto que desenvolvemos, com o objetivo de levar para os que transitavam pelas nossas calçadas, o conhecimento de dizeres e saberes, em verso ou em prosa, de poetas, escritores e pensadores famosos como Ronaldo Cunha Lima, Antoine de Saint Exupéry, Cora Coralina, dentre outros. Textos alternados com uma ilustração pertinente eram desenhados e pintados por um profissional da área, nos murais existentes na frente do prédio principal da Escola, à Rua Antenor Navarro.



Figuras 86 e 87 - Releitura das obras da pintora paraibana Irene Medeiros nos murais externos da escola - alunos entre 09 a 10 anos.

Trabalhávamos nesse Projeto só com os alunos do Ensino Fundamental, cuja participação constava em conhecerem os textos que iríamos utilizar, através de uma leitura expressiva, comentários, nomes dos autores, informações gerais sobre suas biografias, curiosidades de suas vidas, dentre outros aspectos. Eu, com a participação dos demais educadores, fazíamos esse trabalho com as crianças, que demonstravam interesse e empolgação. Textos estudados, ilustrações definidas, entrava em cena o letrista pintor, para executar seu ofício.

Concluídas as pinturas dos murais, programávamos a visitação dos alunos à nova galeria, acompanhados das respectivas professoras, quando viam e liam os textos que haviam estudado antes, escritos e ilustrados nas paredes da Escola. Apreciavam as ilustrações e faziam seus comentários. Os murais ficavam simples, mas muito bonitos, empolgando a todos que passavam. Um ilustre passante publicou uma carta endereçada a mim, da qual selecionei um trecho que ora transcrevo.

“Não fui aluno da Escola Pequeno Príncipe
Sou aquele curioso que, de passagem num carro no bairro da
Prata,
lia de vista frases educativas nos muros da referida Escola e
ficava pensando:
O pessoal daqui tem bom gosto na leitura”.
Em 17 de dezembro de 2015.

Antônio Costa Lopes é jornalista, professor e advogado.

Projetos Pedagógicos Interdisciplinares – Além das Artes os demais componentes curriculares eram na sua grande maioria trabalhados com os alunos através dos Projetos Interdisciplinares. Esse tipo de abordagem favorece a organização dos conhecimentos, incentiva pesquisas e ajuda a estabelecer uma relação entre os saberes das diversas áreas. O trabalho em equipe, a flexibilidade, a criatividade e a comunicação eficaz, são habilidades fundamentais para o sucesso de um projeto interdisciplinar.

Projeto horta na escola - crianças de vários anos



Figuras 88 e 89 - Crianças da educação infantil regando o plantio de hortaliças.



Figuras 90 e 91- Crianças da educação infantil preparando o plantio de hortaliças.



Na Escola, a cada início de semestre, os responsáveis pela Coordenação Pedagógica se reuniam com os professores para elaborarem os projetos educacionais do período. Partia-se de uma curiosidade de nossos alunos, de

um tema em evidência ou de um conteúdo programático já previsto. Para planejar as etapas, a partir do tema definido, levantávamos quais conteúdos poderíamos trabalhar e a qual área eles pertenciam. A análise levava em consideração o currículo de cada série sendo então estabelecidos, além de objetivos gerais, outros específicos para cada disciplina. O papel da Coordenadora era ajudar cada professor a estabelecer a relação do tema com a área curricular a que pertenciam e assim planejar as atividades de forma integrada.

Ao fim, concluíam que o projeto X deveria contemplar quatro disciplinas, por exemplo: Língua Portuguesa, Matemática, Ciências e Arte. Enquanto o projeto Y abrangeria apenas História, Geografia e Língua Portuguesa. E, para cada uma delas, durante a duração do Projeto, iam sendo planejadas suas diversas atividades. Um projeto interdisciplinar poderia durar um, dois ou até três meses, dependendo da complexidade do tema trabalhado.

Os índios Fulni-ô visitam a escola



Figura 92 - Índios da Tribo Fulni-ô – Águas Belas no Agreste de Pernambuco em convite especial pelo Prof. Dr. Rodrigo Grunewald, pai das Alunas Carolina e Lorena, para uma conversa informal sobre suas vivências com as crianças da Escola.



Figura 93 - Índios da Tribo Fulni-ô entrevistados por alunos e professores da escola.

Aulas de campo:

**Conhecendo a História de Campina Grande/PB -
Prof. Josemir Camilo de Melo, pai da aluna Iúlia.**



Figura 94 - Museu de História e Tecnologia do Algodão.



Figura 95 - Museu de História e Tecnologia do Algodão.

**Crianças em visita à feira central de Campina Grande-PB,
Patrimônio Cultural do Brasil.**



**Figura 96 - Alunos da escola conhecendo
a feira de Campina Grande-PB.**



Figura 97 - Alunos da escola conhecendo à feira de Campina Grande-PB.

Crianças visitam o Museu Assis Chateaubriand – MAC



Figura 98 - Alunos visitando a Exposição nos Caminhos Afro – Fotografias de Pierre Verger - MAC – Campina Grande-PB, monitorados por Fidélia Cassandra, - Assessora do Museu.



Figura 99 - Alunos visitando a Exposição nos Caminhos Afro – Fotografias de Pierre Verger - MAC – Campina Grande-PB, monitorados por Fidélia Cassandra, - Assessora do Museu.

Mostra dos Projetos - A cada ano letivo realizava-se na Escola esse Evento que era a culminância dos trabalhos realizados nessa modalidade. O que acontecia num domingo, quando podíamos contar não só com a participação dos alunos e Educadores, mas também com visitantes e especialmente com a presença dos pais que com interesse e entusiasmo apreciavam e louvavam as apresentações artísticas e produções culturais dos seus filhos em formas bi e tri dimensional.

Conhecimento e apreciação de obras de alguns dos artistas estudados pelos alunos da escola.



Figuras 100 e 101- Alunos em sala de aula preparando a exposição de artes, a partir das releituras de obras de Irene Medeiros.



Figura 102 - Telas confeccionadas pelos alunos na exposição de artes inspiradas nas obras de Irene Medeiros – Exposição Itinerante no Shopping Center da Cidade.



Figura 103 - Exposição de artes inspiradas nas obras de Irene Medeiros prestigiada por sua filha Iris Medeiros, amigos e membros da equipe pedagógica da escola.



Figuras 103 e 104 - Crianças da educação infantil vivenciando a tela de Monet “Mulheres no jardim”.





Figura 106 - Pintando ao ar livre como Monet para poderem captar os efeitos da luz sobre os elementos da natureza, numa perspectiva impressionista.



Figura 107 - Alunos em sala de aula fazendo releituras de obras de Monet, preparando a Exposição de Artes.



Figura 108 - Alunos em sala de aula fazendo releituras de obras de Monet, preparando a Exposição de Artes.



Figura 109 - Criança fazendo releituras de obras de Monet, utilizando a técnica tridimensional.

Em 2015 realizamos nossa última Mostra Pedagógica, a 28ª com os temas “Músicos Famosos - Canto e Encanto” para o Ensino Fundamental, que prestou uma homenagem especial a Chiquinha Gonzaga, Milton Nascimento e Adriana Calcanhoto. E “Apreciação e o Fazer Musical” para a Educação Infantil, isto de acordo com a adaptação do Referencial Curricular Nacional de Educação Infantil.



Figura 110 - Apresentação dos Alunos - Homenagem a Chiquinha Gonzaga.



Figura 111- Apresentações musicais dos alunos da escola.



Figura 112- Aluno representando Milton Nascimento.

A linguagem musical é uma das mais importantes formas de expressão humana, o que por si só justifica sua presença no contexto da educação, de um modo geral, e na educação de crianças, particularmente.

Dinâmica Desenvolvida - As crianças envolveram-se no Projeto, trabalhando de forma lúdica e prazerosa, despertando, assim, o gosto pela música, conhecendo instrumentos musicais, músicos famosos, sua vida e sua obra; fazendo experimentações; lendo letras de canções e ilustran-

do-as; cantando e encantando com movimentos sugeridos pelas músicas estudadas.

Apresentações Festivas - Como não poderia ser diferente em nossa Escola, a culminância dos Projetos desenvolvidos com os alunos contava sempre, dentre outras, com as diversas linguagens da Arte: dramatizações, músicas, declamação de poemas, paródias, registros fotográficos, exposição de trabalhos gráficos, produções de artes visuais, dentre outras.



Figura 113 - Homenagem ao Musicista Duduta em reconhecimento à sua dedicação à música e à sua especial competência - Maura Pires Ramos entregando um Troféu a Duduta – Mestre do Chorinho.

Para exemplificar, citarei as temáticas de alguns dos outros Projetos Pedagógicos que desenvolvemos com nossas crianças seguindo a dinâmica dos anteriores, qual seja: Escolha do tema, definição das disciplinas que serão contempladas, planejamento das atividades orais e escritas que seriam realizadas com os alunos, mediação do professor durante a execução dos trabalhos e por fim planejamento e montagem da Exposição.

Em 2014 tivemos a 27ª Mostra com o tema: “Campina Grande – 150 Anos – A Arte em sua História” Exposição I – Ensino Fundamental: “Celebrando Campina Grande” – Produções Artísticas dos alunos e Homenagem aos artistas: Biliu de Campina (Música); Josafá de Orós (Xilogravura); Josimar Alves (Teatro-Grupo Heureka); Lili Brasileiro – de saudosa memória (Artes Visuais. E a Educação Infantil: Estudos e Experiências – Meios de Transportes Ontem e Hoje; Os Vegetais e seus segredos. Exposição II – “Os Ipês de Campina”, título da Exposição da Artista Plástica Germana Rodrigues Araújo, ex-Professora e ex-Coordenadora Pedagógica da “Escola Pequeno Príncipe”, convidada de Honra para expor sua bela arte, juntamente com as produções das crianças, numa especial homenagem à nossa Rainha da Borborema.

Em 2013 realizou-se a 26ª Mostra após o desenvolvimento do Projeto “O Encontro com o Poetinha – Vinicius de Moraes – 100 Anos”, quando as crianças conheceram vida e obra do artista, através das diversas atividades interdisciplinares por elas realizadas. Dessa vez a dinâmica do Evento e objetivos alcançados serão explicitados aos leitores através nos dizeres da Profª Fernanda Leal e do Artista Plástico e Escritor Josafá de Orós, pais dos alunos Cecília Poesia e Pedro Leal.

“Hoje aconteceu a 26ª Mostra de Projetos Pedagógicos da
Escola Pequeno Príncipe.

Uma linda homenagem ao Poetinha. E tudo foi muito especial: a presença dos alunos e de suas famílias, a apresentação das crianças, a participação do ex-aluno Pedro Miguel cantando músicas de Vinicius, ao som de um bem tocado violão. Meu filho e meu sobrinho Gustavo Leal Paz se apresentaram e eu, como mãe e tia coruja que sou, fiquei encantada com a desenvoltura deles. Muita espontaneidade, mas, ao mesmo tempo, a clara expressão de que eles aprendem muito lá. Aprendem para além de conteúdos”

Fernanda Leal, 2013.

“Aprendem movimentos, expressão, companheirismo, a esperar, a apreciar.

Nem sei se a palavra é mesmo “aprender”. Mas acho que eles
“sacam”
o seu lugar no mundo e passam a habitá-lo.
Que bom que existe uma escola assim em Campina Grande!
Parabéns, Maura Pires Ramos!
Precisamos de mais competência e amor e menos competição
e horror.
O caminho é o da simplicidade!”
Josafá de Orós, 2013.



Figura 114 - Alunos em sala de aula preparando a Exposição de Artes, a partir das releituras de obras de Picasso.



Figura 115 - Alunos em sala de aula preparando a Exposição de Artes, a partir das releituras de obras de Picasso.



Figura 116 - Telas confeccionadas pelos alunos na exposição de artes inspiradas na obra de Pablo Picasso.



Figura 117- Telas confeccionadas pelos alunos na exposição de artes inspiradas na obra de Pablo Picasso.



Figura 118 - Produção artística dos alunos dos diversos níveis em formas tridimensionais, inspirado na tela “Três Músicos” de Pablo Picasso.



Figura 119 - Telas confeccionadas pelos alunos na exposição de artes inspiradas nas obras de Portinari – Exposição Itinerante.



Figura 120 - Crianças representando “quadro vivo palhacinhos na gangorra” inspirado na obra de Portinari.



Figura 121 - Telas confeccionadas pelos alunos a partir do conhecimento das obras de Tarsila do Amaral – Escola Pequeno Príncipe.



Figura 122- Telas confeccionadas pelos alunos a partir do conhecimento das obras de Tarsila do Amaral - Exposição itinerante no Teatro Municipal de Campina Grande-PB.



Figura 123- Maura e Socorro Cantalice (sua irmã) em registro com atores renomados, como José Rubens Chachá, Paschoal da Conceição e Eliane Giardini, elencos da peça “Tarsila retorna ao palco do Municipal” em cartaz no período da Exposição de Artes Itinerante do Pequeno Príncipe no Teatro Municipal da Cidade.



Figura 124 - Exposição de Artes – Apresentação artística de alunos da escola.



**Figura 125 - Crianças representando “quadro vivo”
Inspirado na obra de Carybé.**



**Figura 126 - Produções artísticas dos alunos dos diversos
níveis em forma tridimensional inspirado na obra de Carybé.**



Figura 127 - Produções artísticas dos alunos dos diversos níveis em forma tridimensional inspirado na obra de Carybé.

Outro Projeto de relevância e que despertou grande interesse por parte dos alunos, professores e pais, foi o “Educar para a Sustentabilidade”, realizado em 2012 tendo sua culminância alcançada com a 25ª Mostra de Projetos Pedagógicos, onde foram expostos os resultados dos subprojetos desenvolvidos com alunos dos dois seguimentos, com os seguintes temas: Ensino Fundamental: Plástico – De onde vem? Para onde vai? (2º Ano) - Alimentação – Sua escolha decide seu futuro (3º Ano); - Energia – Consumo Consciente (4º Ano); - Água – Sabendo usar, não vai faltar! (5º Ano). Educação Infantil e 1ºAno do Fundamental: - O Lixo e o Meio Ambiente; – Uso Sustentável do Papel; – Os Vegetais. As crianças, como nos demais projetos, envolveram-se e se entusiasmaram durante todo o desenvolvimento das atividades planejadas que compuseram a Exposição programada.

Era sempre motivo de alegria e entusiasmo a participação de pais, professores, alunos e demais integrantes da comunidade escolar nesses Even-

tos culturais e sociais que promovíamos a partir dos resultados obtidos nos Projetos Multidisciplinares que eram desenvolvidos com os nossos alunos. Finalizando, deixo bem claro que a importância maior de um trabalho como esse é todo o seu processo. A culminância é apenas a celebração dos feitos realizados e resultados alcançados pelas crianças e educadores, durante o desenvolvimento dos Projetos.

Capítulo V

A arte em nossa história

“Quando se consegue estabelecer relações com a Arte, muda-se a maneira de pensar, pela própria liberdade que a Arte nos dá”

Bia Akel.



Figura 128 - Maura posando com o cartaz da III Bienal.

CONSTITUÍRAM-SE NUM DIFERENCIAL marcante da “Escola Pequeno Príncipe” seus projetos interdisciplinares na Área de Arte que foram desenvolvidos durante quase 50 anos com a concepção de que não há educação completa sem a inclusão das Artes no Currículo Escolar. A proposta veio se aprimorando a cada ano e conseguindo resultados louváveis. Comprovamos durante esse longo período que o ensino de Arte desempenha um papel de relevante importância na formação integral do aluno. Seu poder transformador é exercido sobre o educando por meio da descoberta, da fantasia, da magia e da aventura. Assim, desde os primeiros anos de vida, a criança vai desenvolvendo sua sensibilidade e sua criatividade.

É através da Arte que ampliamos nossa capacidade reflexiva, sensorial, criativa e crítica, podendo assim perceber e compreender, de forma mais clara e ampla o mundo em que habitamos. Eram contempladas com essas

atividades, todas as crianças da Educação Infantil e as dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, seguimentos com os quais trabalhávamos. Constatávamos com entusiasmo a excelente evolução das competências dos nossos alunos. Às sextas-feiras eram dias especiais, pois tinham uma parte do seu horário dedicada à Arte. Embora as atividades dessa Área permeassem os trabalhos das demais áreas do conhecimento e fossem realizadas sempre, a qualquer dia da semana.

Irei deter-me de forma mais específica às Artes Visuais. Não que não tenha investido também em outras modalidades como a música, a dança, a poesia, incluindo cordéis, a literatura em geral, dramatizações teatrais, arte circense dentre outras. No entanto, a Escola notabilizou-se especialmente por ter propiciado, ao longo de sua história, campo fértil ao desenvolvimento das Artes Visuais, pelo seu sistemático e aprofundado trabalho nesta modalidade. Para isso, nós educadores, tivemos que nos aprimorar para atingirmos os objetivos propostos. Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), outros compêndios especializados em Artes e textos de renomados autores eram intensamente estudados e debatidos por nós.

E para ampliar os conhecimentos das crianças, adquiri livros de literatura infantil sobre a vida e a obra de vários artistas nacionais e internacionais para que através da leitura dos mesmos e comentários em sala de aula sobre o que leram, ampliassem os conhecimentos já adquiridos e desenvolvessem com mais competência e segurança as atividades artísticas propostas e orientadas pelos professores. Loponte (2000) corrobora que “a formação docente é o grande “nó” a ser desenredado se queremos que a arte ocupe um lugar de maior destaque na educação).

A Arte é criatividade, é beleza, é meio de comunicação

Considero a Arte um importante caminho para a construção do conhecimento e da cidadania, capaz de levar as pessoas envolvidas com o fazer artístico a observarem as relações entre o homem e a realidade, com interesse e curiosidade, exercitando a discussão, indagando, argumentando e apreciando a Arte de modo sensível. E assim, foram desenvolvidos projetos relevantes que levaram a comunidade escolar a conhecer e a apreciar a

vida e a obra de grandes artistas nacionais e internacionais, como Tarsila do Amaral, Portinari, Romero Brito, Leonardo Da Vinci, Irene Medeiros, Debret, Di Cavalcanti, Aldemir Martins, Pablo Picasso, Claude Monet, Cícero Dias, Caribé, dentre outros. Para Picasso “A pintura nunca é prosa. É poesia que se escreve com versos de rima plástica” <https://www.pensador.com/frase/MjA5Nw/>.

Com essas palavras de Pablo Picasso convido você, leitor, a submergir no mar de atividades artísticas que tivemos, eu e minha Equipe de Educadores, o privilégio de vivenciar, por muitos anos, com nossas crianças que desde cedo eram incentivadas a entrar em contato com o mundo mágico das Artes, experimentando os mais diversos materiais, as mais diversas técnicas, fazendo inicialmente seus rabiscos e, posteriormente, representações da realidade, criações artísticas e a sua apreciação e releitura de obras de pintores famosos. Assim fazendo, enriqueciam seus conhecimentos, desenvolviam a criatividade e a sensibilidade, despertando dessa forma o gosto pelas Artes como um fator vital em sua vida pessoal, em sua casa, sua escola e sua comunidade.

Exposições de Artes Visuais - Os projetos interdisciplinares na Área de Artes Visuais eram desenvolvidos na Escola durante todo o ano letivo. E após cada proposta executada, incluído oficinas de criatividade, as produções artísticas dos alunos dos diversos níveis, em formas bi e tridimensionais, eram expostas informalmente nas salas de aula e também na Área de Recepção, nossa Galeria. Depois de algum tempo, além das exposições informais foram instituídas, também, as exposições formais que eram realizadas anualmente. Inicialmente, as produções para as Exposições tinham uma temática livre e de criação espontânea para todos os alunos do Fundamental e os da Educação Infantil, com exceção do Nível I composto por crianças de 2 e 3 anos de idade, as quais expunham suas experimentações de materiais e técnicas. A criatividade viria depois, nos próximos anos de escolaridade.

Anos depois, para a exposição formal, definíamos um artista famoso para cada turma estudar ao longo do ano. Entretanto, após avaliarmos a dinâmica do desenvolvimento do projeto, concluímos não ter sido uma ideia profícua, pois ficou complexa sua execução pela diversidade da temática trabalhada. No ano seguinte, em 2002, passamos a eleger um único artista

para todas as turmas, que era o nosso homenageado e cuja vida e obra eram conteúdos do Projeto de Artes Visuais. Então alunos e toda a equipe pedagógica incluindo professores e coordenadores, orientados por mim, envolviam-se em estudos e pesquisas bibliográficas conhecendo assim, a vida e a obra do pintor, que abrangia as mais variadas temáticas: Paz, Guerra, Amor, Vida, Família, Arte Circense, Animais e outras.

Achamos mais produtivo para os alunos e mais interessante para todos os envolvidos no Projeto, termos definido eleger para estudo, a cada ano, um único artista. Foi muito rica a experiência, pois podemos assim desenvolver um estudo mais aprofundado sobre o pintor em pauta e apreciar as produções das crianças nos seus mais diversos níveis de escolaridade, envolvendo os mais variados estágios de competência e de criatividade, aplicando-se a mesma temática. Após três meses de desenvolvimento do Projeto já estávamos com produções suficientes para programarmos a nossa tão esperada Exposição anual que chegou, ininterruptamente, à sua 34ª edição. Picasso discute que “Toda criança é artista. O problema é como continuar sendo artista depois de adulto”.

Com o objetivo de estabelecer para as crianças uma intimidade maior com o artista em estudo, exibíamos vídeos sobre sua vida e sua obra. Eram também apresentadas, comentadas e expostas fotografias do artista selecionado, em situações de trabalho e na convivência familiar. Buscava-se, assim, aproximá-lo das crianças que precisavam conhecê-lo melhor em suas particularidades. Depois de uma ampla informação sobre o nosso homenageado, as crianças ainda muito curiosas faziam perguntas para complementarem e aprofundarem seus conhecimentos. Com o mapa mundi exposto mostrava o país de origem do artista, informava como ele podia vir ao Brasil, se fosse estrangeiro, o idioma que falava, dentre outras curiosidades. Era um momento de estudo com muita troca de informações que envolviam também as demais disciplinas.

Durante o desenvolvimento dos Projetos de Artes Visuais e na sua culminância, contamos várias vezes com a participação de artistas locais que viham contribuir, abrilhantando nosso trabalho e demonstrando os seus saberes, em oficinas nas salas de aula ou executando suas produções artísticas ao ar livre, para a apreciação e participação do público presente, nos dias da Exposição. Assim tivemos na pintura: Aída Assis, Eliane Brasileiro-Lili

(de saudosa memória), Alex Melo, e Socorro Morais. Na Xilografia, o artista Josafá de Orós que participou com oficinas de Xilografia e de Manipulação de Argila para as crianças maiores em dias de aula e também demonstrando seus saberes nessa bela Arte aos visitantes da Exposição. Um aprendizado muito interessante e rico para as crianças e demais participantes.

Em um desses eventos, contamos com a participação do ilustre teatrólogo Wilson Maux, de saudosa memória, que na modalidade Teatro, criou e dirigiu a oficina intitulada “Aspectos Lúdicos da Arte” que foi um deleite para as crianças e para os adultos, também. Contamos, também, em outras ocasiões, com a participação de artesãos como Maria Paulino, residente em Lagoa Seca, circunvizinha à nossa cidade, consagrada em nosso meio pelas belas esculturas que produzia em madeira, dentre muitos outros artistas da Arte Popular. Em uma das exposições tivemos o prazer de contar com artesãs do “Projeto Boneca Esperança”, da cidade de Esperança próxima de Campina Grande, que em sua oficina produziram encantadoras bonecas de pano para a apreciação e aquisição pelo público presente. Como disse anteriormente, era uma encantadora festa das Artes.

Convites especiais para as Exposições eram confeccionados e remetidos às famílias dos alunos, aos diretores e professores dos demais estabelecimentos de ensino e às autoridades educacionais da cidade, de um modo geral. Divulgávamos amplamente o nosso trabalho para que todos os envolvidos no processo educacional constatassem o exitoso projeto que desenvolvíamos e passassem a adotá-lo nas demais Escolas da cidade, beneficiando assim, muitas outras crianças. Era festivo o dia da Exposição, com público certo e entusiasmado. Montávamos também, durante o Evento, oficinas de criatividade com material reciclável e também com material específico para pintura, que ficavam à disposição de alunos, pais e demais visitantes. Essas oficinas eram coordenadas pelas nossas professoras. Era um deleite para todos verem crianças de várias idades trabalhando juntas e com a participação de seus familiares e amigos, experimentando, criando e expondo, também, suas produções artísticas. Tínhamos grande prazer e entusiasmo em apresentar à comunidade o resultado de nossas pesquisas, de nossos estudos e especialmente a rica, bela e diversificada produção artística das crianças em formas bi e tridimensional.

Para os pais, sempre esse meu dizer, essa minha exultação, esse meu júbilo, concluindo com uma entusiástica conclamação escrita que lhes era enviada antes da realização do Evento.

“Estamos plenamente satisfeitos com o êxito dos nossos objetivos e esperamos que vocês todos apreciem as produções artísticas das crianças que serão expostas, participem das Oficinas e tenham bons momentos de experimentações, criatividade e de integração com os alunos, com a Equipe da Escola, e com os demais visitantes”.

Tratávamos todas as produções das crianças com carinho e com o devido respeito. É tanto que elas diziam: “Professora, onde guardo minhas obras de arte?” Ou: “Você viu as obras de arte de minha classe? Quando e onde iremos expô-las?”

Houve um tempo em que fazíamos também exposições itinerantes em vários lugares da cidade: Shoppings, Universidades, Correios, Clubes Sociais, Bibliotecas Públicas, dentre outros. Certa vez, quando trabalhamos Portinari e já havíamos exposto os trabalhos produzidos em vários locais, uma criança propôs: “Professora, porque não vamos expor em Brodóski, a terra de Portinari?” Tanto era a confiança no valor de suas produções artísticas. Para elas, aquelas produções não eram simples trabalhos escolares, mas verdadeiras obras de arte que as encantavam e a nós também e tinham ainda mais valor por terem sido produzidas livremente por elas.

Em outra ocasião, o artista em tela era Leonardo Da Vinci, nosso homenageado. Uma das crianças escolheu a Mona Lisa para fazer sua releitura. Orientava-as que em uma releitura podemos expressar a obra original com interferências pessoais. E disso elas ficaram sabendo. Esse trabalho foi desenvolvido por uma aluna de nove anos mais ou menos. Na sua produção a Mona Lisa era apresentada de corpo inteiro, com os pés aparentes. Ficou *sui generis*. Certa vez, estando em São Paulo e em conversa com um artista, relatei o fato. E ele, entusiasmado, exclamou: “Tenho que ir a Campina

Grande, pois no mundo inteiro ninguém conhece os pés da Mona Lisa!” O que causou riso geral nos presentes. Entretanto, era a pura verdade. Para Da Vinci “a simplicidade é o último grau de sofisticação” <https://www.pensador.com/frase/Mjk4OTc/>.

Do mesmo modo que concebo a Educação como um instrumento libertador, também sempre enxerguei a Arte como um poderoso agente capaz de produzir transformações significativas no indivíduo. Percebi sempre uma ligação entre a Educação e a Arte. Nas várias formas de manifestação artística encontrava sempre uma possibilidade de crescimento, não só no sentido de ensino convencional, mas de evolução do ser humano, pois quando nos envolvemos com a Arte a nossa mente se liberta de padrões e um mundo de possibilidades se apresenta para ser explorado. Nossos Projetos eram ancorados na ideia de que não se pode separar Arte de Educação.

Com a utilização da Arte em suas mais diversas manifestações, os alunos eram estimulados a desenvolver competências cognitivas, sociais, motoras, afetivas, entre tantas outras. Ao fazer leituras, nos dias atuais, sobre estudos que mostram como a Arte é capaz de promover uma série de mudanças positivas no indivíduo, inclusive normalizar os níveis de estresse e da ansiedade e, ao mesmo tempo, aumentar a autoestima e a auto percepção, constato com clareza o bem que a Escola fez para seus alunos. E com isso fico muito feliz e realizada.

Quando as crianças estudaram o Cubismo de Pablo Picasso, para o Dia das Mães, sugeri que fosse utilizado, na elaboração dos cartões que iriam confeccionar para homenageá-las, o tema “Minha mãe Cubista”, o que foi muito bem aceito por elas.

Valendo-se da transgressão, da transmutação,
da transcendência e de outras ideias transitórias,
Picasso aponta para novas direções que permitem imaginar
um mundo diferente, rejeitando, assim, a imposição
de uma única e absoluta verdade
(*Adaptação de publicações sobre a 31ª Bienal de Artes de São
Paulo).

Inspiradas nesses princípios, que foram para elas explicados e debatidos desde o início do ano quando começamos a desenvolver o Projeto, as

crianças ilustraram magnificamente as mensagens que prepararam para presentear suas mães, fazendo a releitura de uma foto delas aplicando o impressionismo de Picasso. Ficaram lindos os cartões! A Arte estava, assim, em todas as vivências da Escola.

De muitas maneiras a Arte esteve presente na pedagogia da “Escola Pequeno Príncipe”. Ela não era aplicada apenas num dia específico. Era uma constante no seu dia a dia escolar. Permeava quase todas as atividades realizadas nas diversas disciplinas, com as mais variadas modalidades. Quando as turmas do 4º e 5º anos estudaram sobre a escravidão negra no Brasil, por exemplo, elas ilustraram os textos produzidos com desenhos maravilhosos representando a vida dos escravos aqui em nossas terras. Sobre essa temática, as obras do artista francês Jean-Baptiste Debret foram amplamente trabalhadas, por ele ser naquele ano o artista homenageado pela Escola. Debret foi um dos membros da “Missão Artística Francesa”, expedição de artistas que veio para o Brasil em 1817, amparada por D. João VI.

“Arte para o Transeunte” - Um novo projeto que implantamos na Escola em 2003, num propósito de levar a Arte para o povo. Na realidade era um novo desafio utilizando as Artes Visuais. O projeto era desenvolvido no final do ano letivo com base nos estudos já realizados sobre a vida e a obra do artista escolhido como nosso homenageado naquele ano. A proposta era escolher algumas obras desse pintor para serem feitas as respectivas releituras nos muros externos da Escola. A pintura desses painéis era realizada pelos alunos, na faixa etária de 10 e 11 anos que se despediam da Escola, pois estavam concluindo o último nível de escolaridade que oferecíamos. O 5º Ano do Ensino Fundamental – anos Iniciais. Era, também, uma forma de homenageá-los. Nesse primeiro ano do “Projeto o artista em foco” foi Cândido Portinari, estudado por toda a Escola, durante o ano letivo. Ano do centenário do pintor em pauta.

Esse projeto tinha como principal objetivo levar conhecimentos artísticos para os que não estavam na Escola, para os que passavam pelas suas imediações, os transeuntes. Na verdade, num propósito de levar a Arte para o povo. Concluíamos, assim, as atividades do ano letivo com essa maravilhosa proposta. Uma experiência nova para os alunos, bem mais complexa, comparando-se com os trabalhos que realizavam em sala de aula. Agora, numa dimensão bem maior, pois se tratavam de murais. Foi um trabalho

memorável e também inovador, colocando as crianças dentro do universo artístico e tomando conhecimento de técnicas diferentes e complexas para a experiência delas até então. Mas qual não foi a nossa surpresa. As produções artísticas foram surpreendentes, belíssimas. Superaram a nossa expectativa. Mais uma lição que aprendemos: A espontaneidade e a simplicidade da criança levam-na a realizar feitos que chegam a nos encantar, a nos exultar. Neste sentido Monet afirma “Eu adoraria pintar, como o pássaro canta” <https://www.pensador.com/frase/NTM1Mzg4/>.

Esse foi um Projeto que marcou com originalidade a história das Artes Visuais na “Escola Pequeno Príncipe”. Transformou-se em tradição na cidade. Não tinha como passar pelas ruas Rodrigues Alves e a Antenor Navarro, no bairro da Prata e não se encantar com aqueles maravilhosos murais pintados, por crianças, com tanta beleza e perfeição.

A Escola funcionava em dois prédios contíguos no bairro da Prata. O menor, na Rua Antenor Navarro e o maior, um casarão também na Rua Antenor Navarro, esquina com a Rua Rodrigues Alves. Os dois eram vizinhos. O casarão, construído há quase um século com o objetivo de ser a residência dos padres da Paróquia de “Nossa Senhora do Rosário”, nas vizinhanças da Escola.

O prédio dispunha, em suas paredes externas, de sete grandes murais e de catorze, menores. E no outro prédio dispúnhamos de mais sete murais de tamanho médio em relação aos demais. Reservávamos um dos painéis, em cada seção, para fazermos a identificação do Projeto, onde constava além do título, um resumo biográfico do artista homenageado, com o seu retrato pintado. Identificação essa, complementada com os nomes dos alunos responsáveis pelas pinturas e também homenageados. Os nomes das professoras orientadoras, das coordenadoras pedagógicas e o meu como coordenadora geral do Projeto. Todos os participantes ficavam orgulhosos ao concluírem as pinturas, com tamanho êxito. O painel de identificação era feito por um adulto, profissional especializado em letreiros e pinturas em murais. Os demais eram destinados às releituras realizadas pelas crianças.

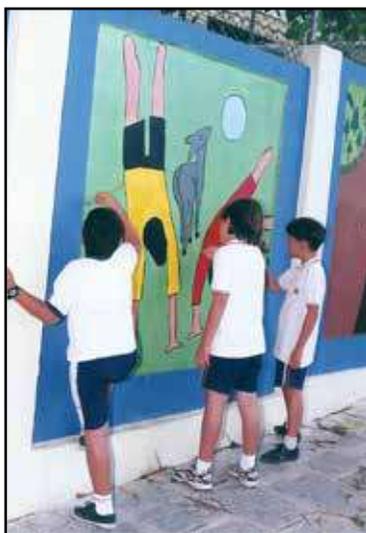
Nos dias em que estávamos trabalhando na execução desse Projeto, a Superintendência de Trânsito e Transportes Públicos - STTP de Campina Grande, por solicitação nossa, através de ofício, fazia a sinalização do local para garantir a segurança de todos, pois as crianças trabalhavam na calçada

do prédio escolar. Iniciamos pintando os murais maiores, que ficam na Rua Rodrigues Alves, artéria por demais movimentada com tráfego de veículos e também de pedestres geralmente com destino a duas das nossas Universidades, a Federal e a Estadual. Os carros passavam e os motoristas eram atraídos por aquela atividade original feita por crianças que demonstravam muita dedicação e responsabilidade com o trabalho que realizavam e acima de tudo, com muita satisfação e entusiasmo.

Não raros repórteres de TVs locais, vinham realizar um registro da extraordinária produção artística feita por nossos alunos. Os repórteres entrevistavam-me e também as professoras e alguns alunos, quando então falávamos sobre os objetivos do Projeto e os conhecimentos adquiridos durante o desenvolvimento dos trabalhos realizados. No ano seguinte, as pinturas foram realizadas, na Rua Antenor Navarro, nos murais do segundo prédio. Definimos, então, que o local das pinturas seria revezado. Um ano na lateral da Escola e no outro no lado frontal.

A iniciativa teve tanto sucesso que a cada ano as pessoas já ficavam na expectativa de ver as novas pinturas que iriam ser realizadas. E assim, vários artistas internacionais e nacionais foram homenageados pelo Projeto “Arte para o Transeunte”. A paraibana Irene Medeiros, artista Naiff, fez parte da lista dos homenageados. Os pais orgulhosos com o feito dos filhos não cessavam de elogiar suas produções artísticas e também louvar a Escola pela exitosa proposta. Sentiam o impacto positivo das iniciativas que púnhamos em prática, pois viam seus filhos interessados nas Artes e reconheciam o quanto era rico o aprendizado adquirido.

Registro das atividades desenvolvidas em artes



Figuras 129 e 130 - Releitura das obras da pintora Paraibana, Irene Medeiros, nos murais externos da escola - alunos entre 09 a 10 anos.



Figuras 131 e 132- Releitura das obras da pintora Paraibana, Irene Medeiros, nos murais externos da escola - alunos entre 09 a 10 anos.





Figuras 133 e 134 - Releitura das obras da pintora Paraíba, Irene Medeiros, nos murais externos da escola - alunos entre 09 a 10 anos.



Figuras 135 e 136 - Releitura de obras do pintor Leonardo da Vinci nos murais externos da escola – alunos do 5º ano (09 e 10 anos).



Figuras 137 e 138 - Releitura de obras do pintor Leonardo Da Vinci nos murais externos da escola – alunos do 5º ano (09 e 10 anos).



Figuras 139 e 140 - Releitura de obras pintor Argentino Carybé, nos murais externos da escola - alunos do 5º ano (09 e 10 anos).



Figura 141- Releitura de obras pintor Argentino Carybé, nos murais externos da escola - alunos do 5º ano (09 e 10 anos).



Figura 142 - Releitura de obras do pintor Pernambucano Cícero Dias nos murais externos da escola - alunos do 5º ano (09 e 10 anos).



Figuras 143 e 144 - Releitura de obras do pintor Pernambucano Cícero Dias nos murais externos da escola - alunos do 5º ano (09 e 10 anos).



Figura 145 - Releitura de obras do pintor Pernambucano Cícero Dias nos murais externos da escola - alunos do 5º ano (09 e 10 anos).



Figura 146 - Releitura de obras de Claude Monet, nos murais externos da escola - alunos do 5º ano (09 e 10 anos).



Figuras 147 e 148 - Releitura de obras de Claude Monet, nos murais externos da escola - alunos do 5º ano (09 e 10 anos).



Figuras 149 e 150 - Releitura das obras de Di Cavalcanti nos murais externos da escola - alunos do 5º ano (09 e 10 anos).



Figura 151- Releitura das obras de Di Cavalcanti nos murais externos da escola - alunos do 5º ano (09 e 10 anos).

Temos que ratificar que o prazer proporcionado pelas Artes muda vidas. A proposta transformou-se em um evento rico e prazeroso para os artistas mirins, para os educadores da Escola e para os transeuntes, o alvo do Projeto. Só tem uma real dimensão da riqueza desta nossa proposta, quem a vivenciou. Transcrevo aqui, um belíssimo texto poético, depoimento de um pai de aluno, referindo-se à “Escola Pequeno Príncipe” e à Arte que produzia:

Ambiente lúdico,
quase de contos de fadas.
Tenho dúvida se meus filhos estavam com Tias (os),
Professoras (es), ou princesas e príncipes.
Na Escola respirávamos Arte em todas as suas formas,
pintura, música, poesia, etc.
Nem mesmo as paredes de tijolos eram frias, tinham arte vibrando e fazendo sonhar
Marcos Augusto Teixeira Rodrigues (pai de alunos).

A “Bial de Artes Pequeno Príncipe” era a mais significativa e singular das experiências artísticas que realizávamos. Reunindo duas gerações que se congraçavam num culto de louvor e exultação às Artes – adultos, cer-

ca de 30 artistas convidados, com seus notórios saberes e crianças, alunos nossos na faixa etária de 09, 10 e 11 anos, no aflorar da criatividade e com sua natural espontaneidade, conferiam à Bienal o privilégio de acolher as mais diversas, expressivas e originais produções artísticas, tornando esse momento ímpar e rico para todos. Ancoradas na ideia de que não se pode separar arte de educação as Bienais de Artes tiveram relevante importância em nossa Proposta de trabalhos educacionais.

Inicialmente, a Bienal era realizada na Praça de Eventos de um shopping em nossa cidade, o então Iguatemi que depois passou a chamar-se Shopping Boulevard e atualmente Partage Shopping. Com a inauguração do Museu de Arte Contemporânea de Campina Grande/PB, fomos convidados para realizar nossas Bienais no novo Museu, onde funcionaram a 5ª e a 6ª edições. O Evento tinha a duração média de 20 dias e contava, em momentos especiais, com intervenções de teatro, música, literatura e outras manifestações que vinham completar sua proposta.

Artistas Convidados

- Aída Martins
- Aladim
- Alex Melo
- Ana Wanderley
- *Carmen Sheilla*
- *Cecília Vasconcelos*
- *Elisama Lícia*
- *Erinaldo*
- *Flaw Mendes*
- *Fred Ozanan*
- *Germana Rodrigues*
- Helena Almeida
- Irene Medeiros
- (in memoriam)
- Jaqueline Monteiro
- Joel Pereira
- Josafá de Orós
- Lila-Erinaldo da Silva

- Lili Brasileiro
- Lourdes Araújo
- Mirian Sivini
- Mônica Vithal
- Petrus Vinicius
- Renato Pereira
- Saulo Ais
- Socorro Moraes
- Vera Barreto

No primeiro dia da Bienal era realizado o Vernissage para sua inauguração e para comemorarmos festivamente essa especial realização. Na ocasião, contávamos com a presença de pais, alunos, educadores da Escola, demais funcionários e autoridades educacionais especialmente convidadas. Era preparada uma programação artística envolvendo várias modalidades de Arte. Tínhamos, então, nesse momento a apresentação brilhante do “Corral Infantil Pequeno Príncipe” sob a regência do musicista maestro prof. Marcos Telles, composto pelos alunos que expunham na Bienal; Encenações teatrais com os artistas do Grupo de Teatro Heureca, parceiro do SESI, dirigido pelo teatrólogo, jornalista e professor Josimar Alves; Apresentações musicais, canto e violão, pelo prof. e musicista Jorge Ribas – “Escola Musidon” e UFPB. E alunos seus com recital de músicas instrumentais, em grupo e também com apresentações individuais.

Não só no Vernissage, mas durante o funcionamento da Bienal, às 6^{as} feiras, sábados e domingos, contávamos com apresentações desses artistas e também com componentes de outros Grupos de Artes da cidade. Tivemos, então, “O Núcleo de Danças Passo a Passo”, sob a direção da Prof^a Roberta Soares; as professoras Mirna Maracajá e Kaliuma Soares do grupo de Dança do Teatro Municipal Severino Cabral de nossa cidade dirigiram, em dias diferentes, apresentações de dança com seus respectivos alunos.

Na “6^a Bienal” tivemos uma performance com os atores Roger Planchon e Carla Soares, com direção de Josimar Alves – Grupo de Teatro Heureca, do quadro: “Picasso conversa com Pierrot”, com base na obra do artista. E na 5^a Bienal a atriz Jane Rodrigues, do mesmo grupo apresentou uma belíssima declamação dramatizada do poema de Cecília Meireles, “Leilão de Jardim”.

Um sucesso. Em outra ocasião o mesmo grupo apresentou Malabares. Foram inúmeras e ricas as apresentações do “Grupo de Teatro Heureca” em nossas realizações artísticas durante vários anos. Uma riqueza!

Esses Eventos Culturais que realizávamos constituíam-se em ricas oportunidades das crianças e também dos adultos conhecerem as diversas manifestações artísticas de nossa cidade. Era realmente uma bela festa.

Após as apresentações artísticas, antes de abriremos a Exposição ao público, servia-se aos presentes um coquetel ao som de selecionadas músicas instrumentais, exibição de vídeos sobre o artista homenageado e apresentações de performances por artistas convidados ou por crianças da Escola, envolvendo obras do pintor em foco. Era um momento especial e muito agradável para todos os participantes. Em seguida, abriam-se as portas das galerias para a visitação. Estava assim, inaugurada, com louvores, nossa Bienal que ficava aberta ao público em geral nos dias seguintes.

Reconhecendo a importância da função educativa de um evento como a Bienal, a Escola assumiu o desafio de ampliar sua atuação através de uma Ação Educativa que se constituía em visitas de alunos de escolas privadas e públicas da cidade, professores, estudantes dos cursos de Educação das Universidades e Faculdades locais, dentre outros, durante a permanência da Exposição e em horários pré-estabelecidos.

A visitação desse público contava com a presença de professores e monitores, especialmente convidados, para receberem e orientarem se necessário os visitantes. Com isso, A “Escola Pequeno Príncipe” buscava atingir os princípios de democratização da cultura, entendida aqui como geração de igualdade de oportunidades. A participação relevante da Comunidade expressou o reconhecimento da importância da Ação Educativa promovida durante o funcionamento desse rico Evento.

Tínhamos como principais objetivos do Projeto, Divulgar a Arte, levando a comunidade a apreciar a obra de vários artistas; Reconhecê-la como parte do nosso patrimônio cultural; Despertar nas pessoas a sensibilidade e a curiosidade pela Arte, reconhecendo sua função social, estimular a criação artística e incentivar novos talentos; Capacitar, em serviço, educadores da Escola para produzir um efeito multiplicador em sua atuação na comunidade e enfatizar a importância da Arte como antídoto contra a violência e

o desrespeito aos semelhantes; Levar a Arte de artistas famosos nacionais, internacionais e locais e o contexto de suas obras ao público em geral.

Fundada em 2005 a “Bienal de Artes Pequeno Príncipe” funcionou até 2015, ano do encerramento das Atividades Educacionais da Escola. Tivemos então sua 6ª e última edição, dez anos após sua fundação, com o título, “Pablo Picasso: A Modernidade de sua Arte”, numa homenagem ao mais famoso e influente artista espanhol do século XX. A Bienal propunha uma reflexão sobre o que expressa a versatilidade de estilo e de tendências de Picasso. Inspirados nesses princípios, artistas convidados e crianças participantes produziram cerca de 100 obras que compuseram o universo da Bienal.

Celebrar o fazer artístico com lirismo e descontração, promover a geração de conhecimentos e a reflexão, eram os propósitos da “Bienal de Artes Pequeno Príncipe”. Complementando os meus dizeres sobre a importância desse especial Evento e em homenagem aos que dele participaram, transcrevo a bela e original crônica do poeta e escritor Juca Pontes, ex-aluno da nossa Escola.

AS CORES DA ESPERANÇA

“A arte de jovens artistas pede passagem por meio dos sinceros e generosos horizontes
da educadora Maura Ramos, gestora e incentivadora de inúmeras promessas artísticas
e também herdeiras maiores dos nossos melhores bens culturais. De mãos dadas com dedicados convidados, Maura os conduzem às matizes que focalizam e espelham a obra de Picasso.
Tempo e lugar oferecidos ao encantamento, onde irão encontrar inspiração
para os traços e os desenhos que imprimem as cores e partículas dessa
nossa estreada e estrelada arte paraibana.
A magia do seu sensível olhar bem faz
por merecer e abrigar o exercício de pequenos grandes talentos, que buscam, permanentemente,

um lugar ao sol nos infinitos caminhos das nossas paisagens
artística e humana.
Ela, com seu sublime gesto de carinho e estímulo. Eles, com
sua maravilhosa arte de sonhos
e esperança. A todos, o meu forte abraço de repartido e repeti-
do afeto. Feliz por nossa Campina,
sempre maior. Por perceber o valor dessa formidável mostra
cultural, por receber
mais uma vez essa singular bienal. Onde a leveza da arte se
encanta
e se encontra com a pureza da música e da poesia. Bravo!”
(Juca Pontes – Poeta, jornalista, escritor e editor e
ex-aluno da “Escola Pequeno Príncipe”).

Outras modalidades de Arte – Tão importantes quanto as Artes Visuais são as demais linguagens dessa rica área do conhecimento, como a Música, o Teatro e a Dança. É o que nos recomendam os PCNs – Parâmetros Curriculares Nacionais e, posteriormente, o Governo Federal, através da lei nº 13.278/16, determinou que as escolas públicas e privadas tivessem, a partir dessa data, cinco anos para incorporarem as quatro linguagens principais da Arte ao currículo do ensino básico brasileiro, contemplando a Educação Infantil e os Ensinos Fundamental e Médio. O que foi na “Escola Pequeno Príncipe”, práticas gradativamente implantadas há algumas décadas.

Na modalidade Artes Visuais notabilizamo-nos pela sistematização e pela divulgação do trabalho que realizávamos com e para as crianças e também para a comunidade, como expressei anteriormente. Entretanto, no dia-a-dia escolar as crianças tinham inúmeras oportunidades de utilizarem as demais linguagens da Arte, de forma enriquecedora e prazerosa.

Música, dramatizações teatrais, danças e expressão corporal a partir de uma música ou de uma narrativa oral, eram componentes riquíssimos em nossa prática pedagógica. Todas elas atuavam como estímulo no período de escolarização da criança, ajudando-a na apropriação da linguagem, favorecendo o processo de comunicação e o desenvolvimento de habilidades motoras, sociais e cognitivas. Uma riqueza! E ainda despertavam o companheirismo e a satisfação por realizarem tão agradáveis propostas.

Geralmente as crianças se expressavam com naturalidade, sem inibição, pois as atividades eram inicialmente e geralmente realizadas em grupo, podendo depois, quando estivessem mais confiantes, mais desinibidas, serem propostas participações individuais ou em dupla. Sendo as participações coletivas as mais frequentes. E sempre que um componente do grupo demonstrasse interesse em apresentar-se individualmente eram-lhe dados espaço e incentivo. Participavam de forma descontraída, independente e de acordo com seu nível de desenvolvimento e de habilidades já então adquiridas, tornando-se assim um trabalho educacional interessante e prazeroso para os alunos e também para os educadores.

Com isso, além de serem desenvolvidas habilidades específicas, ampliavam-se os conhecimentos dos alunos e o interesse pelas Artes, enriquecíamos de modo geral os conteúdos curriculares programados no Planejamento Didático a partir da nossa Proposta Pedagógica, devidamente aprovada pelo CEE – Conselho Estadual de Educação do Estado da Paraíba. As atividades artísticas eram realizadas de forma integrada aos demais componentes curriculares. Para alcançarmos esses objetivos contamos com a efetiva e eficiente participação da nossa Equipe de Professores.

Integravam essa proposta as comemorações previstas no Calendário Escolar, como os Festejos Juninos, o Carnaval, a Abertura dos Jogos Internos, Mostras de Projetos Pedagógicos, Exposições e Bienais de Arte, quando eram realizadas dramatizações teatrais, expressão corporal a partir de uma música já conhecida e cantada pelas crianças, danças com coreografias específicas, ensaiadas com as crianças maiores, por professores especializados.

As Artes se constituíam componentes de grande importância em nossa Prática Pedagógica. Para as crianças, um rico e especial aprendizado. E para os educadores, além do aprendizado, um notório enriquecimento de múltiplas metodologias que favoreciam a excelência em uma prática educativa. Trabalhar dessa maneira com as diversas linguagens da Arte causa entusiasmo, prazer e satisfação a todos os envolvidos no processo.

I Bienal de Artes



Figura 152 - Abertura da I Bienal de Artes realizada por Maura Pires Ramos - Diretora da Escola.



Figura 153 - Adultos e crianças expõem juntas suas criações artísticas na I Bienal de Artes do Pequeno Príncipe.



Figura 154 - Adultos e crianças expõem juntos suas criações artísticas na I Bienal de Artes do Pequeno Príncipe.



Figura 155 - Maura com artistas convidados da I Bienal de Artes da escola.



Figura 156 - Maura e a equipe pedagógica registrando o êxito da I Bienal de Artes da escola.



Figura 157 - Apresentação do coral infantil do Pequeno Príncipe.



Figura 158 - As várias linguagens da arte na abertura da I Bienal de Artes.

II Bienal de Artes



Figura 159 - Quadros vivos – alunas da escola - releitura de Picasso.



Figuras 160 e 161 - Quadros vivos – alunos da escola - releitura de Picasso.



Figura 162 - Maura na exposição dos trabalhos realizados pelos alunos da escola e os artistas convidados.

III Bienal de Artes



Figura 163 - Maura realizando a abertura aa III Bienal com a participação de Josimar Alves, do Grupo Cultural Heureca.



Figura 164 - Exposição dos trabalhos realizados pelos alunos da escola e os artistas convidados.

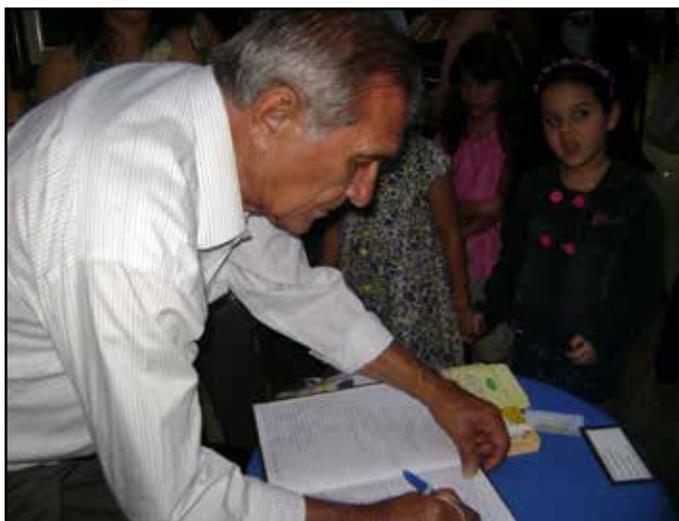


Figura 165 - José Carlos Lira (*In Memoriam*) sempre prestigiando os nossos eventos, assinando o livro de presença na III Bial.



Figura 166 - Alunas realizando releituras de obras de Pablo Picasso durante a realização do evento.



Figura 167 - Maura e os artistas convidados da III Bienal, ao lado direito, Helena Almeida e Fred Ozanan, do lado esquerdo, Germana Rodrigues (In Memoriam) e Vera Barreto.



Figura 168 - A diretora Maura Pires Ramos sendo entrevistada sobre a Bienal de Artes por uma das emissoras da TV local.

IV Bienal de Artes



Figura 169 - As várias linguagens da arte na abertura da IV Bienal.



Figura 170 - Maura e aluno da escola representando o Pequeno Príncipe.



Figura 171 - Exposição dos trabalhos realizados pelos alunos da escola e os artistas convidados.



Figura 172 - Exposição dos trabalhos realizados pelos artistas convidados.

V Bienal de Artes



Figura 173 - Maura realizando a abertura da V Bienal.



Figura 174 - Abertura da V Bienal com a participação do Jornalista Celino Neto.



Figura 175 - As várias linguagens da arte na abertura da V Bienal.



Figura 176 - As pessoas apreciando as exposições de artes dos artistas convidados e das crianças da escola.



Figura 177 - Exposição dos trabalhos realizados pelos alunos da escola.



Figura 178 - Exposição dos trabalhos realizados pelos alunos da escola.

VI Bienal de Artes



Figura 179 - O Jornalista Moribe Macêdo convidado para realizar a abertura da V Bienal.



Figura 180 - Coral Infantil Pequeno Príncipe regido pelo Maestro Márcio Teles.



Figura 181- As várias linguagens da arte – artista do Grupo de Artes “Heureca”.



Figura 182 - Alunos, pais e demais público visitando a Exposição de Artes.



Figura 183 - Alunos, pais e demais público visitando a Exposição de Artes.



Figura 184 - O Reitor da UEPB, Prof. Antônio Guedes Rangel Júnior e sua esposa Camila Rangel, na abertura da VI Bienal de Artes da Escola.

Capítulo VI

Homenagens Recebidas



Figuras 185 e 186 - Homenagem concedida pela ANPUH-PB aos que lutaram contra a ditadura militar no Brasil e pela democracia – Maura discursando e recebendo o troféu em 2014.



Figura 187- Maura e os seus companheiros que lutaram contra a ditadura militar no Brasil e pela democracia – Elizabeth Teixeira, Simão Almeida (In Memoriam) e Jorge Aguiar (In Memoriam) 2014.



Figura 188 - Plateia do evento, com a presença do saudoso Professor Fábio Freitas – membro da Comissão da Verdade - 2014.



Figura 189 - Homenagem concedida nos 150 anos de Campina Grande - Seccentanário aos que desenvolveram trabalhos educacionais na cidade - 2014.



Figura 190 - Homenagem concedida nos 150 anos de Campina Grande - Seccentanário aos que desenvolveram trabalhos educacionais na cidade - 2014.



Figura 191 - Homenagem da I Seccional PEN da Paraíba à mulher campinense: destaque em educação. Eneida Agra entregando o troféu a Maura - 2016.



Figura 192 - Homenagem concedida pelo conselho universitário da UEPB, que no uso de suas atribuições, escolheu por decisão unanime a Prof^a. Maura Pires Ramos como paraninfa geral das turmas concluintes do Campus I da Universidade Estadual da Paraíba, período letivo de 2017.1, em reconhecimento pelos serviços prestados à educação em 2017.



Figuras 193 e 194 - Homenagem concedida pelo conselho universitário da UEPB, que no uso de suas atribuições, escolheu por decisão unanime a Prof^a. Maura Pires Ramos como paraninfa geral das turmas concluintes do Campus I da Universidade Estadual da Paraíba, período letivo de 2017.1, em reconhecimento pelos serviços prestados à educação no ano 2017.



Figura 195 - Homenagem concedida pelo conselho universitário da UEPB, que no uso de suas atribuições, escolheu por decisão unanime a Prof^ª. Maura Pires Ramos como paraninfa geral das turmas concluintes do Campus I da Universidade Estadual da Paraíba, período letivo de 2017.1, em reconhecimento pelos serviços prestados a educação. 2017.



Figura 196 - IHCG-Casa Elpídio de Almeida concede à Maura Pires Ramos, o título de sócio efetivo dessa instituição, ocupando a cadeira nº 24 deste Si-logeu, a qual tem como Patrono Alcides Loureiro, 2018.



Figura 197 - A Câmara Municipal de Campina Grande concede uma homenagem a Maura Pires Ramos, pelo reconhecimento aos ensinamentos e atribuições para as significativas mudanças educacionais na cidade de Campina Grande-PB, sendo o autor da propositura o vereador Anderson Maia, 2020.



Figura 198 - A Câmara Municipal de Campina Grande concede o título de Cidadã Campinense à Prof^a. Maura Pires Ramos, em reconhecimento aos relevantes serviços prestados à comunidade campinense, tendo como autor da propositura o vereador Lula Cabral (In Memoriam), 2022.



Figura 199 - A Câmara Municipal de Campina Grande concede o título de Cidadã Campinense à Prof^a. Maura Pires Ramos, em reconhecimento aos relevantes serviços prestados à comunidade campinense, tendo como autor da propositura o vereador Lula Cabral (In Memoriam), 2022.

Depoimentos e Relatos

I - O “Pequeno Príncipe” por seus ex-alunos

1 - Meu passado sempre presente



NESSE EXATO MOMENTO, sentei-me no longo banco de alvenaria que ficava na entrada da Escola e de lá estou observando todas as crianças adentrando-a por meio daquela porta com frestas cinza, após cumprimentar o gentil porteiro. Depois, subi na Castanhola que se localizava no centro de um tanque de areia. E, como uma das minhas “traquinagens” favoritas, estou saltando de galho em galho. Fui até o mais alto. Era sempre o melhor desafio. Agora, preni as minhas pernas em um dos galhos e virei de cabeça para baixo. Estou segurando meus óculos com uma das minhas mãos, en-

quanto a outra acena para meu querido amigo Otávio. Ao descer, ajoelhei-me na areia e começo a cavar os buracos preparando o “campo” para uma partida de bolas de gude com os meninos, mas, logo, escuto o chamado da minha doce amiga Isabel para irmos à quadra brincar de baleada com todos os colegas.

Desajeitada aos esportes, gargalhamos ao ver que a bola tomou uma rota completamente diferente da que tinha projetado inicialmente. Ao tocar o sino, que ficava à direita da porta de entrada da Secretaria (para quem está de frente), retornei para a sala de aula que tinha “uma porta secreta” que dava diretamente para a sala da “Tia” Maura. Lá, tinha uma mesinha ao lado de uma janela e, em cima dela, o livro cujo título resgata todas essas encantadoras e inesquecíveis memórias.

Por incrível que possa parecer, tais lembranças não estão escondidas em algum lugar da minha mente. Estão vivas e latentes na pessoa que sou hoje. A “Escola Pequeno Príncipe” faz parte da minha essência justamente porque também me constituiu como ser. Na semana dos Jogos, minha maior expectativa era a hora de comer o cachorro-quente na hora do lanche. Afinal, perder ou ganhar uma partida de qualquer que fosse o jogo era perfeitamente natural, assim como é na vida. Participar de uma peça de teatro me fez perceber quão é importante o desafio, mas, ao mesmo tempo, ter o direito de escolher ser a árvore me fez aprender a respeitar os meus limites. O “sim” e o “não” dentro da Escola não eram pronunciados sozinhos. Tudo nos era explicado. Da mesma forma, éramos estimulados a argumentar; éramos ouvidos e, assim, nos percebíamos como sujeitos do mundo. Em uma discussão com um coleguinha, a “tia” estava sempre pronta para mediar o conflito ressaltando a necessidade do diálogo e enaltecendo a importância de se respeitar os diferentes pontos de vista.

Assim, a tolerância às opiniões divergentes das minhas era fortalecida, fundamental para se viver em paz. Voltar à Escola pelos caminhos da memória do meu coração, possibilita o reencontro com minha feliz criança interior. Naquele espaço de aprender Matemática, Ciências e Língua Portuguesa, também foi o lugar de aprender a ser livre, de desenvolver a autonomia, de se reconhecer como indivíduo de direitos, de ter coragem e autoconfiança para enfrentar o mundo que me aguardava e, principalmente, de

construir memórias afetivas para revisitar toda vez que me sentir, mesmo que por poucos instantes, perdida.

E, hoje, como advogada luto pelas causas feministas. Como Coordenadora e Professora de um Curso de Direito em uma Instituição Particular na cidade de Fortaleza/CE, me invisto na missão de entregar, para a sociedade, profissionais éticos e comprometidos com a justiça social. Como doutoranda em Educação pela Universidade Estadual do Ceará, em ato de resistência, defendo o ensino público, de qualidade e gratuito para todos os brasileiros. Como pesquisadora, preocupo-me com a formação docente universitária e, como mãe do João e da Alice ainda procura uma “Escola Pequeno Príncipe” para eles.

Ana Paula Martins Albuquerque, ex-aluna da “Escola Pequeno Príncipe”, Campina Grande/PB.

Fortaleza/CE, 01 de outubro de 2021.

2 - Lembranças do “Pequeno Príncipe”



ASSIM COMO A ROSA é regada e cuidada pelo Pequeno Príncipe em seu planetinha, a “Escola Pequeno Príncipe” é o símbolo de um raro tipo de cuidado com a educação das crianças.

Certamente, o “pequeno príncipe” me marcou profundamente em diversos aspectos. Hoje sou formado em Cinema e Audiovisual, trabalho com filmes e faço pesquisas sobre o assunto no meu atual mestrado, também em cinema.

Antes de me interessar por filmes, eu tive uma paixão por Artes. Sempre chamou minha atenção as Artes visuais, a literatura, o teatro, a música, o cinema, e quando me esforço para lembrar das minhas antigas memórias relacionadas à Arte, o pequeno sempre está presente. Não imagino hoje uma escola que tenha tanta ênfase neste aspecto. Aulas de desenho, pinturas nos muros da escola, músicas de MPB que tocavam nos eventos e festinhas, filmes que passavam na biblioteca, que claro, era repleta de livros. Parecia um

ser exótico como o “pequeno príncipe”, dentro do nosso tradicional sistema de educação automatizado e voltado para os vestibulares.

Me marcou também, a ênfase na questão social, tão trabalhada quanto as Artes e, muitas vezes, unidas a ela. Aprendíamos história, língua portuguesa e geografia, através das manifestações artísticas.

Por exemplo, lembro-me bem do Cordel que nós, alunos do “Pequeno Príncipe”, construímos juntos na sala de aula. Tratava-se de uma poesia sobre o problema do lixo de nossa sociedade e que de fato foi publicado posteriormente.

Assim, aprendíamos sobre respeito, solidariedade, coletividade e cuidado, algo potencializado por meio do contato com convidados diversos, que eventualmente vinham nos visitar, como por exemplo, uma tribo indígena, um guarda de trânsito, artistas diversos, entre outros. Havia, portanto, uma aproximação do mundo real com a nossa educação.

Claro que não poderia faltar as aulas de ciências naturais e matemática, que embora não gostasse muito destas matérias, eram muito bem trabalhadas. Não poderia ser diferente, com os vários professores e professoras excelentes que lecionavam na escola.

Não esqueço também dos esportes e atividades físicas que a escola nos proporcionava, tinha uma quadra simples, mas que era muito bem utilizada para várias atividades. Os jogos internos eu adorava, os vários jogos de tabuleiro e esportes nos davam um grande sentimento de união.

Um conjunto de práticas pedagógicas que tenho certeza que impactou socialmente e artisticamente a todos aqueles que passaram por lá. Minha querida Tia Maura foi, com certeza, uma personagem crucial nesta linda história e a ela sou eternamente grato.

Campina Grande, Paraíba, 24/05/2021.

Antônio Burity Serpa – ex-aluno da “Escola Pequeno Príncipe” - Campina Grande/PB

Formação Acadêmica: Cinema e Audiovisual

Cursando atualmente mestrado na Universidade Federal Fluminense (UFF).

3 - Primeiros passos



É DIFÍCIL REGISTRAR em poucas palavras o que foi minha passagem pela “Escola Pequeno Príncipe” e a importância que ela teve na formação do eu como cidadão, pessoa e profissional. Primeiramente meu pai havia estudado no “Pequeno Príncipe” e quis que eu tivesse esta experiência. Iniciei meus estudos lá em 1995 no Jardim de Infância I, segui até no ano de 2001, na antiga 4ª série do Ensino Fundamental que era a última que a Escola oferecia. Foram muitas histórias que guardo com carinho e sempre que possível as relembro. Não há como falar do “Pequeno Príncipe” e da minha trajetória nele sem citar Tia Maura, no meu ponto de vista um não existia sem o outro e com certeza este nome aparecerá muitas vezes neste breve depoimento.

Sempre fui muito curioso, esperto, questionador e um tanto quanto levado; Tia Maura quem o diga, lembro de volta e meia estar em sua sala por algo que havia feito, mas me mantinha ali entre os melhores alunos apesar das travessuras. A Escola tinha algo de especial que nos fazia querer estar lá, não sei se era a forma de passar o conhecimento, os funcionários e professores, a própria “Tia Maura” e o conjunto destes fatores que faziam as coisas darem certo e criar este ambiente.

Todos os anos, ansiava pelos eventos que a Escola promovia, tínhamos os Jogos Internos, as Exposições de Arte (que era uma das minhas prediletas), Feira de Ciências, os Festejos Juninos, Dia da Criança, sempre tinha algo que criava expectativas, essa forma lúdica de ensinar que temos como novidade nos dias de hoje, já era aplicado no “Pequeno Príncipe” a tempos.

Quando falo em estar por volta e meia na sala de “Tia Maura”, realmente era verdade, lembro-me de certa vez ter tido problemas de relacionamento com uma professora ainda na segunda série, não lembro ao certo quais os motivos por não me dar bem com ela, sempre tive uma personalidade forte, fui me queixar a “Tia Maura” que por sua vez era sensacional em resolver conflitos, minha mãe lembra até hoje das palavras que disse na minha queixa, na oportunidade Maura havia anotado por achar interessante vindo de uma criança passando posteriormente para minha mãe, na queixa havia dito que não gostava da professora porque ela se achava a Rainha da Cocada Preta. Não sei bem o que quis dizer com isso, foi até engraçado, mas Maura prontamente entendeu, eu havia mudado de turno da manhã para a tarde devido ao trabalho dos meus pais na época, não me adaptei à turma, aos métodos da professora e “Tia Maura” juntamente com minha mãe entenderam que seria melhor eu retornar para meu antigo turno e tudo foi resolvido.

As histórias da época são muitas, para contar todas dariam para escrever um livro e dentro deste livro, todas elas tiveram fundamental importância na minha formação. Posso citar mais uma que definitivamente pode ter sido um norte em minha vida.

Como disse anteriormente todos os anos ansiava pelos eventos do “Pequeno Príncipe”, em especial as amostras de artes, pois lá conseguia fazer muitas coisas práticas legais e expor meus trabalhos para todos verem, Tia Maura tinha algo de especial que era incentivar a criatividade e mais importante identificar e cultivar os potenciais dos seus alunos, ela não queria simplesmente formar robozinhos para serem alunos notas 10 que reproduzissem uma fórmula engessada, ela queria exaltar as melhores qualidades deles; no meu caso em especial certa vez uma professora teria informado para meus pais que eu passava muito tempo desenhando na sala de aula e por este motivo não estava prestando atenção, minha mãe foi falar com Tia Maura dizendo não saber o que fazer e que iria me proibir de desenhar,

prontamente Maura falou para minha mãe para nunca fazer isso, pois isso fazia parte do meu desenvolvimento e que no futuro eu poderia ser um artista ou seguir por algum caminho parecido, ela falou para minha mãe “vamos procurar outra forma de contornar isso e trazê-lo para a aula”. Não sei o quanto este momento e todos os incentivos que a Escola me deu pode ter influenciado na minha vida e desenvolvimento, mas posso dizer que depois de todo esse tempo, hoje aos 30 anos possuo duas formações, sou Designer formado pela UFCG, já fui premiado regionalmente em concurso da área, e estou começando minha carreira como Arquiteto Urbanista, ainda tenho muito chão pela frente, mas se hoje sou o que sou pode ter certeza de que alguma sementinha foi plantada lá atrás no “Pequeno Príncipe”.

Campina Grande, 18 de julho de 2021.

Arthur Glauco Fortunato Souto Maior / ex-aluno.

Profissão: Designer e Arquiteto Urbanista.

4 – O capítulo mais bonito da minha história



ESTUDEI NO “PEQUENO PRÍNCIPE” de 2004 a 2006, mas retornei várias e várias vezes como visitante, anos depois de ter saído da Escola, e ainda hoje é difícil traduzir com palavras a sensação que tinha sempre ao passar pelo portão de entrada, era quase como uma viagem no tempo, onde eu me sentia novamente como a criança que estudou ali. A “Escola Pequeno Príncipe” é lugar de memórias afetivas, lembranças que guardo e relembro com muito carinho. Revisitá-las é como fazer um passeio agradável pelo passado, pela melhor parte da minha infância, quando sentia ansiedade para chegar logo na Escola e os meus dias eram preenchidos com alegrias, amizades, arte, brincadeiras na quadra, leituras na biblioteca, e aquele sentimento de se sentir “invencível” na castanhola.

Acho que eu sempre soube que estudava em uma escola excepcional, mas hoje tenho certeza do quanto ela foi diferenciada, principalmente em relação aos seus valores e metodologias, e percebo o tamanho do meu pri-

vilégio por ter tido uma experiência tão enriquecedora nos meus primeiros anos escolares. A “liberdade para pensar e crescer” me levou até os caminhos que me trouxeram até onde estou, e contribuiu para a construção da pessoa que me tornei.

Meu coração transborda gratidão e saudades sempre que falo desse lugar tão especial para mim, onde tinha aquela sensação de pertencimento, de estar em casa. Um lugar onde criei laços de amizade que levo pra vida inteira, e onde aprendi muitas coisas que não estão e nem cabem nos livros didáticos, valores que carrego comigo e que fazem parte da minha essência.

Tenho uma grande admiração pela história da Escola, que foi tão inovadora e importante não só para seus estudantes, como para a história da cidade. Para mim, é uma honra e motivo de orgulho poder dizer que o “Pequeno Príncipe” faz parte da minha trajetória.

Não há dúvidas de que seu legado segue adiante, ultrapassando os limites dos muros da Escola e atravessando gerações. Ele continua em cada uma das crianças que, assim como eu, tiveram o privilégio de estudar lá.

Campina Grande, 23 de agosto de 2021.

Bárbara Sousa Martins, ex-aluna da “Escola Pequeno Príncipe”, Campina Grande-PB

Estudante de Arquitetura e Urbanismo na Universidade Federal de Campina Grande

5 - A “Escola Pequeno Príncipe” e sua grande importância na minha caminhada



TENHO 25 ANOS E sou ex-aluno da “Escola Pequeno Príncipe”. Desde o aprendizado das primeiras letras até à quarta série, atual quinto ano do Ensino Fundamental. O “Pequeno Príncipe” me preparou para dar continuidade a meus estudos, sobretudo, me preparou para valorizar a Cultura e a Arte. E hoje considero que esse começo escolar fez um grande diferencial em minha vida.

Por isto, escolho ressaltar algumas atividades de Arte e Cultura para ilustrar meu comentário, por sentir muita alegria e saudades ao recordar essa fase... Passávamos o ano estudando e trabalhando artistas brasileiros e com destaque para os que comemorariam centenário. Assim, den-

tre outros, aprendemos sobre Tarsila do Amaral, Portinari, Di Cavalcante, Irene Medeiros, João Cabral de Melo Neto, Machado de Assis, Graciliano Ramos e outros artistas plásticos e escritores do nosso Brasil e também do exterior.

No final do ano sempre tinha a Bienal das Artes, onde apresentávamos nossas obras, ou seja, nossa “produção” anual. Era uma “festa” muito querida por todos nós por reunir familiares, amigos e público em geral, para “encerrar o ano”. Apresentávamos novidades em cada uma: cantamos no Coral que organizamos; encenamos a peça “A verdadeira História da Cinderela”, onde representei o mensageiro real, e pintamos todo o muro da escola, externamente, com obras do “Artista do Ano”!

Essas duas últimas atividades marcaram bem minha memória e meu coração porque a saudade bate mais forte ao recordar os amigos de infância. Quando pintamos o muro do “Pequeno Príncipe”, eu cursava a quarta série e, no ano seguinte, já iria para outro colégio.

Hoje vejo quanto o método de ensino da “Escola Pequeno Príncipe” era motivador porque eu gostava de ir para a escola, de estar junto estudando e fazendo as tarefas, pensando e crescendo juntos! Senti muita falta daqueles dias e vivências que, na nova escola onde fui estudar, nem ao menos as tive assemelhadas. Tais experiências foram de total importância para minha formação acadêmica e, o mais importante, para minha formação pessoal!

Em 2019, concluí o Bacharelado em Comunicação Social (Área de especialização: Educomunicação). Trabalho, casei com Mariana e já sou pai de Helena, minha primeira “princesinha”! Gostaria muito que ela estudasse numa escola modelo “Pequeno Príncipe” porque teria uma Educação não só padronizada, mas uma educação também voltada para Cultura e Arte que ensinam Humanismo ao ensinar a pensar e a enaltecer o Povo, seu Território e suas realizações e tradições!.

Os bons tempos vividos na “Escola Pequeno Príncipe” não voltam, mas, também, não saem do coração, da memória e nos fortalecem para enfrentar, opinar e contribuir para superarmos o nosso agora com sua “abrangente” Pandemia! Gratidão a todos os dedicados e competentes professores, aos meus queridos amigos e amigas, e, sobretudo, Grati-

dão a essa grandiosa Educadora, Professora Maura Pires Ramos que com a sua “Escola Pequeno Príncipe” se constitui marco na História da Educação de crianças da nossa querida Campina Grande, Paraíba, Nordeste do Brasil!

Campina Grande-PB, julho de 2021.

Efigênio Saraiva Neto – ex-aluno
Formação atual: Bacharelado em Comunicação Social -
Área de especialização: Educomunicação.

6 - Eternas recordações da minha 1ª Escola



O “PEQUENO PRÍNCIPE” era uma Escola diferente das outras e sempre se destacava com a sua forma de ensino para os seus alunos. Uma das únicas escolas, em que se jogava futebol entre meninos e meninas nos Jogos Escolares e que sempre pensava à frente com as suas propostas de ensino.

Nunca irei me esquecer das amizades que construí por lá e das boas lembranças que a Escola me deixou. Sinto saudades de subir na castanhola, ir à biblioteca, jogar futebol no intervalo e até mesmo de dar um simples bom dia para um colaborador da Escola.

Era uma Escola onde não se valorizava notas e sim o aprendizado, além disso, nos ensinava a respeitar todas as pessoas, independente de classe social, sexo e cor. Nunca vou me esquecer, também, das aulas e Bienais de

Artes que tinham na Escola, em que aprendi a desenhar, a pintar e ter um amor pelas Artes. Hoje olhando para o passado e me recordando do tempo em que frequentei a “Escola Pequeno Príncipe”, do Jardim de Infância até o 5º ano do Ensino Fundamental. Falo do fundo do meu coração que foi a melhor escola em que estudei. Com toda sua simplicidade, ela conseguiu se destacar entre outras e marcou minha vida para sempre e, creio a vida de muita gente. Serei eternamente grato a todos que contribuíram para a realização desse excelente trabalho educacional.

Campina Grande, 27/04/2021.

Fernando Ramos de Lira Filho - ex-Aluno
Estudante do 2º Ano do Ensino Médio

7- Poema do crescer simples



É COM MUITA ALEGRIA que compartilho esse simples poema que busca passar o quanto que minha alma exulta ao me lembrar de como a “Escola Pequeno Príncipe” me ajuda a conservar memórias de simplicidade e de ternura. É com carinho que eu derramei um pouco dessas memórias em forma de poesia. Que elas fiquem registradas no teu coração e que imprimam toda minha gratidão por tudo que vivi naquele lugarzinho mágico. Com toda a gratidão de um ex-aluno e eterno admirador de ‘tia’ Maura e da ‘Escola Pequeno Príncipe’ de Campina Grande-PB.”

Gabriel Araújo Medeiros

Sinto que escrever é colocar à vista
O que bate à porta do coração.
No meu sempre bate um soneto
De doce e singela recordação
Em meus dias havia estórias
De aventuras e descobertas
Portas e janelas abertas

Só não mais abertas que nossos sorrisos
Quando entrando na porta
Um príncipe de olhar brilhante
Residente de um asteroide distante
Aparecia e semeava alegrias
Pores do Sol eram constantes
Cada dia com seus instantes
Naquela casinha
Cheia de amor, ternura e energia
Estórias de planetas e vias
Simples atos cercavam seus dias
Tudo que era vivo,
Ao seu passo crescia
Pincel, lápis e livros
Brilhavam todos, liberavam magia
Daquela que transforma toda criança
No mais formidável que ela pode ser
Simplesmente porque tem amor
Cada dia com seus instantes
Sem poupar nutrientes
De segunda a sexta-feira
Tinha seu prato de brincadeira
O crescer e o brincar davam as mãos
E junto a agitadas perninhas
Dançavam doce união
Numa grande e sonora cirandinha
Nos intervalos, correria.
Mil assuntos por segundo
Cada um, um mundo.
A brincadeira nova,
A aula do dia,
Ou aquele livro engraçado que a tia lia
Repentinamente como o vento, vinham as quedas
Mas todos ficavam seguros
Pois era porto aquele abraço, pro choro.
Bombordo do peito

Encontrava um tesouro
Bem melhor que ouro
Gracioso seu efeito
Falo da Escola de que eu partira
Não que eu partira, mas de onde fui enviado.
Ela é persistente
E mesmo comigo ausente
Semente que até ontem sorria
Hoje é flor, desabrochada e erguida,
Como quem sabe o propósito de cada medida
Na memória, a quadra tem sempre vitória.
O pincel como espada e safira
O cordel como doces memórias
De estórias que o tempo inspira
O lápis com mil cadernos
O mote sussurrado das tias
Os potes de guache virados
Misturados em novas cores que para sempre
Sempre, sempre
Pintaram o mural de nossa simpatia
Os Pores do Sol anunciavam despedidas
Mas o espírito que não finda
Sempre levava para casa
A farda marcada de brincadeiras
E rostos mais marcados ainda.

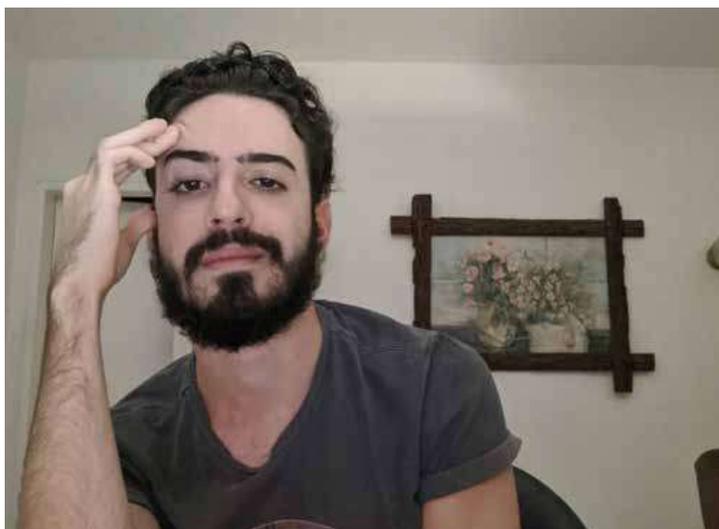
Bauru-SP, 12 de março de 2021.

Gabriel Araújo Medeiros

Ex-aluno da “Escola Pequeno Príncipe” - Campina Grande/PB

Atualmente, é estudante Universitário do Curso de Medicina na Universidade de São Paulo.

8 - Celebração dos ensinamentos nunca findos



SEMPRE QUE SE ABRE uma fresta para recordar a infância, é certo para mim que o fio dos meus pensamentos me tome para um passeio pelos corredores da “Escola Pequeno Príncipe”. É até engraçado pensar um pouco sobre o exercício de relembrar os muitos momentos bons que vivi naquela Escola, pois vejo que já é algo corriqueiro há bastante tempo. O faço, hoje, à beira dos meus vinte e um anos, mas já é algo que marca presença por pelo menos metade da minha existência, ainda que tão curta.

Lembro-me de sentar com meu melhor amigo, também ex-aluno da Escola - e grande presente desta para mim -, também Gabriel. Há alguns bons anos, ainda moleques, preocupados tão somente em gastar a energia de cada dia brincando, nos divertindo como pudéssemos, e pensar juntos sobre o quão ricas tinham sido nossas vivências ali, em termos nada formais que refletiam nossa pouca idade, claro, mas escancaravam, sobretudo, a empolgação e a felicidade de saber que os anos ali tinham sido imensamente proveitosos.

“Quando eu tiver filhos, eles vão estudar lá também”. Foi uma das coisas que ele me disse, da altura de uma infância que ainda nem dera vislumbre do adolecer. Concordei imediatamente. Não só parecia uma ótima ideia, como também refletia o que eu sentia e desejava. Ter filhos? Pensá-los em termos da responsabilidade da vida adulta? Não mesmo! Apenas desejava que outras crianças, assim como nós, pudessem ter a oportunidade de viver um pouco do que aquele lugar podia proporcionar, das alegrias mais inocentes que guiavam as brincadeiras em cada palmo dali, aos aprendizados que nos guiam até hoje em nossas caminhadas - posto, ainda, que nunca houve distinção entre espaço de brincar e de aprender, tudo se congregava perfeitamente em cada esquina da Escola.

A alegria e o sentimento de gratidão que ilustram as tão belas lembranças que trago comigo desse período da minha vida sempre foram muito presentes, mas muita coisa ainda veio me surgir quase uma década e meia após deixar o “Pequeno Príncipe”. Estas coisas seguem alguns vetores, sendo os principais: a minha forma de enxergar e lidar com a minha própria vida; e o tomar conhecimento da história de Tia Maura e do lugar que ela construiu com tanto amor e força, para além das vivências em si mesmas.

Quanto ao primeiro ponto, sempre estive acostumado com a presença da Arte na minha vida em suas mais diversas formas, e não somente enquanto um apreciador ou um observador alheio ao que contempla. Da minha infância até parte da minha adolescência, gastava folhas com desenhos, aos quais me dedicava bastante, tanto como uma atividade de lazer, um hobby, como também uma forma de expressar o que eu apreendia do cotidiano.

Mais tarde os desenhos se tornaram mais escassos, confesso tê-los deixado de lado em um dado momento da minha adolescência, mas ainda assim não segui sozinho comigo mesmo. O lápis ainda seguia na mão, mas agora atendia à escrita. Andava sempre com um caderno e uma caneta. Escrevia para deixar guardado o que mais cedo me encantara, na tentativa de traduzir algo que, de tão belo sequer necessitava de tradução, mas sem dúvida alguma valia o esforço de ser transportado para o papel, e ali ser eternizado. Escrevia para aliviar qualquer angústia, para tentar entender melhor algo que me afligia e, por conseguinte, dar outro lugar a isto. Não importava a circunstância ou o teor do momento, pela alegria ou pela dor, escrevia, e até hoje escrevo.

Somente depois de algum tempo comecei a refletir cuidadosamente sobre essa prática já tão corriqueira e o ponto de partida de todo esse impulso à Arte que em alguma medida me constituiu desde cedo e até hoje me permite reinventar a mim mesmo é, sem dúvidas, a “Escola Pequeno Príncipe”.

E sempre que falo de lá, da minha primeira Escola, reúno de tudo que a memória permite no que eu expresso: o ambiente aconchegante e alegre, as experiências de aprendizado, o amor pelo que era feito ali dentro por parte de cada funcionário... tudo! O “Pequeno Príncipe” foi mais do que uma instituição educacional, fora, antes de tudo, um lugar de vida, talvez até um refúgio, olhando com as lentes de hoje, frente a tanta barbárie vivida, sobretudo no que concerne à educação, em meio a tantos ataques e projetos de precarização que correm às pressas.

Foi lá onde tive meus primeiros contatos com os lápis, os pincéis, as tintas, as telas, a poesia... E não como partes, através da ótica da obrigatoriedade, de um engessado componente curricular, mas como um estímulo ao sentir, um estímulo à vida. E assim sendo, não poderia ser diferente. Não havia outro caminho senão trazer tudo isso comigo até hoje, na certeza de que a Arte será minha companhia em todos os dias da minha vida, e de que se manterá cintilante mesmo quando eu não estiver mais aqui, por tudo que um dia pus no papel e compartilhei com qualquer um que me atravessasse.

Já em relação à história da Escola, só pude compreender depois de um pouco mais velho, entre o Ensino Médio e a entrada na Universidade, quando, através de conversas com os meus pais, foi-se levantada a trajetória de luta de Tia Maura à frente do “Pequeno Príncipe”. Trajetória esta de quem sobreviveu à selvagem repressão da Ditadura Militar sem dar um só passo para trás, sempre olhando e caminhando para frente, por mais duro e custoso que fosse, porque sabia da importância incomensurável da educação e que somente através dela era possível sonhar com dias melhores e então construí-los. E estes dias foram erguidos.

Quanto mais cresci, mais descobri, e conseqüentemente, mais me orgulhei e fui feliz sem medidas por poder ter feito parte de um pedaço dessa história tão incrível. Trago comigo um amor inenarrável pelas vivências que acumulei ali e pela figura de Maura Pires Ramos, a minha (e de tantos outros) eterna Tia Maura. Mulher de luta, de força imensurável e de paixão inesgotável por aquilo que faz.

Hoje, também integrando a resistência às atrocidades cometidas por um Estado descomprometido com a educação e que a golpeia diretamente, sem piedade, envolvido até o último fio de cabelo na luta por um mundo mais justo, onde a educação seja verdadeiramente libertadora, como vi com meus próprios olhos e senti das mais diversas formas que ela pode ser - e a “Escola Pequeno Príncipe” é, em cada um dos que por lá passou, seja como aluno, responsável por este ou funcionário, um lembrete vivo disso -, reconheço-me, alegremente, como uma das muitas sementes ali plantadas e que seguem germinando. Em meio a tudo isso, trago comigo uma lição que sempre permanecerá viva, que é fruto das práticas desta Escola e que encontra, na figura de Maura, sua representação mais fiel, além da certeza de que sim, é possível:

Lutar, Sempre. Sem jamais perder a ternura.

Com todo o amor e carinho

Campina Grande, 31 de outubro de 2020.

Gabriel Farias Diniz.

Ex-aluno da Escola Pequeno Príncipe,

Atual graduando em Psicologia (UFCG)

Membro e pesquisador do Grupo de Estudos: Cultura e Processos Psicossociais e do Núcleo de Pesquisa e Extensão sobre Drogas (NUD-UFCG)

9 - Por um compromisso com a minha infância



POR UM COMPROMISSO com a minha tia Maura, por quem eu tenho imensa admiração, mas não só por ela, e sim por um compromisso com minha infância que escrevo este relato.

Minha infância me fez ser quem eu sou, quem de alguma forma algum dia quero ser, e quem eu serei. O espaço geográfico, cultural e sentimental palco dessa etapa da minha vida foi a “Escola Pequeno Príncipe”.

Foi no “Pequeno Príncipe” que eu me encontrei com a cultura e a liberdade de pensar, me expressar e crescer. Ainda guardo na minha memória as experiências com Portinari logo no início da minha infância, quando aprendi sobre empatia ao olhar as expressões de dor em Retirantes, somadas com uma explicação do que se passava na realidade daquela época e daquelas pessoas ali retratadas. A vida de artistas era apresentada como um filme. As professoras falavam, com toda suavidade, e precisão, as histórias da época, e aos poucos, iam introduzindo as obras para que pudéssemos observar os detalhes com o olhar crítico do contexto sócio-histórico.

A Matemática ganhava vida com a presença dos blocos lógicos e com o material dourado (montessorianos), Ciência acontecia ao misturar vinagre e bicarbonato de sódio em uma maquete de vulcão, e Literatura era ensaiada e apresentada nos palcos da Escola com peças teatrais e musicais, simples e divertidas.

A castanhola era o coração da Escola: Guerra de castanhas, brincadeira nos balanços, medo de descer da árvore, pega-pega e pique esconde. Oxe, só não vou esquecer da Beyblade e do Tazo, Pokémon na Pitchulinha, muita luta com DBZ e magia com Harry Potter. Jogos internos, quem não jogava nada, como eu, também ganhava medalha de honra ao mérito (não tinha a mesma graça, confesso). Alguém Caiu? Sem problema, pois logo vinha Dona Sevé para passar Água Rabelo no machucado. Mas, se era dor de cabeça o que estava sentindo, Elione, então, passava Água Rabelo na testa do aluno. E dor de barriga? Minha Vó Lourdinha lhe dava Água Rabelo para tomar. Depois era só comprar uma pipoca com Seu Zé pipoqueiro, que estava tudo resolvido!

E nesse espaço a que me refiro, agora já recheado com alguns elementos, eu introduzo os colegas que carrego em mim, mesmo que eu não tenha mais tanto contato com a maioria: Bella, Waguinho, Weber, Maurício, Vitor, Lucas, Matheus, Daniel, José Edison, Yuri, Eva, Tayane, Gabriella Neves, Gabriella Wanderley, Louise, Camilinha, Neto, Tiago, Pedro Paulo, Túlio, Ana Karenina, Zara, Joab, Beatriz, Bartira, Bruninho, Rafael e muitos outros que o nome não me vem à memória no momento em que escrevo este relato, mas guardo a lembrança viva no meu coração.

E eu não poderia concluir sem falar das tias, claro: Tia Tereza, Tia Mônica, Tia Fabiola, Tia Susanna, Tia Poliana, Tia Raquel, Tia Val, Tia Elione, Tia Lourdinha (Para mim é Vovó Lourdinha) e o motor propulsor de toda essa história: Tia Maura. Carregando uma história de luta ela provou que sua força ia além da conquista da democracia, com sua coragem, convicção e capacidade de transformação, ela criou o espaço que sempre será a maior referência da minha infância. De mim.

Hugo Araújo de Lira
Formação Acadêmica: Engenharia Mecânica

10 - O Pequeno (Grande) Príncipe



DEZEMBRO DE 1999: “Isabella continua participando ativamente das nossas conversas na roda. (...) Verbaliza com desenvoltura suas ideias, questiona o que não compreende e faz argumentos razoáveis. (...) Continua demonstrando interesse pelas atividades de escrita. (...) Continua participando das brincadeiras em grupo, exercendo sempre uma grande liderança. Conclusão: Após avaliar, durante este ano, as diversas manifestações de desenvolvimento da criança e respeitando o seu ritmo próprio, concluímos que Isabella poderá frequentar no próximo ano, a classe da alfabetização.”

Com os olhos marejados d’água tive acesso ao meu relatório anual, escrito pela Professora Maria Teresa Sales, após 21 anos. Estava guardado em uma pasta, cuidadosamente conservada pela minha mãe, junto a algumas lembranças da minha infância. Foi achado por acaso, em meio aos inúmeros documentos que precisei reunir para deixar, em fevereiro de 2020, temporariamente, o meu país, o Brasil, na busca incansável do meu Eu. Não poderia ter começado de uma forma melhor. A formação do meu Eu começou na “Escola Pequeno Príncipe” de Campina Grande – Paraíba.

Todos que tiveram a oportunidade de estudar ou conhecer a metodologia da “Escola Pequeno Príncipe” sabem que a “Liberdade para Pensar e Crescer” não foi um slogan posto de forma casual. A filosofia adotada pela prof^a Maura Pires Ramos prosperou, e ainda prospera na história de cada aluno que por ali passou. Ainda que não tenha frequentado a instituição como aluno, mas como professor, como pais e/ou responsáveis, como colaborador de qualquer dos setores... A sua vida tem duas fases: Pré e pós “Pequeno Príncipe”.

O gosto da Água Rabelo que aliviava a garganta. O cheiro do gel para massagem, na cor azul, guardado na Secretaria da Escola. Os gritos incansáveis na hora do intervalo. Os desenhos geométricos inconfundíveis no piso do pátio (triângulos azuis e rosas). Os crespos galhos da castanhola ao ser escalada. O cheiro da pipoca no horário da saída. O gosto de picolé ao final das Mostras Pedagógicas aos domingos. O frio na barriga na abertura dos Jogos Escolares. A sala da Diretoria sem porta, esperando só você entrar para ser recebido com um caloroso abraço e um olhar cuidadoso da Diretora, Tia Maura, como a chamávamos, a perguntar: “O que foi, minha menininha?...”

Na coordenação também encontrávamos acolhimento: “Tia Lourdi-nha”. Maria de Lourdes Ramos Lira, Coordenadora Pedagógica da Educação Infantil. Não havia como não notá-la: pequenina no tamanho, gigante na presteza. Não parava um minuto, era como o setor de “controle de qualidade” e estava sempre a revisar e orientar o trabalho dos Professores. Nos poucos minutos que se permitia vagar, Vovó Lourdes ainda dava um jeitinho de ser a minha avó: acalentava-me com um beijo no rosto, deixava comigo o cheiro do seu perfume e as seguintes palavras: volte para sua sala!

Sim, a sua vida tem duas fases: antes e depois da “Escola Pequeno Príncipe”. Na fase pós-“Pequeno Príncipe” os Museus jamais serão os mesmos. As telas de Tarsila do Amaral ou de Candido Portinari não passarão despercebidas. Se você for ao exterior, a sua melhor programação em uma viagem será se deleitar com as obras de Vincent Van Gogh ou de Claude Monet. Isto porque a sua infância, naquela Escola não foi estudar apenas Matemática ou História, mas também, e não menos importante, estudar os mais renomados artistas, nacionais e internacionais e criar, a partir de suas obras, fazendo a releituras das mesmas.

Paulo Freire expressa bem o meu sentimento ao dizer que “O mais importante é que o professor saiba ver progresso onde antes só via erros”. Foi assim que os professores da minha primeira Escola nos estimularam a dar o nosso melhor, sem a necessidade do carimbo das rudes notas numéricas. É assim que enxergo hoje a proposta dessa Escola, que, particularmente, eu acrescentaria ao slogan: “Liberdade para Pensar, Crescer (e SER)”, pois lá estão os retalhos do meu Eu, da minha vivência nesta inesquecível Escola e sua importância na minha formação pessoal inicial.

Agradeço à Maura. Agradeço à equipe de professores. Agradeço ao meu Pequeno (Grande) Príncipe!

ISABELLA OLIVEIRA LIRA

Advogada

Ex-Aluna da “Escola Pequeno Príncipe”

Sobrinha e admiradora de Maura Pires Ramos.

11 - Uma semente para mentes criativas



PASSEI 4 ANOS NO “Pequeno Príncipe”, vinha de uma escola tradicional no interior da Paraíba, na cidade de Monteiro, onde tive grande dificuldade de me adaptar. Sempre tive dislexia e TDAH, além da hiperatividade. Fora todas minhas dificuldades tinha que me adaptar com a letra cursiva, escrita obrigatória da antiga escola. Passava os intervalos inteiros fazendo atividades e copiando o quadro. Foram tempos difíceis e definitivamente mancharam a imagem da escola e do estudo.

Quando me mudei para Campina Grande e me matriculei no “Pequeno Príncipe” para o segundo ano, também demorei pra me adaptar, estava agressivo, era de se esperar não fazer muitas amizades de início, porém só de ser permitido letra bastão já era um alívio, era só questão de tempo para fazer alguns amigos, como aconteceu. Logo no meu primeiro ano de escola fui introduzido nas artes. A diferença era que na maioria das escolas eram dadas silhuetas temáticas para colorir, como um coelho da páscoa ou um papai Noel. Já na “Escola Pequeno Príncipe”, tinham-se temas, mas se você fugisse um pouco, ou muito, não significava que você estava exatamente

errado. Em seguida estudamos artistas importantes, vanguardistas, modernistas entre outros.

Desenhar era divertido, relaxante e autocrítico ao mesmo tempo, é obvio que não é o tipo de coisa que uma criança sabe sobre seus benefícios, mas sei a diferença que a arte fez na minha vida hoje. Antes era uma “fuga ao estudo”, depois um passa tempo, logo um hobby. As amostras de artes eram um dos grandes diferenciais da escola, dar a atenção a um rabisco infantil como se fosse uma obra digna de museu era uma sensação bem única, porém só depois da saída da Escola é que percebo a importância do evento.

No “Pequeno Príncipe” acabei por visitar Maura na coordenação, várias vezes, por falar coisas desagradáveis pra meus colegas, subir alto demais na Castanhola, cheguei até mesmo a quebrar a porta de vidro da minha sala, mas Maura nem sempre foi de brigar e dar advertências ou outras punições, sempre conversava bastante e dava conselhos. Lembro-me de Maura ter um escritório cheio de coisas, muitos livros e objetos decorativos raros.

O “Pequeno Príncipe” me fez crítico, claro que nem todos vão ver isso como um ponto positivo, mas o sistema das escolas está ultrapassado, é como uma chuva de futuros problemas mentais nos jovens, como: a ansiedade e a depressão tão presentes no sec. XXI, não existe medo maior que o medo de ser reprovado. O “Pequeno Príncipe” me mostrou que essa pressão não é necessária para o aprendizado. Levo amigos do “Pequeno Príncipe” pra vida toda, e sou muito grato por ter a sorte de ter estudado nessa maravilhosa Escola. Poderia passar mais tempo falando da castanhola, da biblioteca e da quadra, mas por hora isso é tudo.

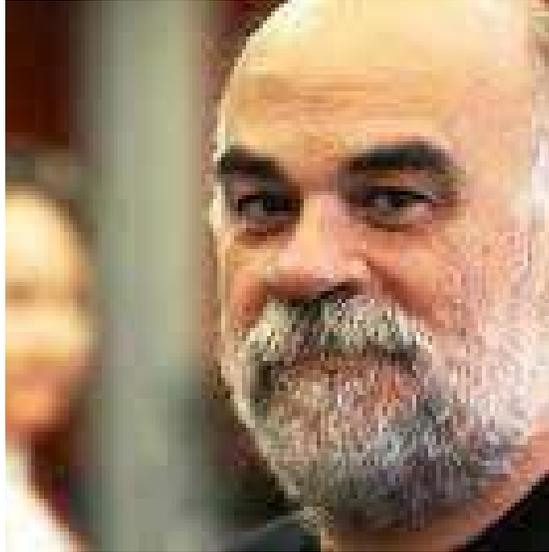
Campina Grande, 09/03/2021.

Joaquim Panet Cavalcante

Ex-aluno da “Escola Pequeno Príncipe”

Atualmente faz o terceiro ano do Ensino Médio, na Escola SESI Prata.

12 - O Belo Canto de Maura



E o infinito voo azul *dos Pássaros-Príncipes*

O SUAVE E SINCERO olhar a espelhar a clareza de um dom, a revelar a pureza de um sonho. Rios e caminhos que correm em companhia de brancas nuvens, de mãos dadas com os magníficos e incontidos fios do arco-íris. Vento denso e forte, mar, céu, chuva, sol e norte. Intenso canto de vida, imenso hino de amor. Cores e flores continuam a reger a beleza do orvalho, clarões e vazões permanecerão a desvelar a grandeza do crepúsculo. Permanente colheita dos bons e dos maiores frutos. Livre voo, sentimento, espaço e conquista. A liberdade do azul mais puro redesenha o íntimo e infinito ciclo que borda a extraordinária simplicidade do horizonte. Príncipes e princesas alcançam a terna aura de Maura, em voo lindo ao redor do tempo, entre asas e pássaros, luzes e estrelas, claves e vértices.



João Pessoa, 02 de janeiro de 2017.

Juca Pontes (autor). *In memoriam*

Escritor, Poeta, Jornalista, Editor.

Ex-aluno da “Escola Pequeno Príncipe”, Campina Grande/PB.

13 - Memória feliz



TENHO DA “ESCOLA PEQUENO PRÍNCIPE” uma lembrança doce, de uma Escola aconchegante e acolhedora. Uma das coisas mais importantes e que nos dava muita satisfação no “Pequeno Príncipe” era o contato com a Arte. Por exemplo, lembro bem das aulas de português, em que conheci “O Domingo no Parque”, de Gilberto Gil, que tinha uma Juliana como eu. Conheci “Bola de Meia, Bola de Gude”, de Milton Nascimento e Fernando Brant, já antecipando a garotinha que sempre moraria dentro de mim. Conheci também “João e Maria”, canção inesquecível do Chico Buarque.

Na “Escola Pequeno Príncipe” havia momentos para aprendizado e diversão (que não são coisas excludentes, por sinal!). Encantava-me as en-

cenações em homenagem ao Dia das Mães, em que mamãe sempre se emocionava... Brincar de “baleada”, na Quadra de Esporte, muito era para nós, momentos inesquecíveis. E um dos meus maiores afetos, além da minha amiga Jaqueline, era aquela famosa árvore, a castanhola, cheia de pneus como balanços, um dos nossos brinquedos preferidos. Era muito bom subir na árvore! Enfim, a “Escola Pequeno Príncipe” ficará para sempre marcada na minha memória como componente fundamental de uma infância feliz.

Recife, 30 de abril de 2021.

Juliana Martins de Assis

Ex-aluna da “Escola Pequeno Príncipe” – Campina Grande/PB
Graduada em Engenharia Elétrica pela UFCG e pós-graduada em Neurociências e Engenharia Elétrica pela UFRN e pela UFCG.
Atualmente exerce o cargo de professora na Universidade Federal de Pernambuco – UFPE.

14 - Encontros, Afetos e Liberdade



ALGUNS ANOS ATRÁS, eu fechava um lindo ciclo, a conclusão do Ensino Fundamental I na “Escola Pequeno Príncipe”. Foi uma despedida muito difícil, porque é difícil nos separarmos daquilo que amamos e que, naquele período, nos fez tão feliz. Mas, ciclos são encerrados, mudanças acontecem e novos encontros precisam ser vividos. A gente cresce, vive outras experiências, amadurece ou não, se machuca, aprende e continua seguindo, porque faz parte da vida. Porém, eu sabia que ainda voltaria para aquele espaço de alguma forma.

A “Escola Pequeno Príncipe” nunca saiu de mim ou eu nunca saí dela, pois somos afetados por todos os nossos encontros de formas muito singulares e que continuam a ressoar durante toda a vida. Como não ser afetada por seus muros que carregam a resistência aos Anos de Chumbo, sempre

estampando as releituras, feitas pelas crianças, de grandes obras? Ou não sentir no semblante de Tia Maura a força de alguém que acredita no que faz e faz aquilo que acredita, com convicção e coerência? Ou não perceber que naquele espaço se fazia muito mais do que os processos de ensino e aprendizagem?

Eu tinha planos de voltar para essa escola de alguma maneira, talvez como mãe de algum aluno ou uma mera visitante. De certa forma, eu voltei de uma forma inesperada e nesse período eu pude me ver no meu irmão. Pude me encantar com sua alegria, seus olhares atentos aos detalhes e o êxtase de explorar novos caminhos. Por isso, recebi a notícia com muito pesar e nessas horas as lágrimas são inevitáveis, continuam sendo.

Lembro-me de chegar e ver a castanhola, de saltitar com as decorações de carnaval e do São João. Lembro também dos pintores dos meus quatro lindos anos (Debret, Di Cavalcante, Aldemir Martins e Pablo Picasso), as peças “FLICTS” e “A Professora Muito Maluquinha” (que a minha turma encenou tantas vezes). São essas e tantas outras memórias que não saíram e que permanecerão na cabeça da menina que amava as segundas-feiras, só porque ia para a escola.

A escola não só nos ensinou (a mim e aos seus inúmeros alunos, ex-alunos, pais, professores e funcionários) os conteúdos curriculares, nos mostrou o quão é prazeroso aprender. A cada nova descoberta surgia o “brilhinho nos olhos”, nos dizeres de Tia Maura, de cada criança que se abria para aquele novo saber. Aprendizado que se vestia de esperança e se transformava em possibilidades. A educação, no seu sentido mais amplo, acontece quando há liberdade, respeito à singularidade e muito amor. Enfim, a história está escrita e as suas incontáveis páginas estão por aí, cada uma delas são sementinhas, como diz tia Maura, que vão crescer e se desenvolver.

Escrevi um texto de despedida na 4ª série, em 2009, e hoje completo: A “Escola Pequeno Príncipe” nos deu liberdade para pensar e crescer respeitando o tempo de cada um e ao mesmo tempo eternizou-se nos nossos corações. Apesar de não ser mais um espaço físico, as lembranças, os ensinamentos e a sua proposta educadora continuam vivos em todos aqueles que foram tocados por esse encontro. A minha eterna gratidão à “Tia” Maura, às professoras, à Paizinha, à Joçânia, à Elione e a todos os funcionários.

Com todo o amor de uma eterna aluna.
Laíne Louise Carvalho de Almeida estudou na “Escola Pequeno Príncipe” entre os anos de 2006 a 2009 e atualmente é graduanda do curso de Psicologia na Universidade Federal de Campina Grande (UFCG).

Texto escrito em Campina Grande, no dia 26/11/2015 e revisado em 2020.

15 - Carinhos que não prescrevem



EU E MEUS IRMÃOS Gustavo e Adriana, filhos de Maria do Socorro Rodrigues Amorim e Agnello José de Amorim, estudamos na “Escola Pequeno Príncipe”. Estive por lá do Jardim de Infância à 4ª Serie, entre os anos de 1976 e 1981.

A “Escola Pequeno Príncipe” é o lugar das lembranças mais preciosas da minha infância. Época de descobrimentos, de conhecer o colorido do mundo, onde a felicidade e a beleza imperam. Tudo é lindo: aprender a ler e a escrever, fazer amigos, conhecer o primeiro amor, tudo foi lá.

Fecho os olhos e consigo percorrer todo o Colégio.

Vejo as minhas professoras que carinhosamente as chamava de tia, todas perfiladas me dando boas vindas: Tia Eliane, Tia Socorro Ramos, Jandira, Lourdinha, Aleide, Socorro e Joseny. As professoras de Educação física também estão presentes: Marize Mota, Isabel, Tereza Cristina e Regimênia.

Fabíola na Secretaria. A direção de “Tia” Maura. E as Coordenadoras Pedagógicas, Tia Lourdinha Lira e Tia Niná Marques. As guardiãs do portão, Antônia e Ana Rita, que chamávamos de Dona Tonha e Dona Rita e que zelavam por nossa integridade como se fôssemos extensão delas. Todas queridas.

Como os eventos realizados eram marcantes! As Festas Juninas na AABB – Associação Atlética Banco do Brasil; Gresse – Grêmio Recreativo dos Subtenentes e Sargentos do Exército e no Clube Médico, que depois passou a chamar-se Clube Médico Campestre.

A comemoração do Ano Internacional da Criança no Açude Novo com a apresentação de um Coral Infantil que reuniu centenas de alunos de inúmeras Escolas da cidade, inclusive a nossa.

As Feiras de Ciências, culminância dos Projetos de Ciências que desenvolvíamos durante o Ano Letivo. Aqui me lembro de cada tema, dos colegas de grupo e do local onde fizemos cada apresentação. “O beija-flor é a menor ave que existe, porém, é a mais esperta. Conseguir voar em grande velocidade. Voa tanto para frente como para trás”. Não me esqueço dessas informações que dávamos ao público presente. A Lua: Suas fases, sua luz, sua beleza. O Desmaio: primeiros socorros. O Algodão: Cultivo, beneficiamento e utilização.

“As Olimpíadas” como eram chamados nossos Jogos Internos na época. Ah, as “Olimpíadas”!...

Lembro-me de um fato pitoresco que aconteceu quando eu estava na 3ª série. A turma da 4ª série contava com poucas meninas e a professora de Educação Física perguntou qual menina da 3ª série queria integrar o time da 4ª série. Eu, ambiciosa, me candidatei e fui escolhida. No jogo final, fui bater um lateral e o goleiro da 4ª série pediu que eu devolvesse a bola pra ele. Em vez disso, eu dei a bola para uma das jogadoras do time. O que ela fez? Arremessou a bola contra o gol de seu próprio time. Gol contra. A 4ª sé-

rie perdeu. Não esqueço a cara de reprovação do goleiro pra mim e dizendo baixinho: “Era pra você ter devolvido pra mim!”. Frustração eterna!

O incentivo à leitura e à criatividade. A produção de textos era frequente. Como eu fiquei feliz da minha redação “Se Eu Fosse a Cor Azul” ter sido escolhida como o texto de uma prova de Comunicação e Expressão. (Antes fazíamos provas. Depois, houve na Escola significativa mudança no processo de avaliação do aprendizado).

Os símbolos de resistência: a castanhola e o bebedouro (a gente descia correndo para tomar água no fim do recreio e ninguém freava pra chegar nele).

As eternas brigas com os meninos pela ocupação da quadra. As bolas dos jogos de baleada que caíam na casa dos Professores Itan e Benira Pereira.

Era o lanche dos gêmeos Micheline (in memoriam) e Antônio Silveira chegando pela janela da sala durante a aula.

Eu ainda tive o prazer de conhecer Dona Gina, avó da minha colega Luciana (filha de Tia Socorro Ramos e sobrinha de Tia Maura). Dona Gina era uma mulher valente e espirituosa que sempre nos recebia com carinho e gracinhas.

A nossa festa de despedida da 4ª série, no final de ano, última etapa de escolaridade oferecida pela Escola! O Jornalzinho com versinhos sobre cada colega e as nossas caricaturas feitas pelas colegas Luciana Ramos e Cristiana Vidal. As encenações teatrais, utilizando textos que vimos durante o ano. “É triste um homem ser pobre, um sofrimento perene...”.

Ah, como tem coisa boa pra recordar! Como são vivas as lembranças que tenho de lá. É um carinho imprescritível.

E reencontrar colegas quarenta anos depois e ver que partilhamos muitos momentos felizes?

Não consigo me imaginar estudando noutro lugar e ter tanto afeto tatuado na alma.

Tia Maura é minha tia, sim. Nunca deixou de ser. Ela é a tia que dá carinho e aconselha.

Ao voltar a morar em Campina Grande, no ano de 2018, depois de ter vivido entre João Pessoa e Recife por trinta e três anos, o “Pequeno Príncipe” já não existia mais como escola, infelizmente.

Assim, não pude matricular meu filho João, na época com nove anos, nela. Mas claro que pedi sugestões a Tia Maura sobre qual escola escolher. E ela me apresentou três opções, cada uma com sua exposição de motivos. E claro, eu acatei! Afinal, quem tem a expertise dela para formar gente do bem, merece sempre todo o respeito e credibilidade.

Como cantava Luiz Melodia: “Ô Maura, vem matar minha saudade...”

Campina Grande, 18 de abril de 2021.

LUCIANA RODRIGUES AMORIM - ex-aluna

Bacharela em Ciência da Computação pela UFPB e bacharela em Direito pela UNICAP - Universidade Católica de Pernambuco.

16 - Aprendendo e Crescendo no “Pequeno Príncipe”



APRENDI A CRESCER no “Pequeno Príncipe”, como aluna do Jardim de Infância na 4 série com a convivência com as Artes que sempre foram presentes na pedagogia da Escola, a diversidade da vida e a interdisciplinaridade dos conteúdos já nos anos 70 (reconhecida só nos dias de hoje) aprendi sobre o respeito e cuidado pelos seres vivos, o valor da Arte, o companheirismo e amor ao próximo.

Aos 15 anos, tia Maura me convidou para ser auxiliar da Secretaria, um aprendizado fantástico, a interação com as crianças que me chamavam ca-

rinhosamente de tia Lu, acompanhar o desenvolvimento dessas crianças e o amor que nutriam pela Escola, literalmente uma segunda casa, lá todos se conheciam pelo nome, uma verdadeira extensão da família.

E mais uma vez aprendi sendo mãe de Bruno e Isabel na “Escola Pequeno Príncipe”; Bruno que sempre teve dons artísticos amou a Escola nova (vindo de João Pessoa) cursou o 3ª e a 4ª série no “Pequeno Príncipe” com uma filosofia de “liberdade de pensar e crescer” e como todas as crianças, sofreu quando teve que voar do “ninho”. Esse era o problema!

E sempre vieram os pedidos de todas as turmas da 4ª série, desde quando eu tive que sair de lá para fazer a 5ª série em 1980, “faça a 5ª série tia Maura! Não queremos sair do ‘Pequeno Príncipe’”.

Já Isabel, começou a frequentar o “Pequeno Príncipe” antes mesmo de estudar lá, sempre íamos para as festividades da Escola. Quando chegou o dia de entrar no maternal aos 3 anos já sabia que queria ficar ali. Com um temperamento fechado para adultos que não fossem os da casa, foi lá que ela começou a lidar com essa convivência, tia Maura sempre passava em todas as salas depois que as crianças entravam quando tocava o sino, e aos poucos foi ganhando o coração de Isabel (sua estrelinha), que sempre teve maior orgulho de ser sobrinha-neta da tia Maura. Isabel sempre gostou de artes e sempre muito ligada e inteligente, me lembro do dia em que com apenas 5 anos, olhou para o céu e disse “ olha como o céu tá lindo! Parecendo uma pintura de Monet...” Me enchendo de orgulho.

O “Pequeno Príncipe” sempre teve conhecimento da importância de ensinar arte para as crianças desde o maternal, cada série com sua metodologia para o alcance das várias idades dessas crianças. Tenho maior orgulho de ter participado da trajetória da “Escola Pequeno Príncipe”.

Campina Grande, novembro de 2020.

Luciana Ramos Cantalice: Turismóloga, doutora em Recursos Naturais pela Universidade Federal de Campina Grande. Pesquisadora do Grupo de Pesquisa Análise de Desempenho em Políticas Públicas- GEPAD. Pesquisadora do Grupo de Estudos em Gestão, Inovação e Tecnologia – GEGIT.

17 - O encanto de ter sido uma aluna “Pequeno Príncipe”



NÃO COSTUMO me posicionar como uma ex-aluna da “Escola Pequeno Príncipe”. A expressão “ex” é algo forte que fica bem distante, no passado. Quem teve a oportunidade de fazer parte desta Escola, leva para a vida toda, vivências, aprendizados e a lembrança de uma infância bem mediada na área da Educação.

É encantador aprender com o simples e assim foi minha experiência enquanto aluna dessa Instituição.

Ter feito parte do “Pequeno Príncipe”, é ter construído uma relação íntima com o aprender através das Artes, das séries iniciais até o momento em que me encontro. Vivi dias felizes na minha infância! Na verdade, enquanto criança, não foi difícil adaptar-me naquele cantinho encantado da educação. Foi fácil fazer da Escola uma extensão do meu lar, pois lá encontrávamos amor, carinho, acolhimento e entendimento do que nossas “tias” nos

passavam. Brincávamos e aprendíamos ou aprendíamos brincando, com liberdade para pensar e construir.

Difícil foi deixar a Escola ao fim do Ensino Fundamental I. Lembro-me de cada lágrima, de cada abraço e das assinaturas nas fardas. Lembro-me também do cuidado que a nossa diretora, Prof.^a Maura Pires Ramos, Tia Maura, como carinhosamente a chamávamos, tinha ao repassar seus alunos para a próxima escola.

Era assim a querida Tia Maura da “Escola Pequeno Príncipe” e também minha tia por laços sanguíneos. Apesar de concluída a fase escolar, que lá nos era oferecida, o difícil seria deixar para trás o nosso cantinho do aprender de forma simples e que se tornou tão grandioso em nossas mentes e em nossas vidas.

O tempo passou para mim e para todos. Claro! Mas, enquanto as portas da Escola estiveram abertas, eu estava lá, prestigiando Eventos que me levavam a reviver cada momento da minha infância. Cada canto, uma brincadeira, cada lugarzinho, um momento e junto desses momentos, a expressão: “Ah, se essa castanhola falasse! “Cresci com um sonho de poder ser uma “tia” igual àquelas que tive, com magia e amor ao ensinar. E hoje o sonho está sendo realizado, pois consigo trazer vivências e aprendizados dos diversos componentes curriculares e especialmente das Artes, para a atual escola em que trabalho, aqui em Campina Grande/PB. Procuo proporcionar aos meus alunos um pouco do prazer que tive em se tratando de Arte, pois o que levo dessa Área, para eles, não faz parte de graduações ou pesquisas feitas para planejamento, mas sim de práticas sistemáticas enquanto pude fazer parte, dessa tão encantadora Escola! Então, sendo assim, o sonho continua nas vivências artísticas desenvolvidas com meus pequeninos e de tudo que ficou em mim das vivências e convivências que tive na “Escola Pequeno Príncipe”.

Campina Grande, novembro de
2020.

Rafaela Ramos Cantalice Guedes.

Ex-aluna da “Escola Pequeno Príncipe” – Campina Grande/PB
Cursando Pedagogia e exercendo o magistério no Ensino Fundamental em
um Colégio da Rede Particular de Ensino aqui em minha cidade.

18 - Depoimento de um ex-aluno



IMPOSSÍVEL NÃO DAR um pequeno testemunho de como a “Escola Pequeno Príncipe” me transformou em quem sou hoje.

Chamo-me Rennan Melo Albuquerque, entrei na Escola no Maternal e saí apenas em 1997, ao concluir a então 4ª série do Ensino Fundamental. Durante a Alfabetização, fui presenteado com o livro que dava o nome à “minha escola”, chamava-se “O Pequeno Príncipe”.

No início, apenas folheava e me imaginava no lugar daquela criança dos desenhos, e ao longo dos dias, aprendendo a ler, fui identificando palavras, descobrindo frases, e descobri que o personagem sonhava em voar, tornar-se piloto de avião e reinar pelos céus.

E no decorrer dos anos, sempre tentava subir no mais alto galho do frondoso “pé de castanholas”, existente no pátio da Escola para observar o firmamento na esperança de ver algum avião cruzando o céu, da mesma maneira durante as brincadeiras na quadra, durante o recreio.

O desejo do “Pequeno Príncipe” foi crescendo dentro de mim ao longo dos anos. Quando fiz minha primeira viagem de avião, só desejava permanecer nos céus. Até que um dia me tomou por inteiro e decidi criar asas.

Hoje, “tia Maura” (como chamávamos a querida diretora de nossa Escola), sou piloto da Empresa “Gol Linhas Aéreas”. Piloto um Boeing pelos céus do Brasil e do mundo e sempre que uma criança entra na cabine para tirar uma foto, me vem na cabeça aquele menino magrinho que tinha o sonho de voar, de conhecer os céus e que se realiza todos os dias.

Sou imensamente grato por todo o tempo que vivi na “Escola Pequeno Príncipe”, pelo convívio com cada um dos professores e funcionários, aos amigos que fiz com os quais convivo até hoje, pela educação recebida e principalmente por plantar sonhos e me proporcionar ferramentas para cultivar.

Desculpe-me pelas palavras, escrevi pelo celular enquanto aguardo mais um voo e me coloco à disposição para ajudá-la nesse projeto tão lindo.

Um grande beijo Tia Maura, fique bem!

São Paulo, em 09 de março de 2021.

Rennan Melo Albuquerque

Ex-aluno da “Escola Pequeno Príncipe” – Campina Grande/PB

Atualmente: Piloto da Empresa “Gol Linhas Aéreas”.

19 - A influência que recebi da “Escola Pequeno Príncipe” para a minha formação profissional



PENSAR, FALAR ou escrever sobre a “Escola Pequeno Príncipe” é motivo de muito orgulho para mim. Uma Escola fundada e dirigida pela professora Maura Pires Ramos, construída com muito esforço e trabalho, enfrentando uma Ditadura Militar instaurada no Brasil de 1964 a 1982.

A “Escola Pequeno Príncipe” fez parte da minha educação, da minha família e da minha vida. E então, vamos fazer um passeio pelas minhas memórias? Foram três experiências diferentes, em épocas diferentes: a primeira como aluna, a segunda como professora auxiliar e a terceira como mãe de aluna da Escola.

Enquanto aluna, gostaria de relembrar a acolhida da Escola quando chegávamos para estudar. Era um lugar de brincadeira, de arte e de liberdade de expressão. A criança tinha voz e todos os seus direitos assegurados no processo de aprendizagem e desenvolvimento. Posso fechar os olhos e “ver” a entrada da Escola, com D. Rita na portaria dando as boas vindas, aquele pátio longo e cheio de alegria onde encontrava os colegas, o pé de castanhola com balanços coloridos feitos de pneus. Nossa! Quanta cor!

Lembro também das professoras, que se dedicavam para tornar o nosso dia rico em aprendizagem. As Artes eram sempre presentes e a Escola oferecia propostas que encantavam o meu olhar e o de todas as demais crianças. Enfim, estudei na “Escola Pequeno Príncipe” até o 4º ano, na época a última etapa do Ensino Fundamental.

O tempo foi passando e tive a oportunidade de trabalhar como professora auxiliar na Educação Infantil e a partir daí começo a encontrar a minha profissão. As Professoras, Maura Pires Ramos, Diretora da Escola e M^a de Lourdes Ramos Lira, Coordenadora Pedagógica da Educação Infantil, ambas minhas tias, me conduziram a aprender muito sobre o trabalho educacional com criança.

Sendo assim, a partir das experiências que vivenciei nessa Escola, descobri o amor pela profissão do magistério e a necessidade de uma formação permanente para me aprimorar cada vez mais e me atualizar sempre. Atualmente trabalho com a Educação Infantil e utilizo em minhas práticas pedagógicas muito do que aprendi nessa querida e aconchegante Escola, que foi sempre um “Laboratório do Saber”.

Contudo, também tive a experiência como mãe de aluna. Minha filha Lorena Cantalice Grünewald lá estudou no Ensino Fundamental e foi muito feliz. O tempo só fez aumentar a minha admiração pelo trabalho pedagógico desenvolvido nessa conceituada Escola. Depois de tantas experiências vividas, acredito que uma das maiores emoções foi visitar a Exposição de Arte fundada e mantida pela Escola e encontrar obras expostas da minha filha. Que alegria! Que orgulho em constatar o respeito da Escola pelo fazer e saber da criança! Que orgulho de ter feito parte dessa exemplar história.

Finalizo reconhecendo a importância da “Escola Pequeno Príncipe” pela sua existência e participação na minha vida.

Campina Grande, novembro de 2020.

Simone Ramos Cantalice – ex-Aluna, ex-professora e Mãe de ex-Aluna da “Escola Pequeno Príncipe”.

Curso superior em Pedagogia pela UFRJ, Especialista em Ensino e Aprendizagem – Centro Universitário UNIFACISA.

Professora pública municipal da cidade de Campina Grande/PB.

II- O “Pequeno Príncipe” por pais de ex-alunos

1 - Mestres, a vocês o nosso carinho!



COLABORADORA (e)s e Professora (e)s - Heróis de nossos filhos e também nossos, a quem depositamos toda a nossa Confiança assim como foi decretado pelo Poeta:

“Artigo IV.
Fica decretado que o homem
não precisará nunca mais
duvidar do homem.
Que o homem confiará no homem
como a palmeira confia no vento,
como o vento confia no ar,
como o ar confia no campo azul do céu.

Parágrafo Único:
O homem confiará no homem
como um menino confia em outro menino”
Thiago de Mello.

A escolha pela “Escola Pequeno Príncipe” quando nossos rebentos saíram da Creche da UFCG não foi à toa, nem por acaso. Foi opção consciente e muito bem pensada – comungamos com o ideal de sua idealizadora que nos conquistou com seus ideais de uma Educação Verdadeiramente Libertadora e certamente refletiu na formação geral, da personalidade e caráter de Caio e Mariana.

Assim, por Amor e Confiança foi que: durante dia após dia, ano após ano, confiamos deixando e apanhando nossos filhos (tão pequeninos, tão frágeis, tão esfuziantes!) no salão de entrada - local de convivência, brincadeiras, lazer, mostras, reuniões de pais e mestres, e de tantos outros eventos - dessa pequenina mas tão Grande “Escola Pequeno Príncipe” Tantos saberes, tanta cultura, diversidade, respeito, conhecimento e grandeza ali foram transmitidos e vivenciados por nossos pequeninos e também por nós!

E as festas?! Aniversários! Os jogos na quadra, semana dos jogos, confraternizações!

As viagens! Ah! As viagens! Quanta alegria para entrar no ônibus, quanta festa!!!

E as pinturas no muro externo da Escola?! Uma festa para os olhos dos transeuntes! Quanto também aprendemos ali da história, da arte, da cultura e dos artistas desse país que não sabíamos!

Ah, foram tantas coisas, são tantas lembranças!

Citar nomes aqui seria correr o risco de cometer alguma injustiça. Assim furtamo-nos a, ao agradecer de coração à timoneira Maura, estar Agradecendo a Todas e Todos que como uma Grande Família receberam e educaram com paciência e amor nossos filhos em tão tenra idade naquela Escola que tão carinhosamente foi batizada de “Pequeno Príncipe” Na infinitude do Universo - Exupéry certamente vibrava em sintonia e comunhão com lembrança tão carinhosa de sua belíssima obra.

Tenham Certeza: foi um tempo Maravilhoso, na vida de nossos filhos e na nossa!!!

Poderíamos passar horas aqui discorrendo sobre aquele tempo - uma lembrança vai puxando outra e mais outra, e assim...

Eita! Acho que essas lembranças nos emocionaram!

Um Grande e Afetuoso Abraço!!! Sintam-se amadas e amados por todos nós!

Avante! Ao infinito e além!!!

Campina Grande (PB), 30 de abril de 2021.

Autores:

Adriana Marques de Lima Dela Bianca (Mãe) - Designer

José de Anchieta Dela Bianca (Pai) – Funcionário Público

Mariana Marques dos Santos Dela Bianca (ex-aluna) - Estudante

Caio Marques dos Santos Dela Bianca (ex-aluno) - Estudante

2 - À “Escola Pequeno Príncipe” e à Maura, com carinho



A “ESCOLA PEQUENO PRÍNCIPE” é uma referência para a cidade de Campina Grande. Apesar de não estar mais em funcionamento, ela permanece nas gerações que puderam desfrutar de uma educação libertadora e de uma experiência muito especial de vida. A Escola sempre foi um espaço mágico, de grandes conquistas pessoais e coletivas para as crianças que participaram da aventura e ousadia de estudar num lugar em que os excessos eram dispensados e o que estava sempre em jogo era o essencial: a amizade, a liberdade para se expressar, o encontro cotidiano com a literatura e todas as outras artes, que tiveram um lugar muito especial nas bienais inesquecíveis que foram realizadas, envolvendo crianças, professoras, direção, artistas, famílias e toda a comunidade.

Foi um tempo de sonho e de aprender. Sem provas, mas com avaliação interessada no desenvolvimento da “pessoa completa”, como Henri Wallon nos ensinou a olhar para as crianças.

Foi? Não! Permanece! Vive em cada um e cada uma que se deixou levar pelos sonhos e projetos de Maura. Uma educadora atemporal, que fez e faz história singular na educação de Campina Grande e do mundo.

Do mundo?! Por que não? O mundo é feito de pequenas histórias. Algumas são grandiosas e inesquecíveis. Elas não vão embora. Como não foram embora do meu coração e da minha família os anos mágicos nos quais Cecília Poesia e Pedro - uma das princesas e um dos príncipes de Maura - puderam ser potência e ato cheios de liberdade para pensar e sonhar.

Viva Maura! Viva a “Escola Pequeno Príncipe!”

Campina Grande, 16 de junho de 2021.

Fernanda de Lourdes Almeida Leal, mãe de Cecília Poesia Leal e Lima e Pedro Leal e Lima, ex-alunos da “Escola Pequeno Príncipe”.
Professora da Unidade Acadêmica de Educação, do Centro de Humanidades da UFCG.

3 - Pensei



QUANDO NOSSAS FILHAS estavam para sair da UEI - Unidade de Educação Infantil da UFCG, hoje UAEI (Unidade Acadêmica de Educação Infantil), para o Ensino Fundamental, foi um período de muitas dúvidas e incertezas, porque não sabíamos para onde levá-las. Devido à proposta pedagógica adotada na UEI, foi-nos sugerido a Escola Novo Horizonte e a “Escola Pequeno Príncipe”. Visitamos apenas essa última. Aliás, não simplesmente visitamos, fomos conquistados, seduzidos, enfeitiçados, contaminados, contagiados e outros tantos adjetivos que queiramos e podemos lançar mão, por esta pessoa maravilhosa, que traz por graça o nome de MAURA PIRES RAMOS. Ela apresentou-se apresentando-nos

a Proposta Pedagógica, bem como a própria estrutura da Escola! Sim, porque fica difícil pensar na proposta e no “Pequeno Príncipe” separadamente de Maura Pires! Quando Ela fala qual é a proposta pedagógica e como funciona a Escola, como as crianças devem e são atendidas, acolhidas e educadas por todo o corpo de profissionais que lá atua, Ela está falando dela mesma!!!

Fomos encantados por esta bruxa boa, uma fada mesmo da contemporaneidade, com uma visão antiga, porém nada ultrapassada, muito pelo contrário, de vanguarda, onde o ser (nossos filhos e nós os pais) somos mais importantes e melhores que o ter.

Encaro-a como o anjo divino da Educação Infantil em nossa cidade, sem desmerecer os demais que sei que existem, que mantinha um núcleo, uma ilha de resistência às forças do mal, esta educação mercantilista que vemos do outro lado da rua, por este mundo afora! Foi por esta razão que nosso último filho começou este ano de 2015 no “Pequeno Príncipe”, porque eu pensei que o tempo não estava passando, só os nossos filhos é que passavam por lá, e como a própria Maura diz: “São passarinhos que alçam voo e vão para longe”. Pensei que aquela árvore, a castanhola, com os pneus coloridos, pendurados com grossas cordas de nylon, jamais fosse se dobrar às intempéries da vida, iria apenas continuar se balançando ao sabor não dos ventos, mas do peso/educação dos nossos filhos. Graças a Deus que os vendavais não foram capazes de realizar tal feito, porém, não contava com o senhor tempo. A vida é cíclica e isso é um fato. Logo, o nosso próprio existir determina o momento exato do fechamento de cada ciclo. É o que Maura Pires está fazendo com toda a dignidade. Fiquei com vontade de transplantar não só a castanhola, mas o imóvel, todos os professores, Joçânia, Elione, Paizinha, os que não sei o nome e, é claro, a própria Maura, para onde vou levar meu filho cacula. Como a própria Maura diz: “Meu menino”. Eu acreditava que já era homem feito, mas ao ver Maura falar dos nossos filhos, no fundo vinha uma vontade, uma inveja boa de poder também chamá-la de “Tia”. Deve ser porque eu pensei que havia deixado de ser criança! Acho que só pensei. Será? Assim “Tia Maura”, quero agradecê-la por educar/amar nossos filhos. Ou melhor, por educar/amar a nossa família.

Curvamo-nos respeitosamente diante de sua alma, como gesto de reconhecimento, carinho e gratidão pelo muito que nos fez, beijando-nos os filhos, o que adoçou não só a nossa boca, mas também nossas almas.

Que Deus a abençoe cada vez mais, até porque iluminada você já é.

Jaelson de Almeida Vieira, enfermeiro e pai dos
ex-alunos Laíne Louise, Laís Maria e Bento.

Texto escrito no dia 27 de novembro de 2015 em
Campina Grande, Paraíba e revisto em 2020.

4 – “Pequeno Príncipe”, parte importante da nossa história



UM DIA DESCOBRIMOS, eu e Alexandre, uma Escola com uma proposta parecida com o nosso pensamento, então matriculamos nossas filhas uma a uma. Foi um acerto para a vida toda, pois elas tiveram o privilégio de aprender suas primeiras linhas em uma casa cheia de criatividade e amor.

E nos primeiros passos, quem precisa mais que isso? Aprenderam com prazer e alegria todo o conteúdo da primeira fase escolar. Como pais, fomos muito bem orientados a deixarmos as nossas crias construírem seu próprio caminho. Foi gratificante e maravilhoso, pois as nossas filhas Flora, Clara e Júlia, evoluíram como pessoa e como profissionais, com muita tranquilidade, carregando uma grande bagagem de criatividade. Flora é arquiteta e professora do IFPB, Clara é advogada e atua à frente do seu próprio escritório e Júlia é engenheira de produção em uma indústria, referência em estruturas metálicas.

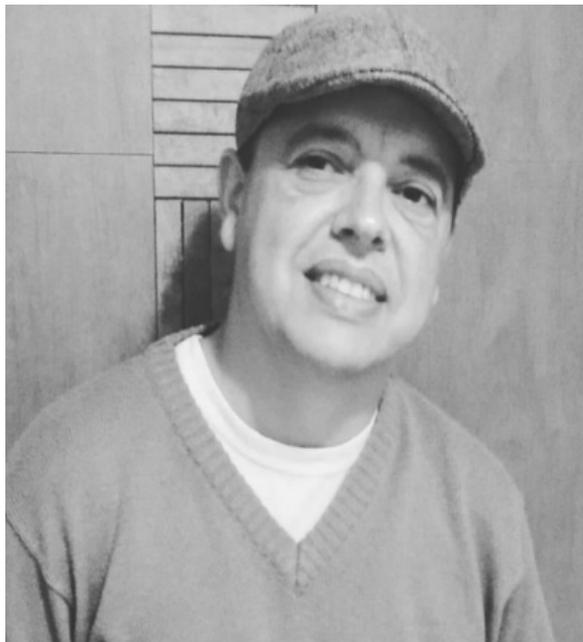
Lembramos com saudades de quando elas concluíram sua passagem pelo “Pequeno Príncipe”. Foi um sentimento de gratidão, de dever cumprido, por ter tido esse presente nas nossas vidas. Essa escola foi de fato a continuidade da nossa casa. Não poderia deixar de registrar aqui, a nossa satisfação em exaltar esse patrimônio da história de Campina.

Reverenciamos as Professoras, Maura Pires Ramos e Lourdinha Lira, duas irmãs que se empenharam por um grande feito no mundo da Educação em nossa cidade. A “Escola Pequeno Príncipe” foi extremamente transformador nas nossas vidas. O lado criterioso e crítico da nossa família também foi aguçado, o que para nós representou um ganho tremendo. Hoje somos muito realizados com as profissionais competentes e humanas, que foram frutos desta grande Escola. Gratidão é a palavra.

Campina Grande, 18 de setembro de 2020.

Maria do Rosário Alexandre Meira – Designer

5 - A Escola e a Castanhola: memórias de um pai e seus filhos



ERA UMA TARDE de dezembro, no ano de 2019, quando passava em frente àquela escola. O sinal de trânsito ficou vermelho e, circunspecto, olhei à minha esquerda e vi que a mesma se encontrava aberta, o que me fez decidir entrar.

As pinturas externas já não eram como antes: no jardim, uma papoula cor de rosa me dizia que, naquele lugar, muitas vidas floresceram. Quis atravessar aquela porta, onde, por muitas vezes, aos finais das manhãs e tardes, aguardava o reencontro com os meus filhos, os quais naquela Escola estudaram.

Quando entrei mais adiante, vi um homem que de cima de uma escada trocava uma lâmpada daquele lugar. Logo imaginei que fosse um novo funcionário: acenei-lhe e perguntei-lhe se poderia entrar, a fim de recordar

um pouco do que vivera ali, na condição de pai que, costumeiramente, estava ali. Diante do consentimento do referido senhor, fiquei à vontade para visitar o lugar.

Ao adentrar no pátio, fui tomado pela frondosa Castanhola, pois nela, metaforicamente, conseguia ver os frutos vindouros, que se renovavam a cada estação da época em que ali vivi. Aquela árvore me conduzia ao sentido maior daquele espaço educacional: o da “produção” de frutos, representada pelas crianças que lhe rodeavam; ora, pendurados nos galhos e troncos, ora, nos pneus suspensos, que serviam de balanços, ou até mesmo dispostas no chão.

E foi naquele chão em que meus dois filhos também se fundamentaram para a vida, onde tiveram a “liberdade para pensar e crescer”. Foi lá, naquele chão, de solo fértil, produtor de bons frutos, que a semente da arte também foi plantada dentro deles, o que contribuiu significativamente para sua constituição enquanto indivíduos.

Hoje, esses dois frutos tornaram-se sujeitos fortes, bons, honestos, justos e respeitosos, trilhando os caminhos da vida, na companhia inseparável do Bem e do Amor, em sua plenitude, o que também pode ser sentido nas palavras que seguem...



No estandarte de mim, reina uma criança que estica meu olhar e me faz escrever poesias. Escolas, normalmente, não formam poetas. Eu frequentei uma diferente. Para que pudéssemos vivê-la, nos foi contada sua história. E na sala de aula, curiosamente, coube a um jardineiro explicar para serzinhos miúdos como tudo começou. Hoje me faz todo sentido aquela presença, pois aquele lugar tinha a potência de ser a única flor habitando um planeta gerido por ideias completamente diferentes das pessoas grandes. É que, agora adulta, percebo como a maioria das pessoas grandes são decididamente estranhas. Como a sorte de viajar numa cadente estrela, estudei onde se plantava liberdade para pensar e crescer.



Até hoje, não me serve ser grande, muito menos ser rica, prefiro ver o pôr do sol 43 vezes num só dia, assim como fazia o “Pequeno Príncipe”. E isso só é possível porque minha doce e eternizada escola me alfabetizou a enxergar com o coração. No centro dela, uma castanhola nos tentava dizer que crescer é muito mais que comprimento, pois de nada basta altura, se não nos transpassar a coragem. Ocupar o galho mais alto a cada aventura, vencer o medo e a compostura, encontrar-se suspenso, longe do chão que limita. Minha escola não me ensinou a ser gente grande, me fez aprender a ser infinita.

Foi naquela quadra coberta, que fazia divisa com uma igreja, e que dava vista para o pé de castanhola, que tive as minhas primeiras experiências com a Educação Física Escolar. Foi amor à primeira vista. A semana de jogos internos, acendia nos alunos o espírito de competitividade, mas com a mesma proporção, trabalhava a coletividade, o respeito, a cooperação e a amizade.

Aos gestores, professores e funcionários da “Escola Pequeno Príncipe”, saibam que vocês fizeram a diferença na vida de muitos, e que conseguiram semear o bem no coração de cada aluno, que ali passou.

Hoje, cursando Licenciatura em Educação Física, percebo que minha futura profissão, a docência, seguirá o mesmo viés da Educação Física que vivenciei na “Escola Pequeno Príncipe”, que propunha aulas que não priorizava os “mais aptos”, e sim, pautava-se num ensino, do qual todos tinham vez e voz.

Campina Grande, 17 de novembro de 2022.

Alessandro Frederico da Silveira - professor universitário.
Beatriz Frederico de Oliveira Silveira - estudante de Biotecnologia.
Vinícius Frederico Oliveira Silveira - estudante de Educação Física.

III - Depoimentos de ex-professores, ex-coordenadores e demais funcionários

1- Nossas melhores memórias da “Escola Pequeno Príncipe”



ESTE TEXTO RELATA uma entrevista com a professora Joseny de Castro Coutinho, carinhosamente conhecida como Tia Jó. Eu a entrevistadora, Andréa de Faria Barros Andrade, que fui sua aluna na “Escola Pequeno Príncipe” e, portanto, testemunha de seu imenso amor e dedicação à docência. Escrevemos este texto a pedido de Maura Pires Ramos que desejando registrar a memória de sua escola, está a reunir diversos relatos/depoimentos. Decidimos inovar, e registramos juntas, ex-professora e ex-aluna, nossas memórias.

Aliás, merece destaque que foi uma entrevista com muita verdade e alguns momentos cheios de emoção. Emocione-se conosco! Boa leitura!

Andréa de Faria Barros Andrade - mestre e doutora em Educação pela
UnB – Universidade de Brasília.

Brasília/DF, junho de 2020.



“O ANO DE 1977 marcou profundamente a minha vida profissional e, posso dizer que também, a minha vida pessoal. Assim como muitas mães, naquele ano, voltava ao mercado de trabalho, após a maternidade. Eu estava com 33 anos e com 04 filhos com as idades de 13, 09, 08 e 07 anos quando recebi o convite da Professora Maura Pires Ramos para lecionar no seu estabelecimento de ensino, a “Escola Pequeno Príncipe”, na cidade de Campina Grande.

Naquele mesmo ano, Roberto Carlos lançava sua canção Amigo, que em seus versos dizia mais ou menos assim:

“Você meu amigo de fé, meu irmão camarada,
Amigo de tantos caminhos e tantas jornadas.
Me lembro de todas as lutas, meu bom companheiro.
Você tantas vezes provou que é um grande guerreiro.
O seu coração é uma casa de portas abertas”

Sem saber essa música viria a representar as amizades que me acompanharam numa jornada de 16 anos iniciada naquele e algumas delas presentes até hoje.

Relatar uma jornada de 16 anos de educação, amor e doação de uma professora em uma escola que esteve sempre à frente de seu tempo representa um enorme desafio, diante da riqueza de todo o processo. Tentaremos descrever algumas dessas memórias que carregam sutilezas através das quais podemos sentir um pouco da experiência relatada.

Uma escola é formada por seu corpo docente e técnico, sua estrutura física, seu projeto pedagógico e claro por seus discentes e familiares.

Um dos primeiros diferenciais do “Pequeno Príncipe” era o conjunto de professoras vocacionadas, apaixonadas pela educação, motivadas e que, lideradas pela Professora Maura Pires Ramos podiam desempenhar suas atividades com autonomia, criatividade, aconchego e competência.

Éramos como uma pequena orquestra entrosada e afinada. Havia muita colaboração entre os colegas professores, favorecendo assim o entrosamento dos novos profissionais. Nessa época já se realizava na Escola, na medida do possível, a Formação Continuada de seus educadores mantendo sempre um grupo homogêneo e disposto a não cair em rotina, sempre desafiado a novos projetos com base na Proposta Pedagógica da Escola, inspirada em princípios de uma Educação Libertadora.

Talvez, o que venha relatar nesse texto seja usual nas atuais escolas de excelência. Mas permitam-se voltar 40 anos no tempo, em uma cidade do interior da Paraíba para testemunharem um grupo aguerrido de professores implementarem um projeto de educação de excelência que foi transdisciplinar, arrojado e inovador.

“O primeiro ponto que gostaria de destacar na Proposta dessa Escola, na minha vida docente foi a valorização da fala dos alunos, o acolhimento a eles. Pra isso é preciso contextualizar. Nessa época, ainda era comum a ideia de que criança “não tem querer”, “não tem voz”. Nós no “Pequeno Príncipe”, éramos o oposto a essa visão retrógrada.

Valorizávamos a opinião das crianças e encorajávamos para que se expressassem livremente. Assim, atividades que envolvessem apresentação

oral eram comuns. Bem como rodas de conversa e acolhimento e decisões tomadas por meio de votação.

Também enxergávamos no esporte um importante vetor da educação. Era uma escola pequena em infraestrutura, porém, ostentávamos orgulhosos, uma Quadra de Esportes, que era a referência para as atividades livres da criança. Como também dos frequentes jogos de futebol e baleada (em alguns lugares, chamada de queimada), o que não raro gerava a necessidade de mediação com a vizinhança por alguma janela quebrada ou outro incomodo qualquer. “Falando-se em Jogos, vale destacar que anualmente promovíamos campeonatos de jogos de tabuleiro, inclusive xadrez.”

Lembrando que a Escola funcionava do Maternal até a 4ª série, correspondendo atualmente à Educação Infantil com seus diversos níveis e o Ensino Fundamental Anos Iniciais, portanto seus alunos tinham idade entre 02 e 10 anos, e mesmo assim, desde cedo eram estimuladas a diversos jogos de raciocínio e lógica.

Nos dias atuais, em escolas de qualidade, ocorrem visitas técnicas em ambientes do mundo de trabalho como forma de contextualizar um assunto ou construir conceitos.

40 anos atrás, como professora regente da 4ª série, incorporava esse tipo de visitas aos meus planos de aulas, fazendo correlação com os conceitos de matemática, português e ciências. Por exemplo, anualmente levava meus alunos para visitas a algum empreendimento de negócio da localidade.

Vou relatar uma dessas visitas a uma padaria nas proximidades da Escola, a “Padaria Imperial” de sr. Eufrásio. Durante a visita, nosso anfitrião relatava brevemente o seu processo de trabalho e os alunos eram estimulados a fazerem perguntas e registrarem por escrito suas observações. Assim, nessa visita esperava que os alunos se impressionassem com o processo de produção dos pães, como funcionava a caixa registradora, dentre outros processos, como tinha ocorrido em visitas anteriores com outros grupos de alunos.

Porém naquela visita, outro assunto capturou a atenção das crianças: elas viram uma gatinha e seus filhotes num canto da padaria. Os alunos tinham se preparado bastante para o grande dia da entrevista. Então percebi que estavam bastante divididos e curiosos. Ao mesmo tempo em que que-

riam concluir sua entrevista, conforme planejado, queriam, também, saber sobre e observar a gata e seus filhotes.

Diante de tamanha atenção despertada pela cena, eu e minhas colegas entendemos estar diante de uma oportunidade ímpar para investigar a presença dos animais naquele local, acolhendo a curiosidade dos alunos.

Assim estimulamos que os alunos pudessem desviar um pouco do foco original da entrevista. E pudessem perguntar sobre a presença dos animais. Descobriram que o forno da padaria usava lenha e por isso, atraíam ratos. Assim o dono da padaria mantinha e alimentava a gatinha e seus filhotes como uma estratégia para que os ratos não se aproximassem da padaria.

Um aluno logo deduziu: então a gatinha é uma empregada da padaria! O outro disse: o salário dela é a comida que recebe. Foram muitas as reflexões e análises dos alunos: a situação dos animais, o abandono, quais são as condições ideais para cuidado e atenção dos seres vivos, bem como soluções para o futuro dos gatinhos”.

Percebam por esse exemplo, que o planejamento da aula/visita foi dinamicamente e rapidamente alterado motivado pela curiosidade dos alunos que foi sabiamente utilizada como motor para trabalhar outros temas pertinentes. Pode parecer trivial, mas quantas vezes em nossa prática docente, “perdemos” oportunidades como essas de sair do caminho planejado e seguro e nos aventurar por outros temas que podem surgir na sala de aula? Isso requer do docente, uma sensibilidade para reconhecer em situações inesperadas, oportunidades para enriquecer sua ação docente. Afinal como no trecho do livro “O Pequeno Príncipe”: O caminho dificilmente é sempre reto... Não tenha medo de explorar outras direções (Saint-Exupéry).

“Quanto à valorização cultural, na “Escola Pequeno Príncipe”, promovíamos visitas ao Teatro Municipal, além de realização de muitas apresentações de dança folclóricas, de dramatizações, dentre outras. Também, claro, de explorarmos as tradições locais como o nosso querido São João: suas danças, músicas e gastronomia.

Fomos também inovadores com as Feiras de Ciências na cidade, para os alunos da 1ª a 4ª séries. Esse evento mobilizava fortemente as turmas que preparavam seus projetos e os apresentavam para seus familiares e comunidade em geral durante um final de semana.”

Hoje em dia, as escolas têm desenvolvido estruturas para atender às crianças com alguma demanda especializada. “40 anos atrás, dispúnhamos de conhecimento ainda limitado, porém, nós do “Pequeno Príncipe”, acreditávamos que nenhuma criança deveria ficar para trás. Então não raro, Maura me solicitava especial atenção para uma criança recém-matriculada que tinha vivenciado algum trauma familiar, ou para alguma criança com necessidade especializada de educação.

Posso dizer, sem falsa modéstia que consegui acolher, atender e ajudar no desenvolvimento de crianças utilizando ferramentas de altíssimo poder educativo: intuição, observação e amor. Por exemplo, recebi em minha sala de aula, o aluno Otávio vindo de outra escola. Ele tinha grandes dificuldades de socialização e aprendizagem. Muitas vezes precisava adaptar suas atividades. Otávio ainda estava se ambientando à Escola e às atividades. Lembro que ele tinha predileção pelos desenhos e rejeição e grande desinteresse pelas outras tarefas. Era uma criança bastante tímida e seu processo de integração com os outros alunos ainda estava em processo. Um dia correndo pela Escola, quebrou um filtro de barro para água. Em minutos, fui acionada pelos outros alunos que estavam ansiosos em contar-me sobre o acidente, muitos querendo presenciar uma bronca. Corri até ele, olhei em seus olhos e carinhosamente perguntei: você se machucou? Você está bem? Assegurei que o filtro quebrado era um assunto de fácil solução. Aproveitei a oportunidade para integrar Otávio aos seus colegas, voltando juntos para a sala de aula”.

Novamente, o leitor que vivencia o dia a dia de uma escola reconhece nessa situação, um daqueles momentos que podem significar um maior ou menor tempo na integração de uma criança, na solução de um problema.

Esse exemplo de empatia para todas as outras crianças que presenciavam a cena, foi um dos marcadores do acompanhamento individualizado que a Professora Jó conseguia dispensar a seus alunos e, por conseguinte na integração de Otávio e seus colegas.

“A meu ver, todos esses pontos, fizeram com que, a comunidade da cidade de Campina Grande, que possui Universidades muito qualificadas, reconhecesse na ‘Escola Pequeno Príncipe’ uma oportunidade para que seus filhos pudessem estudar numa escola de vanguarda. Por isso, o corpo discente da Escola era formado em grande parte por filhos de famílias li-

gadas às Universidades locais. Alguns alunos estrangeiros cujos pais eram professores visitantes, bem como alunos que não se adaptavam às escolas tradicionais da época”.

Dessa forma, criava-se um “ecossistema” propício a uma educação que favorecesse aos alunos o desenvolvimento de seus talentos e de suas competências. Fundamentalmente isso só foi possível com a atuação de professores abnegados, competentes e amorosos como Tia Jó, Tia Maura e as demais que nessa Escola atuavam.

Hoje, eu também professora, mestre e doutora em Educação pela UnB – Universidade de Brasília. Reconheço a sorte e o privilégio que tive com minha primeira escola: A “Escola Pequeno Príncipe”. Reconheço e valorizo as bases de uma educação amorosa, investigativa, inovadora e de vanguarda, bem como, me inspiro na figura de Tia Jó como uma das minhas melhores e inesquecíveis professoras. É como diz um trecho do livro que inspira o nome da Escola: Todas as pessoas grandes foram um dia crianças – mas poucas se lembram disso (Saint-Exupéry). Que bom foi relembrar dos meus dias e anos na “Escola Pequeno Príncipe!”

Joseny de Castro Coutinho – Ensino Médio realizado no “Colégio Estadual Elpídio de Almeida”, Campina Grande/PB e Formação Continuada para o Magistério realizada pela “Escola Pequeno Príncipe”, Campina Grande/PB.

2 - O “Pequeno Príncipe” e minha formação como pessoa e professora



Uma das tarefas essenciais da escola [...] é trabalhar criticamente a inteligibilidade das coisas e dos fatos e a sua comunicabilidade. É imprescindível portanto que a escola instigue constantemente a curiosidade do educando em vez de “amaciá-la” ou “domesticá-la, conforme, Paulo Freire, em “Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa”.

MINHA HISTÓRIA na “Escola Pequeno Príncipe” se divide em dois momentos: o primeiro, aquele em que, na década de 1970, aos quatro anos de idade, fui matriculada na escola para cursar o antigo “jardim de infância” e, a partir dele, todas as séries da antes denominada primeira fase do primeiro grau, etapa atendida pela instituição. O segundo, aquele em que, anos mais tarde, já prestes a concluir o curso de Pedagogia, voltei à escola como professora. Em ambos, vivi experiências muito enriquecedoras que, progressi-

vamente, ao lado de outras influências também relevantes e significativas, me forjaram como a pessoa e a profissional que sou hoje.

Inegavelmente, a experiência escolar inicial de uma criança é algo muito marcante e profícuo no sentido do estabelecimento de alicerces cruciais a toda uma vida pessoal, escolar, acadêmica e profissional futura. Ao refletir, hoje, sobre a minha vivência escolar primeira, no “Pequeno Príncipe”, obrigo-me a reconhecer o quanto ela me foi relevante ao desenvolvimento não só das capacidades de aprender e conhecer, aspectos fundamentais, sem dúvida, mas também à ampliação das possibilidades de socialização, de construção de vínculos, de expansão do universo familiar, da intimidade “de casa”, pelo incluir-me numa outra “casa”, igualmente aconchegante e afetuosa, mas ao mesmo tempo mais capaz de abrir significativas portas para contextos mais vastos e amplos.

Dessa época, lembro-me das primeiras amizades, das divertidas brincadeiras na quadra, dos jogos de “baleada”, das feiras de ciências nas quais nos envolvíamos com tanto afinho e interesse, dos ensaios das danças e apresentações para as tão ansiadas festas juninas, nessa época ainda realizadas no antigo “Clube Gresse” (Grêmio Desportivo dos Subtenentes e Sargentos do Exército), no bairro do Alto Branco. Também das intermináveis esperas nos finais de tarde, quando aguardava, na paciente companhia de Dona Antônia, ser buscada na escola, e quase sempre era a última a sê-lo!

Recordo-me também de alguns livros didáticos com os quais estudei, especificamente da minha cartilha da alfabetização “O sonho de Talita”, adotada pela tia Rosimar, que tive o imenso prazer de reencontrar muitos anos depois e que, lembrando-se de mim, ajudou-me a recordar de ter sido sua aluna e de ter, com seu fundamental auxílio, me apropriado das capacidades de ler e escrever.

Também do livro de Estudos Sociais (nesse período histórico, sob a influência dos governos militares, assim denominavam-se e eram organizados os estudos de Geografia e História) com o qual, na quarta série, com a ajuda da tia Joseny, conhecíamos a Paraíba e sua história. Ainda das aulas semanais de inglês, nas quais tia Maura nos ensinava, ludicamente, recorrendo a músicas como “Mother, father, family ... brother, sister, you and me!”.

Muitos foram os momentos significativos que marcaram, na infância, a minha trajetória como aluna do “Pequeno Príncipe”. Muitas são, hoje, as saudades daquela escola-casa onde nós, crianças, nos sentíamos tão cercados de afeto e incentivados a agir e a aprender com disciplina, responsabilidade e autonomia, vivendo o conhecimento como processo de descoberta, de construção e participação ativa.

Sei, hoje, o quão fundamentais foram os aprendizados e vivências dessa época para as minhas experiências e escolhas posteriores, inclusive a de ter optado pela docência.

Devido a essa escolha, no final dos anos de 1990, já prestes a concluir o curso de Pedagogia, retornei ao “Pequeno Príncipe”, desta feita como professora. Essa foi outra experiência igualmente significativa, que muito me auxiliou a constituir-me como docente e a melhor entender, a partir da atuação em sala de aula, o desenvolvimento das crianças, as intrínsecas articulações entre o ensinar e o aprender, o funcionamento da escola, além das facilidades e dificuldades que constituem o ser professor na escolaridade inicial.

Nessa experiência curta, uma vez que durou cerca de um ano e meio e antecedeu o curso de uma Pós-Graduação, muito aprendi e fortaleci, junto às crianças da quarta série, com as quais trabalhava mais diretamente, significativos laços afetivos, meu apreço à literatura infantil e minha preocupação concernente à formação de leitores, entre outros aspectos. Nesse contexto, poder ter planejado minha atuação pedagógica e buscado efetuar-la em plenitude, a partir dos pressupostos conceituais e políticos que me orientavam (e ainda orientam!) certamente me subsidiou para, hoje, atuar formando professoras e professores para a docência na escolaridade inicial. Também para compreender mais claramente a relevância das experiências escolares iniciais e a necessidade de todas as crianças, sem exceção, viverem a escola como prazer, como alegria, como descoberta, como liberdade, como beleza, como desejo e sonho.

O “Pequeno Príncipe” constituiu-se para mim, portanto, como espaço fundamental de ricas e profícuas experiências formativas que progressivamente favoreceram, em minha infância, o acesso ao saber sistematizado, à cultura e às artes, mas principalmente viabilizaram a construção

ativa de capacidades para me colocar diante delas de modo ativo, curioso, reflexivo, questionador e opinativo.

Mais tarde, a possibilidade de viver a docência e de experienciar o ser professora em um contexto de respeito ao educando e de vivência do ensinar e do aprender como práticas de construção de conhecimentos e, em consequência, de humanização, funções primordiais da escola.

Cabe-me, por tudo isso, lembrar da escola com saudade e reconhecimento, trazendo hoje, à minha vida pessoal e profissional, o muito que nela aprendi e vivi e que reforça em mim, cotidianamente, a crença no papel imprescindível da escola como espaço crucial de formação para a inserção ativa e crítica em um mundo cada vez mais desafiador, desigual e desumano.

Campina Grande, 21 de abril de 2021.

Sobre a autora:

Fabíola Cordeiro de Vasconcelos

Ex-aluna e ex-professora da “Escola Pequeno Príncipe”, hoje é professora vinculada à Unidade Acadêmica de Educação do Centro de Humanidades da Universidade Federal de Campina Grande - UFCG e leciona principalmente no curso de Pedagogia, no qual forma professores para a docência na educação infantil e nos anos iniciais do ensino fundamental.

3 - A importância da escola na formação continuada do professor



UM DESEJO MUITO forte no coração, a vida jamais desperdiça!

Sempre achei a escola, de um modo geral, um lugar meio sem graça onde as crianças não podiam desenvolver suas habilidades livremente, realizar seus desejos e satisfazer suas curiosidades. Parece até contraditório, não? Como professora, sonhava com uma escola mais atraente, feliz e que proporcionasse uma educação libertadora, permitindo descobertas e crescimento intelectual, tudo isso através de uma proposta mais satisfatória e mais adequada às exigências e necessidades das crianças. Mas isso tudo era muito distante daquilo que estava sendo oferecida pelos estabelecimentos de ensino que eu conhecia.

Como falei anteriormente: “Um desejo muito forte no coração, a vida jamais desperdiça!” A vida, querendo realizar meu desejo, me convidou a morar em Campina Grande/PB. Chegando nessa bela cidade de clima agradávelíssimo fui logo atrás das melhores escolas para deixar meu currículo e tentar um trabalho. Foi aí que passei de ônibus em frente à “Escola Pequeno

Príncipe” e algo me atraiu naquela Instituição. Meses depois, lá estava eu sendo professora de uma turma de 2º ano do Ensino Fundamental – anos Iniciais, na época chamávamos 1ª Série.

Logo percebi que aquele desejo, que há muito ardia em meu coração, estava sendo realizado, pois foi ali que encontrei a escola que buscava! Nessa Escola as crianças podiam participar dos momentos de aprendizagem, podiam subir em árvore, podiam fazer seus próprios desenhos, suas opiniões eram levadas em consideração... Sua aprendizagem era muito importante, mas sua felicidade também. Nessa Escola a literatura fazia parte da aula, os momentos de leitura eram constantes, os desenhos com a força criativa e espontânea das crianças... Como tudo isso era possível? Era uma Escola para alunos e professores. Pois tanto o aluno crescia como nós professores também.

Com o dia-a-dia na escola, realizando planejamentos, corrigindo atividades, orientando as crianças, logo fui descobrindo que a Universidade não havia me ensinado quase nada, descobri que eu não estava preparada para assumir a profissão na qual havia me formado, pois faltava a aprendizagem da prática pedagógica para poder ser chamada professora! A profª Maura Pires Ramos, Diretora da Escola, assistia fielmente nossa prática e em tudo nos orientava. Refletia conosco cada ação que realizávamos: correção das atividades, planejamentos, avaliação que realizávamos, numa leitura que fazíamos, um projeto que planejavamos. As ações pedagógicas de um modo geral. Ela sempre tinha algo a sugerir, nos falar e a nos orientar, pois lá nossa Formação era constante. Tínhamos como exige o MEC – Ministério de Educação e Cultura, uma Formação Continuada, Permanente.

A “Escola Pequeno Príncipe” foi minha segunda Universidade. Foi lá, com a orientação que recebia, com a professora Maura que desenvolvi uma prática de ensino fundamentada em princípios psicopedagógicos atualizados e cientificamente corretos. Lá, aprendi “tudo” o que sei sobre educação! Maura tinha um jeito de nos esclarecer (abrir nossos olhos) e mostrar caminhos que sempre nos conduzia a um trabalho mais prazeroso e com resultados satisfatórios.

Lembro-me bem o quanto o trabalho de Artes era valorizado. Nunca havia conhecido uma escola que se preocupasse tanto em desenvolver as habilidades artísticas das crianças, como nessa inesquecível Escola! Foram muitas as lições aprendidas em cada proposta que desenvolvia com os

meus alunos. Eu que (até aí não tinha tido oportunidade, nunca fui incentivada a conhecer as Artes, nunca havia estudado nada sobre o assunto, ali estava aprendendo junto com aquelas crianças e com toda a Escola sobre a vida e obra de muitos pintores nacionais e internacionais). Sim, porque estudávamos toda a vida e a obra dos pintores famosos, brasileiros ou não, e dali saíamos apaixonados pela vida daquelas pessoas que nunca conhecemos pessoalmente, mas que através dos estudos, se tornaram íntimas da nossa Escola.

Na “Escola Pequeno Príncipe”, aprendi que o desenho do aluno, mesmo com traços imprecisos, tinha um valor imensurável. Professora de alunos de sete anos de idade procurava sempre arrumar os desenhos das crianças, consertando os traços e deixando os trabalhos mais “perfeitos”, coisa de quem não via a aprendizagem pelos olhos de Maura! Toda sexta-feira nossos alunos produziam trabalhos de Arte que eram expostos na área externa da Escola, nossa Galeria. Assim os pais e visitantes podiam apreciar aquelas obras de Arte produzidas pelos nossos pequenos artistas.

Eu, professora recém-chegada na Escola, não queria que os meus alunos expusessem trabalhos com traços mal definidos e assim resolvi ajudar alguns deles, colocando os meus traços no trabalho que devia ter as características próprias da arte infantil! Ao fazer a exposição das obras, logo fui convidada por Maura para uma minuciosa apreciação daqueles trabalhos que acabara de expor. Como me lembro desse dia!!! Ela me fez perceber o que era traço da criança e o que era o meu traço. Mostrou-me que a perfeição dentro da Arte, era justamente a imperfeição dos traços tortos e desfigurados que os alunos faziam. Mostrou o valor que tinha cada desenho feito, cada cor utilizada, cada traço produzido, aos poucos foi me ensinando a realizar a verdadeira intervenção, uma intervenção que levava a criança a avançar através da sua própria reflexão e ação. Compreendi que melhorando o traço do aluno com minhas próprias mãos, estava tolhendo a oportunidade do crescimento de cada um deles. Nesse momento, percebi a grandiosidade do presente que Deus havia me dado. Aquela Escola estava me transformando numa verdadeira professora!

Hoje sou Assessora Pedagógica de uma das maiores empresas de Educação do nosso país. E por todos os lugares em que sou convidada para dar minhas palestras, faço questão de lembrar que minha formação profissio-

nal nunca foi em universidade. Descobri o mistério e a beleza da minha profissão, na “Escola Pequeno Príncipe”, em Campina Grande/PB. As crianças que passaram por essa Escola, foram crianças que tiveram o privilégio de aprender através de suas próprias descobertas e de serem felizes enquanto aprendiam. Maura Pires Ramos é e sempre será, minha eterna Mestre!

Campina Grande, 09 de julho de 2021.

Gilvânia Oliveira – ex-professora e ex-coordenadora da “Escola Pequeno Príncipe” de Campina Grande/PB.

4 - Vivências fascinantes que tive como educadora de crianças



REVIRO GAVETAS...

Encontro, guardados escritos, rabiscos, relatórios e planejamentos voltados para um trabalho desenvolvido na “ESCOLA PEQUENO PRINCIPE”, Campina Grande PB, onde iniciei minha vida profissional. Recebi da Diretora, professora Maura Pires Ramos, que exercia também a Coordenação Pedagógica da Instituição, as condições necessárias para ampliar minha formação e conseqüentemente aprimorar minha prática, com uma proposta baseada nos princípios de uma Educação Libertadora. Para isso eram realizados, com toda a Equipe de Educadores da Escola, encontros de estudos e debates, conhecimento de livros especializados, revistas e outros materiais didático-pedagógicos. Exercia minha missão de educadora, consciente da grande responsabilidade assumida.

Havia um excelente entrosamento com os componentes da equipe incluindo a nossa abnegada Diretora que nos conquistou, elo importante de uma corrente formada para alcançarmos objetivos comuns, a partir da em-

patia, determinação, conhecimento e capacidade de levar o outro a crescer e tornar-se agente detentor e multiplicador de seus saberes. A maioria das professoras eram jovens recém-formadas. Lembro-me com carinho, das colegas Rosimar Porto (in memoriam), Germana Rodrigues, Dilza Rodrigues, dentre outras. A participação em congressos, seminários, grupos de estudos e reuniões era, como disse anteriormente, uma prática constante na Escola. Na época, fui convidada por Maura a participar do projeto de implantação da classe do Maternal, na Educação Infantil, até então pioneira em nossa cidade e onde iria trabalhar com crianças de dois e três anos. Fiquei surpresa, mas aceitei o desafio. Até então, atuava junto às crianças do segundo ano escolar, na época. Iniciamos com estudos específicos sobre essa faixa etária, pesquisas, debates e, finalmente, elaboramos um Plano de Trabalho com propostas de atividades adequadas a essa nova clientela.

Os projetos psicopedagógicos eram desenvolvidos com base na filosofia expressa no slogan da Escola que era “Liberdade para Pensar e Crescer”. No decorrer do trabalho, me aprimorei na prática pedagógica desenvolvida em uma Escola à frente do seu tempo, tendo, em Maura, uma educadora convicta dos seus objetivos, uma missionária inquieta e questionadora, com capacidade ímpar de instigar o debate, acatar o contraditório, provocar a reflexão e a ampliação de conhecimentos, objetivando o aperfeiçoamento dos pressupostos teóricos e princípios pedagógicos e educacionais aplicados na Escola.

Essa prática desenvolvi, também, na UAEI – Unidade Acadêmica de Educação Infantil da UFCG - Universidade Federal de Campina Grande – PB, a convite da professora Maura Pires Ramos a qual foi co-fundadora e responsável pela implantação da Proposta Pedagógica da Entidade, tendo posteriormente, assumido sua Coordenação Geral por algum tempo.

Muito tenho a agradecer à “Escola Pequeno Príncipe”, na pessoa de Maura, minha mestra e minha querida amiga. O meu sentimento é de carinho, respeito, admiração, e GRATIDÃO pela oportunidade, por todo apoio e estímulo recebidos ao longo da minha caminhada.

Campina Grande, 10 de novembro de 2020.

Maria das Graças Costa Souza

Professora graduada em Pedagogia pela Universidade Regional do Nordeste, hoje UEPB -Universidade Estadual da Paraíba.

Curso de especialização em Comunicação Educacional pela Universidade Regional do Nordeste, hoje UEPB - Universidade Estadual da Paraíba.

5 - Memórias de um “Pequeno Príncipe”



FALAR SOBRE o que vivi na “Escola Pequeno Príncipe” é voltar no tempo do encantamento, um tempo de ver a criança sob a perspectiva de uma prática pedagógica diferenciada, onde a construção do conhecimento se dava nos pequenos detalhes da vida, na simplicidade do ser.

Falar deste espaço educativo é resgatar momentos. Com este resgate, vem a memória afetiva de um tempo em que parecíamos estar acompanhados por um personagem que ganhava cores e formas, letras e números, conversas e afetos; um espaço onde a arte de educar era desvelada como no exato momento em que o Príncipe abria a redoma de vidro para dialogar com a sua rosa.

Falar desta escola é recordar três anos de experiências singulares, onde pude exercer minha profissão de maneira rica em sentido, aprendizagem e conhecimento, haja vista o constante cuidado e atenção dados aos profis-

sionais que lá colaboravam no processo formativo de várias crianças campinenses.

O olhar cuidadoso se dava em vários momentos, no cotidiano e nos planejamentos pedagógicos.

Este cuidado me permitiu desenvolver o olhar reflexivo sobre minha prática. Além disso, fortaleceu minhas convicções de que a linguagem é uma importante aliada no processo de construção do conhecimento, principalmente nesta fase do desenvolvimento humano.

Falar do “Pequeno Príncipe” é lembrar-se de crianças que tinham vez e voz, mente e corpo, o agir e o pensar respeitados. É recordar as crianças que tinham, no ato de aprender, a preciosa sensação de que tudo se dava no tempo exato e suficiente para descobrir: o seu tempo de ser criança.

Neste lugar real e saudoso, tive a oportunidade de trabalhar por um ano letivo com as crianças do Nível I (2 a 3 anos) e, durante dois anos, com as crianças do Nível II (4 a 6 anos). Cada nível ficava em salas específicas, cada qual contendo as instalações necessárias para que as atividades fossem desenvolvidas. Além das salas, as crianças gostavam da quadra, do pátio e da biblioteca, espaço de encontro com os livros e os mundos que estes permitiam às crianças conhecerem.

Falar deste período é lembrar-se das orientações pedagógicas de Lourdes Lira, coordenadora de quem guardo recordações e contribuições relevantes para o meu fazer pedagógico. Seu cuidado em propor experiências práticas que permitissem às crianças se apropriarem do saber construído de maneira concreta era constante; suas colocações frente às minhas propostas se davam de maneira respeitosa, ampliando assim minha forma de pensar diante do que poderia ser apropriado pela criança.

Antes de serem desenvolvidos, os projetos eram compartilhados e discutidos no planejamento pedagógico. Buscavam atender a maioria das curiosidades e necessidades próprias de cada fase e tinham como inspiração conhecimentos pedagógicos e teóricos estudados na Academia, tais como Maria Montessori, Piaget e Vygotsky.

A rotina, por sua vez, ocorria em momentos de atividades diversificadas e de livre escolha, classificadas como: individual, onde a criança tinha

a oportunidade de construir sua autonomia, independência e autoestima; e em grupo, onde a criança podia desenvolver o seu processo de socialização. O desenvolvimento das crianças era registrado através do relatório, instrumento próprio da Educação Infantil.

Ao falar deste lugar especial, é preciso reconhecer que o meu repertório cultural não foi mais o mesmo depois de me encontrar com a história e a arte de pintores como Monet. Ao trabalhar com a obra e a vida deste pintor, tive a oportunidade de conhecer e apreciar, mesmo que à distância, cores, paisagens, personagens, como se fizesse parte da tela. Por meio de uma tela chamada conhecimento, este momento possibilitava a construção de saberes integrados: o pintor, a criança e a professora, juntos. Tais momentos podiam ser comparados às várias viagens que o príncipe fazia para descobrir a imensidão do universo.

O trabalho com a Arte – marca da “Escola Pequeno Príncipe” – já iniciava no Nível I, em que as crianças vivenciavam experiências de observação e apreciação das telas; conheciam a vida do pintor estudado; realizavam várias experimentações motoras; e utilizavam instrumentos como, pincel, esponja, fotografias, desenhos, materiais alternativos etc. No período em que lecionei, as crianças tiveram como fonte de inspiração artística pintores como Monet, Irene Medeiros e Picasso. Era assim que, desde bem cedo, ampliavam o seu repertório artístico e cultural.

Como dito, foi a partir das orientações relevantes de Lourdinha, como carinhosamente chamávamos nossa coordenadora pedagógica, que passei a observar de maneira singular o uso da linguagem pelas crianças, pois ela sempre nos chamava atenção para que déssemos atenção ao que as crianças falavam, propondo uma postura diferenciada sobre esta forma de expressão, pois ao expressar, as crianças indicavam os caminhos que haviam percorrido para construir determinado conhecimento e também nos davam dicas do que pretendiam conhecer. Desta forma, os saberes passavam a ter sentido, ampliados e apropriados pelos pequenos com satisfação e envolvimento.

E seguindo esse fazer pedagógico, tivemos a oportunidade de escutar várias falas, dentre estas destacamos as falas e relatos das crianças durante o processo de construção de meios de transporte, proposta de um projeto realizado na turma de Nível II, no ano de 2014. Depois de um grupo de

crianças montarem um Balão, uma relatou: “Quando vi os materiais (bola, fita, caixa e canudo), percebi que dava para fazer um balão. Primeiro colocamos os canudos na caixa de doces, assopramos o balão e colamos ele nos canudos”. Frente a esta fala pudemos observar que a criança tinha a noção de sequência, detalhando o caminho percorrido para realizar o proposto, capacidade pertinente para o processo de desenvolvimento do pensamento e da linguagem.

Enfim, falar da “Escola Pequeno Príncipe” é lembrar-se de um lugar libertador, assim como é respirar saudade e também sentir gratidão por saber que não fui apenas eu que passei pelo “Pequeno Príncipe”, mas, principalmente, que ele passou por mim e me fez crescer. Obrigada meu pequeno, por ter me cativado, deixastes a saudade e o cheiro de sua rosa, ainda que num tempo distante, repleto de recordações, ricas experiências e boas lembranças.

Campina Grande-PB em 08 de março de 2021.

Kellyana Ferreira da Silva

Ex-professora da “Escola Pequeno Príncipe”

Pedagoga e mestranda em Educação pela UFCG.

6 - A escola da vida



A “ESCOLA PEQUENO PRÍNCIPE” foi um verdadeiro laboratório, onde na prática pude valorar de fato o que é ser professor, o quanto esta profissão é importante para a construção do cidadão crítico e participativo, que busca uma sociedade mais justa e igual para todos.

Com Maura, aprendi a explorar meu lado artístico, pois os projetos estudados me faziam crescer e me redescobrir em uma área que antes achava que não tinha talento. Entretanto, com dedicação e esforço consegui aprender a apreciar as Artes. E como sinto falta desse trabalho tão lindo! Também aprendi a rever as práticas e propostas pedagógicas, onde por meio das crianças e suas experiências de vida acabei transformando a minha própria vida e a maneira de como percebê-la. E hoje agradeço por ter aprendido a desenvolver o lado humano junto com o profissional, sabendo equilibrar a

razão e a emoção, sendo firme e ética, mas sem perder a doçura de ser uma mediadora do conhecimento.

Com carinho e gratidão.

Campina Grande, 31 de julho de 2021.

Marta Barbosa

Formação acadêmica: Pedagogia e pós-graduada em Psicopedagogia.

7 - Uma escola inovadora e criativa



FOI NA “ESCOLA PEQUENO PRÍNCIPE” que minha experiência de educadora aprimorou-se. Percorri muitos lugares levando comigo a bagagem do que vivenciei nesta escola de valores humanistas, discursos e práticas libertadoras.

As aulas se desenvolviam em forma de poemas e músicas, poesias e pesquisas feitas pelos alunos e professores, cuja proposta transformava o fazer pedagógico em prazer e alegria. Nas reuniões/aulas, nós docentes construíamos o percurso revestido de saberes com sabores de vida e esperança. Daí, as atividades se faziam notas de artes visuais e literárias que nos ofereciam a produção de práticas libertadoras. Portanto, a energia da escola era de otimismo, de comunhão e laços de solidariedade.

As atividades planejadas se revestiram de beleza nas mãos dos alunos, na participação dialógica entre professores e alunos, além das famílias.

Enfim, um fazer participativo entre escola/família, cujas decisões eram tomadas em conjunto. Pois, “ninguém educa ninguém, ninguém educa a si mesmo, os homens se educam entre si, mediatizados pelo mundo”, como nos diz Paulo Freire.

Vieram então as exposições de artes, pintura, como se cada aluno vivesse num livro vivo, colorido. Lindo observar e contemplar as crianças pintando telas inspiradas em pintores famosos como Di Cavalcanti, Vicent Van Gogh, Pablo Picasso, Claude Money e outros.

Colorida também eram as festas juninas. As cores se misturavam em intensidades diferentes. As danças ficavam mais bonitas com a alegria estampada no rosto das crianças. E, todos participavam: professores, país, alunos e o pessoal de apoio.

Havia a quermesse, algo emocionante sempre acontecia de fora do salão: encontros, brincadeiras; crianças que, corriam livres pelo pátio da escola e, com a expansão da festa nos clubes.

Na época junina a escola se vestia de bandeirolas, desenhos e textos escritos pelos alunos com tema junino.

Escola VIVA! Escola cujos pilares sustentavam o que fazer pedagógico/dialógico/libertador, centrado na liberdade do pensar, “como um ato político, que liberta os indivíduos por meio da consciência crítica, como uma prática de liberdade”.

João Pessoa-PB, 13 de junho de 2021.

Niná Marques

Professora graduada em Pedagogia pela UEPB – Universidade Estadual da Paraíba - ex-Coordenadora Pedagógica da “Escola Pequeno Príncipe” – Campina Grande/PB

Professora da Rede Pública de Ensino do Município de Campina Grande/PB.

Atualmente está aposentada.

8 - O encanto das artes no mundo da educação



FALAR DA “ESCOLA PEQUENO PRÍNCIPE” é falar de um lugar onde as palavras se transformavam em Arte e a Arte, em palavras. Um lugar onde havia espaço para a exposição e confronto de ideias. Onde havia, de fato, “liberdade para pensar e crescer!”. Com sua proposta desafiadora, os alunos eram conduzidos a questionar, refletir, construir e/ou desconstruir conceitos. Ali, o “erro” era a busca do conhecimento através de desafios diários e não, um fim em si mesmo.

Trabalhar no “Pequeno Príncipe” era o desejo de todo profissional de Pedagogia recém-formado. E ali estava eu, disposta a me doar e a descobrir um mundo novo na Educação.

Confesso que diante de tantas novidades, fiquei temerosa, mas, aos poucos, fui assimilando a proposta da Escola e sem perceber já estava completamente envolvida, mergulhada nos princípios filosóficos daquela Instituição.

Em 2004, iniciei minha atuação naquela Proposta Educacional que me faria alçar voos até então inimagináveis, principalmente, no campo das Artes, abrangendo suas diversas linguagens como a Música, a Dança, a Poesia, a Dramatização e as Artes Visuais. As Artes constituíam-se no carro-chefe da Proposta Pedagógica da “Escola Pequeno Príncipe”.

Meu primeiro desafio nesse ano foi explorar, junto aos alunos, o mundo mágico de Irene Medeiros, artista plástica de nosso Estado. As perguntas que me vinham à mente eram “Como e por onde começar?”. Era nesse momento que Maura, nossa diretora, com sabedoria, tranquilidade e entusiasmo transmitia, não só a mim como a toda a Equipe de Educadores, as orientações necessárias ao bom desenvolvimento dos trabalhos. Desde a escolha dos materiais até a forma de exploração das telas do artista em estudo.

Antes de iniciarmos o Projeto de Artes com as crianças, era realizada uma reunião com o corpo docente para apresentar o artista escolhido. Tudo era discutido e encaminhado da melhor forma possível.

Num segundo momento, partia-se para iniciarmos o trabalho com as crianças. A expectativa tomava conta de todos que eram encaminhados à Biblioteca da Escola e ali Maura expunha de maneira resumida e numa linguagem acessível, aspectos da vida e obra do artista em estudo. Para enriquecer as informações dadas, eram apresentadas fotografias deste e dos familiares no seu cotidiano como, também, feitas exibições de vídeos. Alegria e ansiedade eram perceptíveis no olhar de cada criança, às quais não viam a hora de poder fazer os primeiros rabiscos das telas do pintor que iríamos homenagear.

Concluído este momento, estava dado início ao Projeto que tinha como culminância a famosa Mostra de Artes do “Pequeno Príncipe”, que chegou a ser realizada durante trinta e quatro anos. Agora, era chegada a hora de escolher os materiais que seriam utilizados nas releituras das obras. Pedras, gravetos, tecidos, papel, tinta e tantos outros recursos eram sugeridos. Durante quase três meses, detínhamo-nos a trabalhar a vida e a obra de um

dos artistas famosos, cujas releitura das telas, pelos alunos, eram expostas e apreciadas por todos durante a Mostra de Artes.

No meu segundo ano de trabalho, o artista homenageado foi Leonardo Da Vinci. Através de suas telas, viajamos por épocas remotas e fizemos descobertas interessantes sobre a vida e obra deste que foi um dos maiores pintores da Arte Medieval. Os alunos deliciavam-se, vibravam a cada nova descoberta. Através da Arte, promovíamos a geração e a reflexão de novos conhecimentos.

Comprovávamos que estes aconteciam de maneira mais envolvente e prazerosa quando perpassavam pelo campo das Artes plásticas

Em 2006, uma nova incumbência me foi dada. Assumiria, sob a supervisão da coordenadora Valdeci Margarida, o projeto “Arte Para o Transeunte” cuja culminância era a pintura dos murais externos da Escola. Confesso que, diante da magnitude do projeto, fiquei tensa, porém, Maura me fez perceber que tudo daria certo e bastava, para isso, acreditar e dar o primeiro passo.

E assim foi feito.

Os murais ficaram prontos. Belíssimos! As releituras das obras de Debret, reportando-se à história do Brasil Colonial/Imperial conduziu-nos, crianças, equipe e transeuntes, a uma viagem no tempo. Estava, então, comprovado um dos objetivos do projeto: levar a Arte/conhecimento aqueles que, por força das circunstâncias, não o obtiveram.

Ano após ano, continuamos nossas descobertas no mundo das Artes Visuais. Conhecemos lugares diversos sem sair do lugar. Passeamos pelo Ceará, com Aldemir Martins; por Pernambuco, com Romero Brito e Cicero Dias; por São Paulo, com Tarsila do Amaral; pela Argentina, Rio de Janeiro e Bahia, com Caribé e, também, pela Europa, mais especificamente, pela Espanha e França, ao lado de Pablo Picasso e Claude Monet, respectivamente.

Foi através desse trabalho que tive a certeza de que estava no caminho certo. De que a “Escola Pequeno Príncipe” transformara, definitivamente, a minha história enquanto educadora.

E como se não bastasse todo esse encantamento, ainda havia as Bienais e as Exposições Itinerantes onde os pequenos artistas sentiam-se numa noite de autógrafa. Nestas exposições que aconteciam nos Shoppings, Museus e

Universidade da nossa cidade, os alunos do “Pequeno Príncipe” puderam mostrar que a Arte e a Educação caminham de mãos dadas. O conhecimento transcende o simples fato de aprender a ler e a escrever. Concluimos, desta forma que Arte é APRENDIZADO! É VIDA!

E foi assim o meu caminhar, durante 12 anos, nesse Mundo Mágico que me transformou na educadora que hoje sou. Pude usufruir dos ensinamentos daquela que, realmente, compreende o que é EDUCAÇÃO, Maura. Esta mulher que nunca deixou de acreditar nas crianças e no seu mundo de sonhos e fantasias e, tampouco, nas pessoas!

À “Escola Pequeno Príncipe”, só me resta dizer... OBRIGADA!

Campina Grande, 19 de maio de 2021.

Nizaete Gonçalves de Araújo, ex-professora da “Escola Pequeno Príncipe”.

Professora desde 2009, na Rede Municipal de Ensino de Campina Grande. Formada em Pedagogia, pela UFCG, com Especialização em Psicopedagogia pelas Faculdades Integradas de Patos e Licenciatura em Psicologia com Habilitação em Psicologia Educacional pela UEPB.

Atualmente, leciona em turma do 2º Ano do Ensino Fundamental, numa Escola Municipal em Campina Grande-PB.

9 - Uma carta para a “Escola Pequeno Príncipe”

“O essencial é invisível aos olhos. Só se ver bem com o coração”.

Antoine de Saint-Exupéry



HÁ ALGUNS ANOS estava entregando o meu currículo e fui recebida com muita atenção por Maura Pires Ramos, diretora de uma Escola aqui em Campina Grande/PB. Na ocasião fui entrevistada por ela e em seguida a mesma solicitou que realizasse a parte escrita do processo seletivo para o cargo de professora. Lembro-me que ao final, deveria escrever uma carta discorrendo sobre por que estava pleiteando essa vaga de professora. E assim começou a minha história na “Escola Pequeno Príncipe”.

Esse foi o primeiro de muitos fatos marcantes durante a minha trajetória aí porque até então, nunca havia escrito uma carta falando sobre o meu perfil profissional, principalmente com argumentos convincentes já que não tinha sido indicada por nenhum outro profissional e também desconhecia as pessoas que ali trabalhavam que pudessem falar a meu favor. Comecei apresentando minhas experiências e no final a carta deu certo. Iniciei no ano seguinte assumindo duas turmas, uma pela manhã e outra à tarde.

A “Escola Pequeno Príncipe” tinha uma proposta pedagógica que estava à frente no tempo.

Levava os alunos a refletirem e opinarem acerca do que estava sendo trabalhado e aos poucos os conhecimentos eram consolidados. Sendo assim, a Escola estava contribuindo não apenas com a formação acadêmica, mas de um cidadão reflexivo com liberdade para se expressar como o próprio lema da Escola já expressava: “Liberdade para pensar e crescer”. Portanto, o trabalho que desenvolvíamos, sob a orientação de Maura e da Coordenação Pedagógica, não estava limitado a ensinar apenas os conteúdos, curriculares, mas levar os alunos a participarem do processo de construção do conhecimento. O aluno era visto como um todo. As salas eram com poucos alunos, uma opção de Maura, enquanto proprietária, para que o trabalho fosse de qualidade, e com isso tínhamos a possibilidade de dar uma assistência individualizada aos alunos. Ela acompanhava tudo de perto e primava pelo bom desempenho de todos. Estava sempre nos apresentando sugestões, conversando, trocando ideias. Isso me encantava.

Na “Escola Pequeno Príncipe”, eu fui professora e também aprendiz de 2004 até 2010. Saí de lá porque fui assumir o cargo de professora na rede municipal de ensino de Campina Grande para o qual fui aprovada através de um concurso público. Lembro-me que quando fui conversar com Maura sobre a minha saída ela pediu que pensasse mais um pouco. Saí, mas levei comigo os ensinamentos ali adquiridos e ainda hoje quando os coloco em prática, me reporto ao passado. Esses anos que lecionei no “Pequeno Príncipe” me ajudaram a ampliar os conhecimentos e também a minha prática enquanto docente. Esse é um dos motivos pelo qual, sempre que passo no local onde foi a referida Escola, as lembranças dos momentos vividos, das partilhas fica borbulhando em minha mente. Saudades!

Saber que a “Escola Pequeno Príncipe” estava para fechar suas portas deixou o meu coração apertado e as lágrimas rolaram, principalmente por saber que a partir de então, outros profissionais não teriam a mesma oportunidade que eu tive e nem também outros alunos poderiam viver aquela dinâmica ímpar que só acontecia dentro dos muros daquela linda e inesquecível Escola. Pequena em espaço e gigante em conhecimento.

Enfim, fecharam-se as paredes físicas da “Escola Pequeno Príncipe”, mas as do conhecimento, das lembranças estão em cada canto da cidade e em vários corações. Como você sempre dizia Maura Pires Ramos para cada turma que concluía o 5º ano: “Voem”. Foi isso que aconteceu, em um determinado momento, você, após muita reflexão, fez a escolha mais conveniente e todos voaram.

Hoje não é mais necessário ter paredes físicas, porque a “Escola Pequeno Príncipe” está em todos os lugares. Ela ultrapassou os muros e o tempo, pois ainda segue espalhando ensinamentos e mostrando experiências exitosas, através das pessoas, que assim como eu, passaram por ela, deixaram um pouco de si e levaram um pouco de lá, de você Maura, das colegas de profissão, dos alunos.

A carta que fiz para a “Escola Pequeno Príncipe” rendeu essa magnífica história com seus grandes prodígios.

Campina Grande, 25 de agosto de 2021.

Rilania Tavares Sampaio

Ex-professora da “Escola Pequeno Príncipe” – Campina Grande/PB

Formação Acadêmica: Pedagogia – UEPB. Pós-graduação: Psicopedagogia

Trabalho atual: Professora da Rede Municipal de Ensino de Campina Grande/PB.

10 - Memória afetiva e reminiscências da “Escola Pequeno Príncipe”



FOI COM GRANDE tristeza que recebi a notícia de que a “Escola Pequeno Príncipe” - Campina Grande /PB encerrará suas atividades a partir deste ano de 2016. Foi lá onde, na década de 1980, dei os meus primeiros passos como professora, dando aula nas turmas de Jardim II. Ainda estudante de Psicologia, tive a oportunidade de conhecer e aplicar o Método Montessori, totalmente inovador para a época, e que era a base da filosofia educacional da escola. Lá, tive o privilégio de conviver e aprender com profissionais altamente competentes, que colocavam o amor e o compromisso com a educação acima de tudo.

Além dessa experiência profissional, anos depois vivenciei o outro lado da história, pois todos os meus cinco filhos foram alunos da escola e ainda hoje – já adultos e encaminhados profissionalmente – guardam gostosas

lembranças daquele tempo: os besouros tipo “soldadinho” que circulavam pelos corredores, os pneus-balanço presos na árvore, o pátio frontal, o tabuleiro de areia...

Acho engraçado que sempre passava pela escola – com os muros pintados com réplicas de obras de arte de pintores famosos – e tinha a sensação de que ela estaria sempre lá, pronta para receber meus netos, bisnetos e todas as minhas futuras gerações. Infelizmente, isso não será possível e teremos que nos contentar com as nossas memórias, memórias não apenas de um espaço físico, mas de um tempo que não voltará mais!

Enfim... é mais um ciclo que se fecha e outro que se reinicia, pois todos aqueles que passaram pela Escola têm a oportunidade de, cada um a seu modo, perpetuar as lições e os valores lá aprendidos.

Campina Grande, 1º de janeiro de 2016.

Rosana Leite

Ex-professora da “Escola Pequeno Príncipe” e mãe dos ex-alunos Debora, Rachel, Suzana, Izabel e Daniel.

Formação Acadêmica: Psicóloga formada pela Universidade Estadual da Paraíba.

11- “Escola Pequeno Príncipe” uma trajetória de aprendizado e amor



“Há escolas que são gaiolas. E há escolas que são asas, que existem para dar aos seus alunos a coragem de voar”

Rubem Alves.

FALAR SOBRE MINHA trajetória na “Escola Pequeno Príncipe” faz aflorar em mim uma nostalgia de tempos benévolos na minha caminhada profissional. Estava voltando de uma experiência educacional em outro estado.

Lá, havia acumulado experiência em variados cargos na área educacional. Como sempre tive o “Pequeno Príncipe” como uma Escola de referência, onde só passava no olhar hábil de Maura Pires Ramos o profissional que fosse capaz de demonstrar capacidade técnica e sensibilidade sobre o desenvolvimento infantil, resolvi procurar a Escola em busca de uma oportunidade.

Confesso que a seleção á qual me submeti não foi nada fácil. Recepcionada pela própria Maura, que fazia questão de escolher quem iria fazer parte de seu quadro de professores, fui recebida com perguntas muito bem ela-

boradas e, na segunda etapa, convidada a realizar uma avaliação criteriosa onde teria que apresentar, na prática, se estava alinhada aos objetivos da Escola. Voltei para casa encantada com o Colégio. Esperei por dias, ansiosa, até receber uma ligação de sua Secretária me convidando para fazer parte da Jornada Pedagógica que estava prestes a começar.

Fiquei maravilhada! Ali começava minha carreira nessa renomada Instituição. Tudo que discutíamos nos bancos de Universidades sobre como deveria ser nossa prática e o momento de formação com professores, tive o prazer de viver no “Pequeno Príncipe”. Rer o Projeto Político Pedagógico, anualmente, fazer as modificações necessárias, alinhar nossas práticas a esse projeto, discutir sobre o emocional da criança, que hoje a BNCC cobra das escolas, o “Pequeno Príncipe” já fazia com maestria, há anos, estudar as propostas que os livros didáticos nos traziam, buscar maneiras diversificadas de melhorar nossa prática e ser justo com nossas crianças, eram pautas ali levadas muito a sério. A prática ação-reflexão-ação era usual no dia-a-dia nessa instituição.

Enfim, conquistei minha vaga. Mesmo chegando com anos de experiência no currículo, aprendi muito. Isso me trouxe uma alegria imensa e meu compromisso com a educação que já não era pequeno, aumentou significativamente. Produzir, refazer, avançar, retroceder, desconstruir algumas práticas, tudo isso fazia parte do nosso cotidiano. Por mais experiência que tivéssemos, sempre tínhamos algo a aprender com Maura. Fazer parte do quadro de professores dessa Escola era ter a sensação de que estava cursando um Mestrado na Área de Educação, tanto pelo grau de exigência do olhar apurado e crítico dela, quanto pela seleção e qualidade de conhecimentos científicos que nos eram apresentados.

Como não falar das aulas de Artes quando se recorda os maravilhosos anos passados na “Escola Pequeno Príncipe?” Impossível! Criar, nas aulas, situações de observações para aumentar as referências como apreciadores de artes e criadores, também, era uma prática levada a sério. Nessas aulas os alunos eram estimulados a desenvolver o olhar atento, a criatividade e senso estético através de trabalhos com obras de Artes de pintores famosos. Porém, antes de uma obra chegar até o aluno, Maura fazia questão de ministrar um estudo sobre as propostas do ano e um mergulho quase profundo na vida e obra do autor que as crianças conheceriam aquele

ano. Os frutos dessas aulas não se resumiam às aulas da disciplina. Eram nítidos os reflexos dos estudos com Artes, se estenderem no Currículo Escolar como um todo. Um aluno que aprendia a observar, olhar, analisar e interpretar obras de Artes era o aluno que tinha um olhar mais atento na hora de ler e interpretar um texto, observar gravuras nas atividades que precisava realizar, era o aluno que ao se deparar com as diversas classificações nos estudos de Ciências Naturais conseguia ver detalhes importantes para realizar esse tipo de tarefa com sucesso, era também o aluno que conseguia analisar uma operação Matemática com seus detalhes sutis porque possuía um olhar apurado. Esse trabalho com Artes desenvolvia habilidades importantes, levando os alunos a obterem sucesso nas demais Áreas do Conhecimento, pois ele se refletia em todas as áreas de atuação da criança na Escola e na vida como um todo.

Era impressionante como essa Escola conseguia ser vanguarda da educação sendo, sua prática, referência para muitos outros e, ainda hoje é para as que estão chegando. Pensar na “Escola Pequeno Príncipe” é pensar na educação do futuro, mesmo seu prédio não estando mais em funcionamento.

Ah! Que saudade! Essa Escola foi asa, nunca foi gaiola. Não ensinava, encorajava o voo de quem por lá passava, como dizia o grande Rubens Alves, em seu poema “Escola”.

E eu digo “Escola Pequeno Príncipe”, você não encerrou suas atividades... Você vive em nós. Em cada profissional que por aí passou. Em cada olhar sensível à criança que aprendemos a ter, em cada prática responsável, em cada momento onde não esquecemos nosso compromisso político com a Educação, em cada colégio que hoje se espelha em suas práticas confirmando a seriedade como Maura sempre conduziu sua Escola.

Que legado imensurável a “Escola Pequeno Príncipe” deixou em nossa cidade!

Campina Grande, 08 de setembro de 2021.

Rose Sales

Ex-professora da “Escola Pequeno Príncipe” – Campina Grande-PB

Formação Acadêmica: Graduação em Pedagogia pela Universidade Estadual da Paraíba e pós-graduação em Desenvolvimento Humano e Educação Escolar. Atua nos dias de hoje como professora no “Colégio Motiva” – Campina Grande/Pb.

12 - O fazer artístico na “Escola Pequeno Príncipe”: a arte e suas múltiplas linguagens



APÓS A CONCLUSÃO do Curso de Pedagogia, no ano de 1994, ingressei na “Escola Pequeno Príncipe”, como Professora do 3º Ano do Ensino Fundamental. Foi aí que pude realmente vivenciar uma prática pedagógica baseada nos princípios sociointeracionistas. Essa sempre foi uma Escola de referência em nossa cidade. A maioria dos professores com quem estudei no Curso de Pedagogia tinha filhos lá e sempre tinha alguma experiência exitosa desta para relatar.

Um dos trabalhos que mais me encantava no “Pequeno Príncipe” era o trabalho de Artes com as crianças e as famílias.

O trabalho era tão intenso que envolvia toda a comunidade escolar no fazer artístico. Não era raro receber um pai ou uma mãe que estava lendo sobre o movimento artístico, o pintor ou o músico que estávamos estudando com os seus filhos. Era uma Escola que respirava Artes e tudo aquilo sempre me envolveu de uma forma que hoje sou artista por conta desse espaço de

formação tão rico. Sim... o “Pequeno Príncipe” me fez artista plástica naïf. Hoje pinto profissionalmente e participo de Exposições Nacionais e Internacionais graças ao trabalho espetacular desta Escola, como se pode ver no registro fotográfico que segue:



A artista em sua primeira exposição Individual em 2019 - Obra Atelier de Costura – AST - 50 x 50

A Escola era encantadora e tinha Arte em todos os espaços. Ao entrar no “Pequeno Príncipe”, na Área de Recepção, já encontrávamos uma grande galeria com trabalhos das crianças expostos. Era o meu lugar preferido. O “Pequeno Príncipe” sempre foi vanguarda em tudo que se relaciona à Educação e antes mesmo de qualquer escola desta cidade desenvolver qualquer proposta mais progressista na Área de Artes, o “Pequeno Príncipe” já desenvolvia um trabalho sólido, envolvente, dando aos alunos a liberdade de imaginar e produzir a partir do contato com a história de diversos artistas e suas produções. Visita a Museus.

Antes dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs, 1998) e da Base Nacional Comum Curricular (BNCC, 2017), esta última publicada após o encerramento das atividades do “Pequeno Príncipe”, já desenvolvíamos um trabalho em Artes envolvendo as diversas linguagens. Sempre que iniciávamos um Projeto havia a preocupação de integrarmos as artes visuais, a música, a dança, o teatro... Incrível como o trabalho era atual. Ler os documentos oficiais me remete ao dia a dia de uma Escola décadas antes desses

documentos existirem. Os trabalhos lá realizados envolviam as práticas de ler e estudar sobre movimentos artísticos, artistas, de criar, produzir, construir, exteriorizar e refletir sobre diversas formas artísticas. Nesse movimento de conhecer e produzir Arte estávamos trabalhando a sensibilidade, a intuição, o pensamento, as emoções e as subjetividades dos envolvidos.

E não falo aqui só das crianças, não. A Arte no “Pequeno Príncipe” contribuiu para formar diversas gerações de seres críticos e conscientes do seu papel na sociedade. Também contribuiu para formar um público sensível, capaz de criar, experimentar e desenvolver uma poética pessoal.

A Proposta Pedagógica do “Pequeno Príncipe” garantia que o ensino de Arte pudesse favorecer o respeito às diferenças e o diálogo intercultural, pluriétnico e plurilíngue, importantes para o exercício da cidadania. Compreendíamos que conhecer outras culturas, outros movimentos artísticos estaríamos formando cidadãos capazes de compreender e respeitar as diferentes expressões culturais.

Como diria o José Saramago, “é preciso sair da ilha para ver a ilha”. O “Pequeno Príncipe” sempre nos fazia esse convite. Era o convite à vida, à criação, um convite para estudar outras culturas, outras histórias para nos voltarmos para nós mesmos e vermos o nosso potencial. Nessa aventura no mundo das Artes cresciam os alunos, cresciam os professores, cresciam os familiares. A Escola era um rico celeiro das Artes e sempre me encantou fazer parte daquele movimento cultural. Foi lá, nesse cenário de criação e produção, que dei continuidade à minha formação. Enquanto coordenava os anos iniciais do Ensino Fundamental fiz o Mestrado em Letras e dei início ao meu Projeto de Doutorado.

Saí da Escola para me dedicar a este projeto, mas o “Pequeno Príncipe” sempre esteve comigo como modelo de Escola em que é possível formar um cidadão crítico e participativo.

De acordo com a BNCC (2017), a aprendizagem de Arte precisa alcançar a experiência e a vivência artísticas como prática social, permitindo que os alunos sejam protagonistas e criadores. Já era essa a proposta expressa nos documentos da Escola e registrada nos planos de aulas das professoras da Educação Infantil e dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental. Os alunos eram protagonistas e criadores em todos os Projetos. Isso era notório na ga-

leria da Escola e na sua Bienal de Artes que realizávamos a cada dois anos. Faziam parte dessa Bienal, artistas campinenses consagrados nacional e internacionalmente e convidados pela Escola. Mas os seus protagonistas eram mesmo os alunos, os pequenos grandes artistas. Lembro-me desse Evento com tanto orgulho! A abertura era um espetáculo: Apresentações de dança, teatro, música e as obras das crianças, juntamente com as obras de artistas renomados eram expostas inicialmente no Salão de Eventos de um dos shoppings e posteriormente no MAC - Museu Assis Chateaubriand em nossa cidade.

Nesse evento a Escola mostrava o resultado do trabalho sistemático que fazia com as crianças e ainda valorizava os artistas locais.

Os Projetos de Artes possibilitavam o compartilhamento de saberes e de produções entre os alunos por meio de exposições, saraus, espetáculos, performances, recitais, intervenções e outras apresentações e eventos artísticos e culturais. Havia uma preocupação com o processo, com cada etapa vivenciada e eram tão relevantes quanto os produtos dos trabalhos desenvolvidos. As ações artísticas eram compartilhadas com outras salas, com pequenos grupos, com toda a Escola... Havia todo um envolvimento da comunidade escolar com o trabalho que desenvolvíamos. As comemorações em família eram sempre regadas com muita Arte. Ah, que saudade desse Príncipe...

O Príncipe das Artes!

A ampliação e a produção dos conhecimentos musicais, de acordo com a BNCC (2017), passam pela percepção, experimentação, reprodução, manipulação e criação de materiais sonoros diversos, dos mais próximos aos mais distantes da cultura musical dos alunos. Esse processo lhes possibilita vivenciar a música inter-relacionada à diversidade e desenvolver saberes musicais fundamentais para sua inserção e participação crítica e ativa na sociedade. A música era presente nas salas de aula do “Pequeno Príncipe”. Trabalhamos com Chico Buarque, Toquinho, Caetano, Gil, Maria Bethânia, Elis Regina e tantos outros. Ouvir as crianças cantarolando pelo pátio músicas da MPB era encantador. É uma lembrança boa que me emociona muito. Em tempos de pandemia, escrever esse relato foi um alento para o meu coração. As lembranças do “Pequeno Príncipe” são sempre de carinho, de afeto, de ternura, de compromisso com a educação, de muito estudo, pesquisa,

planejamento, de esperança em dias melhores porque a arte tem uma força poderosa na educação dos sujeitos.

As múltiplas linguagens eram garantidas em todos os projetos que desenvolvíamos. Além da música, da dança, das artes plásticas, também vivenciávamos o teatro. O fazer teatral possibilita a intensa troca de experiências entre os alunos e aprimora a percepção estética, a imaginação, a consciência corporal, a intuição, a memória, a reflexão e a emoção (BNCC, 2017). As crianças faziam pequenas peças teatrais da vida dos artistas, de momentos históricos, dos movimentos artísticos, faziam performances vestidas de acordo com as personagens pintadas pelos artistas, ou de acordo com um determinado cantor estudado. Ainda havia todo um envolvimento da família para a montagem dos processos de criação teatral.

Foram tantos artistas (pintores, músicos...) e movimentos artísticos estudados. Projetos riquíssimos, feitos a tantas mãos que seria impossível nomear nesse texto. Levávamos, eu, como Coordenadora Pedagógica, e Maura, algumas ideias para as reuniões com as professoras. Lá as ideias fervilhavam, cada uma delas sugeria, acrescentava... Uma semana depois a Escola estava pegando fogo. Era professora trazendo ideias das crianças, das famílias, trazendo livros, recortes de jornais e revistas, músicas... Por outro lado, a escola iniciava uma pesquisa e um processo de aquisição de livros e tudo o que era material que enriquecesse o trabalho. Reproduzíamos algumas obras dos artistas em papel de boa qualidade para que as crianças pudessem ter acesso com maior facilidade ao material. E a mágica acontecia... Circular pelas salas e ver as crianças falarem sobre Di Cavalcanti, Alfredo Volpi, Cândido Portinari, o menino de Brodóski, Tarsila do Amaral, Romero Brito e tantos outros artistas; produzirem releituras das suas obras, criarem outras obras inspiradas nos artistas era encantador. Eu sinto borboletas no estômago só de lembrar da alegria que esse envolvimento me proporcionava. Alí nascia o meu desejo de pintar.

O trabalho era tão envolvente e inspirador que guardei essa lembrança por muitos anos e comecei a pintar em função dessa vivência no “Pequeno Príncipe”. Quando trabalhamos com a artista naïf paraibana, natural de Alagoa Grande, Irene Medeiros, foi que realmente me encontrei. Estudamos com as crianças a arte naïf, fizemos um passeio pelos artistas naïf paraiba-

nos e estudamos Irene. Ver de perto as obras originais de Irene Medeiros foi o divisor de águas para o meu despertar como artista.

Escolhia alí a escola, o movimento, a arte que iria me acompanhar. Os naífs são artistas autodidatas. O termo naif é de origem francesa e significa primitivo, ingênuo. Os desenhos se assemelham com desenhos de crianças. Geralmente, os artistas desse movimento pintam a cultura local, as festas, a infância, as paisagens do interior. O trabalho com Irene Medeiros foi muito rico.

Lembro que as crianças gostaram e se identificaram com a arte de Irene. O resultado foi um espetáculo de cores e cultura: a feira, as danças populares, os festejos juninos foram representados de forma magnífica pela arte das crianças.

Tudo isso só era possível porque tínhamos Maura, uma amante da Arte. Uma pesquisadora incansável, curiosa, apaixonada, entusiasmada, que não media esforços na busca pelas melhores condições para o desenvolvimento dos trabalhos. A formação dos professores era essencial para que pudéssemos garantir esse ambiente de criação, expressão, reflexão e fruição do fazer artístico. Era através das reuniões sistemáticas, por meio do estudo e da pesquisa que era possível vivenciarmos e proporcionarmos às crianças as diversas experiências e manifestações artísticas.

No “Pequeno Príncipe” a Arte era o ar que respirávamos... era o combustível para o trabalho do dia a dia. Através do fazer artístico era possível articular a sensibilidade e a percepção, tomadas como forma de conhecer a si mesmo, o outro e o mundo. Assim, o corpo em sua totalidade (emoção, percepção, intuição, sensibilidade e intelecto) é o protagonista da experiência artística.

Vivi cada projeto de forma intensa. Guardei na memória e resgatei essas lembranças para continuar a minha existência fazendo arte, respirando arte, me alimentando da arte. Ela me salva todos os dias! A minha eterna gratidão a essa Escola que me formou e tanto me inspirou e me inspira!

Aplausos ao “Pequeno Príncipe!”

Aplausos à Maura, uma das educadoras mais geniais que conheço!

Campina Grande, 28 de junho de 2021.

Val Margarida. Doutora em Educação pela UERJ, Mestre em Letras pela UFPB, Licenciada em Pedagogia e Letras pela UFPB, Bacharela em Direito pela UEPB, Professora Adjunta do Departamento de Educação da UEPB. Pesquisadora da alfabetização e do letramento, Educação de Jovens e Adultos, Didática e Práticas de Ensino. Artista Plástica Naïf.

IV - Depoimentos de pessoas que comungavam com a proposta de uma educação libertadora expressa na prática exercida pela “Escola Pequeno Príncipe”

1 - Carta á professora Maura Pires Ramos



COMEÇO ESTAS DIGITADAS linhas buscando no Google uma frase bem bacana do educador e pensador Paulo Freire: “Ninguém ignora tudo. Ninguém sabe tudo. Todos nós sabemos alguma coisa. Todos nós ignoramos alguma coisa. Por isso aprendemos sempre”.

Sou daqueles cristãos que acreditam que o fim não tem cara de fim. O fim é mais além. No seu caso, professora, como sua matéria prima se trata

de conhecimento, o fim atravessa gerações e ilumina, com luzes coloridas, o túnel do tempo.

Confesso que meu olhar, junto com os olhares de muita gente, perde de vista a grandeza desta visão de conhecimento que se chama “Escola Pequeno Príncipe”. A história desta Escola se incorpora naturalmente à história da cidade de Campina Grande.

E faz parte das páginas boas que foram escritas para o desenvolvimento e engrandecimento do município e do Compartimento da Borborema.

Não fui aluno da “Escola Pequeno Príncipe”. Sou aquele curioso que, de passagem num carro no bairro da Prata, lia de vista frases educativas nos muros da referida Escola e ficava pensando: o pessoal daqui tem bom gosto na leitura.

Não a conheço pessoalmente, professora Maura Pires Ramos. No entanto, quero deixar esse registro, no mensageiro virtual, sobre o meu bem-querer pelos educadores e minha admiração pelo seu trabalho.

Novamente invoco o mestre Paulo Freire para sacramentar meu reconhecimento à senhora professora: “Só, na verdade, quem pensa certo, mesmo que, às vezes, pense errado, é quem pode ensinar a pensar certo.”

Campina Grande-PB, 25 de dezembro de 2015.

Antônio Costa Lopes é jornalista, professor e advogado.

*Texto divulgado no Jornal da Paraíba na data acima.

2 - Rainha Maura, mãe do “Pequeno Príncipe”



RECENTEMENTE FUI REMETIDO a um brilhante documentário argentino sobre educação. Chama-se: “A Educação Proibida”. Acredito que tenha bastante correlação com seus ideais de educação, professora Maura Pires Ramos. Sua “Escola Pequeno Príncipe” foi o maior projeto de educação libertadora, libertária e progressista que tive o prazer de conhecer na Paraíba. Hoje, mais que antes, reconheço a grandeza de seu desafio e do esforço hercúleo para alcançá-lo: Pensar uma escola voltada à felicidade do aluno e sua autonomia. Ensiná-los a aprender. Seu trabalho tornou real em Campina Grande-PB pensamentos como os de Jean Piaget, Pierre Bourdieu, Paulo Freire e tantos outros eternizados na simplicidade do poema de Carlos Drummond de Andrade.

Apesar de minha filha não ter chegado a estudar em sua escola por minha mudança de cidade eu gostaria de agradecer por sua coragem em trabalhar para construir valores tão nobres.

Professora Maura, meus escritos foram apenas um reconhecimento deste cidadão para com uma grande cidadã que prestou tão louvável serviço

ao meu país e também ao mundo. As crianças por ali educadas serão seres humanos especiais com mais chances de transformar o nosso mundo para melhor. Infelizmente, a baixa escolarização e educação do nosso povo (com o qual o Brasil possui uma dívida cultural muito grande) não lhes permite compreender a grandeza do seu trabalho. É preciso muita reflexão e observação para curvar-se diante do seu feito. O seu modelo escolar, para mim, é a chance que temos de modificar o nosso país para melhor. Atualmente estou concluindo doutorado em ciência da computação pela UFCG. Infelizmente a nossa educação, (de um modo geral ou com algumas exceções) é a mesma desde o Ratio Studiorum imposto em 1599 por Ignácio de Loyola. Em grande medida, ainda somos educados da mesma forma como os índios eram educados. Por sorte, a senhora percebeu isso. Tornou-se o meu exemplo de educadora. Quando entro em uma sala de aula penso em ser menos José e mais Maura. As críticas são as de sempre: “não vais reinventar a roda”, “o salário é o mesmo”, “professor é facilitador”... Todavia, eu só busco fazer minha parte da melhor forma possível.

Quando eu entrei em sua Escola percebi todo impacto social que a senhora havia ali desenvolvido, todo o pioneirismo e vanguardismo. Uma escola sem provas. Uma escola na qual os alunos ajudavam a pintar os muros sendo convidados a cuidá-la e preservá-la. Uma escola preocupada com o cidadão, com o humano com valores atualmente inatingíveis muito acima da escolarização convencional e a busca por um número. Que nome espetacular: O “Pequeno Príncipe”. Muito seguidamente proponho-me a atormentar-me com o experimento mental de como seria a nossa cidade se muitas mais pessoas pudessem ter acesso àquela perspectiva. Esta é a minha utopia.

Com respeito e profunda admiração.

Um abraço.

José Gildo de Araújo Júnior - Admirador da Escola que comungava com a sua proposta de uma Educação Libertadora.

Doutor em Ciência da Computação, professor do Magistério Superior na Universidade Federal do Semiárido – UFERSA. Atualmente cedido para o Conselho Administrativo de Defesa Econômica – CADE.

3 - Cativos da arte



CATIVAR É UM Verbo dúbio, oriundo de cativo, que nada mais é que prisão, clausura, cárcere.

Entretanto, esse verbo vai além e nos propõe significados menos duros como guardar em seu poder, reter, conservar, seduzir, fazer apaixonar.

Quando podemos ainda na infância, nesses degraus iniciais da nossa jornada de aprendizado formal, ter acesso ao que a arte proporciona, acredito que somos capturados por algo modificador. A fruição da arte, esse mero contato lúdico do desfrute do belo, mesmo sem formalidades educativas, já é, por si, cativante e revolucionário.

A criança que pode, como os alunos da Escola Pequeno Príncipe puderam exercer essa autonomia criativa durante sua formação inicial, conhecendo, experimentando, criando e recriando (como tantas vezes vimos nas

bienais organizadas por Maura Pires Ramos) torna-se um cativo da arte e, paradoxalmente, um ser mais livre e completo.

Esse é, para mim, um legado sem preço deixado por Maura.

Campina Grande, 18 de maio de 2021.

Saulo Queiroz de Araújo

Autor/jornalista

4 - Maura e seu depoimento



Por que decidi encerrar as atividades da “Escola Pequeno Príncipe” – Campina Grande/PB

DURANTE MEU PERCURSO nos caminhos da Educação sempre zelei e fiquei de sentinela, cuidando para que não houvesse decréscimo na qualidade específica do trabalho desenvolvido por mim e pela minha equipe de educadores. Muito nos custava os níveis que íamos atingindo progressivamente e por isso valiosa era a prática que conseguimos desenvolver com base nas teorias educacionais já conhecidas nos Cursos de Habilitação que realizamos, mas que precisávamos assimilá-las melhor para podermos colocá-las em nossa prática diária. E conseguimos através de leituras, debates e reflexões que fazíamos desenvolvendo assim, uma formação permanen-

te alicerçada nas teorias científicas dos mais renomados nomes da Área de Educação.

Era tudo muito exitoso, muito compensador pelos resultados que obtínhamos. Com o trabalho assim desenvolvido, ficávamos felizes e realizados profissionalmente. E se era um trabalho tão prazeroso, por que encerrá-lo? Justifico minha ação firme, inabalável, de encerrar esse belo trabalho, em virtude de já está na fase de refletir sobre o tempo e sua ação inexorável, pois foram 55 anos de dedicação a esse árduo, mas profícuo e gratificante trabalho. E também, lembrava sempre de um alerta que minha mãe, a Prof.^a Gina Pessoa Ramos, me fez através de uma *máxima* expressa numa mensagem de aniversário que escreveu para mim. Eis um trecho dos seus dizeres:

“Peço sempre a Deus, minha filha, que a ilumine para que possa realizar todos os seus planos, todos os seus projetos, tornando-se assim feliz por atingir os ideais almejados. Entretanto, lembre-se que tudo tem seu tempo certo”. Gina, 17 de outubro de 1987.

D. Gina, inspirou-me quando para iniciar meu projeto e preveniu-me sobre o tempo que haveria de vir. Senti que o tempo certo havia chegado. E assim, em uma reunião geral de pais, fiz o comunicado que aquele seria o último ano de funcionamento da Escola, o que foi informado também aos alunos, aos professores e demais funcionários, um mês antes. Ninguém questionou minha decisão, ninguém procurou saber os motivos. Sentiam como uma ordem a ser acolhida. E eu também!

Foi difícil, mas durante todo o processo de dissolução recebi uma bênção especial, pois tudo foi providenciado e realizado harmoniosamente. Houve, sim, uma grande comoção tanto dos pais, alunos, professores e demais funcionários, como da comunidade campinense de um modo geral. Excetuando as crianças menores, os demais personagens dessa história receberam a minha decisão sem questionamentos, mas com uma comovente aceitação.

Parecia que todos nós estávamos juntos, de mãos dadas, concluindo esse belo enredo com consciência e determinação. A bela e significativa história que construímos - a história da “Escola Pequeno Príncipe” de Campina Grande/PB, chegou ao seu último capítulo, como uma novela de época com sua radiante trajetória e seu final apoteótico, deslumbrante. Foi emocionante, mas muito bonito. E essa História que acabo de registrar nesse livro,

que ora concludo, “será publicada para as próximas gerações, para as crianças que ainda nem nasceram”, como se expressou a respeito o então Reitor na Universidade Estadual da Paraíba a UEPB, meu dileto amigo, o professor Antônio Guedes Rangel Junior. E no dia 18 de dezembro de 2015, às 11h40, no final do expediente, reuni, à sombra da “dádívosa castanhola”, professores, demais funcionários, alunos, alguns ex-alunos que se fizeram presentes e pais que vieram se despedir do nosso “principado”. Todos de frente para a Quadra de Esportes cujos degraus largos existentes serviram de palco para as apresentações preparadas pelas professoras e alunos das respectivas turmas, que constaram de mensagens lidas, paródia, música com expressão corporal, dentre outras. As várias linguagens da Arte abrilhantando a partida do Príncipe. Como por exemplo, a paródia produzida a partir da música Paisagem da Janela de Milton Nascimento, apresentada no momento pelos alunos do 5º ano do Ensino Fundamental, orientados pela professora Nizete Gonçalves de Araújo.

“Homenagem à nossa Escola

Nós, alunos do 5º ano
Prestaremos uma homenagem
Ao “Pequeno Príncipe”, com toda sua história
Que nos ajudou a guardar na memória
Os nossos amigos e a Castanhola.

Aprendemos muito aqui,
A ser mais solidários
Expressamos, também, nossa opinião,
Sem nenhum temor e sem complicação
Tornando-nos, assim, pequenos cidadãos.
Você não quer acreditar
Mas, era assim, tão normal!
Você não quer acreditar
Aqui, também, sonhamos.
Em ver um país melhor
Com justiça e segurança.
Com toda criança indo pra sua escola

Recebendo afeto pra mudar sua história
Vivendo feliz ao lado de seus pais.
Com tudo o que aprendemos
Aqui, em nossa Escola,
Temos a certeza que alcançaremos
Todos os nossos sonhos e obteremos
O sucesso esperado por todos nós.
Obrigado, “Pequeno Príncipe!”
Você não quer acreditar
Mas, era assim, tão normal!
Liberdade pra pensar e crescer
Assim era em nossa Escola.
Você não quer acreditar
Mas, era assim, tão normal!
Liberdade pra pensar e crescer
Assim era a nossa Escola”.

ALUNOS:

- Alexandre de Oliveira Santos
- Fernando Ramos de Lira Filho
- Heitor Sales de Albuquerque
- João Lucas Gomes Brandão
- Julia Braz Pereira
- Larissa Fonseca Guedes Nobre
- Maria Isabel dos Santos Leão
- Maria Luisa Santa Cruz
- Ramon de Souza Lima Filho
- Walber Wesley Félix de A. Filho

Todos estavam muito emocionados e a tristeza expressa no semblante de cada participante. Iniciei a solenidade lendo, com esforço para não demonstrar minha grande emoção, a mensagem que fiz para aquele momento e achei importante registrá-la aqui, nesse histórico de minha vida e das minhas lidas.

Vejamos:

“Minha gente querida,

Estou encerrando hoje o ano letivo de 2015 e concluindo um ciclo profícuo de trabalhos educacionais promovidos pela ‘Escola Pequeno Príncipe’. Estou certa que novos caminhos e novos desafios surgirão enriquecendo ainda mais a magnífica história construída durante mais de cinco décadas por essa querida Escola.

Particularmente sinto-me feliz, sinto-me realizada! Foram muitas as conquistas, apesar das adversidades enfrentadas nessa longa caminhada. Consegui desenvolver uma proposta educacional diferenciada, aplicando o LEMA ‘Liberdade Para Pensar e Crescer’, visando a formação de crianças independentes, questionadoras, criativas, solidárias e fraternas. Mas não lutei sozinha! Contei sempre com valorosos e abnegados parceiros.

Todos juntos, abraçando o mesmo ideal, comungando os mesmos princípios, levaram comigo a Escola a ser considerada um marco de referência no sistema educacional de nossa cidade. Estou fechando um CICLO hoje, mas sentindo-me vitoriosa e impulsionada a iniciar novos caminhos. Belos e maravilhosos frutos já foram colhidos. E os próximos virão, com toda certeza, para nos encantar, para nos entusiasmar.

Obrigada a todos que contribuíram para essa esplendorosa conquista! Aos que juntos escreveram comigo essa bela e significativa história de amor à educação de nossas queridas crianças. E meu agradecimento particular e especial à educadora Maria de Lourdes Lira, minha querida irmã, companheira perene e cúmplice nesse original enredo. Muito obrigada a todos!

Com todo o meu carinho”.

Campina Grande, 18 de dezembro de 2015.



Figura 200 - Reunidos na sombra da dadivosa castanhola, professores, demais funcionários, alunos, alguns ex-alunos e os pais que se fizeram presentes para se despedir do nosso “Principado” com as apresentações preparadas pelas professoras e alunos das respectivas turmas, que contaram em mensagens lidas, dentre outras. E assim as várias linguagens de arte abrilhantaram a partida do “Príncipe”.



Figura 201 - Reunidos na sombra da dadivosa castanhola, professores, demais funcionários, alunos, alguns ex-alunos e os pais que se fizeram presentes para se despedir do nosso “Principado” com as apresentações preparadas pelas professoras e alunos das respectivas turmas, que contaram em mensagens lidas, dentre outras. E assim as várias linguagens de arte abrilhantaram a partida do “Príncipe”.



Figura 202 - Reunidos na sombra da dadivosa castanhola, professores, demais funcionários, alunos, alguns ex-alunos e os pais que se fizeram presentes para se despedir do nosso “Principado” com as apresentações preparadas pelas professoras e alunos das respectivas turmas, que contaram em mensagens lidas, dentre outras. E assim as várias linguagens de arte abrilhantaram a partida do “Príncipe”.

Mensagem poética para finalizar meus dizeres nesse livro



“REFLETINDO

- Nos caminhos que percorri...
nas pedras que encontrei...
nos tropeços que enfrentei...
nas vitórias que alcancei...

No regozijo do fazer
e do refazer para aprender.

No realizar com esmero, com primor,
com perfeição e, principalmente,
com muito amor!

Foram Caminhos percorridos...

Pedras removidas...

Metas alcançadas...

Vitórias proclamadas.

Valeu! Como valeu minha Fundamental Caminhada!

- E agora? Agora, eu quero Luz e Cor para meu Novo Caminhar!”

Campina Grande, abril de 2021.

Maura Pires Ramos.

Projeto gráfico: Arão de Azevêdo Souza
Proposta de capa: José Carlos Lira Filho
Fotografia da capa: Aladin Monteiro
Revisão Linguística: Antônio de Brito Freire
Formato: 16 x 23 cm
Finalizado em agosto de 2024

A “ESCOLA PEQUENO PRÍNCIPE” foi a síntese, na prática de uma obra educacional, foi precursora de mudanças importantes em aspectos, que só viriam a se tornar rotina muito tempo depois, como o tema de enfrentamento ao preconceito. Nos dizeres da própria Maura, “a preocupação maior era com a formação de cidadãos e cidadãs críticos e conscientes de seu papel na sociedade”. Herdeira de uma experiência educacional e educativa marcante, por parte da professora-mãe, Dona Gina, não poderia ser diferente.

Para ela, “educar é desenvolver valores humanos e de cidadania”. Ao mesmo tempo, “tem a ver com instigar descobertas e vai até o mais alto nível de comprometimento em transformar o universo em um lugar melhor.” Isto foi traduzido na prática por meio das diversas formas de expressão das artes, desde o teatro, à literatura, à música e às artes visuais em geral. A “Escola Pequeno Príncipe”, sendo instalada em local adaptado, não projetado originalmente para ser um espaço de educação infantil e ensino fundamental, foi transformada por dentro e por fora em referência de educação transformadora.

Rangel Junior